A sedução da leitura

Livros, Leitores e História Cultural

(Paraná 1880-1930)

Cláudio DeNipoti

Um homem vivia, nas primeiras décadas do século XX, "em companhia de seus livros" nos arredores da cidade, em uma chácara com uma ampla biblioteca, "que [reunia] a mais admiravel collecção de grandes obras de que se possa orgulhar Coritiba. A arte, a sciencia, a philosophia se alinham nas estantes vastas em volumes que o uso e o tempo envelheceram". Outro, no mesmo período, sofria irremediavelmente, sem poder buscar alívio "no absyntho ou no alcool" com a infinidade de leituras necessárias para o curso de direito da então recente (1912) Universidade do Paraná. Alguns anos antes (1889), um periódico curitibano estampava, em sua capa, a gravura de um velho sorridente lendo com entusiasmo. Em 1892, um autor, que escolheu o pseudônimo de A. Filon, dava vozes aos livros de uma biblioteca particular, para criticar o proprietário, nos seguintes termos:

> Confessai, meus amigos, fazemos aqui papel bem triste: nosso proprietário manda de tempos em tempos limpar pelos creados a poeira que nos cobre; porem nunca nos toca, sequer com a ponta dos dedos [...]

Ainda, na década de 1920, os membros do Instituto Neopitagórico reuniam-se periodicamente para ouvirem a leitura de trechos de Comte, Emiliano Pernetta e outros, leitura esta que era entremeada por peças de piano e discursos edificantes. Durante o período 1880-1930, diversas imagens semelhantes a estas acumularam-se na imprensa periódica paranaense, devotadas a aludir, defender, elogiar, instigar, criticar ou disseminar a leitura, feita de acordo com certos propósitos, e dentro de certos parâmetros. O objetivo principal do livro que será apresentado à leitura a partir de agora, reside na reconstituição de leituras no passado, circunscritas ao Paraná do fim do século XIX e início do século XX. Buscar-se-á recuperar a sedução da leitura em um universo cultural bastante específico, aquele que propiciou a efervescência intelectual do Paraná no período em questão. A intenção é ver, para além das formas de leitura no passado, como um mundo intelectual se constrói, afirma, é criticado e, eventualmente, cria suas verdades aceitas como dadas. O estudo da leitura pode propiciar um acesso a este mundo pela via de sua constituição e construção de experiência. Na esteira de outros trabalhos de historiadores já estabelecidos no campo da história da leitura, nos interessa ver, através deste estudo, qual a importância da intelectualidade como força social, por um lado, e estudar a função de livros, indústria editorial e bibliotecas como meio de difusão de ideias, por outro.

9 788556 963727

CC BY SA

editora fi
www.editorafi.org

A sedução da leitura

Série
História, Cultura & Identidades

Diretores da Série

Prof. Dr. Niltonci Batista Chaves
Departamento de História, UEPG

Profa Dra. Valeria Floriano Machado
Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação-UFPR

Comitê Editorial Científico

Prof. Dr. Cezar Karpinski
Departamento de História, UFSC

Prof. Dr. Charles Monteiro
Departamento de História, PUC-RS

Prof. Dr. Cláudio DeNipoti
Departamento de História, UEL

Prof. Dr. Cláudio de Sá Machado Júnior
Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, UFPR

Profa. Dra. Daniela Casoni Moscato
SEED PR

Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat
Departamento de História, UEPG

Prof. Dr. Fabio Nigra
Departamento de História, Universidad de Buenos Aires

Profa. Dra. Georgiane Garabely Heil Vazquez
Departamento de História, UEPG

Prof. Dr. José Damião Rodrigues
Centro de História, Universidade de Lisboa

Profa. Dra. Méri Frotscher Kramer
Departamento de História, UNIOESTE

Profa. Dra. Patrícia Camera Varella
Departamentos de Artes, UEPG.

Prof. Dr. Robson Laverdi
Departamento de História, UEPG

Profa. Dra. Rosângela Wosiack Zulian
Departamento de História, UEPG

A sedução da leitura

Livros, Leitores e História Cultural (Paraná 1880-1930)

Cláudio DeNipoti

φ editora fi

Diagramação: Marcelo A. S. Alves
Capa: Carole Kümmecke
Fotografia de Capa: Gymnasio Paranaense em Curitiba

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Todos os livros publicados pela Editora Fi
estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

http://www.abecbrasil.org.br

Série História, Cultura e Identidades – 1

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

DENIPOTI, Cláudio

A sedução da leitura: Livros, Leitores e História Cultural (Paraná 1880-1930) [recurso eletrônico] / Cláudio DeNipoti -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

240 p.

ISBN - 978-85-5696-372-7

Disponível em: http://www.editorafi.org

1. Livros, 2. Leitores, 3. História Cultural; 4. Paraná; I. Título. II. Série

CDD-900

Índices para catálogo sistemático:
1. História 900

para Daniela Casoni Moscato

Sumário

Introdução **11**

1 ..... **21**
Leituras da leitura
Estudar a história da leitura 40

2 ..... **47**
Locais da leitura
Um homem no mundo do livro e da leitura 47
Barricas e etiquetas 63
Livrarias e editoras 66
Clubes e bibliotecas 95

3 ..... **111**
Formas da Leitura
Deusdedit, Joakim, seus livros e autores 112
Criticalhos 136
O bom amigo livro 160

4 ..... **185**
A Magna Causa da Educação
Difusão dos vinte e cinco utilíssimos caracteres 188
Mal lendo no primeiro livro 199
Essa babel fantástica 203

Conclusão **217**

Fontes **225**
Periódicos 225
Livros 228
Obras de Dario Vellozo 230

Referências **233**

Introdução

> Não há no mundo livros que se devam ler, mas somente livros que uma pessoa deve ler em certo momento, em certo lugar, dentro de certas circunstâncias e num certo período de sua vida.
>
> Lin Yutang

> Nenhum livro é tão ruim a ponto de não se poder aprender nada com ele.
>
> Plínio, o moço

Um homem vivia, nas primeiras décadas do século XX, "em companhia de seus livros" nos arredores da cidade, em uma chácara com uma ampla biblioteca, "que [reunia] a mais admiravel collecção de grandes obras de que se possa orgulhar Coritiba. A arte, a sciencia, a philosophia se alinham nas estantes vastas em volumes que o uso e o tempo envelheceram".[1] Outro, no mesmo período, sofria irremediavelmente, sem poder buscar alívio "no absyntho ou no alcool" com a infinidade de leituras necessárias para o curso de direito da então recente (1912) Universidade do Paraná.[2] Alguns anos antes (1889), um periódico curitibano estampava, em sua capa, a gravura de um velho sorridente lendo com entusiasmo. Em 1892, um autor, que escolheu o pseudônimo de A. Filon, dava vozes aos livros de uma biblioteca particular, para criticar o proprietário, nos seguintes termos:

---

1 SILVEIRA, Tasso da. *Dario Vellozo*; perfil espiritual. Rio de Janeiro, s./ed., 1921. Optou-se por manter a grafia original das fontes citadas em todo o trabalho.

2 MOURA BRASIL, Deusdedit. *Ontogenia do direito commercial*; dissertação e theses de concurso para prehenchimento do cargo de lente substituto [...] da faculdade de direito do Paraná. Coritiba: Empreza Graphica Paranaense, 1920.

> Confessai, meus amigos, fazemos aqui papel bem triste: nosso proprietário manda de tempos em tempos limpar pelos creados a poeira que nos cobre; porem nunca nos toca, sequer com a ponta dos dedos [...][3]

Ainda, na década de 1920, os membros do Instituto Neopitagórico reuniam-se periodicamente para ouvirem a leitura de trechos de Comte, Emiliano Pernetta e outros, leitura esta que era entremeada por peças de piano e discursos edificantes.

Durante o período 1880-1930, diversas imagens semelhantes a estas acumularam-se na imprensa periódica paranaense, devotadas a aludir, defender, elogiar, instigar, criticar ou disseminar a leitura, feita de acordo com certos propósitos, e dentro de certos parâmetros. O objetivo principal do trabalho que será apresentado à leitura a partir de agora, reside na reconstituição de leituras no passado, circunscritas ao Paraná do fim do século XIX e início do século XX. Buscar-se-á recuperar a sedução da leitura em um universo cultural bastante específico, aquele que propiciou a efervescência intelectual do Paraná no período em questão. A intenção é ver, para além das formas de leitura no passado, como um mundo intelectual se constrói, afirma, é criticado e, eventualmente, cria suas verdades aceitas como dadas. O estudo da leitura pode propiciar um acesso a este mundo pela via de sua constituição e construção de experiência. Na esteira de outros trabalhos de historiadores já estabelecidos no campo da história da leitura, nos interessa ver, através deste estudo, qual a importância da intelectualidade como força social, por um lado, e estudar a função de livros, indústria editorial e bibliotecas como meio de difusão de ideias, por outro.[4]

*** *** *** *** ***

3 "A. FILON". A Bibliotheca. *O futuro I* (11). 20/nov./1892. s./p.

4 ABREU, Alzira Alves de. Os intelectuais e a Revolução Francesa (resenha de *Gens de lettres; gens du livre*, de Robert Darnton). *Estudos Históricos 5* (10). Rio de Janeiro, 1992, p. 261-265.

O prazer derivado da leitura é diferente temporal e espacialmente, mas há inquestionavelmente prazer na leitura, quaisquer que tenham sido suas origens. Alguns historiadores já se questionaram quanto a suas leituras e como elas moldaram seus trabalhos. Jacques Le Goff sentiu aproximando-se da Idade Média ao ler, na adolescência, os romances de Walter Scott: "Li muitos romances de sua autoria, mas a obra que mais me influenciou foi *Ivanhoe* [...]".[5] Nas palavras de René Remond, "se se investigassem as origens da vocação dos historiadores, aposto que se encontraria, muitas vezes, a influência difusa de leituras da infância ou da adolescência".[6]

A leitura que este historiador fez de suas fontes, será apresentada aqui com uma carga dada por uma série de transferências de leituras anteriores, ou de leituras de leituras. Buscou-se escrever a história na forma de um constante diálogo do historiador com suas fontes, tendo em mente que esses textos não podem ser reduzidos a "forças contextuais ou meras fontes documentais" já que os historiadores agem sobre esses textos de forma a "refigurarem seus contextos e retrabalharem seu material".[7]

Com isso em mente, buscou-se apresentar a leitura como compreensão, ou seja, como o "acesso a um conhecimento diferenciado, aquele que lhe permite [...] a compreensão, assimilação e questionamento, seja da própria escrita, seja do real em que a própria escrita se insere".[8] Se concordarmos com a opinião de Roland Barthes de que, na história, interessa hoje não o

5 LE GOFF, Jacques. o desejo pela história, In: NORA, Pierre, org. *Ensaios de Ego-História*. Lisboa: Edições 70, 1989, p.196.

6 REMOND, René. O contemporâneo do contemporâneo. In: NORA, op. cit. p. 293.

7 LaCAPRA, Dominick. *Representing the holocaust;* history, theory, trauma. Ithaca and London: Cornell University Press, 1994, p. 25.

8 OSAKABE, Akira. O mundo da escrita. In: ABREU, Marcia, org. *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 22.

real, mas o inteligível,[9] podemos acrescentar que a leitura e sua compreensão permitem o acesso à inteligibilidade do passado. Dai buscarmos respostas aos *como* e *porque* da leitura, tanto quanto aos *que*, *como* e *onde*. Buscamos também explicitar os "elementos cognitivos e afetivos da leitura",[10] na tentativa de entendermos as variações culturais nos significados estabelecidos através da leitura. Em que medida esses objetivos, bastante ambiciosos, serão efetivados, é uma questão para a qual só tenho as respostas que apresentarei a seguir.

As pistas encontradas e utilizadas na reconstrução da leitura, serviram para explicitar aspectos da vida e da organização social, no tocante a seus modos de relacionar-se com a palavra impressa (e, portanto, com a informação). Embora fragmentário – e toda história o é – este trabalho procurou tornar inteligível um certo passado, que se reporta, de incontáveis formas, ao presente.

Algumas especificações são necessárias, antes de iniciarmos. A primeira diz respeito ao espaço geográfico em questão. Por que estudar a leitura *no Paraná*? Podemos enumerar algumas possíveis respostas. De início, há uma abundante produção na historiografia do Paraná que entende a virada do século passado como um raro momento de diversidade cultural e intelectual no Estado. Há, por exemplo, os trabalhos de Etelvina Trindade, Tatiana Marchette e Luiz Fernando Lopes Pereira, entre diversos outros, apresentados e discutidos no decorrer do texto.[11]

Em segundo lugar, havia uma compreensão entre os paranaenses de então, de que o Paraná tivera um momento de

9 Apud. BAHN, Stephen. *As invenções da história*; ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: Edunesp, 1994, p.85.

10 DARNTON, Robert. História da Leitura, In: BURKE, Peter, org. *A escrita da história*; novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1989, p. 203.

11 TRINDADE, Etelvina. *Clotildes ou Marias;* mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996; MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos das acácias;* anticlericalismo e clericalização em Curitiba - (1896-1912). Curitiba, 1996. Dissertação. Mestrado, Universidade Federal do Paraná; PEREIRA, Luiz Fernado Lopes. *Paranismo - o Paraná inventado*; cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

extrema criatividade e notoriedade nacional no campo das letras e das ideias. Foi nesses termos que Tasso da Silveira referiu-se, em 1921, a seu passado imediato, quando o Paraná, e Curitiba em particular, "manteve alta vibração espiritual, de cunho proprio tanto quanto lho era possivel. Repercutiam no Rio ecos do movimento provinciano, que a sympathia acolhedora de jornalistas e poetas do grande centro acoroçoava".[12] Em 1908, essa situação assumia a concretude da letra impressa no *Scenario Paranaense*, de Alcebíades Plaisant:

> Nas letras o Paraná conta hoje intellectuaes cujo merito não se póde contestar.
> E essa affirmação não é sómente nossa; vem de mais longe, de diversos Estados do Brazil, da propria capital da Republica, onde o nosso meio literario é conhecido, é lido e apreciado.
> A manifestação da intelligencia Paranaense nas lides luminosas do pensamento vem dês dos tempos coloniaes irradiando promessas as mais brilhantes.[13]

A própria constituição dessa "verdade", comumente aceita, foi criticada, em 1914, por Rubens do Amaral, um "não-paranaense" que admirava e louvava os méritos reais do Paraná. À proposição de que Curitiba seria, ou teria sido, o segundo centro literário do Brasil, ele se opunha, com base nos talentos de outros estados:

> Ao que me consta mas não verifiquei, essa phrase lançou-a um dia João Luso e a ella se apegaram alguns espiritos, que vêem sua terra com os olhos illusorios dos sentimentos, para a repetirem a proposito de tudo e até sem proposito nenhum.

O que ele verificava como um dos males que assolava o Paraná, era "o elogio mútuo, por escrito, e a demolição mútua, nas palestras [...] e ao lado de poetas como um Emiliano, legiões de poetas proliferam, ditos *bestas* na maledicência dos cafés, feito

12 SILVEIRA, op. cit.

13 PLAISANT, Alcibiades Cezar. *Scenario Paranaense*. Coritiba: s./ed., 1908.

genios nas columnas dos jornaes".[14] Embora crítico, Amaral não negou uma profusão de intelectuais e escritores, que foram os responsáveis por uma explosão editorial – de livros, jornais e revistas – estudada em detalhes no segundo capítulo. Essa profusão é ainda mais importante quando consideramos o que era, de fato, o Paraná do período. O Estado resumia-se a poucos centros urbanos, concentrados a leste e a sul do Estado na maior parte do período estudado, com Curitiba, Paranaguá, Ponta Grossa, Lapa e Castro como suas principais cidades. A população urbana era bastante reduzida, no conjunto das cidades, em comparação com os habitantes do meio rural.

É forçoso confessar que, embora a intenção da pesquisa fosse a de abranger todo este território, a maior ênfase foi dada (pelas próprias fontes existentes), para a capital, ainda que Ponta Grossa e Paranaguá tenham contribuído com alguns dos periódicos que foram analisados.

O que nos leva à próxima questão, relativa às fontes utilizadas. Embora a aproximação com a história da leitura tivesse ocorrido através do contato com os Livros de registro de consultas à Biblioteca Pública do Paraná (BPPR), de 1911 a 1918,[15] as publicações periódicas paranaenses do período 1880-1930 foram a fonte mais utilizada na confecção deste trabalho. Essas fontes já haviam sido utilizadas anteriormente.[16] Neste estudo, as revistas e jornais, além de trazerem as informações necessárias para a história da leitura, eram fruto da explosão editorial e da efervescência intelectual, em foco pela pesquisa. Aliadas aos registros de consultas e à parte da produção de livros, os periódicos

14 AMARAL, Rubens do. Letras paranaenses. *Atheneia I*(3), Coritiba, setembro de 1914, p. 11.

15 Largamente utilizados na confecção de trabalhos anteriores: DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer*; a sexualidade através da leitura no início do século. Campinas: Ed.UNICAMP, 1999 e DENIPOTI, Cláudio & JOANILHO, André, orgs. *O Jogo das possibilidades;* ensaios em história cultural. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

16 DENIPOTI, Cláudio. *A cidade e as roupas;* moda e vestuário em imagens fotográficas. In: FUNARI, Pedro Paulo A. *Cultura material e arqueologia histórica*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998, p. 69-95.

compõem o *corpus* de fontes para este trabalho, ainda que não componham um corpo hermético, pois foram utilizadas tanto revistas literárias quanto boletins de associações religiosas ou profissionais e periódicos dedicados à divulgação comercial e industrial do Estado.[17] Este uso justifica-se pela variedade, por um lado, do mercado editorial e, por outro, pela diversidade da leitura que pode ser identificada. O tratamento dado a cada tipo de fonte e as preocupações específicas com relação a este tratamento, ficam patentes no decorrer dos capítulos.

Outra especificação diz respeito ao meio século estudado. Em um de seus extremos (1880), ele foi balizado pela própria produção das fontes, que começam a se multiplicar naquele momento. No outro, a década de 1930 vê essas fontes minguarem, ou melhor, especializarem-se em torno de questões comerciais, perdendo parte da riqueza que seu conjunto proporcionava. Há ainda o fato de que, a partir de 1930, as alterações da situação política nacional contribuíram para que a liberdade de expressão que gozavam os jornalistas e escritores, fosse sensivelmente diminuída até culminar, a partir de 1937, com a atuação marcante do Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo.[18]

Uma dificuldade com relação a esse período reside nas incontáveis alterações políticas, econômicas e culturais ocorridas. Há a abolição da escravidão, a passagem da Monarquia para a República, uma Guerra Mundial, diversos conflitos regionais, uma revolução que teve no Paraná um palco privilegiado, etc. Há também as mudanças culturais, como, por exemplo, a Semana de 22. Boa parte dessas mudanças só é abordada neste texto quando claramente interferiu ou influiu nas questões em pauta. A mudança de regime político no Brasil, por exemplo, só tem um interesse periférico à medida que os ideais republicanos passaram

17 Os jornais diários foram pouco utilizados, devido principalmente ao volume de pesquisa que seria necessário para incluí-los.

18 CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Minorias silenciadas*: história da censura no Brasil. São Paulo: EdUSP, 2001; HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua História. São Paulo: EdUSP, 2005.

a influir no mercado editorial e nas formas de leitura. No geral, as formas de leitura seguiram inalteradas através de todos estes eventos e processos, sendo o mercado editorial o que refletiu algumas das mudanças mais imediatas. Com isso não se pretende simplesmente afirmar que, por se tratar de um estudo cultural, está se partindo para uma análise de *longa duração*, à moda da Escola dos *Annales*, inclusive porque cinquenta anos raramente caracterizariam tal temporalidade. O recorte é aquele descrito pelas balizas temporais, tendo sido fornecido pelo tipo particular de fonte selecionada. Um estudo da leitura no mesmo período, com outros tipos de fontes (diários pessoais, por exemplo), poderia verificar mudanças e permanências diferentes das encontradas aqui. Assim, mudanças como a Primeira Grande Guerra e mesmo o Modernismo de 22 (este último, surpreendentemente) têm pouca influência neste estudo, porque tiveram pouca influência sobre as fontes utilizadas, ao menos quanto às maneiras que a leitura se processava.

A última das especificações diz respeito ao termo *sociedade*, repetidamente utilizado no texto, em especial no último capítulo. Seu uso neste trabalho é restrito, e refere-se única e exclusivamente ao conjunto de pessoas a que as fontes aludem, ou que produziram essas fontes. *Grosso modo*, a sociedade aludida é aquela composta pela parcela alfabetizada da população urbana paranaense, ainda que o termo possa, em alguns casos, ser extensivo a toda a população urbana. São os intelectuais, os jornalistas, os estudantes, profissionais liberais, funcionários públicos, membros de associações (como a dos funcionários do comércio de Curitiba, ou do Clube Literário, de Paranaguá), membros do clero católico (e leigos "militantes"), líderes espíritas, suas esposas e filhos. São, enfim, as pessoas que tinham acesso à leitura de uma forma ou de outra, uma parcela das quais teve a chance de deixar registradas suas próprias leituras.

O Paraná, nos cinquenta anos entre 1880 e 1930, assistiu uma enorme expansão editorial, para a qual coincidiram

motivações econômicas e intelectuais/culturais. Essa expansão possibilitou que, em primeiro lugar, a leitura fosse ampliada para um número maior de pessoas que se alfabetizaram e, em segundo, que essas leituras fossem diversificadas entre essas pessoas, assumindo um caráter *extensivo*, ou seja, o farto material de leitura disponível, possibilitava que as leituras fossem feitas poucas vezes, podendo passar-se para outras leituras disponíveis.

Essas leituras, contudo, assumiam uma aura sacralizada, à medida que o livro e a leitura eram enquadrados em esquemas de salvação nacional, ou de caminhada rumo ao progresso inevitável da civilização. Fora desses esquemas, a sacralização dizia respeito à gama de emoções que a leitura despertava nos leitores, das mais nobres às mais vis. Em todos os casos, os leitores sentiam necessidade de que outros leitores compartilhassem suas formas de leitura, e para isso aproveitavam-se dos periódicos – em constante expansão no seu número global, embora muitos fossem extremamente efêmeros – para divulgar suas próprias formas de leitura.

Este quadro pode explicar uma parte da chamada "efervescência" intelectual que marcou a virada do século no Paraná – a parte relativa à leitura. Em um contexto amplamente propício à leitura e à escrita (com sua consequente publicação), a importância da palavra escrita assumiu ares relativamente grandiosos, e foi vista como catalisadora das qualidades de um povo. O grande número de pessoas que se dedicaram a atividades literárias e/ou editoriais no período em questão, serve, ao mesmo tempo, como causa e sintoma da agitação intelectual pela qual o Estado passou, tanto no campo político, quanto no estético e no social.

Feitas essas observações, o estudo sobre *a sedução da leitura* compõe-se de quatro capítulos. No primeiro, discutem-se as bases da história da leitura como campo do conhecimento histórico, seus pressupostos e metodologias, e uma análise do estado da arte. Esta parte pretende apenas introduzir a discussão sobre a leitura no

passado. A seguir, procurou-se demonstrar o que o Paraná da virada do século tinha a oferecer em termos de leituras e livros. Visitam-se assim, livrarias, bibliotecas, clubes literários, e editoras, demonstrando – ou procurando demonstrar – qual era o universo possível para a leitura no período. No terceiro capítulo, busca-se mostrar como essas leituras eram, ou podiam ser feitas, pelos diversos indivíduos envolvidos naqueles processos. O último capítulo faz uma incursão pelas formas de treinamento formal no mundo da leitura, através das práticas educacionais dedicadas à leitura em suas múltiplas formas.

1

Leituras da leitura

Grande parte das atividades cotidianas corriqueiras, principalmente aquelas mais insuspeitas de terem sido "inventadas" e que, portanto, não mereceriam maiores considerações por parte dos historiadores, têm se mostrado um campo fértil de análise histórica. Dessa forma, a historicidade do amor pelos filhos, da paixão pelos balneários, e das atividades relacionadas à vida privada já foram descritas em trabalhos consagrados.[1]

De modo idêntico, a leitura, – a capacidade de reconhecer símbolos alfabéticos e também o hábito de fazê-lo regularmente – tem a sua história intimamente relacionada com a história do mundo "como a conhecemos", já que, antes dos meios de transmissão do conhecimento da era da eletricidade surgirem, a leitura fora a única forma dessa transmissão para além da tradição oral, da qual sente falta Walter Benjamin em seu "narrador". [2]

A leitura passa a ser vista como um objeto possível da história, em particular da história cultural, e tanto a leitura quanto

---

1 BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado*; o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985; ARIÈS, Philippe e DUBY, George, Org., *História da vida privada*; da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; CORBIN, Alain*, O território do vazio*; a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

2 Para Benjamin, há dois tipos de narrador, "que se interpenetram de múltiplas maneiras", o narrador espacial, o viajante, que vê o mundo exótico, fora do local de origem (e quanto mais nos distanciamos no tempo, mais próximo está o exótico), e o "homem que ganhou honestamente sua vida sem sair de seu país e que conhece suas histórias e tradições". Os exemplos desses narradores são, respectivamente, o marinheiro comerciante e o camponês sedentário. BENJAMIN, Walter. "O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov" In: *Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 199.

sua história podem ser vislumbradas sob diferentes prismas. Ainda que tenhamos mais dúvidas que certezas quanto aos processos neurológicos envolvidos no ato de ler, há uma imensa carga cultural no desenvolver-se da leitura, que acompanha, *pari passu,* a própria história da cultura no Ocidente.[3] A leitura tem sido tratada como objeto de pesquisa e análise, utilizando-se de diversas abordagens, que vão da linguística à história quantitativa, da crítica literária à antropologia cultural, confrontando os diversos momentos históricos e sociedades com as diferentes formas de leitura que foram desenvolvidas.

O que é a história da leitura? Ou ainda, o que é a própria leitura? Podemos levar em conta uma série de conceitos, métodos e abordagens que conjuntamente podem ser definidos como história da leitura. Podemos inicialmente pensar que "normalmente, entende-se por leitura o ato de percorrer com a vista o que está escrito, proferindo ou não. Ler seria, então, uma atividade essencialmente individual, que exigiria fundamentalmente a capacidade de decifrar um código".[4] Podemos ainda considerar o conceito de leitura como compreensão e, portanto como o acesso a um conhecimento diferenciado, citado na introdução.[5] Como estes, diversos outros conceitos de leitura foram desenvolvidos por profissionais da literatura, educação, psicologia, psicanálise (a leitura sendo uma atividade "econômica, no sentido psicanalítico do termo").[6]

---

3 Evitarei aventurar-me sobre as diversas formas de leitura dos ideogramas orientais (coreanos, chineses ou japoneses) e a leitura para além da tradição ocidental. Sobre o processo de memorização que caracteriza a cultura chinesa e sua escrita, ver: SPENCE, Jonathan. *O palácio da memória de Matteo Ricci*; a história de uma viagem: da Europa da contra-reforma à China da dinastia Ming. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. Sobre a leitura no Japão medieval e entre os judeus ver: MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 259-266; 109-118.

4 ABREU, Márcia & Britto, Luis P. L. Prefácio. In: ABREU, Marcia, org. *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p.7.

5 OSAKABE, Akira. O mundo da escrita, In: ABREU, .op. cit., p. 22.

6 "O ato de ler ocupa todas as principais instituições da mente: prova o id ao simular a satisfação dos instintos, lisonjeia o ego com belezas formais, aplaca o superego ao incluir o leitor numa comunidade

Talvez o questionamento inicial da escritora e crítica literária Elizabeth Hardwick, ao escrever sobre o assunto, elucide as dificuldades em que essa discussão se enreda:

> Leitura? Que tipo de matéria é essa? Há "índices de leitura", e "minhas leituras juvenis", e "leitura do futuro". Há neurologia e pedagogia e linguística e dislexia e leitura de lábios. E há ainda a simples leitura para informação e prazer – de fato nada simples.
> Ao escrever sobre a leitura, impõe-se mais leitura [...] Virtude e prazer estão ligados a nossa matéria. Virtude que lhe é conferida de fora, e o prazer de ser subjetiva. Não parece adequado assumir um tom legislativo para invadir, pela censura ou aconselhamento, esse ato solitário, privado.[7]

A história da leitura deve lidar com questões tão variadas e complexas quanto estas, mas sua origem é diversa daquela específica da literatura que suscita os conceitos e discussões acima. Ela é, antes de tudo, oriunda dos trabalhos desenvolvidos em torno da história da produção e difusão do livro. Portanto, a história da leitura é também, em essência, a história do livro, já que sua origem na historiografia recente pode ser traçada até a obra seminal de Henry-Jean Martin e Lucién Febvre sobre *O aparecimento do livro*.[8] Esse tipo de história também pode ser chamado "de história social e cultural da comunicação impressa [...] porque seu objetivo é entender como as ideias foram transmitidas através da imprensa e como a exposição à palavra impressa afetou

---

moral invisível em que é feita justiça aos maus e aos inocentes (o que satisfaria a mais perseguidora das consciências) em que o sofrimento assola a todos como parte da condição humana. Os prazeres trazidos pela leitura advêm do fato de ser uma atividade econômica, no sentido psicanalítico do termo: ela encena, com um gasto de energia bem inferior ao que seria exigido pela ação na realidade, aventuras esplêndidas e prazeres proibidos, e tudo com pouquíssimo risco para o consumidor". GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*; a paixão terna. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 145.

7 HARDWICK, Elisabeth. Reading. *Daedalus 112* (1), winter, 1983, p. 13.

8 FEBVRE, Lucién & MARTIN, Henry-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Hucitec, 1992.

o pensamento e o comportamento da humanidade durante os últimos quinhentos anos".[9]

Histórias conexas (como a história das bibliotecas, do ensino da leitura, das técnicas industriais do livro, etc.) desenvolveram-se a partir de preocupações convergentes com um conjunto comum de questões sobre a difusão das ideias no passado. A diferença entre esse esforço e a história das ideias, por exemplo, reside em buscar essa difusão não somente nas filiações formais de pensamento entre luminares e intelectuais, mas entre os homens comuns das sociedades no passado, buscando compreender "a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo"[10]

A história do livro nasceu, portanto, de um amplo conjunto de preocupações entre historiadores e cientistas sociais, bem como literatos e economistas, reunindo conceitos como o "circuito de comunicação" de Robert Darnton, a "sociologia do texto" de Dom McKenzie, englobadas na ideia de "socialização dos textos" de Jerome McGann e na busca de "status cultural" adquirido e mantido através de produtos estéticos por elites literárias, apresentada por Pierre Bourdieu.[11]

A trajetória inicial da história do livro foi descrita da seguinte forma por Roger Chartier:

> Há vinte ou vinte e cinco anos, seria provavelmente mais fácil definir o que era o "espírito francês" na história do livro. Distinguindo-se da história da imprensa (que era classicamente a história de uma invenção e sua difusão, a história de uma técnica e suas evoluções, e a história dos livros mais raros e mais famosos), a disciplina, enquanto ainda jovem e conquistadora, associou-se entusiasticamente com a constituição de longas séries da produção impressa de uma cidade ou de todo um reino

9 DARNTON, Robert. What is the history of books? *Daedalus III* (3), summer, 1982, p. 65.

10 DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*; e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. XIV.

11 FILKESTEIN, David & McCLEERY, Alistair. Editors' introduction. In: _____. *The book history reader*. London: Routledge, 2001, p. 7-8.

> durante um século. Pegando emprestado conceitos e instrumental da história econômica, a história dos livros buscava claramente delinear os ciclos de longa e curta duração na conjuntura editorial, verificar seus períodos de crescimento e momentos de recessão. Delineando estatísticas de títulos montadas a partir de livros preservados até o presente, dos registros de privilégios e permissões da *Direction de la Librarie* ou, mais recentemente, e para o século XIX, da informação publicada na *Bibliographie de la France*, a história da produção impressa conduzida desse modo adequava-se perfeitamente com os ditames da história quantitativa que dominavam então. Como nos estudos de preços e comércio, nascimentos e mortes, o objetivo era criar longas séries de informação homogênea, repetitiva e comparável.[12]

É isso que Robert Darnton chamou de tentativa francesa de "medir comportamentos através da contagem" e que ele criticou na proposta de Pierre Chaunu de uma "história serial ao terceiro nível".[13] Isso, aliado ao "tudo deriva da curva",[14] de Labrousse, unificou as preocupações dos historiadores do livro naquele período. Chartier, embora defendendo a tradição dos *Annales*, reiterou as limitações do quantitativismo e apontou caminhos:

> Uma quantificação que reifica o que está contido no pensamento foi criticada como ilusória, já que supõe-se que ou as entidades culturais e intelectuais estão imediatamente disponíveis em objetos quantificáveis, ou que o pensamento coletivo deve ser captado em suas expressões mais repetitivas e menos pessoais, reduzido assim a um limitado conjunto de fórmulas a serem estudadas meramente como presentes em uma dada sociedade em número maior ou menor. Para combater esse reducionismo

12 CHARTIER, Roger. *Frenchness in the History of the book*; from the history of publishing to the history of reading. Worchester: American Antiquarian Society, 1988, p. 7-8.

13 DARNTON, *O grande massacre de gatos...*, p. 330. Sobre o uso da história quantitativa nessa abordagem ver: BURKE, Peter. *A escola dos Annales*; a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Edunesp, 1992, p.88-93.

14 A "curva" a que se refere o texto citado é a curva estatística, estabelecida em gráficos elaborados com dados relativos a períodos bastante longos, nos quais se observam mudanças no comportamento em estudo pelo historiador quantitativo.

> dos pensamentos a objetos ou a "objetivações" - para ir contra um sociologismo simplista que estabelece correspondências estritas entre os vários níveis sociais e formas culturais – surgiu uma definição da história primordialmente sensível às desigualdades na apropriação de materiais ou práticas comuns.[15]

A necessidade para uma história "do ato ou atos de leitura" surgiu como a extensão inevitável da história do livro devido a dois desdobramentos metodológicos.[16] Segundo Chartier, o acúmulo de trabalhos – na tradição francesa[17] – passou a permitir a visão de uma "síntese que ligue a oficina de impressão, os operários do livro e a biblioteca particular" ao mesmo tempo que novos questionamentos metodológicos – vindos principalmente dos Estados Unidos – induziam considerar-se os próprios livros como objeto de análise, e não apenas contá-los e organizá-los em categorias distintas. O campo da história do livro provou ser tão rico e tão cheio de disciplinas complementares que o "historiador do livro [não pode] negligenciar a história das bibliotecas, da edição, do papel, dos tipos, e da leitura [...]".[18]

Marcadamente influenciada por conceitos antropológicos de cultura (no caso de Robert Darnton, particularmente a antropologia interpretativa derivada de Clifford Geertz), a história da leitura busca apreender a circulação das ideias, dado que o livro é, na tradição ocidental em particular, a mídia por excelência. Quando Darnton analisa *A arte de amar*, de Ovídio, ele se espanta com a recomendação do poeta de que mulheres mandem recados escritos na pele de uma escrava, que seria despida para que o amante pudesse ler a mensagem, mostrando o quanto a leitura no passado difere da leitura hoje ("Espera-se que o amante dispa a

15 CHARTIER, Roger. Textos, símbolos e o espírito francês. *História: Questões e Debates 13* (24). Curitiba, jul., dez./ 1996, p. 15.

16 CHARTIER, *Frenchness in the History of the book...,* p.14.

17 Inclusive a tradição abraçada pelo próprio Chartier, que alia os trabalhos dos *Annales* com preocupações provocadas pelas obras de Michel Foucault e Michel de Certeau.

18 DARNTON, What is the history of books?..., p. 67.

criada e leia seu corpo – não exatamente o tipo de comunicação que associamos hoje em dia a uma carta de amor).[19]

Porém, segundo Darnton, "a leitura não se desenvolveu em uma só direção, a extensão. Assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos de seu tempo, e ainda, simplesmente para se divertir".[20] Darnton apontou para as questões mais complexas e difíceis de serem apreendidas dos "como" e "porquê" da leitura no passado. A dificuldade reside, para além das esparsas fontes, no desconhecimento do processo interno através do qual as palavras impressas são compreendidas pelo leitor. Para ele, a leitura não é mera alfabetização, ou seja, capacidade de ler, mas é também uma maneira culturalmente variável de estabelecer significado, e é nisso que reside a especificidade e importância de fazer-se a história da leitura. Neste sentido, Darnton afirmou que:

> a leitura tem uma história. Não foi sempre e em toda a parte a mesma. Podemos pensar nela como um processo direto de se extrair informação de uma página; mas se a considerássemos um pouco mais, concordaríamos que a informação deve ser esquadrinhada, retirada e interpretada. Os esquemas interpretativos pertencem a configurações culturais, que têm variado enormemente através dos tempos. Como nossos ancestrais viviam em mundos mentais diferentes, devem ter lido de forma diferente, e a história da leitura pode ser tão complexa, de fato, quanto a história do pensamento.[21]

19 DARNTON, Robert. História da Leitura, In: BURKE, Peter, org. *A escrita da história*; novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1989, p.199-236, p. 200.

20 Ibid., p. 212.

21 Ibid., p. 233.

Porém, não há caminhos diretos ou atalhos para a história da leitura. A relação entre leitor e texto não deve ser reduzida a uma cronologia das variações. Em seus trabalhos, Darnton resenha os estudos sobre "quem lê o que" a partir de duas abordagens, uma macro e uma microanalítica. Os historiadores franceses, principalmente os oriundos do grupo *Livre et societé*, dedicaram-se principalmente à macroanálise, realizando estudos a partir de inventários, testamentos e catálogos de feiras de livros, por exemplo. Desta produção podemos destacar o já citado estudo de Febvre e Martin sobre o aparecimento do livro, em que os autores apresentam um panorama do mundo da impressão e do comércio do livro na Europa (particularmente na França). Ainda que os leitores não sejam estudados, trabalhos como o de Febvre e Martin lançaram as bases para estudos da leitura e do livro como bem de consumo.[22] Além desse estudo, outros colaboraram, nas palavras de Darnton, para que compreendêssemos e uníssemos o "o que" com o "quem" da leitura, utilizando-se agora da abordagem microanalítica.[23]

Compartilhando do desejo de Darnton de tentar definir o que é a história da leitura, Roger Chartier também apresentou um estudo historiográfico partindo de uma questão principal. Se para Darnton, o texto de Ovídio traz à tona o problema da leitura no passado a partir do estranhamento da prática proposta (de que mensagens de amor fossem escritas nas costas de uma escrava, que seria despida pelo amante), Chartier parte de uma questão elaborada por Fernando de Rojas, acerca de sua *Celestina*, publicada em 1507. A questão que Rojas elaborou para sua própria obra foi ampliada por Chartier para o texto impresso em geral, no intuito de esboçar algumas hipóteses básicas sobre uma história de "práticas de leitura":

22 FEBVRE, & MARTIN, op. cit.

23 DARNTON, História da leitura... p. 208.

> A questão é simples, como é que um texto, que é o mesmo para todos que o leem, pode transformar-se em 'instrumento de discórdia e de brigas entre seus leitores, criando divergências entre eles e levando cada um, dependendo de seu gosto pessoal, a ter uma opinião diferente?[24]

Essa questão, discutida por Rojas em termos das diferentes formas que os leitores liam sua obra, – que se devem também às diferenças entre os leitores – leva à percepção de uma leitura plural, cujas considerações conduzem Chartier àquilo que ele toma como a tensão central de toda a história da leitura: "Deveríamos colocar no centro de tal história o texto oferecido à leitura ou o leitor que o lê?"

No primeiro desses casos, o leitor é visto pelos autores como sujeito a "um único significado" e a história da leitura seria basicamente a compreensão das possibilidades discursivas do texto. No segundo, as possibilidades analíticas são expandidas para o campo das manifestações simbólicas e, portanto, a uma maior gama de significados possíveis. Essa dualidade proporcionou duas diferentes abordagens antagônicas na crítica literária, "de um lado estão as abordagens que inferem a leitura ou o leitor a partir das estruturas internas do próprio texto; de outro lado, existem as abordagens [...] que tentam localizar as determinações individuais ou comuns que regem os modos de interpretação extrínsecos ao texto."[25]

Chartier pode identificar uma outra dicotomia, agora ligada à própria história da leitura, objeto de seu trabalho nos últimos anos. As abordagens históricas possíveis, principalmente no campo dos elementos extrínsecos ao texto, são as de "reconstruir a diversidade de leituras" no passado a partir de indícios os mais variados e esparsos e buscar compreender os mecanismos de tentativa de imposição de ortodoxias e censuras por parte das

24 CHARTIER, Roger. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural.* São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.211.

25 Ibid., p. 214.

autoridades e dos editores, quanto a leituras autorizadas de um determinado texto.[26] Nesse sentido, a obra de David Hall, sobre a Nova Inglaterra, oferece uma forte contribuição ao verificar como ministros protestantes buscaram impedir que ocorressem excessos na livre interpretação da bíblia, principalmente através da perseguição de profetas e visionários que se diziam inspirados por deus, cujo exemplo máximo são os julgamentos de supostos feiticeiros, em Salem, em 1692.[27]

A história da leitura também se preocupa com as diferenças da leitura no passado. Se, no exemplo de Ovídio, estudado por Darnton, é possível perceber-se a diferença no passado com relação à leitura, outras ligações culturais diferenciadas temporal e espacialmente foram objeto de estudo dos historiadores da leitura. Essas ligações deram-se também no final da antiguidade de forma até então desconhecida. Com o cristianismo, por exemplo, houve uma maior democratização da leitura no Império Romano (próxima àquela sonhada por utopistas atenienses muito tempo antes). Porém, essa alfabetização – não intencional, no sentido que não fora conduzida pelos sábios e estudiosos, nem patrocinada pelo Estado – estava intrinsecamente ligada à difusão do Novo Testamento, sendo considerada até mesmo perigosa, já que os leitores agora não eram apenas os cidadãos, mas qualquer pessoa, inclusive "colonos, camponeses e bárbaros".[28] Assim, existe uma íntima conexão entre a difusão da leitura e aquela do Novo Testamento, no período de transição entre a antiguidade e a Idade Média, que possibilita um novo tipo de leitura, e suas consequências, como a alfabetização e a difusão do comércio e produção de livros. A religião cristã passa a fornecer o principal elemento de coesão para a leitura ocidental.

---

26 A mais famosa sendo a tentativa católica de extirpar textos antagônicos (ou meramente ambíguos) via a Inquisição e o *Index*.

27 HALL, David D. *Worlds of wonder, days of judgment*; popular religious belief in early New England. New York: Knopf, 1989, p.110.

28 CANFORA, Luciano. Lire a Athènes et a Rome. *Annales E.S.C.*, Jul./Aut., 1989, 44 aneé, n.4, p. 936.

Foi também em virtude do cristianismo que, durante a Idade Média, as técnicas pedagógicas de ensino da leitura se multiplicaram. A história da leitura desse período é possibilitada pelo que remanesceu dessas técnicas. O ensino da leitura era feito visando principalmente as orações e os textos religiosos, sendo as bibliotecas mantidas quase que exclusivamente nos mosteiros. Às crianças do medievo, buscava-se ensinar o alfabeto através de tábuas, de micrografias, de bordados ou de utensílios domésticos nos quais se apresentavam as letras. A disposição destas em sequências lineares, horizontais, verticais ou circulares, permitia que se efetuasse um aprendizado precoce da leitura. Buscava-se a identificação com as escrituras sagradas, fosse associando-se o alfabeto aos dez mandamentos, fosse através de uma pedagogia que se equiparasse temporalmente à criação.[29]

Também durante a Idade Média, a leitura era indissociável da palavra, "sobretudo nos primeiros momentos, quando a mãe ou o mestre deviam verificar constantemente o progresso do aluno".[30] Este aprendia principalmente através de incansáveis repetições de fórmulas consagradas – principalmente religiosas – caracterizando um aprendizado marcado por uma leitura oral associada aos alfabetos que as crianças tinham constantemente a sua frente, nas tábuas, na louça dos pratos e nos bordados. Essa oralidade da leitura era também aquela da palavra divina contida na bíblia e nas obras de difusão da fé, como a Ave-Maria e um dos textos mais utilizados no processo de ensino: o verso *Domine, labia mea aperies et os meum annunciabit laudem tuam* [...]."[31]

Dentre as várias discussões e debates surgidos a partir de trabalhos sobre a história da leitura, o mais profícuo foi certamente aquele sobre a cultura e as relações simbólicas que as práticas

29 ALEXANDRE-BIDON, Danièle. La lettre volée; aprendre a lire a l'enfant au moyen age. *Annales E.S.C.*, *44*(4). p. 967. Jul./Aut., 1989.

30 Ibid, p. 988.

31 "Senhor, abre meus lábios, e minha boca publicará tuas palavras"

culturais assumem. Darnton e Chartier travaram esse debate inicialmente, com fortes divergências sobre como os próprios conceitos de cultura e de símbolo deveriam ser utilizados pelo historiador. [32] Considerando o universo cultural como eminentemente simbólico, e que toda expressão individual existe dentro de um "idioma geral", um quadro cultural que fornece a estrutura para o pensamento e as visões de mundo, Darnton quer que o historiador busque as leituras (de cidades e rituais, da mesma forma que da palavra impressa) no ponto de maior opacidade no documento, ou seja, aquele no qual não seja mais possível compreender o significado de "um provérbio, uma piada, um ritual ou um poema".[33] Chartier constrói sua crítica a Darnton sobre os pontos específicos do símbolo e da cultura. As perguntas que Chartier coloca são 1)"como pode-se postular que as formas simbólicas são organizadas em um 'sistema'?" Para ele uma tal ideia apagaria as diferenças culturais nas diversas clivagens da sociedade francesa (do *Ancién Regime*), diferenças essas que não permitem supor que 2) "havia uma cultura simbólica que podia englobar as outras e propor um sistema de símbolos aceito por todos?"[34] Ainda que as respostas que Chartier apresente não sejam absolutamente satisfatórias, ele coloca em discussão o problema da polissemia do símbolo a partir da perspectiva acima, qual seja a de questionar a validade das generalizações de Darnton quanto aos significados e elementos cômicos do massacre de gatos, por ele estudado, para aqueles que o perpetraram. Para Darnton, é exatamente nessa ampla gama de significados possíveis que reside a compreensão da "natureza sobredeterminada do massacre [de gatos], na qual os trabalhadores se empenharam em uma espécie de *bricolage* de elementos preexistentes no repertório cultural:

32 CHARTIER, Textos, símbolos...., p. 16-19; DARNTON, Robert. History and Anthropology. In:_____. *The kiss of Lamourette;* reflections in cultural history. New York: Norton, 1990, p.329-353.

33 DARNTON, *O grande massacre de gatos...*, p. XIV-XV.

34 CHARTIER, Textos, símbolos..., p. 18.

feitiçaria, carnaval, charivari, dramaturgia, etc."[35] Embora essa discussão ocorra há bastante tempo no campo da história da cultura, é ela que impulsiona o atual interesse que a história da leitura tem no meio acadêmico, considerando-se que a base epistemológica desse campo é também a da antropologia que pretende ler a cultura, seja no sentido gertziano de "texto análogo" "(uma ideia que está sujeita a uma dicotomia acrítica entre ação e linguagem)", seja no sentido de uma noção de texto "como uma rede (ou entrelaçamento) de relações entre 'sinais' estabelecidos" presente na obra de Derrida.[36] Nesse aspecto, torna-se importante que o historiador tome consciência que sua própria forma de leitura está em jogo, já que há uma estreita ligação entre a leitura e a escrita. Há, na concepção acima desenvolvida por Dominick LaCapra, a necessidade de problematizar a leitura ao ponto de buscar as transferências (no conceito freudiano de termo) estabelecidas entre pesquisador e objeto de estudo, fazendo uma leitura dialógica (em oposição, justaposição ou complementarmente a formas repressivas, sinópticas, desconstrutivas e redentoras).[37]

Apesar dos embates teóricos e das diferenças – que parecem às vezes excesso de zelo de um ou outro autor – é nos pontos em que eles concordam tacitamente que residem as possibilidades de avanços no campo histórico. Há pouca diferença fundamental entre o uso de Darnton da ideia da cultura-como-linguagem, portanto idiomática, portanto resgatável em seus indícios preservados nos arquivos, abandonando "os esforços para perceber a maneira como os documentos 'refletem' seu ambiente social, porque estão encaixados num universo simbólico que é, ao mesmo

35 LaCAPRA, Dominick. Chartier, Darnton e o grande massacre do símbolo. *Pós-História 3*, Assis, 1995, p.239.

36 Ibid., p. 237-8. ver também HUNT, op. cit., p. 1-32.

37 LaCAPRA, Dominick. History, language, and reading; waiting for Crillon. *American History Review 100* (3); jun./1995, p. 799-828.

tempo, social e cultural",[38] e a de LaCapra de que o importante "não é colocar a diferença [entre linguagem escrita e falada, entre sentidos literais e metafóricos] em 'lógicas' mas investigar as diversas e variáveis ligações entre a linguagem (seja falada ou escrita) e as atividades com as quais está ligada, incluindo a atividade de inferir um passado 'vivido' a partir dos indícios textuais ou documentais."[39]

Concorda-se também, de forma menos consensual e mais ou menos evidente, que as fronteiras entre cultura erudita e cultura popular não são tão rígidas quanto faz crer uma certa tradição historiográfica que entende a diferença em termos ideológicos. Darnton declara abertamente ter abandonado a "diferenciação habitual entre cultura de elite e cultura popular" tentando mostrar em seu trabalho como intelectuais e pessoas do povo "lidavam com o mesmo tipo de problema".[40] Em sua obra, Chartier estuda a forma com que textos eruditos consagrados, como romances antigos, "fora de moda e desacreditados" eram adaptados pelos editores franceses da cidade de Troyes (e outras, estabelecendo uma geografia distributiva dessa literatura) para serem publicados na *Bibliothèque Bleue*[41] (em especial, textos medievais). Contudo, segundo Chartier, esse repertório também era constituído por "numerosos textos, que só esperam para passar das edições vulgares às edições *de cordel* o tempo que dura o privilégio do seu

38 DARNTON, *O grande massacre de gatos...*, p.333.

39 LaCAPRA, Chartier, Darnton e o grande massacre do símbolo,... p. 238.

40 DARNTON, *O grande massacre de gatos...*, p.XVIII.

41 A "*Bibliotheque Bleue"* tinha esse nome devido às capas azuis, padronizadas para baratear o custo da edição. Continha títulos clássicos medievais simplificados, e histórias de fácil aceitação popular. "Essa fórmula editorial, inventada pelos Oudot, em Troyes, no século XVII - que faz circular pelo reino livros de baixo preço, impressos em grande número e divulgados através da venda ambulante – conhece seu apogeu entre a época de Luís XIV e aquela em que os amigos de Gregório [Outdot] constatam seu êxito. Nesse período, aumenta o número de editores de Troyes especializados no gênero, o repertório dos textos passados deste modo a livros cresce consideravelmente e a sua difusão atinge um público cada vez maior."CHARTIER, Roger, *A história cultural*; entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990. p. 165.

primeiro editor".[42] Esse estudo provoca uma série de considerações sobre circularidade cultural – que Chartier instrumentaliza principalmente a partir da ideia da apropriação feita na leitura dos livros dessa coleção, livros que não eram necessariamente comprados para serem lidos, mas para serem praticamente encenados perante um público ouvinte.

Também Ginzburg nos dá um exemplo desse fluxo – central em sua obra, conceitualizado por ele como circularidade e pressupondo uma dicotomia entre cultura erudita e cultura popular –, estudando as possíveis relações da obra de Ovídio na pintura de Ticiano. Ele descobre que, embora a poesia de Ovídio pudesse ser fonte de inspiração para as obras de Ticiano, este último recebeu a influência do poeta através de vulgarizações nas quais constavam "figuras pintadas de maneira tosca." Segundo Raminelli, o ensaio em que Ginzburg faz esse estudo tem dois aspectos de suma importância para a história: "1 – revela a complexidade do entrosamento entre os vários níveis culturais, pois a obra de Ovídio (de cunho erudito) deu origem a uma vulgarização (portadora de traços da tradição popular e do legado greco-romano), que por sua vez influenciou a obra erudita de Ticiano; 2 – por outro lado, esse estudo nos induz a relativizar rótulos (erudito e popular) introduzidos por Bakhtin (sic.),[43] e ressalta a necessidade de um raciocínio capaz de entender a dinâmica da circularidade de forma menos estanque."[44]

Apesar das diferenças que possam caracterizar um ou outro autor, uma ou outra abordagem da história da cultura, o campo da história da leitura situa-se de forma privilegiada nesse debate. As

42 Ibid., p.187.

43 Bakhtin fala, não de erudito e popular, mas sim de uma cultura oficial (séria) e de uma cultura popula (cômica). ver BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*; o contexto de François Rabelais. São Paulo/ Brasília: EdUNB/Hucitec, 1993.

44 GINZBURG, Carlo. Ticiano, Ovídio e os códigos da figuração erótica do século XVI In: _____. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 119-141; RAMINELLI, Ronald. Compor e descompor; ensaio sobre a história em Ginzburg. *Revista de ciências humanas*, Curitiba n.2, p.31-45. 1993. p.36.

preocupações com a leitura no passado têm proporcionado uma rica produção por parte de historiadores de filiações não tão diversas quanto suas próprias vontades, pois embora possam partir de pressupostos diferentes, o meio no qual atuam é o da circulação cultural através do estudo das formas de leitura no passado.

Não obstante a peremptória afirmação do início deste texto sobre a preocupação com a história da leitura, os historiadores brasileiros têm sido sensíveis às mudanças epistemológicas em geral, e alguns têm lançado mão de estudos sobre a história da leitura, que também demonstram sua viabilidade e a multiplicidade de abordagens possíveis, ainda que estudos desse tipo sejam um tanto incipientes na historiografia brasileira e, em sua imensa maioria, apareçam associados às áreas de literatura e/ou educação.[45] Os estudos na literatura apontam algumas possibilidades do campo, mas no geral centram-se na crítica ou na história literária, não considerando as obras em seus contextos culturais mais amplos da leitura.[46] As exceções referem-se aos estudos sobre os debates literários, nos quais diferentes leituras feitas no passado são apresentadas à luz da análise das ideias permeando tais leituras, como faz Roberto Ventura em *Estilo Tropical*, sobre os debates de Sílvio Romero com Teófilo Braga, José Veríssimo, Manoel Bonfim e outros.[47]

Apenas como exemplo, em alguns trabalhos, a história da leitura surgiu como uma das preocupações centrais. O trabalho de Joaci Furtado sobre os leitores das *Cartas Chilenas* apresenta uma série de considerações sobre o componente da leitura no pensamento brasileiro. Ainda que não lhe tenha sido possível reconstituir as leituras da época em que as *Cartas* foram escritas,

45 Ver, por exemplo, ABREU, op. cit.

46 Por exemplo, os livros de Brito Broca (*Horas de leitura*; *Papéis de Alceste*, reeditados pela Editora da Unicamp no início da atual década).

47 VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical*; história cultura e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

ele pode recuperar as releituras feitas no século XIX pelos intelectuais que viram na obra a matriz do pensamento insurrecional, cujo ápice foi a inconfidência mineira. Esses leitores eruditos são estudados "tentando sobretudo percorrer o caminho inverso da relação leitura-leitor – ou seja, saltar das páginas em que o autor registrou suas ideias a respeito do panfleto para o universo intelectual de onde as retirou."[48]

Um estudo mais sistemático sobre os hábitos de leitura no Brasil é o de Nelson Schapochnik, sobre o Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX. O autor parte da ideia de que "o projeto de fundação de uma civilização nos trópicos, que se consubstanciou no processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro foi acompanhado pela criação de novas bases institucionais de leitura que passaram a conviver simultaneamente com os antigos hábitos de narração de causos e histórias realizadas no interior das moradas".[49] O interesse por bibliotecas, salões e gabinetes literários advém, além do pressuposto acima, da verificação de uma transição entre um modo intensivo e um extensivo de leitura, lembrando as dicotomias estabelecidas por Hall e Engelsing. A transição se dá tanto pela ampliação do material de leitura quanto pela socialização desta em serões e reuniões sociais, em família (extensa, no sentido dado ao termo pela demografia histórica, incluindo também os "agregados"). Além desses, Laura de Mello e Souza insere uma análise sobre a história da leitura que Giovanni Botero fez dos relatos do Brasil escritos pelos jesuítas que para cá vieram. No cerne do estudo de Souza está, além da compreensão da circularidade de idéias (seguindo o conceito de Bakhtin e Ginzburg), a percepção da

48 FURTADO, Joaci Pereira. Uma república de leitores; as "Cartas Chilenas" e a história da leitura. *História 10*, São Paulo: Unesp, 1991, p.103.

49 SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do Século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANI, Stella. *Imagens da cidade*; séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH/SP; Marco Zero; Fapesp, 1994, p. 147-162.

leitura que Botero faz desses escritos manifestada em seus próprios textos.[50]

Em minha dissertação de mestrado,[51] pude também encontrar elementos para uma história da leitura utilizando o tema da sexualidade como recorte privilegiado. Ou seja, partindo de um tipo de fonte bastante peculiar – os registros de retirada e consulta da BPPR para o período 1911–1918, buscou-se ver, no conjunto de obras consultadas, quais poderiam fornecer a seus leitores informações quanto à sexualidade, ao amor, ao sexo e ao casamento. A partir dai, com um mapa do *corpus* de obras que os leitores *poderiam* consultar, procurou-se, nos escritos legados pelos leitores, a influência das leituras que fizeram das obras do primeiro grupo. No percurso, as próprias fontes delimitaram a periodização adotada. Os registros de retirada, anotados em livros ata desde meados do século XIX, literalmente esquecidos na seção de documentação paranaense da BPPR, mostraram-se uma fonte bastante rica para aquele trabalho.

Assim, tornou-se possível fazer a história de uma instituição oficial sem ser necessária uma história institucional. A Biblioteca foi analisada a partir de seu acervo e, principalmente através de seus leitores. Foi também possível estudar hábitos de leitura a partir dos escritos dos leitores, estabelecendo vínculos com aquilo que eles leram na biblioteca e que foi transmitido por seus escritos. Embora um grande universo de leitores fosse levantado, poucos foram aqueles que permitiram conclusões sobre suas formas de leitura. Mas estes – como por exemplo Raul Gomes, ou Deusdedit Moura Brasil, que será estudado mais adiante – deixaram indícios de que as obras lidas na BPPR foram fundamentais para mudanças de opinião e atitude com relação à sexualidade e, no caso de Gomes, às relações de gênero.

---

50 SOUZA, Laura de Mello. *Inferno Atlântico*; demonologia e colonização - século XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 58-88.

51 DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer*; a sexualidade através da leitura no início do século. Campinas: Ed.UNICAMP, 1999.

O que podemos verificar, nos estudos sobre a leitura no passado, é que há uma riqueza muito grande de fontes e possibilidades que, ao serem estudadas, permitem o acesso a diferenças culturais no tempo. Embora se tenha buscado um modelo de como a leitura era feita, mesmo essas situações modelares eram permeadas por nuances variadas. Os diferentes usos desenvolvidos para a leitura mostram que a diversidade é um conceito fundamental para sua compreensão. A história da leitura, nas formas que os historiadores acima buscaram escrevê-la, é a busca por essas diferenças e suas implicações nas sociedades que as forjaram culturalmente.

É devido a esta riqueza que a história da leitura pode contribuir para a história cultural, seja ela compreendida no sentido que lhe atribui Darnton, como o "estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo visões de mundo e *mentalités* coletivas"[52] seja na acepção de uma "Nova História" que se interessa "por virtualmente toda atividade humana", considerando como construções culturais aquilo que se pensava imutável, em um passado não muito distante.[53]

Além disso, devemos acrescentar que, em balanço recente sobre o desenvolvimento epistemológico deste campo, Darnton, ao referir-se ao modelo heurístico de análise da circulação de livros e escritos, que ele chamou de "circuíto de comunicações"[54] entre os diversos agentes envolvidos na escrita, edição, venda e leitura, afirmou que seu esforço buscava "ver o sistema como um todo" e as suas interconexões que "afetaram o comportamento de todos no sistema".[55] Roger Chartier, herdeiro da tradição iniciada pelos estudos capitaneados por Lucién Febvre e Henri Jean Martin[56],

52 DARNTON, *The kiss of Lamourette*... p. 207.

53 BURKE, *A escrita* ... p. 11.

54 DARNTON, Robert. What is the history of books? ..., p. 68.

55 DARNTON, Robert. "What is the History of Books?" Revisited. *Modern Intellectual History* vol: 4 (3), pp: 495-508, 2007, p. 502.

56 FEBVRE & MARTIN, op. cit.

buscou ampliar as análises, vinculando as preocupações oriundas também da bibliografia material e da paleografia para "compreender qual foi o lugar do escrito na produção dos saberes, na troca das emoções e sentimentos, nas relações que os homens mantiveram uns com os outros, consigo mesmos, ou com o sagrado".[57] Este estudo vai buscar esses diversos pontos de conjunção.

Estudar a história da leitura

Em *Como se escreve a história,* Paul Veyne manifesta seu desejo por uma história literária que encampe as preocupações específicas da história da leitura:

> É preciso escrever a história literária dum ponto de vista propriamente histórico e fazer uma espécie de "sociologia" da literatura sob Luís XIV. Quem lia, quem escrevia? Que se lia e como se concebia a literatura dos escritores? Quais os rituais, os papéis e os caminhos da vida literária? Que autores, grandes ou pequenos, criavam modas, provocavam a imitação? É impossível não considerar justo e coerente este ponto de vista de historiadores puros; basta pensar no abismo que separa uma produção literária tal como ela é para os contemporâneos e tal como a verá a posteridade [...].[58]

As preocupações de Veyne são aquelas que também têm ocupado os historiadores da cultura e da leitura. Em suma, Veyne apresenta um programa para a história da leitura, que na essência é aplicado pelos principais historiadores ligados a esta área. No jogo de dualidades pertinente a esses campos de pesquisa (escritor / leitor; contemporaneidade / posteridade; erudito / popular, etc.,) algumas abordagens têm sido sugeridas. Além dos exemplos já

57 CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". *Estudos Avançados,* 2010 vol: 24 (69), 7-30, p. 7.

58 VEYNE, Paul. *Como se escreve a história.* Lisboa, Edições 70, 1983, p. 88.

citados de trabalhos relativos à história da leitura, alguns procedimentos metodológicos têm sido dominantes.

Darnton fornece uma série de sugestões de como a história da leitura pode ser feita. A primeira delas diz respeito ao "registro dos leitores", como, por exemplo, o moleiro friulano do século XVI estudado por Carlo Ginzburg em *O queijo e os vermes*, que leu "de um modo agressivo, transformando os conteúdos a sua disposição em uma visão radicalmente não-cristã do mundo",[59] e o próprio trabalho de Darnton sobre um burguês leitor de Rousseau que incorpora as ideias do filósofo e as aplica em sua própria vida "organizando seu mundo".[60] Outro exemplo de história da leitura feita a partir do registro de leitores pode ser encontrado com os leitores curitibanos do início do século XIX que buscavam, na biblioteca pública local, as informações sobre amor e casamento que permeariam seus escritos posteriores, demonstrando os princípios de transmissão de conhecimento e ideias que estão na base da leitura.[61] No jogo de interpretações que vai do texto impresso ao leitor e volta ao texto (anotado pelos inquisidores no caso do moleiro de Ginzburg; em cartas, como no burguês de Darnton, ou em poemas e romances escritos pelos leitores curitibanos) Darnton identifica a possibilidade de desenvolvermos

> uma história e também uma teoria da reação do leitor. [Esta é uma história] possível, mas não fácil; pois os documentos raramente mostram os leitores em atividade, moldando o significado a partir dos textos, e os documentos são, eles próprios, textos, o que também requer interpretação. Poucos deles são ricos o bastante para propiciar um acesso, ainda que indireto, aos elementos cognitivos e afetivos da leitura, e alguns poucos casos

59 DARNTON, Robert. *Edição e sedição*; o universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 201; GINZBURG, *O queijo e os vermes*; ...

60 DARNTON, Robert. Um burguês organiza seu mundo In: _____. *O grande massacre de gatos*..., p. 141-190.

61 DENIPOTI, Cláudio. Leitores, escritores e o casamento. *Boletim do departamento de História da UFPr 31*, Curitiba, 1994. p. 33-48. _____. *Páginas de prazer*; ...

> excepcionais podem não ser suficientes para se reconstruírem as dimensões interiores dessa experiência.[62]

Além disso, Darnton aponta para cinco abordagens possíveis para tal trabalho. Em primeiro lugar, ele sugere o estudo das descrições da leitura na ficção, em autobiografias, diários, cartas, etc., para descobrir-se "algumas noções básicas daquilo que as pessoas imaginavam ocorrer, quando liam".[63] Um exemplo desse tipo de estudo pode ser vislumbrado ao lermos a abertura do conto *Sur les chats*,[64] de Guy de Maupassant: "Sobre um banco, outro dia, em frente a minha porta, sob o sol, defronte um pé de corbelias floridas, eu lia um livro surgido recentemente, um livro honesto, coisa rara e também charmosa, 'Le Tommelier', de Georges Duval [...]".[65] Quais as mudanças que possibilitaram que o personagem de Maupassant abandonasse a desconfortável leitura dos pesados tomos *in quarto*, lidos em pé em mosteiros e bibliotecas, para a leitura de lazer da obra de Georges Duval, feita ao sol, em um jardim florido. Quando a leitura de lazer do século XIX, tão presente nas telas de *Liseuses* dos impressionistas franceses, passou a ser a forma dominante de leitura, e por quê? São questões como essas – mas não somente essas – que podem ser perseguidas a partir das representações da leitura na ficção.

A segunda proposta de Darnton refere-se à forma com que os leitores efetivamente liam. Para isso ele propõe estudar as formas em que a leitura era ensinada no passado. Os modos de ensino da leitura podem dar indícios sobre a própria forma de ler. David Hall utiliza essa vertente ao estudar a Nova Inglaterra do século XVII e verificar que a leitura era praticada desde muito cedo.

---

62 DARNTON, História da leitura... p. 203.

63 Ibid., p. 218.

64 MAUPASSANT, Guy. *Œvres Completes Ilustrées*; La petite Roque. Paris: Societé d'Editeurs Litteraires et Artistiqués/ Librarie Paul Ollendorff, s./d., p. 187.

65 *Assis sur un banc, l'autre jour, devant ma porte, un plein soleil, devant une corbeille d'anémones fleuries, je lisais un livre récemment paru, un livre honnête, chose rare et charmant aussi, "Le Tommelier" par George Duval.*

Darnton elenca exemplos das diferentes formas do ensino no passado, partindo do estudo de Margaret Spufford sobre o ensino na Inglaterra no século XVII, no qual a autora comprova que as crianças inglesas aprendiam a ler antes de escrever, e frequentemente deixavam a escola pouco depois de aprenderem os princípios básicos da leitura. Da mesma forma, na França do mesmo período, as escolas – eminentemente religiosas – ensinavam a leitura (em latim) de algumas orações básicas necessárias à participação das crianças na liturgia católica e estas saiam da escola antes que pudessem ler em francês.

Porém, já que a grande maioria dos leitores jamais deixou relatos ou memórias nos quais pudéssemos apreender como e porquê essas pessoas liam no passado, a terceira sugestão de Darnton é a de buscar-se os "muitos conhecidos relatos autobiográficos – aqueles de Santo Agostinho, Santa Tereza de Ávila, Montaigne, Rousseau e Stendhal, por exemplo – e passar para fontes menos familiares" como autobiografias escritas por pessoas do povo, como a do vidraceiro Jacques-Louis Ménétra, estudada por Daniel Roche.[66] Da mesma forma que a abordagem anterior, esta pode fornecer as evidências para a leitura no passado.

A quarta proposta de R. Darnton é a de aliar a história da leitura com a teoria literária, considerando que ambas têm em comum a preocupação com a leitura. A principal contribuição da teoria literária à história da leitura reside na proposição de que o significado de um livro é construído por seus leitores e não pelo conteúdo propriamente dito. O estudo das formas que os autores utilizaram para conduzir a atenção do leitor, conjugado com as propostas anteriores, pode proporcionar uma melhor compreensão do processo da leitura.

Finalmente, Darnton propõe que se complete o estudo da leitura pela bibliografia analítica, ou seja, pelo estudo do livro como

66 ROCHE, Daniel org., *Journal de ma vie.* Jacques-Louis Ménétra compagnon vitrier au 18e siécle. Paris: 1982. Apud. DARNTON, História da leitura... p. 224.

objeto físico, variável conforme os usos que uma determinada cultura faz dele. Dessa forma, as mudanças editoriais de forma, volume e material podem determinar mudanças nas formas de leitura, na amplitude do alcance da obra, etc. Darnton utiliza o exemplo dos pequenos livros vendidos na França a partir do século XVII, a *Bibliothèque Bleue*, nos quais uma redução no tamanho, uma capa padronizada e uma simplificação no conteúdo foram a receita de um grande sucesso de vendas entre as camadas pobres da população (mas não somente entre elas). Um exemplo mais recente foi a coleção de livros da *Penguin Books*, na Inglaterra, a partir de 1935, que eram, essencialmente, "reimpressões dos melhores autores em brochuras bem coloridas" que atrairiam "todos que soubessem ler, intelectuais ou ignorantes".[67]

Além das sugestões acima, Chartier fornece duas outras abordagens a serem acrescentadas àquelas primeiras para que a história da leitura possa obter avanços significativos, "por um lado, o estudo de como os textos e as obras impressas que os comunicam organizam a leitura autorizada; e, por outro lado, a compilação de leituras concretas costuradas em declarações individuais ou reconstruídas no nível da comunidade dos leitores – aquelas 'comunidades interpretativas' cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretações".[68]

Esses procedimentos têm em comum a preocupação com problemas relativos à história cultural, já que é no conjunto das características de uma dada cultura que a "atmosfera da leitura" é propiciada. Nas palavras de Joaci Furtado, "somos contemporâneos de uma sensibilidade, pertencemos a uma classe social, estamos infectados por ideias e preconceitos, temos interesses e dúvidas – enfim, somos cidadãos do volúvel e multifacetado universo da cultura que, entre outras coisas nos propicia a atmosfera da

67 MANGUEL. *Uma história da leitura.* ... p 168-171.

68 CHARTIER, Textos, símbolos... p. 216.

leitura".[69] O ponto central daquela preocupação é, portanto, reconstituir historicamente o "contexto da leitura", ou o *locus* de construção de seu sentido.

Em linhas gerais, estas são as preocupações que fundamentam a história da leitura. Já que a maior parte das conclusões é relativa, o campo de pesquisa aberto é amplo e pleno de possibilidades. Tentaremos, a seguir, apresentar algumas delas.

69 FURTADO, op. cit., p. 107.

2

Locais da leitura

Um homem no mundo do livro e da leitura

Em 1937, um homem, nascido no Rio de Janeiro em 1869, morreu em Curitiba. A morte encontrou-o, aos 58 anos, vivendo em uma chácara nos arredores da cidade, onde viveu cercado daquilo que mais cultuou em vida: amigos e livros. De acordo com suas crenças, sua mortalha foi um hábito de linho branco, como aquele que seus colegas "pitagóricos" vestiam em suas reuniões. O cortejo – a seu pedido – circulou por bairros pobres da cidade. Alguns milhares de pessoas acompanharam-no até a cova rasa – outro de seus pedidos – onde foi enterrado.

O prestígio construído e desfrutado por esse homem ficou manifesto na presença maciça da população que o admirava, mas ficou também expresso na imensa quantidade de material impresso deixado por ele e sobre ele, tanto no curso de sua vida quanto até a presente data (este trabalho incluso).

As incontáveis singularidades desse personagem por si sós encheram inúmeras páginas de texto, fosse ele biográfico, hagiográfico ou analítico. Sua trajetória interessa aqui menos pela peculiaridade de suas ideias – de resto amplamente compartilhadas por muitos de seus contemporâneos curitibanos – do que pela inserção no mundo do livro que proporcionou tais ideias através da intensa leitura e divulgação que sempre o marcou.

Apesar da notoriedade e do respeito adquiridos no Paraná e no resto do País, a inserção de Dario Vellozo – este era o nome do

personagem – no universo da palavra escrita, deu-se cedo e de forma não tão requintada, pois ele iniciou-se como aprendiz de encadernador no Rio de Janeiro, logo após ter estudado no Liceu de São Cristóvão. Em 1885, ano seguinte a seu aprendizado, tornou-se compositor tipógrafo na oficina de Moreira Maximino & Cia., também na capital do Império. Iniciando-se nas artes de confeccionar obras impressas, Vellozo antecipava sua total inserção nesse universo. Esses conhecimentos valeram-lhe uma profissão quando sua família, (pai e irmãos, já que a mãe morrera ainda no Rio) emigrou para Curitiba, pois seu primeiro trabalho, logo após a mudança em agosto de 1885, foi como tipógrafo do jornal *Dezenove de Dezembro*, o primeiro a ser impresso no Estado.[1]

Sua chegada ao novo lar e sua aceitação por parte dos habitantes locais foi, de certa forma, atenuada pelos livros. Vários daqueles que se tornariam seus discípulos ou admiradores admitiram que, a princípio, acharam-no petulante, mas foram vencidos ou pelo maior volume de leituras que trazia em sua formação, ou pela rica biblioteca da casa de seu pai. Foi assim com Ermelino de Leão, que somente ao comparecer a uma reunião na casa de Dario, na qual este leu versos de Fagundes Varella para um reduzido grupo, rompeu a rejeição inicial.[2] Foi assim também com Silveira Neto, que referiu-se a ele como um

> moço imberbe tambem, mas não myope, que merecia o nosso respeito pela intelligencia que revelava e nobre afinco ao labor dos livros, sem com tudo merecer a nossa sympathia pessoal. [...] Com [Dario] dáva-me por cortezia [...][3]

A primeira impressão foi desfeita graças, além dos conhecimentos inovadores sobre arte, a uma "maior e mais selecta

1 PILOTTO, Erasmo. *Dario Vellozo*; cronologia. Curitiba: Imprimax, 1969.

2 LEÃO, Ermelino de. Reminiscências. *A Escola V* (1 a 3). Curitiba, jan. a mar./1910, p. 154.

3 SILVEIRA NETO. O Cenáculo. *Club Coritibano V* (18), Curitiba, 30/nov./1894, p. 2.

bibliotheca",[4] mantida pela família Vellozo, inicialmente "no velho casarão, [...] substituído pelo palacete da Camara", depois na chácara na qual Dario construiu seu "retiro saudoso".[5] Aquela primeira, no porão da casa, era um local "atopetado de estantes repletas de livros [...] ao centro ostentava-se altiva panóplia, representando uma das características do Dario: o accentuado gosto pela esgrima".[6] A segunda, foi descrita por Tasso da Silveira:

> Num puxado [*do Retiro Saudoso*], a bibliotheca do philosopho, que reune a mais admiravel collecção de grandes obras de que se possa orgulhar Coritiba. A arte, a sciencia, a philosophia se alinham nas estantes vastas em volumes que o uso e o tempo envelheceram. Aqui e alli, curiosidades raras. Alguma velha edição da Biblia, impressa em caracteres antigos. Sobre alta estante, o "sorriso de Voltaire", em nítida gravura. Sobre outra, uma cabeça de Christo, levemente inclinada para baixo, em attitude de meditação.[7]

Nesses ambientes, particularmente naquele primeiro, Dario reuniu em torno de si um pequeno grupo de jovens interessados em ler e discutir obras de Casimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varella, Alvares de Azevedo, entre outros. Mais tarde, as leituras voltaram-se para os escritores como Malarmé, Baudellaire e Edgar Allan Poe. Os serões literários diários contribuíram para que o pequeno grupo constituísse uma associação – batizada de *Cenáculo* – responsável por diversas publicações periódicas e de livros daqueles em seu círculo de influência. Sintomaticamente, a associação originou-se de um debate travado entre Vellozo e Antonio Braga, na biblioteca do *Club Coritibano*, sobre as poesias daquele primeiro. O grupo, acrescido de Silveira Neto e Lício de

4 LEÃO, op cit. p. 155.

5 Uma chácara, nos arredores de Curitiba, para onde Vellozo se mudou com a família. Lá ele construiu o *Templo das Musas*, no qual funcionou a biblioteca do INP.

6 SILVEIRA NETO, op. cit. p. 3.

7 SILVEIRA, Tasso. *Dario Vellozo*; perfil espiritual. Rio de Janeiro, s./ed., 1921.

Carvalho, passaria boa parte dos anos seguintes lendo a obra uns dos outros, além das obras de Bilac, Zola, Bourget e Luis Murat.[8]

A atividade editorial de Dario, iniciada cedo nas oficinas tipográficas do Rio de Janeiro e de Curitiba, aliada às atividades artísticas e intelectuais a que se dedicava assiduamente, levaram-no a engajar-se ativamente na edição e redação de periódicos. Mesmo antes do grupo do *Cenáculo* dedicar-se à publicação de suas próprias revistas, Vellozo já trabalhara como redator (1891), e depois como diretor literário (1894), do *Club Coritibano*, periódico da associação de mesmo nome. A experiência adquirida e a vontade de ter um veículo para divulgar seus próprios escritos (bem como os dos simbolistas que os inspiravam) levaram Dario e seus colegas do *Cenáculo* a publicar, entre 1895 e 1897, a revista do mesmo nome como arauto dos ideais artísticos do grupo. Antes disso, em 1893, eles tentaram publicar a *Revista Azul*, de cunho artístico e literário, voltada preferencialmente às leitoras. [9] A experiência foi interrompida pela Revolução Federalista e retomada após os ânimos locais terem acalmado.[10] Antes ainda, em 1886-87, o grupo ensaiara

8 DICIONÁRIO *Histórico Biográfico do Estado do Paraná.* Curitiba: Livraria Editora do Chain, 1991. p. 62-63.

9 A revista não tinha“ [...]qualquer compromisso de escola, mas [...] era o resultado dos esforços contra o indiferentismo e uma resposta às necessidades ‘etéreas’ do leitor, aliás, da ‘leitora’". DICIONÁRIO *Histórico Biográfico do Estado do Paraná.* Curitiba: Livraria Editora do Chain, 1991, p. 63. Esse compromisso com “leitoras” tem uma tradição na literatura nacional que enfatiza a leitura como uma forma de lazer socialmente aceitável para as mulheres e na qual, obras literárias e artísticas são devotadas às mulheres como leitoras implícitas. Exemplar disso é o agradecimento que Joaquim Manoel de Macedo faz “às senhoras brasileiras” pelo sucesso de seu romance de estreia *A Moreninha*. MACEDO, Joaquim Manoel. *O Moço loiro*. São Paulo: Melhoramentos, s./d., p. 7.

10 A Revolução Federalista, deflagrada em fins de 1893 no Rio Grande do Sul (e no Rio de Janeiro, com a Revolta da Armada), atingiu o Paraná no início de 1894. Enquanto os revoltosos, vindos do Sul por terra, atacavam a cidade da Lapa, a armada revoltosa invadiu Paranaguá e dirigiu-se em seguida para Curitiba, onde as tropas se encontraram. O Presidente do Estado retirou-se, com as forças de resistência, para Castro, transformando-a em Capital do Estado. ver: DICIONÁRIO *Histórico*... p. 409-412. Curitiba, deixada sem proteção, colaborou com os invasores em troca desses não destruírem a cidade ou molestarem seus habitantes (por esforço do Barão do Serro Azul). Quando as tropas florianistas retomaram a cidade e expulsaram os rebeldes, houve um grande número de prisões, além do fuzilamento, sem julgamento, do Barão e de outros habitantes. Dario Vellozo foi tenente da Guarda Nacional entre 1893 e 1894 e, segundo Tasso da Silveira, era “extremado florianista”. SILVEIRA. op. cit., p. 43.

seus dotes com o periódico manuscrito *O mosqueteiro*, em que se apresentavam cognominados como os personagens de Dumas. Em 1889 Dario foi redator do jornal do Clube dos Estudantes, *A idéia*.

Vellozo passou a ler, e consequentemente defender, ideias ligadas ao esoterismo e ao pitagorismo de Helena Blavatski, Edoard Schuré, Stanislau Guaíta e outros. Em suas próprias palavras, o percurso percorrido foi estritamente intelectual, através da leitura, como um "fio de Ariadne no labyrintho dos livros, das bibliothecas, das escolas, das ideas".[11] Voltando-se para o "neopitagorismo", fundou e redigiu *A Esphynge* (1899-1906), colaborando quase simultaneamente no *Jerusalém* (1898-1902). Em 1909, ao fundar o Instituto Neo Pitagórico (INP), publicou uma série de revistas que teriam por objetivo divulgar o instituto e seus propósitos. A primeira, *Ramo de Acácia*, durou de 1909 a 1912. *Myrto e Acácia* a substituiu entre 1916 e 1920. Neste último ano foi lançada *Pythagoras* e no ano seguinte *Luz de Krotona*. A última publicação periódica do Instituto, ainda sob a direção de Dario Vellozo foi *A lâmpada*, criada em 1931 e publicada até os dias de hoje.[12]

Dario Vellozo e as musas, em frente ao Templo das Musas, a Sede do INP

11 VELLOZO, Dario (Appolonio de Tyana). *Luz de Krotona.* Curitiba, s./ed., Janeiro de 1913. s./p.

12 SILVEIRA, op. cit., p. 44; DICIONÁRIO,... p.311-318;539-544.

O pensamento de Dario Vellozo revela um complexo jogo de influências, iniciadas com ideias e imagens cristãs presentes em seus primeiros escritos, com o pensamento republicano que fora uma "animadora promessa à juventude brasileira", e com a melancolia de uma poesia preocupada com o problema da finitude humana.[13] Segundo Marcos Cordiolli, "os anos de juventude de Dario Vellozo coincidem com o período de gestação de uma intelectualidade" composta por jovens influenciados fortemente pelos movimentos abolicionista e republicano, e "significativamente apaixonada pela literatura". A influência iluminista desses movimentos também alimentou o anticlericalismo de toda essa geração, da qual Vellozo foi um exemplo completo. [14]

Sua adesão à poesia simbolista[15] levou-o a deslocar a Razão do local privilegiado de "essência da vida" onde fora colocada pelo pensamento positivista, para o espectro da Ciência, racional e não-dogmática. Vellozo buscaria, então, na História e na Geografia, a inspiração para seu lirismo poético e sua atuação científica.

Finalmente, sua aproximação com o pensamento esotérico, a partir de fins da década de 1890, levaria a uma tentativa de reelaboração do mundo, buscando novas bases para o relacionamento humano, cuja expressão se dá na organização do INP, no qual se buscava aliar as tradições intelectuais do Ocidente e do Oriente. Ainda segundo Cordiolli:

> Dario Vellozo integrado nesta época a Maçonaria, se torna um de seus principais líderes na cidade, conclamando o engajamento na

13 CORDIOLLI, Marcos A. *Nos descaminhos de um idílio*. Curitiba: s./ed., s./d. (mimeo), p. 21.

14 Ibidem.

15 "Estética pós-romântica, moldada pela Grande Depressão e pela influência da 'filosofia da vida' (Nietzche, Bergson) que a orienta para o antipositivismo, o simbolismo é antes de tudo uma arte sofisticada, marcada por um universo cultural de valores elitistas e aristocráticos. [...] Cabe ressaltar que as fontes esotéricas e ocultas do simbolismo orientam a leitura da teoria das correspondências e contribuem para o interesse pelo mistério, que, para os simbolistas, perde o caráter bizarro que tem entre os decadentistas". Ver DICIONÁRIO ..., p. 454.

> *Missão civilizadora:* pela fé, pela liberdade de consciência, pela justiça, pela família, pela fraternização humana.[16]

Outra das principais preocupações de Vellozo era o ensino. Seu trabalho como professor no Ginásio Paranaense a partir de 1899 foi complementado pela função de colaborador, redator ou editor de revistas voltadas ao ensino como *A Escola* (órgão do grêmio dos professores; 1906-1910), *Pátria e Lar* (1912-1913) e *Brazil Civico* (1918-1919). Além de todas essas, Vellozo foi um escritor muito ativo, colaborando com jornais e revistas do Paraná e diversos outros estados do país, durante todo esse período.

Sua atuação editorial, porém, teria uma repercussão ampliada devido principalmente à fama e respeito adquiridos em seu trabalho como professor. No papel de educador, ele pode aplicar sua vasta erudição em um sentido que lhe era bastante caro, formando em seus alunos verdadeiros discípulos que se constituiriam, com o grupo dos "novos", em continuadores das preocupações literárias do grupo do *Cenáculo*. Foi no periódico fundado por esses seus alunos, o *Fanal*, que esta admiração ficou expressa, tanto na deferência com que se referiam a Dario, como nas afirmações de que ele os inspirava.

Seus esforços pedagógicos, aliados às suas preocupações com a formação teórica e prática do cidadão, além de seu perfil intelectual, levaram-no a fundar, em 1913, a *Escola Brazil Civico*, na cidade de Rio Negro, ao sul de Curitiba. Dotada de uma biblioteca, da qual se falará adiante, a escola trazia, além das disciplinas teóricas curriculares, cursos profissionalizantes de agricultura, comércio, artes e indústria. Como quando publicou a *Revista Azul*, sua iniciativa foi frustrada pela violência armada. No caso da escola, ela teve que ser removida para Curitiba devido às

16 CORDIOLLI, op. cit., p. 25.

escaramuças entre o exército e os rebeldes do Contestado[17] antes mesmo de terminar o primeiro – e único – ano de atividades.

Vellozo foi um escritor quase tão profícuo quanto foi editor e redator de revistas. Desde seus *Primeiros ensaios* do final da década de 1880 até os diversos livros anticlericais e pitagóricos do período que vai aproximadamente de 1905 a 1915, foram quase 30 obras publicadas, entre coletâneas poéticas, polêmicas literárias, contos e romances. Vários de seus livros tiveram diversas edições enquanto ele ainda vivia,[18] particularmente as obras didáticas *Compendio de pedagogia*, editado originalmente em 1907, com uma segunda edição em 1920, e as *Licções de História*, cuja primeira edição é de 1902, a segunda de 1904 e a terceira em 1919 (com reedições subsequentes em, 1943, 1944, 1948 e 1949).

O *Compêndio* foi escrito como um manual didático para o curso Normal, no qual Vellozo:

> organizou as licções do primeiro, segundo e do terceiro anno em schemas muito claros, distribuindo e desenvolvendo logicamente todas as matérias [...] desses schemas têm copia todos os alumnos; por eles o lente faz as suas prelecções, tomando notas a lapis os alumnos, que as reproduzem quanto ao fundo, quer por escripto, quer oralmente, em dias determinados".[19]

Segundo Dario, a confecção da obra foi realizada a partir de obras pedagógicas em uso à época:

> Ative-me, entanto, aos nítidos, methodicos e elucidativos estudos de G. Compayre e não só ao *Cours de Pedagogie* como a [outras obras e outros autores].20

17 Zona de litígio entre os estados do Paraná e Santa Catarina, entre 1905 e 1916. Nessa mesma região surgiu um movimento messiânico, reprimido violentamente pelo exército. As escaramuças que obrigaram Vellozo a fechar sua escola foram, provavelmente, aquelas entre os seguidores do "monge" e o exército.

18 ver "Obras de Dario Vellozo", na bibliografia.

19 MACEDO, F.R.A. Epistolas pedagogicas II. *A Escola I* (8 e 9). Curitiba, set., out./1906, p. 135-7.

20 VELLOZO, Dario. *Compendio de Pedagogia.* Curitiba: Livraria Mundial,1907

Licções de História é uma sucessão de pinceladas sobre a história da humanidade, de acordo com a cronologia clássica, partindo da pré-história até a "edade moderna". As trinta e oito lições são resumos, em poucas páginas, de capítulos da história universal, como as diversas coleções contidas na BPPR, de Césare Cantu, Raposo Botelho e Guilherme Oncken. As três primeiras edições traziam impressa a aprovação da "Congregação do Gymnasio Paranaense e Eschola Normal",[21] que não consta das edições posteriores, feitas postumamente pelo INP.[22]

Os livros didáticos de Dario Vellozo contavam com um público cativo entre os professores de todo o país. Mesmo antes de sua publicação, já se criava uma grande expectativa em torno do *Compêndio de Pedagogia*, que seria "livro utilissimo para o estudo nas Escolas normaes do Brazil e para a leitura constante daquelles que exercem a profissão nobilissima do magisterio".[23] A obra foi amplamente adotada por professores do Ginásio Paranaense e da Escola Normal. Em conjunto com suas *Lições de História*, o *Compêndio* marcava o caráter didático oficial do professor Dario Vellozo.[24]

21 Segundo o Regimento da Instrução Pública do Paraná, os livros adotados para o ensino primário seriam escolhidos por uma Congregação de professores do Ginásio Paranaense e Escola Normal, submetidos à aprovação do Governador, que por sua vez nomearia uma comissão de três professores "para dar juízo critico sobre os livros a adotar-se" e cujo parecer voltaria para a Congregação para debate". Essa Congregação também dava pareceres sobre obras didáticas a serem editadas ou patrocinadas pelo Governo estadual. (Instrucção Publica. *Almanach do Paraná para 1899*, Curityba, 1899, s./p.)

22 VELLOZO, Dario. *Licções de História.* Coritiba: Impressora Paranaense, 1904, 2ª ed.

23 MACEDO, F.R.A., op. cit., p. 137.

24 Leitores comuns, que quisessem ler as obras de Dario Vellozo podiam consultá-las – e muitos o fizeram – na BPPR, que possuía em seu acervo praticamente todos os livros e revistas publicados por ele.

A. ESCOLA

REVISTA DO GREMIO DOS PROFESSORES PUBLICOS

Directores:

Dr. Sebastião Paraná e Dario Vellozo

TOMO I

1908

CORITIBA

TYP. A VAPOR «IMPR. PARANAENSE»

1908

Frontispício da revista *A Escola*, dirigida por Dario Vellozo, que conciliava assim suasatividades didática e editorial.

Seus leitores – que muito frequentemente eram também seus alunos ou amigos – admiravam-lhe o estilo e a linguagem, principalmente nos poemas do final do século XIX, ainda muito influenciados pelas temáticas do simbolismo. Ele os escrevia como em um "sagrado hymineo de esthetica e de magoas, com a dolorosa paixão de Magdalena ao ver o seo deos no tragico abraço interminavel do madeiro". Silveira Netto, autor dessas linhas, considerava que na obra em questão (*Esquifes*, Curitiba: Impressora Paranaense, 1896) Vellozo acentuava "a sua personalidade de cultor da Forma".[25]

Embora celebrado pelo grupo do *Cenáculo* como uma das obras mais importantes de então, o livro de Vellozo teve pouca repercussão depois de seu lançamento. Em 1897, uma resenha de *Esquifes*, publicada pelo *Jornal do Commercio* de Porto Alegre referiu-se à obra como:

25 SILVEIRA NETTO, Respigas. *Cenaculo II*(2). Coritiba, 1896, p. 158-60.

> um livro que acaba de chegar de Coritiba, sem elogios nem padrinho, desassombradamente firmado por Dario Vellozo [...] o livro incomprehendido que anda pelas livrarias, quasi sem leitores, porque não traz o prefacio d'algum Affonso Celso [...]

Esse artigo, reproduzido no *Cenáculo*, serviu de mote para que o grupo reclamasse do silêncio que se fez em torno do livro, um ano após sua publicação.[26] Contudo, esse silêncio não impediu que Vellozo continuasse a ser considerado um escritor capaz de fazer "ressoar a muzica finissima de um lavor de oiro e proclamando, como nós, a Arte pelo Sonho".[27] Essa consideração se reproduziu à medida que Vellozo publicou seus trabalhos mais anticlericais e engajados em polêmicas (como a questão indígena, que resultou em *Pelo Aborígene*, de 1911). Seu ataque sobre a ordem jesuíta (*Moral dos Jesuítas*, 1908) provocou as seguintes considerações de Vivaldo Coaracy:

> Nessas páginas enfeixadas numa capa de vermelho berrante, como um pendão de guerra que vá accenando ás auras da victoria, bem se reconhece o auctor daquelle formidando Voltaire, pesado, grande d'aço arrojado à face do ultramontanismo. É a mesma rigidez de conceitos, a mesma lógica heril, vasada numa linguagem tersa e vibrante, periodos concisos e verrumantes como elle os sabe fazer, já eo o disse – com um suave aroma de latinismo elegante.[28]

Contudo, após a criação do INP, Vellozo dedicou-se mais à edição e publicação de obras que propagassem os ideais em torno dos quais o grupo se aglutinava. Além das revistas de divulgação, o ideal pitagórico foi propalado em obras como *Templo Maçônico, Da therapeutica occulta,* e *Livro de Alyr*, entre outros. É através do Instituto que podemos ver uma outra faceta de Vellozo ligada ao universo do livro: a da divulgação e circulação. Como líder

26 MONTARROYOS, Elysio. Esquifes. *Cenáculo III* (4). Curitiba, 1897, p. 166-170; Respigas. *Cenáculo III*(4). Curitiba, 1897, p. 187-190.

27 Ronda da arte. *Pallium I* (2), Curitiba, out./1898, s./p.

28 COARACY, Vivaldo. Livros. *Ramo de Acácia II*(3 e 4). Coritiba, Jan./Fev., 1909, p. 47.

intelectual e espiritual, Vellozo divulgava listas de obras indicadas para "leitura e meditação" pitagóricas:

> Alem das obras indicadas na *Circular II* publicada no *Ramo de Acacia* e annexa ao Breviario do I.N.P., o Instituto lembra aos Pythagoricos a leitura e meditação das seguintes:
> Han Ryner – Les Fils du Silence - 1 v.
> Ed. Schuré – La Pretresse d´Isis, 1 v.
> Milton – Paraizo perdido, 1 v.
> Saint Pierre – Paul et Virginie, 1 v. [...][29]

Além disso, Vellozo, através do INP, estimulava a publicação de obras de outros membros do Instituto que, já em seu programa inicial, previa oficinas tipográficas. Muitas dessas obras eram "opusculos e propaganda, gratuitamente distribuidos", mas, em diversas ocasiões, eram colocadas à venda, fosse a título de assinatura anual, ou de compra antecipada. Em 1916 Vellozo ofereceu, pela quantia de 5$000 rs, a assinatura da revista *Myrtho e Acacia*, que objetivava divulgar o "methodo e principios geraes do conhecimento [...] ideas que, pelo estudo comparado, permitam das cousas mais perfeito juízo". Aos que fizessem a assinatura, seria dado um livro a ser escolhido entre *Abutres*, de Roberto Faria, *Pelos Índios* [*Pelo Aborígene*?], do próprio Vellozo e de Julio Pernetta, *Voz de Krotona*, de Ísis, *Do retiro saudoso* e *A Cabana Felah*, de Dario Vellozo *lui même*.[30] Uma oferta semelhante foi feita em 1921, face à edição de um número especial em homenagem ao centenário da independência. Vellozo dirigiu-se aos leitores sob seu pseudônimo pitagórico, mas forneceu seu próprio endereço:

> O elevado preço do papel de impressão leva-nos a appelar para vossos sentimentos altruísticos, nas seguintes condições:
> Tereis a bondade de auxiliar-nos com a quantia de 10$000 rs, -- e recebereis 3 das obras edictadas.

29 Bibliotheca Neo Pithagorica. *Myrto e Acacia I* (1), Curitiba, jan./fev./1916.

30 *Myrto e Acacia I* (2), Curitiba, mar./maio/1916, p. 84.

> Obsequio escolherdes, da relação abaixo, enviando-nos a nota, com a respectiva importancia, e o vosso endereço, --- no mais breve praso possivel, afim de calcularmos o numero de exemplares de cada edição.
> Antecipamos nossos agradecimentos
> somos, com adm. e estima
> A. Tyanna.
> Endereço: --- Dario Vellozo --- Retiro Saudoso --- Coritiba, ou Caixa Postal – 175. [...][31]

A relação incluía várias de suas obras, em conjunto com o número especial da revista e obras genéricas sobre o pitagorismo, vendidas a 5$000 cada. Essas iniciativas mostram um conhecimento do mercado editorial, adquirido pela vasta experiência como redator, tipógrafo e autor. Embora o pensamento de Dario Vellozo seja somente tangencial neste trabalho,[32] suas leituras e os registros dessas leituras, podem dar conta pelo menos de como ele chegou às ideias que se empenhou tanto, por toda sua vida, em divulgar.

A leitura foi uma das principais características da personalidade de Vellozo. Como líder dos *Mosqueteiros* que tornar-se-iam o grupo do *Cenáculo*, ele lia e ouvia as leituras feitas em conjunto na biblioteca de sua casa, como escritor e professor, era considerado como um "espírito culto, assiduo commensal dos bons livros de lettras e sciencias".[33] Seu trabalho de inspirar a leitura através da magistratura também foi bastante profundo, a ponto de, em vez de romper com a geração anterior em termos literários e estéticos (como era a praxe do fim do século), seus alunos buscaram continuá-la.[34] Não surpreende, portanto, que as reuniões do INP fossem realizadas como sessões públicas de leitura:

---

31 Luz de Krotona I (3). Curitiba, dez./1921, p.255.

32 Para isso, ver o trabalho de CORDIOLLI, Marcos Antonio. O Olhar de um ponto diverso; as gêneses de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo. *Boletim do Departamento de História*. Série Monografias 01; Mar./1989. / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba, 1890-1920/.

33 MACEDO, F.R.A., op. cit.

34 DICIONÁRIO... p. 151-159.

> Reunião de fevereiro, - dia 13
> Presidência de Platão II.
> Aberta a reunião, Platão III interpreta ao piano a melodia de Rubstein.
> Pico da Mirandola lê os *Versos de ouro*.
> [...] O presidente explica ter a reunião por fim render preito a Emiliano Pernetta, fallecido subitamente a 19 de janeiro, proximo findo, data que assignala o dia natalicio de Augusto Comte. [...]
> Lê um dos ultimos sonetos do grande poeta.
> Hermippo evoca o poeta em paginas emocionaes.
> O Dr. Andrade Muricy toca ao piano enlevadora melodia.
> O Dr. Leonidas de Loyola accentua, em ponderada pagina, algumas feições do auctor da *Illusão*. [...]
> O prof. Veríssimo de Souza pronuncia sinceras phrases de emcomio[35] e lê uma notícia.[...]
> A muza da justiça lê o cap. III do *Ramo de Ouro*. [...]
> O presidente a todos agradece o comparecimento [...] lê algumas estrophes de Emiliano, e encerra os trabalhos.[36]

Dario Vellozo estava envolvido no mundo do livro, não somente pela leitura, mas em todo o processo de produção, criação e divulgação da palavra impressa. A forma intensa como ele leu os simbolistas, os "pitagóricos" e os autores locais demonstram uma profunda dedicação a este universo. Como personagem exemplar do apego que seu tempo atribuía ao livro, Vellozo penetrou mais do que a maioria de seus contemporâneos nesse universo carregando, no processo, algumas dezenas de seguidores mais empenhados. Seu envolvimento com a leitura e o mundo do livro foi a chave para seu reconhecimento naquela sociedade, que inicialmente fechou-se provincianamente a ele, mas que elevou-o ao patamar de um de seus maiores exponentes intelectuais.

Vellozo foi um exemplo extremo desse envolvimento com o mundo da leitura, mas, de forma alguma, esteve sozinho. Sua dedicação aos livros encontrou eco em um meio bastante fecundo,

35 encômio: Louvor, elogio, gabo.

36 *Luz de Krotona I* (1). Curitiba, mar./1921, p.50-51.

onde a palavra impressa marcava o comprometimento com ideias de nação, pátria, civilização, arte, ciência, etc.

Contudo, a diversidade da leitura depende imensamente do que é oferecido aos leitores nos locais instituídos em função da própria leitura. A reconstituição desses locais, em sua variedade, diversidade de fins, origens e conteúdo, será buscada aqui, através do estudo do comércio e da circulação de livros na Província, depois Estado, do Paraná. Este estudo, por sua vez, será feito com o intuito de tentarmos ver, nessa diversidade, alguns dos elementos que caracterizavam *essas* leituras no passado.

Os ambientes de comércio, guarda e/ou fabricação dos livros serão levantados, abrangendo com essa tríade, as principais etapas da circulação de livros: criação/edição, venda e consumo, (com o objetivo final de formação de bibliotecas públicas ou particulares ou meramente pela leitura). Além disso, a imprensa periódica, que está inserida nesse mercado e que veicula as pistas mais elementares e as mais complexas sobre esse mesmo mercado, será analisada na busca daquilo que torna essa sociedade em particular um rico objeto de estudo, no tocante à história da leitura e à transmissão de ideias pela palavra impressa.

Ao tentar compreender os processos de circulação de livros (e ideias) na sociedade paranaense do final do século XIX e início do XX, o objetivo é permitir um amplo acesso à leitura, desde os mais simples contatos com a palavra escrita, até as leituras realizadas criteriosamente como parte da formação intelectual ou profissional dos leitores. Também busca-se acesso aos quadros culturais mais específicos que permitiam àquela sociedade estabelecer padrões sociais voltados à divulgação e venda de livros, revistas e jornais, montando-se a tecitura da história da leitura e percorrendo aqueles mesmos caminhos que marcaram a vida e a obra de Dario Vellozo e seus contemporâneos.

Estar-se-á buscando, simultaneamente, uma maior compreensão da efervescência intelectual do período, verificada em trabalhos acadêmicos em que a obra individual ou coletiva dos

membros dessa sociedade foi estudada. Um exemplo é a dissertação de Décio R. Szvarça sobre a produção histórica de Romário Martins em seus diversos aspectos, como por exemplo, a forma como Martins funda a história regional do Paraná, tematizando-a "enquanto história de toda uma comunidade e suas relações com o meio" e estudada por Szvarça como uma história mítica. Szvarça parte da obra historicista de Romário Martins para compreender o próprio universo intelectual do autor que permitiu-lhe tornar-se um dos fundadores de uma "mitologia" original para o Paraná.[37] Podemos citar, em perspectiva semelhante, primeiro, o texto de Pedro do Rosário Neto, no qual ele explora as inúmeras representações sobre o "drama da fazenda Fortaleza", uma história de amor e ódio do Paraná setecentista, recuperada nos anos iniciais deste século por David Carneiro, em uma perspectiva positivista. Rosário Neto recuperou os acontecimentos da fazenda Fortaleza da forma em que foram representados por August de Saint Hilaire em seu relato de viagem pelo Paraná, por Theodor de Bonna na pintura e por David Carneiro na literatura e em seus artigos históricos sobre o assunto, para tentar apreender as ideias de Carneiro sobre os "limites que deveriam existir entre a história e a ficção; entre a realidade e a representação"[38] - e sobre um mito fundador da história do Paraná. Segundo, o trabalho de Marcos A. Cordiolli, no qual ele busca compreender o universo intelectual da Curitiba do início do século em torno do pensamento de Dario Vellozo, fundamentado na tríade "Mistério, Ciência, Arte", e que pregava uma "'Missão Civilizadora': pela fé, pela liberdade de consciência, pela justiça, pela família, pela fraternização humana". Pensamento e ensinamentos estes que serviram de guia e inspiração para um grande número de jovens intelectuais paranaenses da virada do século, em sua maior parte discípulos no sentido pleno da palavra,

37 SZVARÇA, Décio Roberto. *O forjador*; ruínas de um mito. Romário Martins (1893-1944). Curitiba, 1993, Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná.p. 6.

38 ROSARIO NETO, Pedro. O jogo das representações em torno do drama da fazenda Fortaleza. *História: Questões e Debates,* Curitiba, 11(20-21): 103-212, jun.,dez. 1990.p. 107.

do professor Dario Vellozo.[39] Além desses, o estudo de Etelvina Trindade sobre a educação e a atuação intelectual feminina, e o de Cynthia Roncaglio sobre as matrizes do pensamento feminista local também ajudam a elucidar parte desses processos, especificamente no campo da história das mulheres.[40] Abordando também a efervescência intelectual do período, o trabalho de Elizabete Berberi sobre os cronistas curitibanos e suas relações com a modernidade, fornece algumas pistas para a compreensão da riqueza de ideias em torno das quais a produção literária se desenvolvia.[41] Citemos ainda, como complemento, o estudo de Marise Manoel sobre a obra de Emílio de Menezes em seu caráter satírico; o de Tatiana Marchette, sobre o anticlericalismo paranaense, com uma certa ênfase sobre Euclides Bandeira e o de Luís Fernando Lopes Pereira, sobre a construção de uma identidade paranaense por vias intelectuais, caracterizadas no movimento paranista.[42]

Barricas e etiquetas

Diversos estudos já apontaram o progresso material em que o Paraná da virada do século incorreu, devido à expansão da indústria da erva-mate.[43] Porém aquilo que podemos chamar de

39 CORDIOLLI, O Olhar de um ponto diverso; ... /. ver também: CORDIOLLI, *Nos descaminhos* ...

40 TRINDADE, Etelvina. *Clotildes ou Marias;* mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996; RONCAGLIO, Cynthia. *Pedidos e recusas*; mulheres, espaço público e cidadania. Curitiba: Pinha, 1996.

41 BERBERI, Elizabete. *Impressões*; a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

42 MANOEL, Marise. *A poesia-mídia*; abordagem discursiva da sátira em Emílio de Menezes. Campinas, 1991. Dissertação, Mestrado, Universidade Estadual de Campinas; MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos das acácias;* anticlericalismo e clericalização em Curitiba - (1896-1912). Curitiba, 1996. Dissertação. Mestrado, Universidade Federal do Paraná; PEREIRA, Luiz Fernado Lopes. *Paranismo – o Paraná inventado*; cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

43 Ver: PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando iras rumo ao progresso*; ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889). Curitiba: Editora da UFPR, 1996, particularmente o primeiro capítulo: "Da indústria fabril e do comércio", p. 17,ss.

economia paranaense no período, era um processo conflituoso entre dois tipos de economia, calcado, por um lado, na pecuária dos campos gerais, perdendo influência, e por outro lado, para a crescente indústria ervateira de Curitiba e do litoral. Essa expansão da indústria da erva-mate, concomitante com a indústria extrativa da madeira, "constituiu o alicerce da economia e a principal fonte de renda e de ocupação da população e do Estado", que, assim constituído, "fazia com que a economia paranaense oscilasse ao sabor dos surtos de expansão e crise desse produto no mercado externo".[44] No que nos diz respeito, foi o dinheiro gerado pela erva-mate que possibilitou uma indústria tipográfica auxiliar a um comércio de bens industrializados nos moldes europeus. Nesse sentido, segundo Newton Carneiro:

> A erva mate vivia momento excepcional nesse fim de década, impondo aos industriais paranaenses grande esforço de organização para atender às exigências crescentes dos compradores estrangeiros. Começou-se substituindo o invólucro, que deixou de ser o surrão de couro cru e passou a ser a barrica de pinho [...]. O novo recipiente já não precisava ser anônimo, como a bolsa de couro, e pedia etiqueta identificadora do fabricante e do importador.[45]

Essa nova necessidade foi fomentadora de novas tipografias, que gradualmente se especializaram e diversificaram sua oferta de produtos, tanto no que se refere à qualidade da impressão das etiquetas dos barris, quanto à produção de outros bens, como material de contabilidade e a edição e venda de livros.[46]

No bojo desse desenvolvimento, incluía-se também o comércio, tanto de produtos básicos quanto industrializados. Foi

---

44 Ver: LUZ, Regina Maria. *A modernização da sociedade no discurso do empresariado paranaense;* Curitiba, 1890-1925. Curitiba, 1992, Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná. p. 10-12.

45 CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975, p. 19.

46 A mais famosa das tipografias criadas nesse período foi a *Impressora Paranaense*, do Barão do Serro Azul, um dos maiores industriais do mate do final do século XIX.

nesse momento, por exemplo, que a rua XV de Novembro, em Curitiba, tornou-se a principal da cidade, transformada pelo próprio comércio que, ao favorecer a especulação imobiliária, transformou "a rua num espaço estritamente comercial, ao expulsar os moradores que habitavam os andares superiores dos sobrados para transformá-los em depósitos de grandes estoques de artigos importados".[47]

Essa transformação coincidiu com toda uma série de outras, imbuídas da ideia de moderno ou de modernidade. Elas foram desde as construções de novas casas comerciais (e de novas casas para os donos dessas)[48] e do surgimento de organizações que agrupavam comerciantes, industriais, funcionários com os mais diversos fins[49] até o comércio em geral, possuidor de um forte caráter feérico – ao menos a partir das primeiras décadas deste século, senão antes.[50] É assim que Curitiba e outras cidades do Estado viram surgir e estabelecer-se um comércio de bens e serviços voltado predominantemente para o lazer, como parques de diversões, cinemas e teatros. As livrarias têm uma parcela de participação nesse aspecto, mas não só nele.

Simultaneamente, e por muitas das mesmas razões, o surgimento de clubes, sociedades e associações estimulou o debate, o diálogo e/ou o confronto entre diferentes visões de mundo e sociedade, profundamente marcadas por determinados tipos de

47 BOSCHILIA, Roseli. R. XV e o comércio no início do século. *Bol. Inf. da Casa Romário Martins 23*(113). Curitiba, nov./1996.

48 SUTIL, Marcelo. *O espelho e a miragem*; ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do século. Curitiba, 1996, Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná, p 2.

49 LUZ, op. cit., p 26-73.

50 O aspecto feérico do comércio é melhor encarnado pelos parques de diversões que se instalaram na cidade nesse período. Esses parques, juntamente com outros pontos de comércio, centravam suas atividades sobre novas máquinas, técnicas e inventos – como o fonógrafo e o próprio cinema. Ver: BRANDÃO, Angela. *A fábrica de ilusão;* o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba. 1905-1913. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994. Esse comércio feérico coincidia com a busca, também ela feérica pela modernidade, representada na imprensa através de idealizações da cidade e dos espaços urbanos. Ver: BERBERI. op. cit.

leitura.[51] Com o objetivo de propagar suas diferentes fés, essas entidades preocupavam-se não só com a formação de bibliotecas, mas também com a edição de livros e revistas, que serviriam de impulso para o mercado editorial do Estado.

Interessam aqui estes aspectos do mundo da leitura – a circulação de livros em particular – tentando *reconstruir*[52] facetas de um passado não tão distante, no qual a palavra impressa não tinha outro concorrente além da tradição oral na transmissão de ideias, valores e representações, embora a distinção entre cultura oral e cultura escrita seja uma construção difícil de sustentar, pois a oralidade do texto era uma constante, como nas leituras públicas do INP, por exemplo.[53]

Livrarias e editoras

Os historiadores dedicados à história da leitura provêm, se não pessoal, ao menos historiograficamente, de uma tradição da história do livro, como já foi dito no capítulo anterior. Embora exista um campo de estudo especificamente bibliográfico – a bibliografia física, preocupada com as mudanças materiais e técnicas do livro no tempo –, há também uma série de estudos que se preocuparam com as formas de circulação desses livros. Isso vale dizer que a produção e o comércio de livros é parte intrínseca da história do livro e, por extensão, da história da leitura.

O material que passou a ser oferecido à leitura foi radicalmente ampliado a partir de fins do século XV, com a invenção da imprensa por tipos móveis que, ao contrário das cópias manuscritas, facilitava a produção de grande número de exemplares

51 Ver: TRINDADE, op. cit., p. 20, ss., sobre a diversidade intelectual e a preocupação com a educação.

52 Reconstruir tanto no sentido de recuperar através das fontes, como de dar sentido a essa recuperação a partir das idiossincrasias presentes do historiador.

53 Ver: DARNTON, Robert. Canções, mexericos e panfletos ou a mídia do século XVIII. *O Correio da Unesco*, agosto, 1997. p. 17.

de uma mesma obra, diminuindo também os custos de fabricação do livro e, portanto, seu preço final. Para dar uma ideia da amplitude desse processo, de "30.000 a 35.000 impressões diferentes [das que foram] executadas entre 1450 e 1500 chegaram até nós, representando cerca de 10.000 a 15.000 textos diferentes. Muito mais, talvez, se levássemos em conta impressões desaparecidas".[54]

Porém, não foi Gutemberg quem de fato revolucionou a leitura no Ocidente, já que, ao menos inicialmente, a prensa de tipos móveis não provocou nenhuma grande revolução na *forma* do livro ou no *modo* de leitura. As mudanças de forma, do rolo (*volumen*) para o livro organizado em páginas costuradas (*códex*), os sinais identificadores de páginas, as notas de rodapés, todos precederam a invenção da prensa.[55]

No tocante ao comércio, segundo Manguel, "a partir do século XII, os livros tornaram-se reconhecidos como objetos de comércio, e na Europa, o valor comercial deles estava suficientemente estabelecido para que os emprestadores de dinheiro os aceitassem como caução [...] No século XV, o negócio tornara-se importante a ponto de os livros serem incluídos no rol de bens vendidos nas feiras comerciais de Frankfurt e Nördligen".[56] De fato, o estudo iniciado por Lucién Febvre e completado pela equipe de Henri-Jean Martin, sobre o aparecimento do livro, estuda em detalhes o processo pelo qual os livros eram comercializados na Europa desse período, através de livreiros de vários países, que trocavam edições e se encontravam nas feiras regionais para trocarem mercadorias e informações, receber dívidas, etc. Segundo eles, "por volta de 1490 [...] a rede comercial do livro é organizada por toda a Europa. São

54 FEBVRE, Lucién & MARTIN, Henry-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Hucitec, 1992, p. 356.

55 CHARTIER, Roger. *Frenchness in the History of the book*; from the history of publishing to the history of reading. Worchester: American Antiquarian Society, 1988. p. 16-18.

56 MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 271. Manguel cita OLMERT, Michael. *The Smithoniam book of books*. Washington: s./ed. 1992 e PUTNAM, G. Haven. *Books and their making during the middle ages*. New York: s./ed., 1896-97 como suas fontes para essas informações.

instalados em toda parte livreiros varejistas que recebem os livros dos grandes editores; estes, por outro lado, possuem agentes em numerosas cidades. Começa a surgir então uma hierarquização do comércio do livro".[57] Essa organização concentrava-se principalmente nas feiras de Lyon (principalmente na primeira metade do século XVI) e Frankfurt (na segunda parte daquele século).[58] Nos intervalos entre as feiras, o comércio era feito por livreiros fixos nas cidades e por vendedores ambulantes que circulavam com as novidades de vila em vila, de cidade em cidade, carregando consigo, além de livros, diversas gravuras, de cunho religioso ou satírico, largamente difundidas desde a baixa idade média. Esse universo do comércio de livros, que passava por grandes editores, detentores de privilégios (autorizações, geralmente reais) de publicação e ia até pequenos impressores das províncias que sobreviviam por imprimirem contrafações baratas de obras famosas, foi objeto de estudo de Robert Darnton e de Roger Chartier na França pré-revolucionária. O primeiro debruçou-se sobre o comércio ilegal do livro, voltado para obras obscenas, ditas "filosóficas" e panfletos políticos abertamente sediciosos, produzidos fora da França e contrabandeados e vendidos sub-repticiamente.[59] O segundo buscou o comércio de obras de apelo popular (lícitas ou ilícitas) buscando elementos para uma história cultural.[60]

Nesses estudos fica patente que a edição e o comércio de livros contêm elementos bastante ricos de análise, abrangendo situações que não podem ser explicadas exclusivamente por análises econômicas (que, não obstante, são necessárias). Editores e vendedores de livros, em diversos momentos no tempo,

57 FEBVRE & MARTIN. op. cit., p. 326.

58 A feira de Frankfurt vai perder importância a partir do momento em que as edições em alemão passam a superar as em latim, e que a tolerância religiosa diminui, no século XVII. Daí em diante, a feira de Leipzig passa a ser mais importante. FEBVRE & MARTIN. op. cit., p. 328-336.

59 DARNTON, Robert. *Boêmia literária e revolução*; o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; _____. *Edição e sedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

60 CHARTIER, Roger. *A história cultural*; entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990, p. 165 ss.

estiveram envoltos em processos culturais que os possibilitaram ter sucesso ou fracassar em seus negócios. As exigências da profissão incluem, então e hoje, a necessidade de conhecer gostos e tendências, obedecer ou quebrar padrões morais e religiosos, para não mencionar crenças pessoais.

Nas páginas que se seguem, direcionaremos a análise para o microcosmo contemplado neste estudo, no tocante às práticas relacionadas à edição e ao comércio de livros, que eram, no Paraná da virada do século, de crescente efervescência, à medida que os projetos civilizadores da sociedade se tornavam mais reais, e a população local ampliava sua demanda por leituras "recomendadas" (como as de Dario Vellozo).

Esse comércio, que se desdobrava em uma multiplicidade de facetas que espero ser possível delinear aqui, crescia à medida que as cidades do Estado enriqueciam, ou demonstravam necessidade de estabelecer-se como polo de cultura.[61] O comércio será estudado principalmente através do que pode ser apreendido nos jornais e revistas do período, embora, eventualmente, recorra-se a outros tipos de fontes.

Tentar estudar esse comércio esbarra na dificuldade de sabermos, com precisão, quantas pessoas se dedicaram ao ofício nas várias cidades do Estado, quais eram seus estabelecimentos comerciais e onde atuavam. Embora haja pouca evidência para a maioria das outras cidades, o comércio de livros em Curitiba é mais facilmente resgatável no tocante às suas livrarias.

A mera existência de livrarias, no plural, indica que esse comércio era suficientemente promissor. Em geral, as livrarias eram associadas a oficinas gráficas e funcionavam também como editoras, multiplicando suas frentes de comércio com o público. Na verdade, a

61 O Estado é entendido aqui como a parte Leste e Sul, já que boa parte da colonização do Oeste, Norte e Sudoeste é bastante recente. As principais cidades paranaenses de então eram, além de Curitiba, Paranaguá, Castro, Ponta Grossa e Lapa. Além dessas, cidades como Antonina, Morretes, Porto de Cima, Campo Largo, São José dos Pinhais e Jaguariaíva, possuíam uma certa atividade cultural que interessa ao presente trabalho.

dissociação entre essas atividades parece não ter existido de forma ostensiva no Paraná antes da segunda década do século XX.

Se pegarmos o exemplo de um dos primeiros estabelecimentos deste tipo no Paraná, a *Pendula Meridional*, fundada por Luiz Coelho em 1876, veremos que a atividade livreira convivia com a de gráfica e tipografia, já que aquele senhor foi quem introduziu o prelo a vapor no Paraná, e, embora a *Casa do Papel* já vendesse livros anteriormente,[62] a *Pendula* firmou-se como livraria na memória de seus fregueses.[63] Contudo, não deixou de oferecer seus serviços de tipografia, que supriam as demandas civilizatórias e econômicas daquela sociedade:

> Esta bem montada officina está abilitada a fazer com proptidão toda e qualquer impressão typographica como seja: Cartões de visita, Recibos e guias com talões. Participações de casamento. Convites para bailes e enterros, Jornaes e qualquer obra.
> Primando pela nitidez e barateza de seus preços, visto dispôr para isso de pessoal idonêo e de material excellente.
> Tem sempre Creditos e letras impressas.[64]

Embora convivendo com litografias e tipografias que não se dedicavam ao comércio de livros, como por exemplo a *Litografia do Comércio*,[65] a maioria das livrarias de Curitiba exercia esse duplo papel. Depois da *Pendula Meridional*, a livraria que mais se destacou foi a da *Impressora Paranaense*.

Mesmo tendo sido fundada na década de 1880, com o objetivo de suprir a demanda por rótulos e etiquetas para os barris dos produtores de erva-mate, a livraria da Impressora só seria posta em funcionamento em 1897, em virtude da restruturação

62 CARNEIRO, op. cit., p. 22.

63 LEÃO. op. cit., p. 153-161.

64 *Revista do Paraná I*(1), 30 de outubro de 1887.

65 Ibid.

acionária da companhia.[66] Nessa mesma década, a cidade passou a contar com múltiplos estabelecimentos de comércio de livros, como a longeva *Livraria Econômica*, instalada em 1894 e que em 1918 contava com filiais em cidades do interior e do litoral do Estado,[67] e a *Livraria Popular*, além do *Atelier Novo Mundo*.[68]

Duas dessa livrarias – a *Economica* e a *Impressora* – continuavam em atividade nas primeiras décadas do século XX, quando abriram suas portas diversas outras casas livreiras, como a *Livraria Polaca*, de 1908, a livraria de João Haupt, com o nome do proprietário, estabelecida em 1911, ou a *Livraria Mundial*, de 1913. Contemporaneamente a essas, outras foram abertas, como a *Casa das Novidades*, que funcionou entre 1905 e 1919, e outras que tiveram uma existência mais ou menos efêmera.[69] De fato, os alvarás concedidos pela prefeitura de Curitiba incluem, além de uma livraria em 1885 (aparentemente não a *Pêndula Meridional* de Luiz Coelho, mas uma outra, de Francisco de Queiroz) seis alvarás concedidos entre 1905 e 1911 e outros seis no curto período entre 1919 e 1920,[70] indicando um aumento no ramo, que supera o mero crescimento populacional. Comprovando essa tendência, em 1935 a cidade de Curitiba contava com quatorze livrarias e papelarias, ao passo que as outras principais cidades do estado tinham uma média de dois estabelecimentos desse tipo.[71] Esses dados apontam também para uma centralização do comércio de livros na Capital, provavelmente – mas não exclusivamente – em virtude dos alunos da Universidade do Paraná, fundada em dezembro de 1912, que

66 O Barão do Serro Azul, fundador da empresa, foi fuzilado em 1894. A baronesa encabeçou o negócio com uma nova composição societária e Jesuíno Lopes assumiu a direção da empresa. (CARNEIRO. op. cit., p. 22.)

67 A Livraria Economica. *Revista do Povo* s./v. (20 a23), Curitiba, 24/dez./1918, s./p.

68 CARNEIRO, op. cit., p. 23; *Almanach Paranaense p. 1896.* Curitiba: Impressora Paranaense, s./p.

69 Sobre a *Casa das Novidades,* ver BRANDÃO. op. cit., p. 34-35.

70 Livros de Alvarás de Licença. PMC. Setor de Pesquisa. Casa da Memória de Curitiba/ D.P.H.C/ FCC.

71 *Almanach Laemmert* – Separata para o estado do Paraná, 1935. São Paulo, 1935.

frequentavam a cidade já há duas décadas, estando incorporados a ela de forma indelével.

Pensarmos que as livrarias de então limitavam-se ao comércio de livros, porém, é enganoso. Além dos serviços tipográficos que caracterizavam todas as livrarias estudadas, desde a tipografia de Luiz Coelho, junto à qual funcionava a *Pendula Meridional*, até a *Mundial*, elas trabalhavam com uma variedade de produtos e serviços, a começar por aqueles diretamente relacionados com o negócio tipográfico, como a encadernação, a pautação e a fabricação de livros em branco,[72] tão necessários aos sistemas organizacionais, contábeis e burocráticos da era anterior à eletrônica. Além disso, nas livrarias, o comum dos cidadãos poderia encomendar carimbos de borracha e encontrar cartões-postais, uma das vogas de então (como exemplifica o *Club Philocartista do Paraná*, que, entre março e outubro de 1905 editou uma revista especializada em cartões-postais, direcionada aos aficionados).[73] Podia também assinar jornais de todo o país e do exterior, sem falar nos objetos de escritório e material escolar, amplamente anunciados.[74] As livrarias também possibilitavam a seus clientes darem vazão a suas próprias inclinações artísticas, não somente pelo texto escrito. Em 1896, a livraria *Economica* oferecia uma ampla gama de material musical ao público da cidade, incluindo partituras, cordas para violino e outros. Na mesma livraria, em 1911, era possível encontrar material fotográfico, como câmeras e emulsões para revelação, material para pintura e desenho, além do "legítimo lança-perfume 'Rodo' e outros artigos para carnaval", contrastando bastante com a oferta de produtos e livros religiosos, feita em 1907, pela *Casa Schulz*.[75] O

72 *Calendário do Paraná* IV e V. Curitiba, s./ed., 1915-16.

[73] *Cartão Postal I* (8), outubro, 1905.

74 Casa Commercial de Cesar Schulz. *O Olho da Rua* (3). Curitiba, 02/maio./ 1907, s./p; Typographia. *Prata da Casa I*(2), Curitiba, maio/1927, s./p; Livraria Econômica. *Revista do povo I* (2). Curitiba, 15/nov./1916, s./p.

75 *Almanach do Paraná.* Curitiba, 1896, s./p.; Livraria Econômica. *Paraná Moderno II*(7), Curitiba, 08/jan./1911, p. 8; *O Olho da Rua* (3). Curitiba, 02/maio./ 1907, s./p.

exemplo extremo é o da *Casa das Novidades*, que vendia exatamente o que seu nome revelava: as novas máquinas disponíveis ao consumo público, desde gramofones a motocicletas, sendo uma espécie de "santuário dos artefatos maquínicos" no qual os livros eram um complemento.[76]

Apesar desse exemplo, o carro-chefe da maioria dessas casas comerciais era o livro, tanto aquele que elas editavam quanto o que vinha de outros centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Lisboa, Paris e Buenos Aires. Com os serviços tipográficos, o comércio de livro era responsável por grande parte do faturamento dessas empresas. As livrarias dedicavam-se, portanto, como parte de suas atividades, a trazer para o Estado, particularmente para Curitiba, livros os mais variados, buscando atender a demanda do público leitor. É com esse intuito que, por exemplo, a livraria da *Impressora Paranaense* anunciava os livros de que dispunha, em 1899:

Propaganda da Impressora Paranaense

76 BRANDÃO, op. cit., p. 34.

> Directamente de Portugal (Lisbôa) acaba a Livraria dos Srs Correia & Cia de receber uma enormidade de livros litterarios que vende por preço nullo, attendendo a grande vantagem que ha na importação!
> Como panno de amostra, citamos:
> A nova collecção Pereira - (de auctores de reputação firmada nas lettras), encontra-se até o n. 24.
> "Album de Anedoctas" - fonte de boas pilherias.
> "Fausto e Mephistopheles" - quem deixará de ler?
> "Mil e uma noites" - completa e não resumo que por ahi se encontra.[...][77]

As livrarias traziam grande quantidade e variedade de livros, principalmente romances já clássicos como as obras de Emile Zola, Honoré de Balzac, Dostoiewsky, Anatole France e Tolstoi, entre outros. [78] Também se desdobravam para fornecer aos consumidores as novidades editoriais, sempre em grande demanda por parte dos jovens intelectuais. Porém, a gama de livros disponíveis estendia-se para muito além da literatura. Obras de direito e medicina já eram frequentemente anunciadas, mesmo antes da fundação da Universidade do Paraná em 1912. Quando de sua criação, as livrarias aumentaram essas ofertas, incluindo obras de farmácia, comércio e engenharia.[79] Além disso, a vocação agrícola do Estado era alimentada pela oferta de livros específicos, como fez, por exemplo, a *Livraria Econômica* em 1904, apresentando aos leitores interessados as obras:

> Livro do lavrador ou Tratado Completo de agricultura theorica e pratica, por Manoel Dutra.
> O porco, tratado completo sobre sua criação no Brazil. As indústrias suínas e charcuteria prática, por Lyrio Ferdinand
> Manual do agricultor dos gêneros alimenticios ou methodo da cultura mixta destes generos, pelo Pe. Antonio C. Fonseca.[80]

77 Livros. *O Sapo II* (23), Curitiba, 4/jun./1899, p. 3

[78] Livros baratos encontram-se na Casa das Novidades. *Anthos I*(1). Coritiba, março de 1917.

79 O Paraná industrial e commercial. *A Tribuna I* (49), 04/dez./1913, p. 4.

80 *Almanach do Paraná para 1904*. Curitiba: s./ed., 1904.

Portanto, a gama de obras disponíveis à aquisição e leitura era bastante ampla, atendendo diversas facetas da experiência e necessidade humanas. Contudo, os livros colocados à venda pelos livreiros só o eram depois de um elaborado jogo comercial entre o comerciante e seus clientes, no qual aquele deveria exercer um papel de visionário, buscando saber sempre quais novidades impressas seriam demandadas.

Nesse sentido, os responsáveis pelas livrarias utilizavam-se de uma série de recursos que visavam atrair o público a seus estabelecimentos, geralmente enfocando alguns aspectos essenciais: novidade das obras ou uma fama já bem estabelecida no caso dos clássicos; preço e forma física dos livros. A propaganda, de 1917, da *Casa das Novidades*, foi feita dessa forma, pois além de anunciar "livros baratos", acrescentava que estes tinham "ricas capas e impressão nítida", antes de elencar quase uma centena de obras com título e autor, vendidos a "1$000 o volume", e que incluía várias obras de Walter Scott, Alexandre Dumas, Máximo Gorki, Gabrielle D'Annunzio, Honoré de Balzac, Charles Dickens, entre diversos outros.[81] Anos depois, a estratégia de publicar listas ou catálogos de livros à venda foi adotada também pela livraria da *Empreza Graphica Paranaense*, que apresentou ao público um completo catálogo de seu estoque, com cerca de 800 títulos, organizado por ordem alfabética de autor, incluindo o preço das obras (variando de 2$000 a 18$000) e oferecendo versões em brochura ou encadernadas de diversos títulos.[82]

Os livreiros também procuravam disseminar o conhecimento sobre os livros que vendiam apelando para um expediente simples, e até hoje bastante utilizado, qual seja, o de remeter os livros que editavam ou recebiam para os jornais e

81 Livros baratos.... op cit.

82 Catalogo dos livros a venda na livraria da Empreza Graphica Paranaense. R. 15 de Novembro, 53. Curytiba. *A Cidade II*(53), Curityba, 25 de julho de 1926, s./p.

revistas nos quais eram publicadas resenhas – geralmente elogiosas – sobre tais obras. Diversas publicações mantinham uma seção específica onde as resenhas apareciam, geralmente incluindo um agradecimento ao editor, ao livreiro ou ao autor que remeteu as obras para aquele resenhista em particular.

Outras táticas eram colocadas em prática por comerciantes como Leopoldino Rocha, responsável pela *Livraria Econômica* desde 1897, quatro anos após sua fundação. Ele foi descrito, em 1918, como sendo "bastante relacionado em todas as praças do país e nas principaes praças estrangeiras" de onde importava diretamente os produtos expostos em sua livraria. Segundo o jornalista que descreveu as atividades da *Econômica*, a seriedade comercial de Rocha era responsável pelo aperfeiçoamento administrativo da empresa, "collocando-os sempre no pé em que devem ficar, consoante os progressos que entre nós vão fazendo as artes liberaes". Da mesma forma que o trabalho do livreiro foi idealizado, o prédio da livraria o foi, em termos bastante elogiosos, pois cada parte fora planejada "de acordo com a natureza dos fins para que deveriam ser utilizados", desfrutando a dupla vantagem de "se achar montada em edifício perfeitamente adequado e de ter sido construído no coração da melhor rua da cidade [a rua XV de Novembro]". [83]

Como a *Econômica*, a *Livraria Polaca*, estabelecida no centro de Curitiba (face sul da Praça Tiradentes), chamava a atenção dos contemporâneos por sua variedade de produtos e pela qualidade dos serviços. A vitrine da livraria "desde logo [denunciava] o seu gênero mercantil na bôa e artistica disposição dos livros ali arrumados, sempre novidades literarias". Como Rocha, os responsáveis pela *Livraria Polaca* – a Srta. Biruta Dergint e o Sr. Francisco Schmidt – eram "conhecedores profundos do ramo [...] tendo vasto conhecimento e relações com as principaes casas da Europa, e as mais importantes do nosso Pais". Essas relações com

83 A Livraria Economica. *Revista do Povo* s./v. (20 a23), Curitiba, 24/dez./1918, s./p.

o universo livreiro fora do Paraná autorizavam e legitimavam os livreiros locais como inseridos no contexto comercial do livro.[84]A livraria da *Impressora Paranaense* também aderiu – ainda no final do século XIX - à tática de legitimação externa, estabelecendo vínculos com grandes editoras nacionais e da península Ibérica.[85]

LIVRARIA MUNDIAL

Completamente remodelada, a Livraria Mundial, pode como sempre acceitar e desempenhar com prestesa e bom gosto qualquer trabalho typographico.

Tem sempre em stok as mais palpitantes novidades literarias e quaesquer livros didaticos e scientificos.

Miudezas e objectos de escriptorio

Foggiatto, Stockler & C.ia

RUA 15 DE NOVEMBRO 41

Propaganda da Livraria Mundial

A *Livraria Mundial,* contudo, foi a que melhor atendeu as expectativas culturais do público de Curitiba, tornando-se ponto de encontro dos intelectuais curitibanos ao mesmo tempo que liderou a distribuição de livros no Estado por trinta anos.[86] Tendo à sua frente, inicialmente L. Lobato e, depois, o literato Heitor Stockler, a *Mundial* conquistou gradativamente os "amigos da leitura, que ahi se vão fornecer das novidades literárias chegadas pelo último vapor".[87] Também instalada à Rua XV de Novembro, a *Mundial* era comparada, em sua época, à *Livraria Garnier*, tradicional reduto carioca de intelectuais e artistas. Na versão curitibana, "á tarde, se vêem acadêmicos, literatos, jornalistas, magistrados, medicos,

84 Um grande estabelecimento graphico. *Album do Paraná II*(10 e 11), Curitiba, 1920. s./p.

85 CARNEIRO, op. cit., p. 22.

86 Idem. p. 25.

87 *A Bomba I*(12). Coritiba, 30/set./1913, s./p.

engenheiros, etc." reunidos para vasculhar o estoque de obras disponíveis. Essa disponibilidade parece ter sido o grande atrativo da livraria, já que "tudo o que alli se procura é encontrado", segundo o jornalista da *Tribuna*, que se dizia, em 1913, seduzido, encantado e atraído pela livraria.[88]

O primeiro diretor da *Mundial* também era um conhecedor do ramo, capaz de antecipar os sucessos editoriais e trazê-los para seus clientes. A principal tática comercial de Lobato consistia, além de manter a variedade apregoada pelos jornais e através das propagandas da própria livraria, em acompanhar de perto os jornais locais e das outras cidades brasileiras, para saber se algum editor consagrado mandava novos livros para o prelo. Nesse caso, o pedido era feito de imediato, mantendo o estoque de obras de autores nacionais sempre atualizado.[89] Seu sucessor, a partir de 1914, Heitor Stockler, também se revelou um exímio comerciante, mantendo na livraria "tudo o que há de mais interessante em livros, dado o seu natural conhecimento e intimidade espiritual com os mais apreciados escriptores do Brazil e do extrangeiro".[90] Foi ao tempo de Stockler e seu sócio, Anibal Requião, que a *Mundial* atingiu seu maior prestígio, à medida que a Universidade do Paraná fornecia novos leitores e a economia paranaense se fortificava com a substituição da erva-mate pela madeira como carro chefe, e "o mercado de livros e periódicos [tornava-se] mais ativo e exigente".[91]

Os livros à disposição dos leitores/clientes eram geralmente classificados em literários e científicos pelos comentaristas da imprensa periódica ou nas propagandas das próprias livrarias. Estes últimos podiam ser de direito, medicina ou engenharia. No

88 HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua História. São Paulo: EdUSP, 2005, p. 253-68. O Paraná industrial e commercial. *A Tribuna I* (49), 04/dez./1913, p. 4.

89 Ibid.

90 Os nossos concursos. *Revista do Povo II* (11). Curitiba, 15/nov./1917.

91 CARNEIRO, op. cit., p. 26.

mais das vezes incluíam-se nesse rol, livros didáticos como os de física, química ou geometria, e também os livros de filosofia e de história. Aqueles primeiros diziam respeito a clássicos da literatura mundial, obras de autores reconhecidos, clássicos nacionais e obras de principiantes que se lançavam às letras – estes quase sempre locais. Em menor quantidade na *Pêndula Meridional* e suas concorrentes do final do século XIX, abundantes na *Econômica*, *Polaca e Mundial*, os livros vinham com regularidade abastecer o mercado paranaense, já que essas livrarias mantinham filiais em outras cidades do Estado. Oriundos tanto das tipografias dessas casas comerciais quanto das grandes editoras nacionais, como a *Garnier* carioca,[92] e de além-mar, como a *Lello & Irmãos*, de Portugal, eles eram consumidos por uma crescente quantidade de leitores, em particular aqueles intelectuais que buscavam reconhecimento literário para seus próprios trabalhos, estudantes e professores do Ginásio, da Escola Normal e, a partir de 1913, da Universidade, e o comum dos mortais, que comprava livros para seu deleite ou uso pessoal. Os livreiros, sensíveis a essa demanda, esmeravam-se por oferecer variedade e atualidade, em ambientes atraentes, centrais e disciplinados e a "preços módicos", uma média de 5$000 rs o volume no período 1901-1920, sendo possível encontrar-se, durante esses anos, uma boa quantidade de livros por preços em torno de 1$000, o que equivaleria, em 1910, por exemplo, a uma entrada para a geral do teatro Guaíra; a duas idas aos *shows* de variedades do *Colyseu* (de 300 a 500 réis cada) ou a cinco números atrasados do jornal *Diário da Tarde* (200 réis cada).[93]

*** *** *** *** ***

92 HALLEWEL, , op cit.

93 BRANDÃO,op. cit., p. 55.

As livrarias do Paraná buscavam atender uma demanda crescente, por livros dos mais diversos tipos, por leitores com propósitos variados. Podemos supor esse aumento da demanda por material impresso (incluindo aí jornais e revistas) a partir de diversos indicadores, desde o maior número de livrarias abertas à medida que o século XX avançava, apontado acima, até a presença – sempre constante, mas cada vez maior – de resenhas de uma parte dessas obras, apresentadas nos periódicos locais. Um outro fator que pode apontar para esse aumento de demanda é o aumento da oferta de livros e periódicos (que explica em parte o maior número de resenhas, já que passam a existir mais veículos para elas). Embora dados específicos sobre o volume de vendas sejam muito difíceis de serem encontrados, verificamos que uma série de ligações podem ser estabelecidas. Há, nesse sentido, o incremento da produção editorial, que tem um surto proporcional no período estudado. Entre 1880 e 1907, por exemplo, são apresentados aos leitores do Estado aproximadamente 400 novos títulos de publicações periódicas, contra cerca de 35 nos anos entre a emancipação do Estado, em 1854, e 1879.[94] Só na cidade de Paranaguá, essa relação é de 75 novos jornais e revistas entre 1880 e 1910 (com uma maior concentração de novos títulos nos últimos anos do período) contra 13 entre 1854 e 1880.[95] São poucos os dados sobre quais eram as tiragens desses periódicos (e nenhum quanto aos livros). Alguns periódicos indicavam o número de

94 Números tirados de MARTINS, Romario. *Catálogo dos jornaes publicados no Paraná de 1854-1907.*Curytiba, Impressora Paranaense, 1908. Dados semelhantes são oferecidos por PLAISANT, Alcebíades Cesar. *Scenario Paranaense*. Coritiba: s./ed., 1908. Embora forneça mais títulos de periódicos que o *Catálogo*, sofre do mal de apenas listar a data do primeiro número e de não indicar se houve continuidade da publicação. Com raras exceções, o *Catálogo* também tem este problema. Não obstante, os números fornecidos são os mais modestos, retirados do *Catálogo* (exceto para 1908, não incluído no levantamento de Martins), que de resto, não se diferencia do *Scenario* ao indicar uma tendência (no sentido estatístico) de aumento das publicações periódicas no Paraná à medida em que se avança para o final do período estudado.

95 Os números são oriundos de um quadro baseado no levantamento de Plaisant, com acréscimos do autor, mas que também se restringe a indicar o aparecimento do periódico, sem referências à sua duração. Ver: LEITE, Zenan. A imprensa em Paranaguá. *O Itiberê IV* (39/41), set./1922, p. 64-65.

exemplares feitos para cada edição, e mesmo esses variavam bastante. O *25 de Março*, anunciava 2.050 exemplares em 1876, *O Miko*, imprimia 2.000 cópias em 1914 enquanto o *Olho da Rua*, variou de 2.000 a 4.000 entre 1907 e 1911.[96] Esses dados nos levam a crer numa tiragem média de dois mil exemplares, mas são por demais esparsos para permitirem conclusões mais definitivas.

Quanto à edição de livros paranaenses, a ascensão é semelhante, embora um pouco mais tardia, passando de uma média de 19 livros por ano na década de 1890, para 43 na década seguinte e 54 e 94 nas subsequentes.[97]

Outras fontes dão conta de que houve, na virada do século, um incremento do mercado de livros no Paraná. Isso é verificável em uma mudança de tom, da ausência à abundância, no que se refere ao universo dos livros e da leitura. Ermelino de Leão, referindo-se à década de 1880, dizia que:

> a iniciação literária, no acanhado meio em que viviamos não era das mais faceis emprezas; faltavam bons livros, bons centros de intercâmbio de idéas [...]Coritiba de então, se julgava feliz de possuir a 'Pendula Meridional' do saudoso Luiz Coelho, onde encontraria alguns romances de Julio Verne e boa collecção de obras escolares.[98]

No mesmo tom, em 1895, Leoncio Correia afirmava que "se tiveramos editores e publico ledor" as obras dos escritores paranaenses (nesse caso, Dario Vellozo) já teriam sido trazidas a público. Exemplar desse sentimento de ausência é o caso do personagem parnanguara, relembrado, em 1920, por Hypolito Pereira. O "Pampolha", que "tinha a mania não só de collecionar sellos, como, tambem, a de juntar livros que de resto, elle nunca os lia". Esse avarento possuía bens capazes de despertar a cobiça do

96 Para comparação, a população do Estado, em 1910, foi estimada em mais de 570 mil habitantes. Ver: GOMES, Raul. Do ensino no Paraná. *Brazil Civico I*(1), março de 1918, p. 71-73.

97 MOREIRA, Julio. *Dicionário Bibliografico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1957.

98 LEÃO, op. cit., p. 161.

escritor que, jovem, ambicionava um dos livros do velho, devido à dificuldade de encontrar tal obra nas livrarias e bibliotecas da Paranaguá do início do século ("PAPA NEGRO - obra, alias, de merito mediocre, mas a que, então, o meu desconhecimento das verdadeiras obras de valor dava um notavel relevo").[99]

Com o passar dos anos, os comentários nesse tocante deixaram de ser relacionados à ausência e passaram a falar mais da presença de editores, livrarias e leitores. Além das livrarias, como a *Econômica*, a *Mundial* e a *Polaca*, havia, por exemplo o entusiasmo dos editores do jornal *A tribuna* em 1913, então em seu quarto número:

> Em materia de publico ledor não temos, presentemente motivos para nos queixar. [...] Em regra, o Paraná sabe ler e comprehender o que lê. A prova do que avançamos temol-a nas correspondencias epistolares do interior e do litoral. Muitas vezes é esse serviço confiado a homens simples que não blazonam se sabidos, entregues como vivem, a mistéres distantes das letras. [...] [100]

Esse público leitor que entusiasma em 1913, exige continuamente que livros e jornais lhes sejam acessíveis. Isto fica expresso no "sopro de vigor" que o resenhista d'*O Itiberê*, de Paranaguá, identifica em 1921, "como se a necessidade da producção [infundisse] os novos escriptores ao trabalho, movimentando os editores e florindo as vitrines das livrarias com innumeras obras nacionaes".[101]

Ao par dessa ampliação de leitores e material de leitura, ocorreu uma transformação (quase uma *instauração*) técnica que possibilitou que a produção impressa local acompanhasse outros

99 PEREIRA, Hypolito. Os typos inconfundiveis - O Pampolha. *O Itiberê II* (9), Paranaguá, jan./1920, p. 9.

100 Commentarios. *A Tribuna I* (4), Curitiba, 13./out./1913, p. 1.

101 Bibliographia. *O Itiberê III* (28-29), Paranaguá, ago./set./1921, p. 35. Ver também Bibliographia. *O Itiberê VI* (68), Paranaguá, dez./1924, p. 16-22.

centros editoriais no país. Desde a década de 1880, artesãos europeus ligados ao universo da impressão passaram a vir para o Paraná – Curitiba, particularmente – onde implementaram seus ofícios. Tipógrafos, litógrafos e encadernadores foram convidados a auxiliar as emergentes tipografias – como o próprio Luiz Coelho, litógrafo catalão que veio para o Paraná por volta de 1880 e assumiu a *Pendula Meridional* por essa época. De fato, em finais daquela década "alcançara tão elevada expressão a atividade, que já consideravam os tipógrafos suficientemente numerosos e prestigiados para criar órgão de classe, a que deram o nome de 'AGREMIAÇÃO TIPOGRÁFICA'".[102]

Antes do fim do século, tanto a *Impressora Paranaense* quanto suas concorrentes, como a tipografia de Alfredo Hoffmann, por exemplo, apresentavam uma produção tecnicamente diversificada, utilizando policromias, litografias, feitas por imigrantes europeus recém-chegados (como o espanhol Francisco Folch) e impulsionada pela criação da *Escola de Belas Artes*, que proporcionava aprendizes com suficiente habilidade artística para os tipógrafos e litógrafos.[103]

Outro aspecto mais tardio desse processo, foi a transformação da atividade em função da modernização que caracterizou o novo século XX.[104] Se por um lado a impressão e edição necessitavam do talento do autor e tino do editor – aspectos humanos essenciais –, por outro, as inovações técnicas na área eram mais do que desejadas. Assim, jornais passaram a anunciar o uso do telégrafo como fonte de informação e a divulgar as máquinas utilizadas em sua impressão pelo nome.[105]

---

102 CARNEIRO, op. cit., . p. 18.

103 Idem, p. 21.

104 Sobre esses processos, ver: BRANDÃO. op. cit., ; BERBERI, op. cit., SUTIL. op. cit., TRINDADE, op. cit., e PEREIRA. op. cit.

105 BRANDÃO, op. cit., p. 55. Ver também MARTINS, Romario. *Catálogo* p. 109, além do *Diário da Tarde*. Curitiba, 20/jun./1913, p. 1 e *O Olho da Rua I* (1). Curitiba, 13/abr./1907, p. 1.

As impressoras e tipografias assumiram um caráter fabril expresso em termos de sua estrutura de máquinas e em sua organização física. A *Livraria Economica* foi descrita, em 1918, como tendo sido construída de forma confortável e bem ventilada, "onde a machina funccciona e o operário trabalha com presteza, methodo e aceio", tendo seu maquinismo "movido por força eléctrica" e número suficiente de funcionários.[106] No mesmo ano, a *Impressora Paranaense* teve fotos de suas "grandiosas officinas de impressão, lithographia, typographia, desenho e gravação, pautação e encadernação" publicadas na imprensa, mostrando-a como uma grande indústria da palavra e imagem impressas.107 Seguindo esse tom, a *Livraria Polaca* explorava o ramo gráfico "em officina de proporções vastas e provida de moderna apparelhagem e competente pessoal technico [...]".108

Essa modernização da indústria também propiciava meios de edição cada vez mais apurados para suprir as necessidades de leitura dos habitantes do Paraná. Os livros eram idealizados em termos de sua forma física, cada vez mais vinculada à capacidade técnica de produção. Assim, obras colocadas à venda tinham aspectos de seu feitio destacados, como a edição das *Obras póstumas de Alan Kardec*, oferecida em 1906 por 2$000 e descrita como "um volume magnificamente impresso em papel assetinado, com o retrato de Kardec"[109] ou, no mesmo ano, a edição que a *Casa Carbonell y Esteva*, de Barcelona, ofereceu através da imprensa local um "volume elegantemente impresso em papel assetinado [...] vendido pela casa editôra ao preço de uma peseta o exemplar".[110] Um último exemplo é a *Imitação de Christo*, oferecida em 1901, no periódico católico *A Estrella*, em três versões:

106 A Livraria Economica. *Revista do Povo* s./v. (20 a23), Curitiba, 24/dez./1918, s./p.

107 A Impressora Paranaense. *Revista do Povo* s./v. (20 a23), Curitiba, 24/dez./1918, s./p.

108 Um grande estabelecimento graphico. *Album do Paraná II*(10 e 11), Curitiba, 1920. s./p.

109 *A Doutrina VII* (1), Curitiba, jan./1906. contracapa.

110 Bibliographia. *A Doutrina VII* (4), Curitiba, abr./1906, p. 61-2.

Encadernação de luxo: 10$000
" barau dourado: 6$000
" á carmin: 5$000
Gratis um exemplar a quem pagar 10.[111]

Nas edições locais, esses aspectos técnicos também eram enfatizados. A primeira edição da *Grammatica Pratica* de Francisco A. Pereira Junior foi apresentada, em 1926, como "obra cantonada,[112] com 685 paginas editada por Placido e Silva & Cia Ltda".[113] Em 1907 anunciava-se o romance *Amor misterioso* de Seraphin França, como "elegante brochura [que] marcará, por certo mais um triunfo para o nosso meio literario".[114] Foi a *História da Guerra do Paraguay*, de 1897, contudo, que "projetou Curitiba em todo o país como centro de arte editorial".[115] A obra do coronel José Bernardino Bormann, executada pela *Impressora Paranaense*, em três volumes, foi apresentada como um requintado resultado das técnicas de impressão, em particular com relação a suas ilustrações. A capa era "litographada em três côres, primorosamente" com a imagem do "reconhecimento do Humaitá". No frontispício, uma imagem do Duque de Caxias, um "trabalho lithografico de uma nitidez a toda prova".[116] A obra continha ainda diversos mapas "elucidativos das principaes acções de toda a campanha" e merecia os elogios de um de seus resenhistas:

> O trabalho Typographico e artistico honra a casa editora, collocando-a entre as primeiras da Republica. Ao Sr. Jesuino Lopes, digno Director da *Impressora Paranaense* sinceros

111 Livro sem igual. *A Estrella IV* (183), Curitiba, 06/out./1901, p.4.

112 Com cantos ou cantoneiras (peça de metal, couro, pano, etc., comumente triangular, usada como reforço e adorno nos cantos externos das pastas dos livros)

113 *A Cidade II* (53). Curityba, 25 de julho de 1926

114 "Amor misterioso". *O Olho da Rua* (9), Curitiba, 10/ ago./ 1907. s./p.

115 CARNEIRO, op. cit., p. 59-60.

116 MARTINS, Romário. *Almanach Paranaense para 1900*. Livraria Econômica, 1899.

> parabens pela intelligencia e zêlo com que administra e melhora de dia a dia as officinas a seo cargo.[117]

Como essa, diversas outras obras foram editadas no Paraná no período, mostrando a capacidade de produção das tipografias locais. Nem todas as obras eram tão sofisticadas, mas com frequência eram trabalhos executados com cuidados técnicos apurados, geralmente incluindo litografias coloridas. Isso fica evidente na edição d'*Olho da Rua*, revista quinzenal que, além de sua capa, incluía diversas ilustrações coloridas e *charges*, sem mencionar as diversas fotografias.[118]

Apoiadas na capacitação técnica, e dispondo de uma produção intelectual e artística suficientemente rica, as editoras paranaenses puderam exercer suas atividades de forma a produzir, nos cinquenta anos englobados por esta pesquisa, mais de 500 títulos de periódicos e aproximadamente 2.000 títulos dos mais diversos tipos de livros. É necessário, naturalmente, relativizarmos esses números em termos da população do Estado nas diversas décadas do recorte, bem como em relação àquela porção dessa população capaz de ler e/ou ter acesso a livros.[119]

Uma rápida lista de casas editoras no Paraná apontaria a *Impressora Paranaense* e as livrarias *Econômica* e *Mundial* em Curitiba, além de *Bório & Comp.* em Paranaguá, como as mais atuantes. Somam-se a elas as tipografias do jornal *A República*, a *Der Beobachter*, a de Alfredo Hoffmann, a de João Haupt e – mais

---

117 Respigas. *Cenáculo III*(4). Curitiba, 1897, p. 187-190;

118 DENIPOTI, Cláudio. Fashionable images; the world of fashion through photographic images of the turn-of-the-century - a case study. *Iberoamericana - Nordic Journal of Latin American Studies XXIV* (2) Stockholm, 1994, p.2-18.

119 "A população do Estado que era de .. 243.655 apenas em 1890, cresceo até .. 397.035 em 1900, foi a 572.375 em 1910 e calculou-se em 676.872 para 1917. A esses numeros correspondiam 48.730 creanças em idade escolar em 1890, 79.406 em 1900; 114.474 em 1910, e 135.274 em 1917.[...] Em 1890, a porcentagem de creanças que receberam instrucção sobre a população geral foi de 1,5%; em 1900 de 2,5%; em 1910 de 2,7%; e em 1917 de 3,4%.A porcentagem de creanças que receberam instrucção sobre a população em idade escolar que era de 7,8% em 1890, subio a 12,8% em 1900, a 13,9% em 1910 e a 17% em 1917." GOMES. Do ensino... p. 71-73.

tarde – *Placido e Silva & Comp.* A pesquisa nos levou a concluir que todos os serviços tipográficos existentes faziam as vezes de editoras – e frequentemente de livraria – implicando que a atividade editorial era parte lucrativa do negócio tipográfico, fosse porque, não raramente, as edições eram bancadas pelos próprios autores ou instituições a que eles estavam ligados; fosse porque a venda a varejo para o público leitor era efetivamente atraente.

Exemplos dessa última situação são frequentes. Citamos acima a obra do Coronel Bormann, que marcou a produção editorial da *Impressora*. Essa empresa teve seu auge entre 1900 e 1902, na programação que Leocádio Correia, também ele um escritor bastante ativo, manteve sob o título genérico de "Biblioteca da Impressora". Após esse ano, sua produção editorial foi diminuída e suas atividades concentradas nos serviços tipográficos.[120]

Há ainda casos de obras bastante longevas, que tiveram diversas edições – nem sempre na mesma editora, como por exemplo as obras didáticas *O Brasil nas escolas*, de Lindolpho Pombo e *Os Estados da República*, de Sebastião Paraná. Aquele primeiro foi editado em 1902 (não há referências à editora) com o objetivo de "excitar no coração brazileiro o desenvolvimento do amor à Patria e ao estudo" apresentando "esboços biographicos, embora pallidos, de nossos illustres compatriotas, e tambem narrações de factos concernentes á guerra contra o governo do Paraguay e artigos sobre datas nacionaes e outros assumptos interessantes".[121] Sua segunda edição, em 1907, foi feita sob os cuidados da tipografia *Der Beobachter*. Não foi possível localizar a terceira edição, mas a quarta foi feita pela *Livraria Magalhães,* de São Paulo, em 1912 e a quinta e última, pela *Empreza Graphica Paranaense*, em 1926.

120 DICIONÁRIO ..., p. 125. Sobre Leocádio Correia, ver p. 102-103.

121 POMBO, Lindolpho. *O Brazil nas escolas*; leituras progressistas. Curitiba: Typ. "Der Beobachter", 1907, 2ª ed.

O livro de Sebastião Paraná, uma obra de 500 páginas, na qual o autor apresentava "todos os conhecimentos necessários aos estudantes da chorografia[122] do Brazil"[123] teve menos edições, e todas foram curitibanas: a primeira em 1911 pela *Typographia Internacional* de Buzzeti-Mori & filhos, a segunda, em 1913 pela *Livraria Econômica* e a última pela *Mundial* em 1925. Essa obra proporciona uma visão de como as iniciativas editoriais funcionavam no estado. É sabido que este momento de construção de identidades nacionais e regionais, que vem desde o século XIX, estimulava a produção de conhecimento sobre o país. Havia a necessidade de escrever a história (como buscaria fazê-lo o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) e de conhecer o país em seu todo.[124] O livro de Sebastião Paraná inseria-se nesse contexto e, devido a ele, foi publicado com auxílio oficial. Em 1907, o orçamento do Estado previa que o poder executivo auxiliasse "como julgar mais conveniente a publicação do livro didactico Chorographia do Brazil, do dr. Sebastião Paraná".[125] Em meados do ano seguinte, o governo estadual ainda não tomara as providências previstas na lei, e o *Gremio dos Professores*, encaminhou uma solicitação ao governador para que fosse concedido um "auxílio" para a publicação da obra (bem como da revista do Gremio, *A Escola*). Os argumentos apresentados em defesa de tal pedido são bastante esclarecedores da função do livro naquela sociedade: em primeiro lugar verificou-se a ausência de estudos sobre a geografia brasileira, lacuna que seria preenchida por aquela obra; depois argumentou-se em favor do ótimo trabalho do autor na construção da obra e o quanto ele contribuiria para a formação patriótica dos jovens brasileiros; o terceiro ponto lembrava a aprovação do artigo

122 Estudo ou descrição geográfica de um país, região, província ou município.

123 SOUZA, Lourenço de. Noticiario. *A Escola V* (7-12), Curitiba, jul., dez./1910, p .346.

124 Ver PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da história*; a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba, Editora UFPR, 1996; PEREIRA, op. cit.

125 Lei n. 729, de 5 de abril de 1907. cap. VI. art. 70. item XXII. *Leis, decretos e regulamentos do Estado do Paraná - 1907*. Curitiba Typographia d'A Republica, 1908.

da lei pela assembleia estadual e a aprovação da obra por uma comissão de três luminares da "Congregação cathedratica" (do Ginásio Paranaense) "que deu a respeito da obra um laudo favoravel, e honroso para os creditos de muita idoneidade de que gosa o illustrado escriptor"; finalmente, lembrava-se a função de propaganda favorável que o livro poderia exercer em favor do Estado (e do governador):

> Se V. Ex. Se dignar a conceder o auxilio pâra a impressão do livro, que bem poderá figurar na próxima Exposição Nacional, ao lado dos productos de maior valia, accrescentará à instrucção publica do Estado um serviço importante e inestimavel.[126]

Como vimos, a obra só foi editada em 1911, com o devido auxílio oficial e trazendo no frontispício a chancela da Congregação. Tudo leva a crer que a campanha em favor da publicação da obra, levada a cabo pelo *Gremio dos Professores*, foi persistente e rendeu os resultados desejados, já que a revista *A Escola* também passou a ser subsidiada pelo Estado em seus números seguintes ao apelo ao governador.

Outras iniciativas de publicação, como a descrita acima, faziam parte da atividade de diversos órgãos como o *Gremio*, em particular, associações ou grupos reunidos em torno de publicações periódicas. De fato, a própria publicação de jornais e revistas era fruto de um ímpeto por passar para a palavra impressa um sem número de ideias que circulavam naquela sociedade. Se tomarmos o exemplo do grupo que se reuniu em torno da revista *Fanal*, (1911-1913), estudantes que buscavam continuar a renovação literária vista por Curitiba em fins do século XIX pelo grupo do *Cenáculo*,[127] esse ímpeto começara cedo, quando ainda estudavam no Ginásio Paranaense, sob a inspiração proporcionada por Dario Vellozo e Emiliano Pernetta, seus mestres. A ideia de publicação foi gestada

126 Noticiario. *A Escola III*(2). Curitiba, maio; jun./1908, p. 77-78

127 DICIONÁRIO..., p. 151-159.

por esse grupo por vários anos. Em 1908 eles já pensavam no assunto:

> Tivemos um dia a idéia de publicar um jornal que a principio, por falta de dinheiro, sairia manuscrito, sendo que mais tarde sairia impresso com tipos de borracha, dos quaes Tasso chegou a comprar uma caixa. A idéia dominante em nossos cérebros era a de termos um jornal. Deliciosa ilusão![128]

Da ideia original à publicação de *Fanal*, em 1911, os idealizadores – Tasso da Silveira, Manoel Lacerda Pinto e Oscar Martins Gomes, com idades de 16, 18 e 18 anos respectivamente, resolveram problemas técnicos e publicaram sua revista literária:

> A nossa primeira idéa foi uma idéa extravagante: desejávamos imprimir, em vez de um jornal, um opúsculo com as nossas primeiras producções em verso. Este opúsculo seria distribuido entre os literatos paranaenses. Que loucura! Que extravagante idéa!
> Oscar Gomes falou, mais tarde, com um dos diretores do "Paraná Moderno", ficando assentado que o jornal dos nossos sonhos seria impresso nas oficinas daquelle.
> Reunimo-nos logo depois e decidimos que o novo periodico se chamaria "Fanal". [129]

Como essa, outras associações relativamente espontâneas manifestaram-se através da imprensa, fosse para apresentar ou difundir novas ideias no campo artístico ou literário, fosse para propagandear a fé em suas diversas manifestações. Assim as publicações eram apresentadas como "órgão da Associação Coritibana dos Empregados do Commercio", "do Partido Conservador", "de defesa e propaganda do espiritismo", "quinzenário humorístico", "Revista Literária", etc.

---

128 PINTO, Manoel Lacerda. Recordação. *Fanal II* (3 e 4) Curitiba, maio e junho de 1912, p.76-79.

129 Ibid.

Embutido no anseio pela publicação periódica estava, frequentemente, o desejo por publicar os livros que completariam a função da revista ou jornal (qualquer que fosse essa função). O grupo que se reuniu em torno da biblioteca e das ideias trazidas para o Paraná por Dario Vellozo, nas décadas de 1880 e 90 – o *Cenáculo* – além dos periódicos literários que publicou estimulou a edição de livros de autores aos quais estavam ligados, com os mesmos objetivos da revista, ou seja "reunir os intelectuais a debater ideias, organizar um ambiente cultural e manter intercâmbio".[130] A "Bibliotheca do Cenáculo", síntese desse esforço, publicou *Peregrinas*, de Lício de Carvalho em 1895 e *Esquifes* de Dario Vellozo, em 1896.[131] Também anunciou, mas não publicou, um livro de versos de Fernando Amaro e um "ensaio sobre Verlaine, de autoria de Emiliano Pernetta".[132] A iniciativa foi definida, nas páginas do *Cenáculo*, como "mais uma tentativa em prol da Arte e das Lettras no Paraná" e, embora fosse resumida, pretendia conter "o bastante para attestar aos centros mais desenvolvidos do Brazil o quanto ja fazemos pelo fecundo cultivo educador das Lettras, pela regeneradora implantação luminosa da Arte".[133]

Da mesma forma, uma década mais tarde (1907), o *Olho da Rua* assumiu a edição de *Amor misterioso* de Serafim França e, em 1911 buscou "desdobrar sua acção imprimindo obras literárias", a primeira das quais sendo um romance de Rodrigo Junior, "de entrecho forte e sensacional", mas que não teve continuidade (como a própria revista, que deixou de circular nesse mesmo ano). Além disso, o *Olho* fez grande esforço para divulgar as obras que fossem de encontro a seus interesses, particularmente anticlericais,

130 DICIONÁRIO..., p. 62-68.

131 CARVALHO, Lycio de. *Peregrinas*. Impressora Paranaense. Curitiba: 1895; VELLOZO, Dario. *Esquifes*. Curitiba: Impressora Paranaense, 1896.

132 DICIONÁRIO..., p. 68; CORREIA, Leoncio. Galeria Paranaense. *Cenaculo I*(1), Coritiba, 1895 p. 82, 114, 139, 179, 251.

133 SILVEIRA NETTO. Respigas. *Cenaculo I*(1), Coritiba, 1895, p. 25-26.

como foi o caso com *Os Abutres*, de Roberto Faria, que mereceu uma prolongada campanha de resenhas, anúncios e comentários nas páginas da revista em seus números de 1907.[134]

Essa "vontade de editar" que transparece nos periódicos, era manifestada também por outras organizações, ligadas ou não ao meio intelectual. O *Centro de Letras do Paraná*, fundado em 1912, colocava entre seus objetivos, publicar "em livro as produções esparsas nas revistas, bem como os volumes que jazem no segredo das gavetas" e uma de suas "missões mais sympathicas consiste na publicação dos livros de escriptores mortos, sendo que iniciará sua bibliotheca o volume poetico de Julia da Costa".[135]

A *Liga de Ensino e Civismo*, fundada na esteira da I Grande Guerra, em 1918, tinha entre seus objetivos a criação de escolas primárias populares e de cursos profissionalizantes "frequentados de preferencia por filhos de operarios ou pessoas pobres" e, ao mesmo tempo, "facilitar a publicação de livros didacticos e obras literarias ou scientificas de reconhecido valor".[136]

Um último exemplo é o do INP, capitaneado por Dario Vellozo, que estabeleceu uma "ordem de realização" para a instituição que incluía, entre outros itens (como a fundação de escolas), a organização de "Officinas typographicas, - para a publicação de revistas, opusculos, livros de estudo, crítica e propaganda".[137] Essa atividade frutificou na organização, e no mesmo ano (1916) o INP apresentou uma lista de "opusculos de propaganda gratuitamente distribuídos".

Todas essas iniciativas editoriais, somadas às edições feitas comercialmente pelas tipografias e livrarias, proporcionavam um

---

134 O Olho da Rua (3). Curitiba, 02/maio/1907, s./p.; "Amor misterioso". *O Olho da Rua* (9), Curitiba, 10/ ago./ 1907. s./p.; *O Olho da Rua IV*(7), Curitiba, 19/ago./1911, s./p.

135 Centro de Letras do Paraná. *Fanal III*, (12,13 e 14), Curitiba, janeiro, fevereiro e março de 1913, p. 213-14.

136 Liga de ensino e civismo. *Revista do Povo III* (18), Curitiba, 17/ago./1918, s./p.

137 VELLOZO, Dario (Appolonio de Tyanna). No tramite da Harmonia. *Myrto e Acacia I* (1). Curitiba, jan./fev./1916, p. 15.

rico universo da palavra impressa, ao mesmo tempo que ampliavam a circulação de livros de modo geral. Os livros escritos e editados no Paraná eram divulgados e vendidos fora do Estado de modo sistemático por seus autores e editores, da mesma forma que livros de outros centros editoriais vinham para as livrarias locais. Assim, nas páginas de revistas paranaenses encontravam-se tanto resenhas das mais diversas obras enviadas de todo o país e do exterior, quanto reproduções de artigos de jornais e revistas de outros estados, resenhando obras paranaenses.

As resenhas eram apenas uma das táticas utilizadas para que os livros fossem vendidos (ou apenas circulassem, como era provavelmente o desejo dos autores, enquanto os editores tinham um interesse comercial bem mais acentuado) o mais amplamente possível. Eram utilizadas pelas livrarias e editoras do Estado, principalmente em se tratando de obras novas de autores de fora, enquanto a divulgação de obras produzidas no Paraná eram resenhadas, em geral, a pedido dos próprios autores. Com presença obrigatória em praticamente todos os jornais e revistas do período – sob títulos como "Ronda da arte", "Livros recomendados" ou apenas "Bibliographia" – as resenhas terminavam, como já foi dito, com um agradecimento "pela offerta" dos livros aos resenhistas.

Já foi citada acima a campanha de divulgação de *Abutres*, de R. Faria, feita pelo *Olho da Rua* em 1907, livro escrito e lançado "como um grito de alarma contra o jesuitismo corruptor".[138] Essa obra anticlerical continuava um longo embate entre Igreja Católica e escritores como Roberto Faria ou Julio Pernetta, autores ferreamente opostos às ações do clero católico. Pernetta, em 1898, publicou *Os Chacaes*, obra que igualmente atacava os padres. A revista humorística *O Sapo*, após uma resenha favorável do livro, tomou sua defesa face aos ataques católicos veiculados pela *A*

138 *O Olho da Rua* (3). Curitiba, 02/maio/1907, s./p.

Estrella.[139] Resenhas e debates públicos em torno de livros serviam a dois propósitos: o debate propriamente dito, quaisquer que fossem seus pressupostos de lado a lado, e a divulgação da obra – consequência do debate e objetivo principal da resenha.

Além das resenhas, era comum anunciar as obras que tinham apenas sido enviadas para o prelo, visando criar expectativas favoráveis do público leitor. Isso foi feito pelo *Olho da Rua* com relação aos *Abutres*, e por diversos outros periódicos com relação a outras obras. Nesse sentido, no último ano do século, anunciava-se um lote de novas edições:

> Acham-se no prelo: o *Amor Bucolico*, de Julio Pernetta. Deliciosos contos e costumes paranaenses; *Brindes*, magnifico livro de contos de Nestor de Castro.
> Acham-se a sahir muito breve os livros seguintes, cuja opulenta promessa d'Arte fulge em os nomes da mór parte dos artistas que os crearam:
> *Allegoria* - por Emiliano Pernetta; *Litanias* - de Leoncio Correia; *A Hora*, por Nestor Victor; *Exotericas* de Dario Vellozo; *Luar de Hinverno*, de Silveira Netto; *Malditos* - de Julio Pernetta; *Bento Cego* - por Nestor de Castro; *Fogo Sagrado* - de Romario Martins; *Fogo-fatuo*; de Alfredo Coelho; *Occasos* - de Thiago Peixoto [...][140]

Divulgadas extensivamente, as obras produzidas por editores paranaenses tiveram maior ou menor sucesso dentro e fora do estado conforme o empenho de seus autores e editores. Citamos anteriormente os exemplos de obras didáticas com diversas reedições que são uma exceção à regra, já que a maioria das obras teve edição única, ainda que algumas tenham sido recebidas com entusiasmo por público e críticos. Nesse sentido, os vínculos que o mercado editorial estabeleceu com seus leitores foram de extensa promoção dos intelectuais paranaenses no

139 LOGUSTA. Utopias. *O Sapo I* (31), Curitiba, 02/out./1898, p.2.; LOGUSTA. Utopias. *O Sapo I* (32), Curitiba, 09/out./1898, p.4

140 Ronda da arte. *Pallium I* (1), Curitiba, set./1898, s./p; Ronda da Arte. *Pallium I* (IV) - II epocha. Curitiba, ago./1900.

âmbito local e nacional, buscando a afirmação de identidades regionais face à nação, no sentido em que a edição de livros e, particularmente, periódicos, buscava enaltecer os autores locais[141] – talentosos ou não – e, simultaneamente divulgá-los para fora do Estado, em uma tentativa de marcar uma presença real no cenário intelectual brasileiro. Ao mesmo tempo, como editoras (tipografias) e livrarias eram atividades em geral reunidas no mesmo local, equiparava-se a produção local com a advinda de outros centros.

Embora possa-se falar mais em atividade editorial – no sentido de livros feitos eventualmente por empresas tipográficas, dedicadas também a outras atividades (papelaria, etiquetas, etc.) do que em casas editoras propriamente ditas, – ou seja, empresas cuja única atividade fosse a edição e venda de livros, como a Casa Garnier ou a empresa de José Olympio, no Rio de Janeiro[142] –, esta faceta do universo da leitura esteve presente no meio paranaense de forma intensa e constante, suficiente para marcar uma época de alta produtividade em termos de textos impressos (livros e periódicos), feita para abastecer o mercado local e, ao mesmo tempo, afirmar a presença de uma intelectualidade ativa.

Essas características de público leitor e de efervescência intelectual tinham outros locais de atividade concentrada, locais estes que serviam também como ponto de encontro e referência social: os clubes de leituras e as bibliotecas públicas e privadas.

Clubes e bibliotecas

A história do livro proporcionou diversos desdobramentos conexos à história da leitura, como a história da alfabetização, do comércio e circulação de livros, da formação de bibliotecas, das relações historiográficas entre o historiador e suas leituras, etc. Se tomarmos, por exemplo, o caso da Grécia Antiga, veremos que a

141 Podemos citar Dario Vellozo, Emiliano Pernetta e Rocha Pombo, entre diversos outros.

142 HALLEWELL, op. cit., p. 415.

leitura era designada por palavras que significavam tanto "o ato de reconhecer" quanto "falar". Assim, "mesmo o leitor solitário [...] não [era] silencioso: ele provavelmente [lia] à meia voz, o que [reduzia] as distâncias entre a leitura individual e a leitura coletiva. Jamais se [lia] unicamente com os olhos; mesmo nas bibliotecas, onde o ruído deveria ser insuportável. Mesmo quando se [estava] completamente só, como vemos na comédia quando aquele que recebia uma carta, a [lia] alto não somente porque [era] necessário informar o público, mas também porque [era] o costume".[143]

Há porém, um grande fosso entre ser capaz de "reconhecer" sinais alfabéticos e ler livros ou opúsculos mais ou menos longos. E essa capacidade tem uma ligação íntima com a disponibilidade de material de leitura em uma dada sociedade. No caso estudado por Luciano Canfora, ainda que os livros fossem objetos de "circulação limitada" na antiguidade grega, havia uma crescente preocupação com a formação de bibliotecas – como a de Alexandria.[144]

Aqui aponta-se para um dos mais instigantes campos de estudo na história da leitura, a formação e manutenção de bibliotecas. No caso acima, o fenômeno da criação de bibliotecas não criara ao seu redor, nem na Grécia, nem em Roma, um "universo de leitores". Em Atenas, segundo Aristóteles, apesar da circulação limitada de livros, a maioria dos atenienses, ainda que alfabetizada rudimentarmente, só se utilizava desse conhecimento "para os negócios e para a administração do patrimônio e para a política".[145] Em Roma, a moda de grandes bibliotecas particulares iniciada por Silas e Lúculo no início do Império, também não significava uma generalização do hábito da leitura. A biblioteca de Lúculo continha essencialmente obras clássicas gregas, acessíveis somente aos eruditos romanos bilíngues, como Cícero e o próprio Lúculo.

---

143 CANFORA, Luciano. Lire a Athènes et a Rome. *Annales E.S.C.*, *44*(4). jul./aut., 1989, p. 927.

144 CANFORA, Luciano. *A biblioteca desaparecida*; histórias da biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

145 CANFORA, Lire a Athènes...., p. 930.

Eventualmente, próximo do fim do Império Romano, essas bibliotecas particulares passaram a ser um aspecto decorativo do *domus* de alguns cidadãos romanos que, apesar do esforço – capitaneado por Cícero – de tradução para o latim dos clássicos, não tinham o habito de ler. Sêneca e Plínio, o moço, lamentavam a decadência do interesse pela leitura, tanto individual (nas bibliotecas particulares), quanto as leituras públicas, realizadas nos palácios e nas bibliotecas, como a de Alexandria.[146] Em outros momentos, a constituição de bibliotecas teve características diferenciadas. Se pensarmos nos conventos medievais ou nas grandes bibliotecas do século XVII, teremos dois universos intelectuais distintos com o fator comum de que a palavra escrita tinha um valor crucial, qual seja o de que o destino das ideias estava intimamente ligado "à precariedade da página escrita".[147] No caso da Itália do início do século XVII, as grandes bibliotecas, como a Ambrosiana de Milão, a Vaticana e a do Colégio Romano, serviam "como instrumento de monopólio intelectual [...] [e] exprimiam a força e o prestígio da cultura humanística e teológica tradicional que forjava novos instrumentos de erudição e exegese: as armas mais modernas para sustentar em todos os *fronts* intelectuais o esforço da reforma católica e a luta religiosa".[148] Contudo, ao mesmo tempo que as bibliotecas serviam como "pontos fortes da cultura teológica e humanista", elas eram também o instrumento por excelência da formação de novas ideias. Assim, à riqueza das grandes bibliotecas do período corresponde a perseguição e o ocultamento da palavra escrita considerada perigosa. Através da constante patrulha (buscando livros novos com os viajantes e os correios que chegam à cidade, por exemplo) o Santo Ofício, auxiliado pela Congregação do Índex, tentava controlar a circulação de livros. Seu sucesso é relativo, se considerarmos a

146 Idem, p. 936.

147 REDONDI, Pietro. *Galileu herético*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 91-92.

148 Idem, p. 91.

ampla circulação que livros proibidos tiveram, principalmente na Itália.[149]

Mesmo com essas restrições, as bibliotecas de então contavam com diversas obras que com frequência chocavam-se com os interesses da Igreja Católica tridentina. Se os jesuítas "cobriam o mapa da Europa com bibliotecas muito atualizadas" nas quais, inspirados na Biblioteca Vaticana, eles modelavam uma súmula do saber (a *Ratio studiorum*), leigos, reunidos em academias como a dos *Lincei* – que incluía Galileu Galilei – também aspiravam instituir bibliotecas científicas por várias cidades na Itália. Esses leigos, responsáveis pela renovação do pensamento que a obra de Galileu representava, inspiravam suas bibliotecas naquela do mentor dessa academia, o príncipe Federico Cesi. Esse intelectual menor do período tinha características extraordinárias que proporcionaram-lhe a possibilidade de realizar aquilo que "todos, de Bacon a Campanella, sonhavam", criar academias, bibliotecas e edições – como as das obras de Galileu.[150] Similarmente, os clubes de leitura tiveram um importante papel na difusão de ideias por toda a Europa dos séculos XVIII e XIX,[151] facilitando que um maior número de leitores tivesse acesso a uma maior quantidade de obras.

No caso específico deste estudo, o Paraná conheceu, durante a segunda metade do século XIX, um verdadeiro surto de criação de clubes literários. Essa afirmação foi feita em 1877, pelo então presidente da província, Lamenha Lins, que dizia que "[...] Em todas as cidades da Província, e em algumas de suas villas principaes, existem clubs populares de leitura". Tal fato, que

149 GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*; o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 114.

150 REDONDI, op. cit., p. 94.

151 Ver: DARNTON. op. cit., Ver também, para os clubes de leitura no Brasil Império, SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do Século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANI, Stella. *Imagens da cidade*; séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH/SP; Marco Zero; Fapesp, 1994. p. 147-162.

manifestava "a tendência dos paranaenses para as letras",[152] é corroborado pelas edições de 1877 e 1880 do *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Provincia do Paraná*, onde foram listados clubes literários para as cidades de Ponta Grossa, Lapa, Antonina, Morretes, Campo Largo, São José, Jaguariaíva, Porto de Cima e Curitiba, abrangendo praticamente todas as aglomerações urbanas da Província à época.

Semelhante às mudanças verificadas na Corte Imperial,[153] essa profusão ocorreu principalmente na década de 1870 e poucos desses clubes entraram no século XX ainda em atividade. Mesmo assim apresentavam bibliotecas consideráveis. Enquanto a BPPR, criada em 1859, apresentava um acervo de 834 livros em 1877 (e de 2.197 volumes em 1911), o *Club Litterario Curitibano,* inaugurado em 1874, possuía "mais de 700 volumes de diversas obras scientificas e literarias" três anos após iniciar suas atividades; à mesma época, o *Club Litterario de Paranaguá* (de 1872) possuía 1.841 volumes em sua biblioteca e o *Club de Leitura Portocimence* (de 1875), aproximadamente 600 volumes.[154]

Embora relacionados a pequenas populações urbanas (Porto de Cima, por exemplo, tinha 1.869 habitantes em 1872, 243 dos quais eram escravos, e a maioria vivendo fora do núcleo urbano), esses clubes revelam um empenho civilizador, no qual o clube tem muito mais um aspecto simbólico que uma função de ampliação do universo de leitores, atendendo a uma parcela de pessoas que, embora preocupada com a criação de bases institucionais para a leitura, já entrara no mundo da leitura pela via da educação formal.[155]

---

152 LINS, Lamenha. Relatório do Presidente da província do Paraná, 1877 apud. Boletim do Arquivo do Paraná, n. 19.

153 ver: SCHAPOCHNIK, op. cit., p. 147-162.

154 BARROS, José Ferreira de *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Provincia do Paraná* para o anno de 1877. Curitiba: s./ed. 1877.

155 De acordo com dados da época, a população do Paraná somava 243.665 pessoas em 1890, 397.035 em 1900 e 678.872 em 1917 (GOMES, Do ensino....). A população de Curitiba era de 24.664 em 1872. Paranaguá contava, no mesmo ano, com 14.276 habitantes e, em 1935, essa população era

Não obstante, a criação e manutenção desses clubes não foi fácil, e frequentemente a experiência ficou reduzida a pouco menos de uma década. Uma das tentativas bem-sucedidas – ao menos em termos de continuidade – foi o *Club Litterario de Paranaguá*. Criado em 1872, o *Litterario* foi, a princípio, uma organização voltada a ideias abolicionistas e, depois, republicanas.[156] Nas palavras de Rocha Pombo, o surgimento do clube deu-se no bojo de um "espírito de iniciativa, que dava clubs e associações litterarias por toda a parte",[157] integrando o que Nestor de Castro chamou de uma

> clarividente disposição perceptiva, aquelle sacudimento geral que se manifestou, de 1850 em diante, pela creação de uma infinidade de corporações recreativas, dramaticas, musicaes e typographicas, e d'onde, por fim, surgio o "Club Litterario"[158]

De fato, o clube foi criado, segundo seus estatutos, reformulados em 1914, como uma "organização litteraria e recreativa", cujos principais fins eram:

> a) manter uma bibliotheca em condições de facilitar a leitura de obras litterarias e scientificas, de jornaes, revistas e outras publicações.
> b) manter aos socios, toda a especie de diversões, como sejam: Dança, musica, leitura, conferencia, jogos licitos e outros, procurar por meio de correspondencia continua, a approximação de associações congeneres deste e de outros Estados, mantendo permuta de livros, jornaes, revistas e publicações.[159]

---

de 22.000. BARROS, José Ferreira de, org. *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Provincia do Paraná* para o anno de 1880. Curitiba, 1880; *Almanach Laemmert* - Separata para o estado do Paraná. Rio de Janeiro, 1935.

156 O Club Litterario e o seu 49º. anniversario de fundação. *O Itiberê III* (28-29), Paranaguá, ago./set./1921, p. 36.

157 Apud: CASTRO, Nestor de. O "Club Litterario" fundado a 9 de agosto de 1872. *Club Coritibano*. No. Especial. Curytiba, 19 de dezembro de 1903, p. XVII-XIX.

158 Ibid.

159 *Estatutos do Club Litterario de Paranaguá.* Curityba, Typographia d' "A Republica": 1914.

A biblioteca, poucos anos após sua instalação (1880), contava com um acervo de mais de 2.000 volumes. Décadas depois, esta ainda era considerada a maior biblioteca do estado, e que possuía "as mais importantes obras da litteratura mundial".[160] De fato, a biblioteca era o centro das atenções e atividades do clube. Em seu regulamento, contavam, entre as obrigações do bibliotecário, "manter correspondencia directa e constante com todas as bibliothecas conhecidas no Brasil e extrangeiro, solicitando a remessa de livros, o mesmo praticando com as redações de jornal, com os poderes publicos pedindo a remessa das leis e outras publicações periódicas ou não, assim como mappas [...]".[161] Sendo um clube, a biblioteca tinha seu uso restrito aos sócios, que podiam emprestar livros por até uma semana (no caso de romances) ou consultar as obras de consulta científica e literária, ou obras raras, na sala de leitura do clube, já que ninguém, além do bibliotecário poderia ter acesso às estantes. Não sócios, desde que convidados, também podiam frequentar a biblioteca e consultar seu acervo de jornais e livros. As regras de comportamento incluíam silêncio no salão da biblioteca "não sendo ali permitidas conversas nem discussões de qualquer ordem". As penalidades eram severas nesses casos e a não devolução de livros no prazo ou em bom estado, implicava em pesada multa e na exclusão do quadro de associados para os casos reincidentes.[162]

Embora funcionasse, por anos a fio, em várias sedes provisórias, alugadas ou emprestadas, na década de 1920, o *Litterario* já funcionava em sede própria, e, além da biblioteca, mantinha uma publicação mensal que se encarregava de divulgar as obras recebidas (*O Itiberê,* que circulou entre 1919 e 1926) além de pôr em prática a atribuição de intercâmbio colocada ao

160 O Club Litterario e o seu 49º. anniversario ... p. 36.

161 *Estatutos* ... p. 22.

162 Ibid., p. 23.

bibliotecário. Essa propaganda apresentou resultados bastante positivos e, em 1920, a biblioteca recebeu 273 volumes de livros ofertados por pessoas e instituições de todo o Brasil, de Portugal, da Argentina e do Paraguai, além de um grande número de jornais e revistas.[163]

O destino dessa biblioteca foi funesto, mas revelador de seu conteúdo. Depois de dois incêndios causados por curtos-circuitos, toda a sede do clube e seus livros e jornais queimaram, com os objetos do clube, à exceção de alguns poucos, salvos "com a cooperação valiosa de socios e de pessoas dedicadas [...], tendo sido retiradas muitas cadeiras, uma meza, o piano, o aparelho de rádio e alguns livros da bibliotheca [...]". A biblioteca e os móveis tinham seguro no valor de 50:000$000, dos quais 48:118$600 foram pagos, bem como 150:000$000 pelo prédio. Ou seja, o valor da biblioteca era de quase um terço do total do prédio, ao menos de acordo com quem a avaliou para fins de seguro.[164]

O *Club Litterario Curitibano*, inaugurado em 1874, possuía um acervo bem menor que seu sucedâneo parnanguara (mais de 800 livros, além de mapas e jornais) e teve uma duração bem menor. Seu sucessor mais longevo, o *Club Curitibano*, fundado em 1884, teve um papel fundamental no meio artístico e intelectual paranaense do fim do século XIX e início do XX. Através das páginas de seu periódico (*Club Coritibano*) virtualmente todos os escritores e pensadores paranaenses puderam contar com um veículo regular para suas produções artísticas e críticas.[165] Embora bastante rico posteriormente, nos anos imediatos à sua fundação, os obstáculos enfrentados pelo *Curitibano* iam desde a falta de uma biblioteca à exiguidade do capital em caixa. Em 1889 essa crise inicial parece ter sido superada devido à habilidade administrativa

163 Relatório apresentado pelo presidente do Club Litterario de Paranaguá [...] *O Itiberê II* (9), Paranaguá, jan./1920, p. 19-20.

164 CLUB LITTERARIO DE PARANAGUÁ - 1872-1931. Relatório lido na sessão magna em a noite de 9 de agosto de 1931 [...]. Paranaguá, Typ. da Papelaria Econômica, 1931.

165 DICIONÁRIO ..., p. 77-80.

da diretoria. A biblioteca, já instalada e bem sortida, foi ampliada com a aquisição de diversos novos livros.[166]

Uma vez estabelecido, o clube tornou-se a grande referência de entretenimento, só superada, nas décadas iniciais do século XX, pelos cinematógrafos. [167] Servia também como "ponto de convergência de leitores que consultavam suas bibliotecas ou ouviam atentamente às conferências que precediam os saraus".[168] Em suas diversas sedes, a biblioteca sempre mereceu destaque e funcionou como atrativo para novos sócios:

> Um dia fallavamos de Stuart-Mill s [sic.]... O Dr. é um enthusiasta por elle e de tal forma que discorreo longamente sobre suas obras...
> —Conhece La Liberté, Dr.?
> —Oh! nem me fale amigo. Dou um doce a quem me arranjar essa obra.
> Então contei-lhe que a bibliotheca do Club Coritibano, além déssa, possue outras excellentes obras de subido valor; falei-lhe do Larousse, da Revista completa do Instituto Histórico e Geographico Brazileiro, da Revista de Portugal...
> —Oh! então é tão rica assim a bibliotheca desse club?
> —Regular, Dr., e até tomo a liberdade de convidal-o para ser socio delle... O Dr. lucra e o club ganha... [...] [169]

Na sede do clube, (inaugurada em 1922), construída na Rua XV de Novembro e próxima, portanto, da maior parte das livrarias da cidade, a biblioteca impressionava os visitantes:

> O terceiro pavimento está dividido em cinco vastos salões: o da bibliotheca que é dos que mais impressionam pela originalidade do seu estylo. Encontra-se ali uma verdadeira creação buscada em motivos puramente regionaes. Os armários de imbuia e cedro são um primor como trabalho de entalhe [...]

166 A opinião. *A Galeria Illustrada I* (11). Curitiba, 30 de abril de 1889, p. 90.

167 BRANDÃO, op. cit., .

168 DICIONÁRIO, ..., p. 81.

169 Ser e não parecer. *O Sapo I* (14) Curitiba, 05/jun./1898, p. 1.

> A bibliotheca tem já cerca de 4.000 volumes de litteratura, história, sociologia, ciência e arte, afora a "Estante Paranaense" que consta 600 volumes e foi creada em 1928.[170]

Além dos clubes, o Estado possuía, desde 1859, uma biblioteca pública, instalada de forma eternamente provisória. A BPPR dependeu de doações particulares e listas de assinaturas para se manter funcionando precariamente, além de passar por várias reformulações, reformas e mudanças até conseguir sua sede definitiva na década de 1950. Embora a imprensa considere a biblioteca pública de forma depreciativa, sendo sistematicamente descurada e abandonada por seu mantenedor, o governo estadual, ela abastecia de livros uma parcela significativa de estudantes e habitantes da cidade de Curitiba.

A Biblioteca Pública não escapou de uma análise depreciativa, como aliás era comum no mesmo período. Em 1911, a BPPR "cuja existência, remontando á 40 annos, é assaz longa e mui dispar com as proporções acanhadas que ainda reveste, [...]" inspirava "verdadeira lástima a quem á vista de semelhante abandono, faz ligeiro confronto mental entre ella e as de outros Estados, ricas, reunindo valiosas collecções, diariamente catalogando todas as novidades da litteratura mundial"[171]. Em 1920 ela estava:

> sem a organização que deveria ter, incompleta, desprezada pelo poderes públicos, sem verbas para o custeio de seu reduzido acervo Bibliográphico,
> Alojada em lugar inadequado, jogada ao abandono, é frequentada quasi que exclusivamente por alunos inscriptos no estabelecimento em que funciona, sem o conforto e sem os requisitos indispensáveis a semelhante instituição.[172]

170 O patrimonio do Clube Curitibano. *Prata da Casa VII* (46). 1º. Trimestre, 1933.

171 Bibliotheca Pública. *O Paraná VI*(47) 24/abr./1911. p.1.

172 A nossa Biblioteca. *Gazeta do Povo*, 26 de agosto de 1920, p. 1.

No período em questão, a BPPR funcionava junto ao Ginásio Paranaense, em uma sala pequena e empoeirada "quasi de uso privado do officialismo e de alguns estudantes si é que os estudantes e o funcionalismo não ignoram, como a maior parte da população desta capital, a existência de uma bibliotheca, aliás selecta, mas escondida n'um aposento do Gymnasio e alli votada ás devastações do tempo e das traças".[173] Apesar disso, em 1911, ano em que essa crítica foi publicada, ela contava com um acervo de 990 títulos e mais de 2,000 volumes e teve cerca de 500 consultas registradas.[174]

Outra importante biblioteca do período foi aquela criada junto à Universidade do Paraná. Visando atender a um público estudantil vindo de todo o Estado para cursar direito, medicina, odontologia, farmácia, comércio ou engenharia, essa biblioteca ilustra bem o processo de criação de um acervo. A universidade foi fundada em 1912, em moldes muito próximos à *Polytechnique* francesa,[175] com cursos voltados a atividades práticas e em demanda naquela sociedade. Em 1913, a biblioteca contava com um acervo de "1274 volumes correspondentes a 972 obras", distribuídos entre os vários cursos. O acervo inicial foi composto, em sua maior parte, por doações feitas pelos próprios professores, o fundador Nilo Cairo sendo um dos que mais livros doou naquele primeiro ano (depois da livraria Francisco Alves, do Rio de Janeiro). Houve ainda a aquisição de livros pela universidade "seja [...] em Curityba, seja no Rio de Janeiro". Inicialmente instalada em um espaço acanhado, a biblioteca não contabilizou frequentadores nem imprimiu seu catálogo (embora uma versão manuscrita existisse).

---

173 Bibliotheca Pública. ...

174 Em meu trabalho sobre educação sexual e leitura, fiz um estudo sistemático sobre a BPPR. Remeto o leitor àquele texto, o qual, aliás, serviu de inspiração para o presente trabalho. Para maiores detalhes quanto a essa instituição, ver: DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer*; a sexualidade através da leitura no início do século. Campinas: Ed.UNICAMP, 1999, particularmente o primeiro capítulo, "Venturas e desventuras de um bibliotecário".

175 MAYER, Arno. *A força da tradição*; a persistência do antigo regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.258.

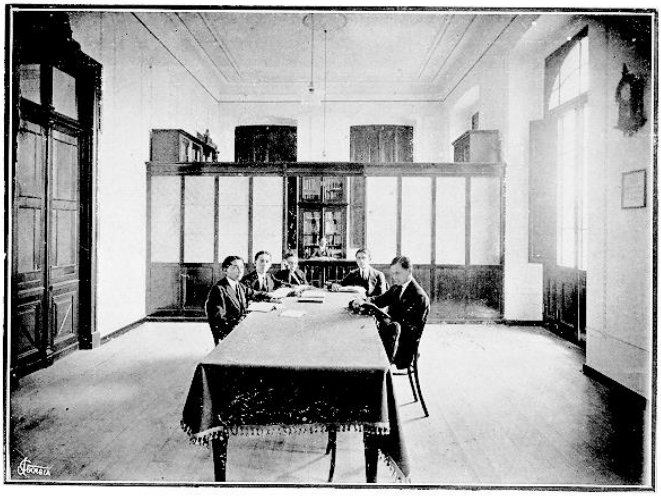
A biblioteca tinha um papel importante na organização da universidade:

> Uma vez installada a Universidade no seu prédio em construção á Praça Santos Andrade, é pensamento da directoria collocar a bibliotheca em um espaçoso salão, onde então será possível tornar mais regular o movimento de consultas e leitura. Por isso mesmo sou de opinião que se deve crear o cargo de sub-bibliothecario, funcionário encarregado de ficar permanentemente á frente da bibliotheca, servindo os frequentadores della, e substituir o bibliothecario em seus impedimentos temporarios.[176]

A partir de 1914, melhor organizada e já funcionando no novo edifício, a biblioteca fornecia a base necessária ao público acadêmico, podendo ser "livremente frequentada por lentes e alumnos". Em termos estatísticos, a frequência anual cresceu de 647 obras consultadas em 1914 para 2.898 no ano seguinte e 3.638 em 1916. Seu acervo foi ampliado principalmente devido a um grande número de doações (como, em 1914, as de Victor Ferreira do Amaral, um dos fundadores da universidade, que doou à biblioteca 134 obras; da Faculdade de Medicina da Bahia, que enviou 44 teses médicas ou as 204 obras de doadores diversos, em 1916). Dos 1.274 volumes e 972 obras originais, passou a ter 2.830 volumes (2.274 obras) três anos depois. [177]

176 UNIVERSIDADE DO PARANÁ. *Relatório Geral da Universidade do Paraná*. Curityba, Typ. Alfredo Hoffman, 1913.

177 UNIVERSIDADE DO PARANÁ. *Relatório Geral da Universidade do Paraná para 1915*. Curityba: Typographia Max Roesner, 1915. UNIVERSIDADE DO PARANÁ. *Relatório Geral da Universidade do Paraná para 1916*. Curityba: Typographia d'A República, 1917.



Bibliotheca e sala de leitura

Bibliotheca

A exemplo do que acontecia com outras bibliotecas (BPPR, *Club Coritibano*), também na Universidade do Paraná os leitores

não tinham acesso livre às estantes (exceção feita a dicionários e obras de referência). Os livros eram solicitados ao "sub-bibliotecário", postado atrás de uma porta balconada e eram lidos em grandes mesas distribuídas por um salão bem iluminado.

Embora altamente especializada, essa biblioteca constituiu-se em uma das maiores do Estado de forma muito rápida,[178] tornando-se referência obrigatória para o universo da leitura da capital, senão de todo o Estado, considerando-se a origem dos alunos desses anos iniciais, vindos de praticamente todas as cidades paranaenses, de forma crescente à medida que se avançava no século XX.

Outras bibliotecas supriam as necessidades de leitura, principalmente na capital do Estado. A *Associação Coritibana dos Empregados no Comércio* mantinha, agregada aos cursos de contabilidade e semelhantes, uma biblioteca para seus associados. Embora a *Associação* buscasse especialização nas áreas comerciais, a biblioteca mantinha romances, contos e novelas, livros de versos, de língua e literatura francesa e inglesa, matemática, geografia, história natural, física, química e filosofia, além de jornais e revistas locais e nacionais. As consultas e empréstimos variaram de 205 em dezembro de 1918 a 1.099 em janeiro e fevereiro de 1921.[179] Podemos citar ainda a biblioteca que a *Liga de Ensino e Civismo* pretendia instituir quando de sua criação, em 1918, que seria "dividida por quatro seções: I. literatura paranaense; II. literatura brasileira em geral; III. philosophia; IV. sciencias em geral";[180] a biblioteca da *Escola Brasil Civico*, que visava facultar "aos educandos bons meios de estudo";[181] e a biblioteca do *Templo das Musas* (sede do INP), composta por obras esotéricas (ou por

178 Para fins de comparação, o Acervo da BPPR, em 1919, era de 2.197 volumes (990 obras).

179 Movimento Social.*União e Trabalho. I*(1), junho de 1919, p. 7-12; Movimento da bibliotheca. *União e trabalho III*(20),fevereiro de 1921,. p. 140.

180 Liga de ensino e civismo. *Revista do Povo III* (18), Curitiba, 17/ago./1918, s./p.

181 VELLOZO, Dario. Escola Brasil Civico. *Fanal III* (18,19,20), Curitiba, julho, agosto e setembro, 1913, p. 388-340.

aquelas selecionadas pelo *Antigo* – Eusébio da Mota – ou por Dario Vellozo) obtidas por doação ou compra, "de modo a constituir valiosa fonte de estudo e conhecimento". Essa última (biblioteca) serviria como base da associação e era rigidamente regulamentada, com mais proibições que direitos:

> Art. 2. Não é permitido:
> 1. Cuspir no pavimento
> 2. Fumar, comer ou beber no interior do edificio
> 3. Palestrar, altercar, discutir;
> 4. Toccar nos livros das estantes;
> 5. Annotar os livros, assignalar as paginas ou marcar as folhas
> 6. Estar folheando o volume, pedido ao bibliothecario, por mero passa tempo;
> 7. Servir-se de tinta, devendo as notas serem tomadas a lapis;
> Art. 3. Os livros não sahem da sala da Bibliotheca, sob pretexto algum.
> Par. Unico. Quando haja absoluta necessidade de levar algum livro á sala das reuniões, precederá autorização do Antigo.
> Art. 4. Estará franqueada: Nas Segundas, Quartas e Sextas: de 13 a 16 horas (1 ás 4 horas da tarde).[182]

Todas essas instituições e iniciativas tinham como objetivo claro a leitura, ou a possibilidade da leitura, das obras contidas em acervos e coleções. Clubes, escolas e bibliotecas, manifestavam em suas organizações a necessidade de um local adequado para guarda e consulta de livros, local este frequentemente dotado de uma aura sagrada ou semi sagrada. O acesso a essas bibliotecas era restrito àquela parte da população devidamente alfabetizada, no caso da Biblioteca Pública, ou que comungasse com os interesses ou necessidades de empregados, sócios, alunos, ou qualquer que fosse a categoria agrupada. De qualquer forma, a presença das bibliotecas e clubes revela um fluxo de leituras e leitores circulando

182 Regulamento interno da bibliotheca do Instituto Neo-Pythagorico. *Myrto e Acacia III* (11 e 12), primavera e estio, 1918, p. 126-7.

naquela sociedade, permitindo o acesso às obras que nem todos tinham, ou tinham possibilidade de ter, em casa.

Representativos do universo da leitura, clubes literários, bibliotecas públicas ou de instituições completam o quadro que se buscou elaborar nesse capítulo, aquele de um ambiente que propiciava às pessoas acesso a um vasto material de leitura. Embora nem todos os leitores fossem tão profícuos ou dedicados como Dario Vellozo, muitos deles deixaram pistas sobre suas leituras nessas instituições, ou de como os livros que estavam guardados nas bibliotecas ou à venda nas livrarias exerciam um papel fundamental de aglutinador social.

Esses locais privilegiados da leitura ocupavam posição de destaque na vida das pessoas, tanto aquelas envolvidas com as instituições que os mantinham quanto outras, interessadas apenas no lazer ou na informação que tais espaços podiam proporcionar.

3

Formas da Leitura

Uma vez constituído o pano de fundo, delineado na disponibilidade de material de leitura, temos respostas parciais para algumas das questões da história da leitura (principalmente com relação ao que poderia ser lido onde). Embora possamos, nesse ponto, visualizar o quadro geral de algumas das práticas relacionadas à leitura, restam ainda incontáveis aspectos que podem compor melhor os quadros da história que se pretende delinear aqui.

Se, no capítulo anterior visava-se estabelecer, ainda que parcialmente, um balanço do que se convencionou chamar de efervescência intelectual no Paraná tradicional da virada do século, tendo como fio condutor as questões ligadas à leitura, este capítulo será feito como uma sondagem sobre questões mais específicas, buscando achar algumas respostas, ainda que parciais, para os "como" e "por quê" da leitura.

Nesse sentido, lidar-se-á com questões relativas às formas como leitura, livros e bibliotecas eram compreendidos e representados por essa sociedade, ou seja, as ideias em torno da leitura (do livro, da biblioteca, ...) em seus "trajes" simbólicos, as caracterizações e seus objetivos para além da própria representação, quais sejam, os significados que a ideia da leitura assumiu entre os habitantes alfabetizados das cidades paranaenses – particularmente Curitiba – naquele momento.

Como no capítulo anterior, iniciaremos com as experiências de personagens reais em suas relações com o universo da leitura.

Se Dario Vellozo foi visto por sua inserção no mundo da palavra impressa, os protagonistas aqui serão estudados a partir de sua atuação como leitores.[1]

Deusdedit, Joakim, seus livros e autores[2]

Os diversos caminhos que a pesquisa histórica assume em seu decorrer são provavelmente seu aspecto mais encantador. É sem dúvida notável a perseverança que atêm algumas centenas de pessoas razoavelmente sérias e, em alguns casos, extremamente inteligentes e ilustradas, horas a fio em arquivos e bibliotecas, sofrendo todo o tipo de incômodos ao lidar com objetos e papéis – mais frequentemente – velhos e empoeirados, ou em frente a monitores de computador, a escrutinar centenas de milhares de páginas digitalizadas naqueles mesmos arquivos.

Todos eles discordariam veementemente do jornalista anônimo curitibano que, em 1911, criticava a então BPPR em termos nada elogiosos, dizendo que:

> a nossa [biblioteca], sempre emperrada nos montões de livros de venerável antiguidade, alli está n'uma acanhada sala do Gymnasio, fossilisada em archaicos armários, sob camadas de pó e mais própria a tentar a curiosidade de algum archeólogo do que a do estudioso dominado pelo justo receio de infecção pelos bacillos de Koch que ali socegadamente proliferam confiados na desidia do Estado.[3]

Ao contrário, vários historiadores estariam dispostos – hoje e naqueles dias – a correr o risco de contágio, unicamente para encontrarem "fontes" para seu trabalho de escrever a história.

1 Naturalmente, Dario Vellozo também pode – e deve – ser estudado a partir dessa perspectiva. Contudo, dado o imenso volume de suas leituras e de impressões de leitura, este seria um outro trabalho, que não faz parte deste, mas lhe é complementar.

2 Publicado originalmente em *Revista Brasileira de História*, v. 18, n. 35, p. 307-328, 1998.

3 Bibliotheca Pública. *O Paraná VI*(47) 24/abr./1911. p.1.

Robert Darnton conforta o historiador quando afirma que "construir mundos é uma das tarefas essenciais do historiador, e ele não a empreende pelo estranho desejo de escarafunchar arquivos e farejar papel embolorado – mas para conversar com os mortos".[4] É um conforto relativo, porém, pois à gratificante tarefa de (re)construir mundos, ainda se opõem as dificuldades que o historiador – de qualquer tendência teórico-metodológica – enfrenta[5] no intuito de ver concluídas suas considerações sobre, digamos, a cultura sexual greco-romana, a Paris de Voltaire ou o universo político da Primeira República no Brasil.

É claro que, depois que reúne seu material de pesquisa e começa a refletir sobre ele – ou melhor, a refletir com ele – o historiador pode sentir-se menos incomodado fisicamente e buscar aquela reconstrução de mundos perdidos com uma maior liberdade.

A BPPR, citada acima, pode servir para ilustrar essa série de relações que a pesquisa assume em seu percurso, por vezes partindo para caminhos que o historiador sequer imaginava poderem ser trilhados.

O trabalho com os registros de retirada da BPPR pode ser descrito dentro do quadro desenhado nas páginas anteriores. As quase duas dezenas de livros ata empoeirados, roído por traças, incompletos, jogados de um canto a outro da atual Biblioteca Pública do Paraná, conforme as necessidades de espaço e as múltiplas reformas e rearranjos – verdadeiro motivo de pânico para qualquer pesquisador – fornecem, contudo, um material extremamente rico, ainda que talvez seja somente a faísca inicial para um trabalho mais completo.[6]

---

[4] DARNTON, Robert. *Boêmia literária e revolução*; o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 7.

5 Talvez o termo inglês "endure", significando "aturar", "aguentar", ao mesmo tempo que "perseverar" e "persistir", dê uma ideia melhor dessa tarefa.

6 DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer*; a sexualidade através da leitura no início do século. Campinas: Ed.UNICAMP, 1999.

Esses registros são instigantes para a pesquisa, ainda que, em si sós, não constituam um objeto – ao menos não um objeto completo – de uma história da leitura, já que fornecem panoramas sobre a leitura no passado (quem lia o quê, quando e quanto) e não entram nas questões mais específicas da relação cognitiva implícita no ato de ler. Esses panoramas são, contudo, absolutamente necessários para apoiar essas últimas questões.[7]

É sobre esse panorama – ou um panorama possível – que gostaria de deter-me um pouco. Naturalmente, para não reproduzir aqui os próprios registros em sua íntegra (como o mapa perfeito de Borges),[8] tomo o universo das leituras de dois assíduos frequentadores da BPPR. Ainda que faltem algumas informações sobre esses dois personagens, desde o início eles causaram espécie ao pesquisador, seja pela particularidade do nome de um deles – Deusdedit – seja porque eles eram irmãos, seja ainda pela diversidade e frequência de suas leituras. Deusdedit e Joakim Moura Brasil também suscitaram questões sobre os hábitos da leitura no passado que gostaria de tentar desenvolver aqui e, isto feito, cruzar os escritos (fundamentais para esta análise) que os leitores Deusdedit e Joakim deixaram, com suas leituras na BPPR.

Este estudo preliminar, colocado portanto como um panorama da leitura no início do século, embora seja inicialmente marcado por uma abordagem quantitativa, não pretende situar a história da leitura no âmbito da *Histoire serielle au troisième niveau*, de Pierre Chaunu "(o 'terceiro nível', após o econômico e o social sendo aquele da cultura)".[9] Essa abordagem – já mencionada no primeiro capítulo, foi dominante na historiografia francesa durante os anos 1970, e é caracterizada como a tentativa de "medir

7 DENIPOTI, Cláudio. Leitores, escritores e o casamento. *Boletim do departamento de História da UFPR 31*, Curitiba, 1994. p. 33-48.

8 BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. In *Ficções*. São Paulo: Abril Cultural, 1971, p.84-94.

9 CHARTIER, Roger. Textos, símbolos e o espírito francês. *História Questões e Debates 24* (13). Curitiba, jul./dez. 1996, p. 5-27.

comportamentos através da contagem – contando missas para os mortos, quadros mostrando o purgatório, títulos de livros, discursos em academias, móveis em inventários, crimes nos arquivos policiais, invocações à Virgem Maria em testamentos, e o peso da cera das velas queimadas para os santos patronos das igrejas".[10] Robert Darnton objeta a essa abordagem afirmando que, em primeiro lugar, os objetos culturais, por não serem fabricados pelo historiador, mas sim pelas pessoas que ele estuda, têm uma natureza diferente daquela das informações contidas nas séries das histórias econômica e demográfica. "Eles têm que ser lidos, e não contados". Em segundo lugar, "a cultura não pode ser considerada como um nível de alguma entidade social semelhante a uma casa de três andares porque todas as relações interpessoais são de uma natureza cultural, mesmo aquelas que qualificamos de 'econômicas' ou 'sociais'".[11]

Sendo assim, esse estudo quer simplesmente, lançando mão do material bruto fornecido pela pesquisa naqueles papéis empoeirados dos livros de registro de retirada, pensar juntamente com o que esses registros fornecem. Ainda que antes de 1952, a BPPR tenha sido mais uma intenção do que um fato, ela existiu desde meados do século XIX na forma de uma pequena sala de livros, funcionando em salas cedidas por diversos órgãos do governo do Estado, principalmente o *Gymnasio Paranaense*. Nas décadas iniciais deste século, as descrições da BPPR são as de um órgão estatal abandonado pelo governo e razoavelmente restrito a um público de estudantes do *Gymnasio*.[12]

Os registros de retirada, marcados cotidianamente pelos bibliotecários e/ou responsáveis pela BPPR que se sucederam nos anos para os quais os livros ainda existem, fornecem uma série de

10 DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos*; e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 330.

11 CHARTIER, Textos, ..., DARNTON, *O grande massacre*... p. 330-1.

12 Bibliotheca Pública...; A nossa bibliotheca. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26/ago./1920, p. 1. Ver também DENIPOTI, *Páginas*... p. 22-24; 166-167

ideias sobre a leitura no passado. Deusdedit e Joakim surgiram nos registros pela primeira vez em 1914 (este em fevereiro e aquele em março). Ambos frequentaram a biblioteca intermitentemente até 1917, quando Joakim desapareceu dos registros. Deusdedit continuou retirando livros até outubro de 1918. Nesse ponto há uma interrupção nos registros remanescentes até 1921. Nenhum deles reaparece entre essa data e 1937. Durante os anos em que ambos frequentam a BPPR, é grande o número de dias em que os dois são listados consultando as obras do acervo.

As listagens elaboradas a partir de seus registros de leitura mostram uma ampla gama de interesses e uma intensa troca de informações sobre as obras lidas. É comum que, em curtos espaços de tempo, ambos consultem o mesmo livro, indicando que o primeiro leitor pode ter influenciado as escolhas do segundo. É o caso, por exemplo, das *Cartas literárias*, de Adolpho Caminha, consultadas por Joakim em 05 de fevereiro de 1917 e por Deusdedit dois dias depois. Ou ainda, *Casa de pensão*, de Aluizio Azevedo, que Deusdedit leu durante outubro de 1914 (três consultas nos dias 6, 15 e 19, indicando renovação de empréstimo) e que Joakim leu no mês seguinte (dias 9 e 12 de novembro), o mesmo acontecendo nesses mesmos meses (porém com dias diferentes nos registros) com outro livro de Azevedo, *O coruja* (ver Figura 1).

Ao todo eles estiveram na BPPR em 373 dias entre 1914-1918 (em 116 desses dias, ou cerca de 32%, ambos foram à biblioteca, possivelmente juntos). Seus nomes foram anotados nos livros de retirada mais de 550 vezes nesse período, referentes a 137 títulos de obras para Deusdedit e 78 para Joakim.[13] Dessas obras, ambos consultaram, em um ou outro momento, 38 títulos, que incluem, entre outros, diversas obras de Manoel de Macedo, José de Alencar e Aluízio Azevedo, a *Antropologia* e a *Raças humanas* de Oliveira

13 Para fins de comparação (e também buscando demonstrar a representatividade dos dados relativos aos nossos personagens), o total de consultas feitas à BBPR durante o período 1914-1918 foi de 6939. Deusdedit e Joakim contribuem portanto com 7,9% desse total, sendo este um dos maiores percentuais de consultas entre os frequentadores da BBPR.

Martins, *Os sertões* de Euclides da Cunha, e *Literatura contemporânea* de Sílvio Romero (ver figura 2).

Os registros de leitura permitem um mapeamento quantitativo, portanto, das leituras realizadas pelos irmãos Moura Brasil. Porém, no universo da história da leitura, as constatações estabelecidas por números com relação ao que foi lido, quando e por quem, não são suficientes. É necessário ir além e buscar as razões e as formas da leitura no passado.

Como isto pode ser feito no caso de nossos dois leitores? Primeiramente, é necessário que estabeleçamos melhor quem eles foram, qual seu passado com relação ao momento estudado e o que fizeram a partir de então. Em segundo lugar, devemos buscar em seus escritos as pistas sobre suas leituras, que de outra forma seriam inacessíveis para o historiador de hoje.

Nascidos no final do século XIX (Deusdedit em 1897 e Joakim em 1899), no interior do Ceará, os Moura Brasil vieram para o Paraná, em 1909, por iniciativa de seu pai, seleiro - "como o pae de Kant" - que viajava pela região Norte do Brasil vendendo seus produtos. Segundo o julgamento do chefe da família, o Sul, além de possibilitar melhores oportunidades de trabalho, também proporcionava "grande probabilidade de instruir os filhos, de formal-os homens úteis – e nos citava, frio mas sincero, patrícios nossos, no sul, econômica e intelectualmente preponderantes".[14]

Figura 1 - Leituras dos Moura Brasil na BPPR em Outubro e Novembro de 1914

Data		Título da Obra	Autor
01/10/14	Deusdedit	História Universal	Botelho, Raposo
01/	Joakim	Culto Do Dever (O)	Macedo, Manoel De
01/	Deusdedit	Recreação Philosophica	Almeida
02/	Deusdedit	História Natural	Langlebert, J.
02/	Joakim	Theatro	Macedo, Manoel De

14 MOURA BRASIL, Deusdedit. Ensaio Biographico sobre J. H. Moura Brasil, n.1899, f. 1917. *Revista Acadêmica II*(7): Coritiba, jul./1918, p.182-4.(cont.). p. 183.

03/	Joakim	Theatro	Macedo, Manoel De
03/	Deusdedit	Memórias Do Sobrinho De Meu Tio	Macedo, Manoel De
05/	Deusdedit	História Universal	Botelho, Raposo
06/	Deusdedit	Casa De Pensão	Azevedo, Aluizio De
06/	Joakim	Recreação Philosophica	Almeida
08/	Deusdedit	História Natural	Langlebert, J.
10/	Deusdedit	História Do Brasil	Ribeiro, João
10/	Joakim	Theatro	Macedo, Manoel De
13/	Deusdedit	História Natural	Langlebert, J.
14/	Deusdedit	História Universal	Botelho, Raposo
14/	Joakim	Theatro	Macedo, Manoel De
15/	Joakim	Memórias Do Sobrinho De Meu Tio	Macedo, Manoel De
15/	Deusdedit	Casa De Pensão	Azevedo, Aluizio De
16/	Deusdedit	Recreação Philosophica	Almeida
16/	Joakim	Memórias Do Sobrinho De Meu Tio	Macedo, Manoel De
19/	Deusdedit	Casa De Pensão	Azevedo, Aluzio De
19/	Joakim	História Do Brasil	Pombo, Rocha
20/	Deusdedit	História Universal	Botelho, Raposo
23/	Deusdedit	Recreação Philosophica	Almeida
24/	Deusdedit	Coruja (O)	Azevedo, Aluizio De
24/	Joakim	Lições De História	Vellozo, Dario
27/	Deusdedit	História Universal	Anquetil
27/	Deusdedit	Mulheres Celebres	Macedo, Manoel De
28/	Deusdedit	Coruja (O)	Azevedo, Aluizio De
28/	Joakim	Hygiene Do Amor	Mantegazza, Paolo
30/	Deusdedit	Coruja (O)	Azevedo, Aluizio De
03/11/14	Joakim	Hygiene Do Amor	Mantegazza, Paolo
03/	Deusdedit	Recreação Philosophica	Almeida
04/	Deusdedit	Coruja (O)	Azevedo, Aluizio De
04/	Deusdedit	História Universal	Botelho, Raposo
05/	Joakim	História Universal	Anquetil
05/	Joakim	Hygiene Do Amor	Mantegazza, Paolo
06/	Deusdedit	Coruja (O)	Azevedo, Aluizio De
07/	Deusdedit	História Universal	Botelho, Raposo
09/	Joakim	Casa De Pensão	Azevedo, Aluizio De

09/	Deusdedit	Physica	Guedes
10/	Deusdedit	Recreação Philosophica	Almeida
10/	Joakim	Mba	Munhoz, Alcides
11/	Deusdedit	História Universal	Botelho, Raposo
12/	Deusdedit	História Natural	Langlebert, J.
12/	Joakim	Casa De Pensão	Azevedo, Aluizio De
13/	Deusdedit	Romanceiro (O)	Coelho Netto
13/	Joakim	Coruja (O)	Azevedo, Aluizio De
16/	Deusdedit	Recreação Philosophica	Almeida
16/	Joakim	Coruja (O)	Azevedo, Aluizio De
17/	Deusdedit	História Universal	Botelho, Raposo
20/	Deusdedit	História Universal	Anquetil
20/	Joakim	Coruja (O)	Azevedo, Aluizio De
23/	Deusdedit	Recreação Philosophica	Almeida
23/	Joakim	Coruja (O)	Azevedo, Aluizio De
24/	Deusdedit	História Natural	Langlebert, J.
24/	Joakim	Forasteiro (O)	Macedo, Manoel De
25/	Deusdedit	Romanceiro (O)	Macedo, Manoel De
25/	Joakim	Forasteiro (O)	Macedo, Manoel De
26/	Deusdedit	História Do Brasil	Ribeiro, João
26/	Joakim	Forasteiro (O)	Macedo, Manoel De
27/	Deusdedit	História Universal	Anquetil
27/	Joakim	Cortiço (O)	Azevedo, Aluizio De
30/	Deusdedit	História Universal	Botelho, Raposo

Figura 2 - Leituras dos Moura Brasil
Biblioteca Pública do Paraná - 1911-1918 - Leituras coincidentes

Obra	Autor
Anthropologia	Martins, Oliveira
Bibliotheca Internacional	-X-
Capital Federal (A)	Ribas, Anselmo
Cartas Literárias	Caminha, Adolpho
Casa De Pensao	Azevedo, Aluizio De
Coruja (O)	Azevedo, Aluizio De
Crime Do Padre Amaro (O)	Queiroz, Eça De
Demonios	Azevedo, Aluizio De
Diva	Alencar, Jose De
Epochas E Individualidades	Bevilacqua, Clovis
Ermitao Da Gloria (O)	Alencar, Jose De

Escriptores E Escriptos	Magalhães, Valentim
Estudos De Literatura Brasileira	Veríssimo, José
Fogo (O)	D'annunzio, Gabriel
Foragido (O)	Figueiredo
Forasteiro (O)	Macedo, Manoel De
Garimpeiro (O)	Guimarães, Bernardo
Genio Do Cristianismo (O)	Chateaubriand
História Do Brasil	Pombo, Rocha
História Universal	Anquetil
Homem (O)	Azevedo, Aluizio De
Hygiene Do Amor	Mantegazza, Paolo
Inocencia	Taunay
Lendas E Romances	Guimarães, Bernardo
Lições De História	Vellozo, Dario
Literatura Contemporanea	Romero, Silvio
Memórias Do Sobrinho De Meu Tio	Macedo, Manoel De
Minas De Prata (AS)	Alencar, Jose De
Mulato (O)	Azevedo, Aluizio De
Nina	Macedo, Manoel De
Notas Do Dia	Arinos, Affonso
Obras Completas	Alves, Castro
Palavras Loucas	Oliveira, Alberto De
Raças Humanas	Martins, Oliveira
Recreação Philosophica	Almeida
Sertões (OS)	Cunha, Euclides Da
Theatro	Macedo, Manoel De

Inicialmente vivendo em Morretes (a 60 km de Curitiba), a família dedicou-se à agricultura, e os filhos tiveram que participar do trabalho junto com seu pai. Sobre este período de trabalho duro, Deusdedit escreveu que nenhum dos dois irmãos sentiu-se degradado por ter que trabalhar a terra, pois eles aprenderam "num livro de leitura infantil [que] o imperador chinez em certa phase do anno, empunhava o arado para, mostrar aos suditos quão dignificante o labor agrícola."[15] Em Morretes também, Joakim deu

15 MOURA BRASIL, Ensaio Biographico ... *Revista Acadêmica II*(8): Coritiba, ago./1918, p.211-14.(cont.).p. 211.

as primeiras mostras de gênio artístico e intelectual, dedicando-se ao desenho e à pintura desde tenra idade, pois "tendo ás mãos uma estampa lytographica, reclamo, copiava-a com gosto, reproduzindo também, com interesse, caricaturas de revistas, que lhe chegavam ao alcance"[16] Em 1910, Joakim redigiu um semanário manuscrito que quase causou a prisão de seu pai, devido à suspeita que fosse ele, e não o filho, o autor de artigos contra o *Gremio Horus Morretense*.

> O delegado, senhor Arthur Balster, não duvidava o auctor do escripto fosse papae, que só depois de ver o nome de seu filho no jornaleco soube da vocação jornalística do mano que tão pequeno revolucionava a cidade com seu arremedo de jornal em linguagem toda assimilada do terrível jornalista cearence João Brigido, incomprehensivel político que papae admirava e por isso guardava uma collecção do *Unitario* fonte encyclopedica do saudoso mano, que então tinha dez anos de idade.[17]

Ainda segundo Deusdedit, nesta época seu irmão já demonstrava uma forte obsessão com a morte, que lhe adviria prematuramente em 1917 (explicando assim o fim de suas visitas à BPPR em março daquele ano).[18] Em um artigo de 1916, parte de um de seus livros inéditos (*Dentro da Vida*), essa obsessão se manifestava nas inquietações de um enfermo:

> Tentou levantar-se, mas a sua geral fraqueza negou-lhe o esforço requerido para se por de pé... Tal era a sua debilidade physica, que nem siquer um membro conseguiu animar; parecia que seu corpo todo, n'uma contração macabra e vil, estava privado da faculdade de locomoção; dir-se-ia que uma forte lethargia paralysara-lhe os movimentos os mais futeis...

16 MOURA BRASIL, Ensaio Biographico ....

17 MOURA BRASIL, Ensaio Biographico ..., p. 213.

18 Deudedit publicou um ensaio biográfico sobre seu irmão em vários capítulos. Lamentavelmente as últimas partes do ensaio deixaram de ser publicadas por algum motivo, e não pudemos saber a causa ou a data precisa da morte de Joakim.

> Profundo desespero invadiu-lhe a alma, em convulsões de dor... diante de tanta resistência a que senão podia oppor, tal o depauperamento de suas forças, elle se maldisse, n'aquella hora em que seu coração não podia render um preito amigo de gratidão aos pés da donzella bemfazeja...
> Era profundo o seu pezar e mais a sua inquietação, a agitar-lhe as fibras, como vagalhões frementes de mar encapellado, a se chocarem d'encontro aos cachopos musgosos...[19]

Devemos supor que os irmãos vieram para Curitiba por volta de 1914 para realizar o desejo de seu pai de que se instruíssem. Foi nesse ano que seus nomes começaram a aparecer nos registros de retirada, levando-nos a crer que, como a grande maioria dos frequentadores da BPPR, eles fossem alunos do *Gymnasio Paranaense*, que abrigava o acervo da Biblioteca. De fato, no ano seguinte, Deusdedit aparece como aluno do primeiro ano do curso de "Sciencias Juridicas e Sociaes" da Universidade do Paraná, então em seu terceiro ano de funcionamento.[20] Embora não exista referência a Joakim nas listagens de alunos da Universidade, supomos que ele passou os anos de 1914 a 17 estudando em Curitiba, compartilhando com seu irmão as leituras que ambos realizaram na sala de leitura da Biblioteca Pública ou aquelas que Deusdedit possa ter feito na biblioteca da Universidade entre 1915 e a morte de seu irmão. Após formar-se advogado, Deusdedit prestou concurso para "lente substituto" na faculdade que cursara, em 1920. Não foi possível descobrir se sua tese foi ou não aprovada, mas ele a publicou no mesmo ano pela *Empresa Graphica Paranaense.*[21]

---

19 MOURA BRASIL, Joakin Honorio. O enfermo (Capítulo LXXI do livro inédito "dentro da vida"). *A falua I* (1), Coritiba, 01/ago./1916, p.7-9.

20 *RELATÓRIO Geral da Universidade do Paraná para 1915*. Curityba: Typographia Max Roesner, 1915; *RELATÓRIO Geral da Universidade do Paraná para 1916*. Curityba: Typographia d'A República, 1917.

21 MOURA BRASIL, Deusdedit. *Ontogenia do direito commercial*; dissertação e theses de concurso para prehenchimento do cargo de lente substituto [...] da faculdade de direito do Paraná. Coritiba: Empreza Graphica Paranaense, 1920.

No tocante aos escritos de nossos dois personagens, pouco daquilo que Joakim escreveu chegou a ser publicado. Além do artigo *O enfermo*, citado acima, há também um trecho de seu oitavo romance inédito, *O rato branco*, "concepção dos quinze anos incompletos", terminado em fevereiro de 1914, um texto ufanístico do sertão paranaense, escrito com algum esmero literário e assinado sob o pseudônimo *Sursum Corda*, que seu irmão incluiu no longo necrológio que publicou em capítulos em 1917.[22]

Já Deusdedit teve vários de seus trabalhos publicados, além da referida tese de concurso *Ontogenia do Direito Comercial,* de 1920, ele publicou *Loiras ao sol*, sobre a seca em seu estado natal e um discurso proferido em 1922 na região oeste do Paraná.[23] Em 1925, ele publicou, com sua esposa Aldamira, um pequeno livro de sonetos dedicados a Jesus, à "Mãe Santíssima" e a diversos santos católicos, mais como orações em verso que qualquer outra coisa.[24] Há, além disso, a referência a obras que permaneceram inéditas, como os romances *Os filhos do tropeiro* e *Alma de garoto*[25] e as obras jurídicas *A criminalidade no Paraná* e *Estrea no Fôro.*

Leitor assíduo, Deusdedit deixou em seus escritos, inúmeras impressões, não somente sobre os autores e obras que leu, mas também sobre o próprio processo de aprendizado calcado na leitura e sobre os meios para este aprendizado. Em sua dissertação para o concurso de professor na faculdade de direito, ele descreveu de forma bastante enfática o processo que caracterizou sua passagem pelas salas de aula daquela mesma faculdade. Esta foi,

---

22 MOURA BRASIL, Deusdedit. Ensaio Biographico ... *Revista Acadêmica II*(6): Coritiba, jun./1918, p.154-6.(cont.)

23 MOURA BRASIL, Deusdedit. *Loiras ao sol*; acerca da seca no Ceará. Curitiba: Livraria Mundial, 1919; _____. *Na fronteira do Brasil com a Argentina e o Paraguai*. Curityba, Typographia Moderna, 1922. Apud MOREIRA, Julio Estrella. *Dicionario bibliográfico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1957.

24 MOURA BRASIL, Aldamira & MOURA BRASIL, Deusdedit. Maria Salomé; sonetos. Coritiba: Moderna, 1925.

25 MOURA BRASIL, Deusdedit. Ensaio Biographico ... *Revista Acadêmica II*(7): Coritiba, jul./1918, p.182-4. (cont.). p. 184.

para ele, uma "phase acerrima em que me trepidaram espírito e corpo, como arbustos transplantados a regiões estranhas a lutarem com o meio tellurico...".[26]

Este processo foi traumático, já que não buscava meramente obter as notas para a aprovação nas cadeiras que cursou, mas tentava dar conta do aprendizado de forma mais completa. O trauma se manifestou ante o volume de leituras que ele teria que fazer durante e após seu curso, expresso como:

> pasmo e deslumbramento causados pela obra humana, contemplada no espelho prefulgente da bibliografia inexgotável que senti vontade absurda de resumil-a em fóco e aluminar-me de vez, como por processo mechanico se desaggrega, se desfaz, sem acção do tempo e da lucta, o corpo em cinzas ou em pó.[27]

Assim, Deusdedit sofreu com a diversidade de escolas, doutrinas e teorias, com a versatilidade dos conceitos, arguições e postulados, tanto em direito, quanto em sociologia, religião e literatura. Sofrimento descrito sem meias palavras, pois ele recebeu "pelas ilhargas acicates da controvérsia, ferrões de mil tayocas, supplicio de dezenas de serras, torquazes e alfinetes – escolas sobre escolas, theorias sobre theorias, verdades misturadas com embustes, sciencia calma e branda com phantasia apaixonada, crença com lógica, mytho com realidade".[28] Seu sofrimento foi ainda pior por não lançar mão de estimulantes que facilitassem sua compreensão de seu material de leitura, pois "soffrer sem buscar no absyntho ou alcool, alívio á sensibilidade, é soffrer duplamente", e atirar-se solitário à tarefa de iniciar-se na epopeia do pensamento sem a "inconsciencia, automatismo e desleixo" provocados pelo absinto foi tão penoso quanto "arrastar onerosa canga de capricho, de independência, de não aceitar e acolher a primeira idéia que se

26 MOURA BRASIL.*Ontogenia*..., p. 8.

27 Idem p. 7.

28 Ibidem

antolha, circumloqua, vasia, archaica, brunida e exornada pelo oiropel literário".[29]

Não obstante, sua busca ia para além do conhecimento superficial sobre os assuntos de seu interesse, para "regiões mais altas" e "recantos mais límpidos", as razões últimas que lhe proporcionassem a satisfação de viver em paz, reservado e imune: a satisfação de "lançar olhar em torno de si e não ignorar demasiadamente [...]."[30] Buscava poder discernir entre "a semente e a casca", habituar-se a "colher do emaranhado venenoso [...] a jóia ou o brinco que deleitará e confortará o espírito em seguida".[31]

Após esse processo, Deusdedit avaliou que estava capacitado para exercer o cargo de professor substituto porque amadureceu o suficiente, ou, em suas palavras:

> Estou na phase do incubo, do empollamento, ou melhor, na puberdade mental, satisfeito porque esclareci ao meu espírito irriquieto as primeiras duvidas, distendi-lhe a primeira mão de cal, dei-lhe a primeira luz, retirei-o dos cachos da escuridade, iniciei o grande enigma, e agora, poderá adejar ao talante sem ignorância pasmosa de quem contempla herbario, sem fazer antecipadamente classificação de cada arbusto.[32]

Este estado é autoafirmativo em vários sentidos, já que dava a Deusdedit uma sensação de segurança e solidez naquilo que ele entendia como função do intelectual e do cientista – são raros os momentos em que ele parece lembrar-se que é advogado. Mesmo sabendo que um tal posicionamento era condenado por alguns autores (Payot, por exemplo), a ele interessava o debate científico e filosófico, a leitura e as oposições e encontros entre Darwin, Rousseau, Herder, Withney, etc. Esse debate, calcado em uma

29 Idem, p. 7

30 Idem, p. 8.

31 Idem, p. 7.

32 Ibidem.

noção de ciência bem definida,[33] tinha por pressuposto o dever de "fomentar o ensino superior, ministrando-o como queria Alberto Torres – aos capazes de recebel-o e disseminando a grandeza anatômica do Brasil – supino ideal de Sylvio Romero".[34]

A noção de educação adotada por ele transparecia também em sua opinião sobre a alfabetização, ou a "diffusão dos vinte e cinco utilíssimos caracteres, com alguns tragos de moralidade e civismo". Alfabetização essa, definida como "luz aos trevosos cérebros", que não deveria ser abrupta ("não tão forte para não maltratar a vista"), nem em demasia ("moderada, lentamente"), mas apenas suficiente para que família e pátria fossem engrandecidas.[35] Porém ele criticava os lugares comuns que associavam a criminalidade com o analfabetismo, em termos principalmente de repetições incontáveis de frases feitas nesse sentido, frases que Deusdedit considera "asneiras e infantilidades como [...] [as] bonitas locuções do genial auctor do *Legende des Siécles,* que, se fosse vivo, estaria arrependido de tel-as creado, tal a ingenuidade que ellas contem e o despudor das citações sem termo: *A ignorancia produz o erro, e o erro produz o crime, Cada escola que se abre, um cárcere se fecha*". Segundo Deusdedit, baseando-se em diversos exemplos de países que começaram a ter ensino obrigatório e nos quais a criminalidade não diminuiu, não existia relação alguma entre "gramatica e a moralidade, como não

33 Seu conceito de ciência era extraído de John Stuart Mill, e foi apresentado como crítica às tentativas de simultaneamente trabalhar-se com ciência e religião: "[...] em certo campo labora a sciencia desafogadamente, esclarece e decide com segurança e vigor, com sua philosophia, servindo-se dos - methodos de investigações e das condições de prova, indicando uns os meios de chegar a conclusões; outros o modo de proval-as com exactidão; uns, instrumentos de descobertas, outros de prova (J[ohn] STUART-MILL. *A. Comte et le positivisme, p. 55*)[...]". MOURA BRASIL. *Ontogenia* ..., p. 27. Em outro momento, ele contrapoz ciência e sensacionalismo literário: "A sciencia tem sua arrogância justificada, sua frieza ante a sensibilidade da rethorica, mesmo moldada pelo genio gaulez". MOURA BRASIL, Deusdedit. A criminalidade e o analphabetismo. *Revista Acadêmica I* (8), nov./1917.

34 MOURA BRASIL.*Ontogenia*..., p. 9.

35 MOURA BRASIL. A criminalidade ...

é possível comprehender que uma paixão ou um preconceito de honra, por exemplo, possam ser destruidos pelo Alphabeto".[36]

Em sua luta por não aceitar verdades acabadas – como a opinião corrente na virada do século sobre o analfabetismo como fonte de crime – Deusdedit combateu também a superficialidade com que o seu próprio tempo entendia a cultura. Para ele, o "typo moderno", civilizado, que aprendia mais por atavismo do que por estudo dedicado era "um pedante, um enfatuado, um tolo, de alma rachitica, carcomida pelo vício" que além de ignorar que sua própria linguagem era composta de jargões típicos "não do povo, mas de funccionario público, soberbo, cezarino",[37] desprezava as pessoas simples da população rural. O caipira era o personagem preferido de Deusdedit para catalisar as boas características humanas. Aqui mostram-se alguns possíveis pontos de contato com um nacionalismo que buscava nos tipos brasileiros a expressão do bem, que pode encontrar suas raízes nas obras de Euclides da Cunha, Oliveira Vianna e Silvio Romero, obras estas que Deusdedit – junto a Joakim – leram na BBPR.

Em conformidade com este espírito, o mais velho dos irmãos Moura Brasil redigiu vários trabalhos que, além de suas próprias opiniões sobre os temas abordados, traziam um elenco de autores que Deusdedit citava, para elogiar ou criticar, e dos quais podemos inferir sobre as formas de leitura que ele realizou desses autores e suas obras.

Seu autor favorito era certamente Clóvis Beviláqua (1859-1944), jurista, político e filósofo cearense que influenciou toda sua época com seus códigos de direito e suas obras críticas.[38] Os Moura Brasil consultaram a única obra de Beviláqua constante no catálogo da BPPR de 1911, *Epochas e individualidades,* publicada em 1889. Deusdedit, no entanto, consultou-a apenas em 03 de junho de 1918,

36 Ibidem.

37 MOURA BRASIL, Deusdedit. O exilado. *A falua,* 01/ago./1916.

38 MEIRA, Sílvio. *Clóvis Beviláqua;* sua vida, sua obra. Fortaleza: EUFC, 1990.

(enquanto Joakim o fez pela primeira vez em julho de 1914 e mais seis vezes entre setembro e outubro de 1914, a intervalos regulares de aproximadamente sete dias, indicando que renovou o empréstimo até fazer a leitura completa da obra.)

Sobre Beviláqua, Deusdedit escreveu que compartilhava "as palavras de meu grande coestadano [...] Nós os brasileiros somos mais ou menos, em regra geral, autoditacdas..." [39] Deusdedit dedicou-lhe um artigo no qual questionou as razões da fama e glória serem sempre póstumas. Levado a essas considerações sobre "glória, justiça e equidade" por pensar em Beviláqua, Deusdedit considerava que

> O egoismo, a inveja, a despeita ou cousa equivalente faz com que o homem a conceda ao seu merecedor somente quando este já não deixar desfructar o sabor divino que deve ter a verdadeira gloria, gloria parcial ou universal. É malícia do homem, é inveja, é injustiça, porque não dizer? é injustiça. Justiça tardia é injustiça.[40]

Beviláqua aparece, nos escritos de Deusdedit, como um importante orientador do pensamento do advogado e intelectual cearense radicado no Paraná. Sua tese de concurso deixou esse débito ainda mais evidente, já que Deusdedit buscou demonstrar uma história *evolutiva* (ou evolucionista) do direito no Brasil, partindo das ligações, no passado, entre ciência e religião, anunciando a impossibilidade, em seu presente, dessa relação e historicizando os processos pelos quais ciência (direito) e religião se diferenciam no tempo. A "noção philogenetica do Direito" que serve de *leitmotif* para a discussão estabelecida por Deusdedit é exatamente um assunto que tanto Clóvis Beviláqua quanto Sílvio Romero haviam abordado anteriormente. Nessa conceituação, Deusdedit permite vislumbrar outras influências sobre seu

39 MOURA BRASIL, Deusdedit, *Ontogenia...*, p. 7.

40 MOURA BRASIL, Deusdedit. Reddite quae sunt Caesaris Caesaris. *Revista Acadêmica I*(5); 121-3; Ago./1917. p. 121.

trabalho, como a filosofia afilosófica de Bergson, o Positivismo de Comte e o evolucionismo de Spencer, além do pensamento de von Jhering,[41] bastante presente, por sua vez, na obra de Beviláqua.[42]

Nessa construção, Deusdedit elegeu o pensamento e o trabalho de Beviláqua como fundador do Direito no Brasil:

> Acredito nas palavras de Clóvis Bevilacqua – nosso orgulho – pelo talento, pelo vigor da cultura, pela capacidade immarcessível de intuição e deducção; exemplo fecundo e prolífero de trabalho e amor à pátria, representante supino e inarredavel da consciência jurídica brasileira actual, que nos libertou das velharias portuguesas e nos tirou do improfícuo arranzel das leis disparatadas.[43]

A caracterização mais completa que Deusdedit forneceu de Clóvis Beviláqua foi, contudo, feita por oposição a Sílvio Romero, como exemplos de intelectuais brasileiros que Deusdedit apreciava em maior e menor grau, respectivamente, cada qual com suas particularidades. Para Deusdedit a personalidade de Beviláqua afigurava-se "através de suas obras jurídicas" como um homem "vigoroso, manso, terno". Um erudito e "jurista profundo" que não tinha a "[...] intrepidez atrevida, audaciosa e por vez emphatica de Sylvio Romero". A obra de Beviláqua era escrita com "phrase limpida, serena, sem ademanes nem atavios, sem interjeições nem sarcasmo humilhador peculiar a Sylvio Romero, que tanta irritação deve causar ao contendor", mostrando que Deusdedit preferia o texto do primeiro, enquanto irritava-se, com o "contendor", com os escritos de Romero.[44]

---

41 As principais influências de Clóvis Beviláqua são Auguste Comte, Stuart-Mill, Émile Littré, Herbert Spencer e Rudolf von Jhering. Este último escreveu *A luta pelo direito* e *Finalidade do direito*. Beviláqua solicitou e obteve autorização de Jhering para traduzir para o português *A hospitalidade do passado*. De Jhering, Beviláqua retirou seus conceitos evolucionistas, em particular o evolucionismo jurídico. Cf. MEIRA, Sílvio. *Clóvis Beviláqua;* sua vida, sua obra. Fortaleza: EUFC, 1990, p. 229-248.

42 MEIRA, *Clóvis*...p. 229-248; MOURA BRASIL, *Ontogenia*...,p. 20.

43 Idem, p. 24.

44 Idem, p. 122.

Para Deusdedit, Beviláqua, ao contrário de Romero, "Não grita, não gesticula ameaçadoramente nem gargalha por debique em vendo a queda do opprimido que é certa". O estilo de arguição de Romero desagradava Deusdedit por várias razões, pois "Sylvio esphacela, arranca, corta, machuca, sopapo para aqui, sopapo para acolá; e finalmente, victorioso, offegante, delirante – aponta o caminho, rebate o erro, emenda, corrige." Mas o preço desse estilo era a opressão, que baseava-se no esquecimento dos ensinamentos, no quase ódio e na birra, pois Romero "força [e] quer forçar o vencido a humilhar-se".[45] Beviláqua agradava Moura Brasil por ser mais cortês. Ele "não ri, não chacoteia nem se pavoneia do triumpho, tanto rebatendo doutrinas do grande mestre von Jhering, como esclarecendo o jurista patrio sua falsa compreensão". Beviláqua debatia com "ternura delicada, feminil". Sempre vitorioso, não tripudiava sobre os adversários, recolhendo-se "ao seu canto, muito quêdo a investigar as sciencias até que um dia novamente, volta com o cajado na mão, não a bater, mas com elle a apontar o caminho ao viajor, como patriarcha gentil que guia a mocidade".[46]

Sílvio Romero também foi um nome recorrente nos artigos e livros de Deusdedit, ainda que muitas vezes, como na comparação acima entre Romero e Beviláqua, as alusões fossem mais como contraposição que como aceitação das ideias. De Romero, o catálogo da BPPR de 1911 lista apenas seu *Ensaio de Sociologia* (publicado em 1901), porém, os Moura Brasil também consultaram *A pátria Portuguesa* (de 1906)[47] e a *Literatura Contemporânea*,[48]

45 Idem, p. 123.

46 Idem, p. 123.

47 ROMERO, Silvio. *Ensaios de sociologia e literatura*. Rio de Janeiro, H. Garnier, 1901. ____. *A pátria portuguesa;* o território e a raça. Apreciação do livro de igual título de Teófilo Braga. Lisboa: Livraria Clássica de A.M. Teixeira, 1906. Apud: CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988, p.131.

48 Os livros de retirada não permitem concluir se aqui tratava-se dos *Estudos de literatura contemporânea* de 1885, ou dos *Novos estudos de Literatura contemporânea* de 1898, ou ainda dos *Outros estudos de literatura contemporânea*, de 1905.

acrescidos ao acervo da biblioteca antes das consultas de Joakim e Deusdedit em 1917. Ambos parecem ter tido um súbito interesse pelas obras de Romero, já que consultaram-nas entre fevereiro e abril daquele ano. Deusdedit solicitou *Literatura* ... em 15 e *Pátria* ... em 22 de fevereiro. Dessa data até meados de abril, consultou seguidamente este último livro, com intervalos de sete a dez dias entre as retiradas. Joakim, por sua vez, interessou-se pela *Literatura* ... que retirou quatro vezes entre 08 e 23 de março.[49]

Contudo, tanto as ideias de Romero quanto de Beviláqua, com todas as suas matrizes e confrontos transparecem nas discussões de Deusdedit sobre a oposição ciência/religião, referida acima. A ciência, conceituada rigorosamente, não podia – ou não podia mais – prender-se a preceitos religiosos. A ciência, sendo evolutiva (como o direito de Beviláqua e a literatura de Romero), se aperfeiçoava e "comporta[va] exclusivamente verdades prováveis", enquanto a religião "não se objectiva [...] nem ao menos se torna *racional*, justamente por ser religião". Deusdedit afinava-se com Romero ao incluir nessa análise a fase final do pensamento de Auguste Comte, qual seja, a da religião positiva, que como qualquer outra "necessita da fé suprema, da cegueira, por assim dizer, mais suprema, do automatismo [...]".[50]

Ao falar sobre a literatura no Brasil, Deusdedit opunha-se novamente a Romero, junto a José Veríssimo, ambos autores de histórias da literatura brasileira, Deusdedit afirmou que:

> Não dizemos como elle nem tambem como o inquebrantável e aguerrido poeta, jurista e ensaista crítico – philosopho – Sylverio [sic.] Romero - [que] somos um povo incapaz as carrancudas abstrações philosophicas ou moraes, [...], ás artes a todo estudo enfim que requer perenne, pezadissimas e monasticas meditações.

49 Contudo, eles não consultaram somente estes dois livros nesse mesmo período. De fato, entre 15 de fevereiro e 15 de abril de 1917, Deusdedit e Joakim retiraram outros 11 títulos, como *O genio do cristianismo,* de Chateaubriand, *Anthropologia* e *Raças humanas* de Oliveira Martins *As bases da moral*, de Domingos Jaguaribe, etc., num total de 37 registros de retirada.

50 MOURA BRASIL, *Ontogenia*..., p. 28. CANDIDO, op. cit. p. 57-78.

Sua posição é, ao mesmo tempo, próxima e diferente da de Veríssimo e Romero:

> Nossa literatura, considerando-a num todo, tão paupérrima e falha, tão vacillante e insegura, atravessa ainda a phase de rebentões, de embryonez ou de larvas, de esperança apenas renovada, sem chegar ao termo, sem firmeza, prenhe de enxertios aberrantes, debil como lyrios brancos a merce das correntes dos ribeiros em dias de enxurrada e ao esfuziar dos ventos esgarrados.
> Comtudo, apezar de todos seus defeitos, de toda sua insegurança, a supportar o vendaval de tempo – nossa literatura – podemos falar sem jactancia nem vislumbre de superlatividade orgulhosa, porque peneirando-a algo encotramos plenamente nosso, como semente de espécie nova que se desaggregou das semeações exóticas; apezar dos seus defeitos, dizíamos, ella não é como se desgrenham assanhados e espivitados criticos *a la minute*, bufarinheiros que adejam lustros e decanos, mirrando a intelligencia e o gosto aproveitaveis em outros mestres, em torno da imprensa em vanglorias e irreflectidas e mal pensada conjectura.[51]

Da literatura nacional, Deusdedit consultou, na BPPR, um *corpus* que incluiu *A Capital Federal*, de Coelho Neto, *Casa de Pensão*, *O homem, O mulato, Demônios* e *O Coruja,* de Aluízio de Azevedo, *Canaã*, de Graça Aranha, *Ao Correr da Pena*, *Diva*, *O ermitão da Glória* e *As minas de prata*, de José de Alencar, *Os dois amores, O forasteiro* e *Memórias do sobrinho de meu tio,* de Joaquim Manoel de Macedo, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba* de Machado de Assis, *O garimpeiro* e *Lendas e romances,* de Bernardo Guimarães, *À margem da história* e *Os sertões,* de Euclides da Cunha, *Inocência*, de Taunay, além da poesia de Castro Alves e Olavo Bilac, entre outros. Nesse *corpus* incluem-se também obras

51 MOURA BRASIL. Ensaio Biographico ... *Revista Acadêmica II*(4): Coritiba, abr./1918, p 91.

de Dario Vellozo, Romário Martins, Julia da Costa e outros autores paranaenses.

Deusdedit, no intuito de apresentar o *Ensaio biographico* de seu irmão recém-falecido, estava argumentando em favor do gênio nacional, contido mais em potencial do que na prática. A principal razão dessa espécie de atrofia intelectual, na avaliação de Deusdedit, encontrava-se na importação irrefreada de ideias, desenvolvidas por "sábios exóticos, [que] externaram com bocejos preguiçosos conclusões obtidas dos calculos obtusos rarefeitos e malfeitos na clausura do gabinete, duvidosos e mareantes quesitos, condenatórios de nossa índole, nossa raça e nossa terra! [...]" que os nacionais "louvaminheiros" bebiam cegamente.[52] O exemplo contrário à posição de Veríssimo e Romero é Euclides da Cunha, autor de um grande livro (*Os sertões*) que estava fadado a "ser ruido pela traça na estante com o sello mal pregado da critica dos analistas do trivial". Como *Os sertões*, outras obras resultantes de "arrojadas e rarrissimas concepções" tendiam a perder-se na "poeira da bibliotheca burguesa ou maniaca" até que a grandeza do livro ou do autor fosse novamente sinalizada, antes de retornar "ao silencio carinhoso". Era este o quadro que Deusdedit visualizava para o irmão, herói "morto sem vencer" da história literária brasileira. Contudo, as previsões de Deusdedit mostraram-se vazias, já que o livro *Os sertões* tornou-se rapidamente uma obra-prima da literatura nacional, e as obras de Joakim permaneceram inéditas e seus originais provavelmente estão perdidos, à exceção dos breves trechos publicados.[53]

Os escritos de Deusdedit permitem ainda percebermos incontáveis matrizes intelectuais vigentes nas décadas da virada do século. A verificarmos pelos autores citados em sua tese de concurso, teremos uma lista que inclui, além de Romero e

52 MOURA BRASIL. Ensaio Biographico ... *Revista Acadêmica II*(5): Coritiba, maio/1918, p.125-7.(cont.)

53 MOURA BRASIL, Ensaio Biographico ... *Revista Acadêmica II*(6): Coritiba, jun./1918, p.154, MOURA BRASIL, O enfermo ...

Beviláqua, Darwin, Haeckel, Payot, Rousseau, Withney, Herder, Max-Muller, Pedro Lessa, Alberto Torres, Stuart Mill, Macaulay, e outros. Podemos perceber uma forte preocupação com conceitos advindos da antropologia *a la* Oliveira Martins que serviam de justificativa, mais do que explicação, da sociedade em que ele viveu. A ideia central em quase todos seus escritos era a do evolucionismo, levado para o campo do darwinismo social, ainda que poucos anos antes este pensamento de Deusdedit estivesse próximo a Cesare Lombroso, com relação ao determinismo biológico, geográfico e temporal no tocante a questões como a relação entre criminalidade e analfabetismo, ou os meses de nascimento dos gênios.

Deusdedit, como leitor e frequentador assíduo da BPPR, permite que visualizemos alguns elementos de suas formas de leitura – o que é menos possível no caso de seu irmão mais novo, cuja obra perdeu-se. Resta acessarmos as representações de Deusdedit sobre o objeto físico que contem as ideias expressas em seus próprios escritos, bem como sobre os locais em que os livros são guardados. Além do complexo processo de aprendizado que ele mesmo descreveu, representou o próprio livro – como objeto – de formas variadas. A obra humana contida nos livros causava-lhe "pasmo e deslumbramento", ao mesmo tempo que *Os sertões*, era considerado um livro magistral, destinado "a ser ruído pelas traças" pela superficialidade da crítica. O livro podia também ser, como a *Hygiene do amor*, de Paolo Mantegazza, "um conselheiro livrinho á mocidade [...] tão sagaz e voluptuoso, as vezes sarcástico e picaresco, mas sincero",[54] quanto podia ser indigno de figurar "num catálogo bibliographico". Já uma biblioteca em que os livros eram guardados por puro exibicionismo arrivista era "burguesa ou maníaca".

Corroborando as visões sobre a BPPR, divulgadas na imprensa curitibana e mencionadas no capítulo anterior, para Deusdedit, a Biblioteca Pública não satisfazia seus desejos de

54 Idem, p.90.

conhecimento. Ele, que com seu irmão, a conhecia a fundo, estava familiarizado com seu acervo e sua organização (ou a falta dela), considera a biblioteca frustrante:

> A minguada substancia da nossa desprezada Bibliotheca Pública, a mesquinhez e insufficiencia do elemento que possuimos nos tolhem o passo a fenecer, a esmaecer nossa curiosidade, para muitos problemas interessante[s] como as demographias ou estatisticas de qualquer espécie.[55]

Deusdedit, longe de buscar desfazer do local em que buscou boa parte das informações que propiciaram sua formação de advogado e de intelectual, buscava o ideal de biblioteca como depósito do conhecimento humano em condições favoráveis de conservação e de consulta, propugnando, como aliás diversos de seus contemporâneos, por bibliotecas públicas as mais completas e dignas possíveis.

Após esse período dos anos de sua formação acadêmica, Deusdedit pareceu perder seu ímpeto iconoclasta e seu deslumbramento intelectual. Pouco publicou na década de 1920, após sua tese de concurso. Talvez funcione como indicador que uma das obras que publicou em 1925, fosse uma obra religiosa e pia, escrita com sua esposa, na qual a ciência foi suplantada pela religião. Também como diversos intelectuais de seu tempo, Deusdedit parece ter abraçado o renascimento católico ultramontano e desistido do turbilhão mental envolvido na produção de conhecimento científico e laico. Nesse mesmo período, ele dava sinais de ter encontrado alguma ocupação no extremo oeste do Estado. Em 1922 ele foi o orador das festas do centenário da independência em Foz do Iguaçu, e em 1925 publicou seu discurso feito naquela ocasião, acompanhado de um soneto chamado "Salve Pátria". Em 1923 ele remeteu sonetos em castelhano a partir de Posadas, na Argentina, para a revista *O*

55 Ibidem.

Itiberê, de Paranaguá.[56] A partir desse momento, ele retornou para o ocaso de onde o retiramos.

Embora tênues, essas constatações são resultados da *endurance* da pesquisa histórica. As leituras de Deusdedit e Joakin perderam-se com seus escritos inéditos, mas restou-nos elementos suficientes para tentar reconstruir parte de um mundo intelectual do passado. Um universo pulsante, digladiatório e envolvente salta do material estudado, justificando plenamente o esforço dispendido.

Criticalhos

Há diferentes formas de leitura. Essa parece ser uma afirmação de senso comum hoje, mas os diversos estudos sobre a leitura no passado podem ampliar a percepção dessas diferenças. O período renascentista, por exemplo, foi profundamente marcado pela invenção da imprensa que, aliada à reforma, promoveu "rupturas gigantescas determinadas pelo fim do monopólio dos letrados sobre a cultura escrita e do monopólio dos clérigos sobre as questões religiosas". [57] Foi nesse contexto potencialmente explosivo que Carlo Ginzburg encontrou um leitor bastante especial, tanto por seu caráter de exceção – um camponês que sabia ler e escrever – quanto por aquilo que ele pode dizer da sociedade italiana do século XVI, um período em que a ideia de uma cultura popular separada e distinta de uma cultura erudita estava ainda sendo implantada – à força, como no caso de Menocchio. As leituras do moleiro italiano foram interpretadas à luz da cultura oral à qual pertencia. O choque entre "a página impressa e a cultura oral, da qual era depositário" produziu uma leitura caracterizada pela deformação, pelo exagero do significado

56 Bibliographia. *O Itiberê VIII* (81), Paranaguá, jan./1926, p. 15-6; *O Itiberê V* (51,52), Paranaguá, jul./ago./1923, s./p.

57 GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.33

de uma palavra, "isolando-a do contexto, que agia sobre a memória de Menocchio deformando a sua leitura".[58]

Essa leitura diferenciava-se, por exemplo, da leitura realizada entre a elite intelectual de Roma, quando do lançamento do *Saggiatore*, de Galileu, que proporcionou (e resultou de) um amplo debate entre o próprio Galileu e um jesuíta. A leitura da obra de Galileu foi feita com ansiedade por aqueles que acompanhavam o debate e esperavam que o pensamento fosse finalmente liberto da tradição aristotélica mantida a ferro e fogo – literalmente – pelo Colégio Romano, principal escola jesuíta. As leituras, porém, são divergentes dependendo exatamente dos interesses envolvidos, da formação recebida e do partido que se tomava.[59]

A leitura passara a ser uma atividade comum a uma fatia mais ampla da sociedade, fosse porque mais pessoas alfabetizadas – particularmente após a laicização do ensino iniciada na Revolução Francesa – tiveram possibilidades de adquirir ou ter acesso aos livros, fosse porque a leitura, até fins do século XVIII, era muitas vezes a leitura pública, com "dez leitores reunidos em torno do texto lido em voz alta" sendo mais "a audição de uma palavra leitora" do que o ato subjetivo e silencioso.[60] Nesse sentido, acompanhando as pesquisas de Rolf Engelsing e David Hall, que chegaram a um modelo geral da leitura através de pesquisas independentes, podemos pensar o século XVIII como o de uma "revolução" na leitura. Segundo esses autores, da Idade Média até aproximadamente 1750, havia uma forma *intensiva* de se ler alguns livros – a Bíblia, alguns almanaques e catecismos - "várias e várias vezes, em voz alta e em grupos". Depois de 1800, na Europa, estudada por Engelsing, lia-se *extensivamente*, "todo o tipo de material, especialmente periódicos e jornais [...] apenas uma vez,

58 Idem, p. 89.

59 REDONDI, Pietro. *Galileu herético.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 59-76.

60 CHARTIER, Roger. *A história cultural*; entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990., p. 124.

correndo para o item seguinte". No caso da Nova Inglaterra, estudada por Hall, houve uma inundação de novos tipos de livros - "novelas, jornais, variedades recentes e alegres de literatura infantil" - que eram lidos "avidamente, descartando uma coisa, assim que podiam encontrar outra".[61]

Porém, as duas formas de leitura coexistiram em diferentes camadas sociais, como podemos ver no *Dom Quixote*, de Cervantes, quando Sancho decidiu contar histórias para seu amo para passar o tempo. Sua narrativa, entrecortada por repetições e histórias paralelas, comentários e digressões, "projetam o narrador na história e remetem à situação de momento".[62] Tal forma de narrar irritou D. Quixote, habituado ao fluxo dos livros que lia "até o ponto de desvairado excesso". Ele queria que a narrativa de Sancho fosse feita conforme as regras da escrita linear, objetiva e hierárquica. "A distância entre essas duas perspectivas de um leitor e a prática oral, da forma como Sancho a aprendeu, [era] intransponível". [63]

O contato com a leitura era, portanto, para uma grande parcela da população, mediado por um "leitor" público, que se utilizava, no mais das vezes, de recursos típicos da tradição oral para tornar um livro interessante a seus ouvintes. Para tanto, se utilizavam também de vulgarizações de obras clássicas medievais (a *Bibliothèque Bleue*) organizadas pelos editores de forma a tornarem-se mais próximas da narrativa oral à qual os leitores a quem as obras eram destinadas estavam habituados.[64] Essa leitura popular realizava-se sob a forma de uma reunião, ao redor do fogo,

61 DARNTON, Robert. História da Leitura, In: BURKE, Peter, org. *A escrita da história*; novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1989, p.199-236. p. 212-13.

62 CHARTIER, Textos, impressões e leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural.* São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238, p.217.

63 CHARTIER, Textos, impressões e leitura... p. 218.

64 CHARTIER, *A história cultural...* p. 129.

na *veillée*[65] ou na oficina de trabalho, enquanto as pessoas exerciam outras atividades. Um dentre eles que dominasse os rudimentos da leitura entretinha a todos com as aventuras contidas nesses livros, muito próximos à literatura de cordel brasileira.[66]

Em *Worlds of wonder, days of Judgment*,[67] David D. Hall buscou apreender o universo religioso dos habitantes da Nova Inglaterra no início da colonização. Sua principal preocupação referiu-se à religiosidade e à religião popular que se desenvolveu nas colônias, livres de muitos dos empecilhos que a religião oficial impunha aos habitantes da "velha" Inglaterra. Assim, Hall identificou uma religião que, devido ao caráter "nivelador" da imigração, abolia o que se acreditou por muito tempo ser a dicotomia característica da Europa desde o medievo, qual seja, a de existirem "duas religiões separadas, uma enraizada em modos populares de pensamento, a outra mantida pelo clero e seus aliados burgueses".[68]

Essa religião das colônias ainda diferenciava-se em mais um ponto – e este foi o mais importante para a obra de Hall – qual seja, a alfabetização. Segundo Hall,

> [...] outro meio de colocar-se limites em torno da religião popular tem sido propor-se que a religião varia de acordo com a linha que divide aqueles que leem daqueles que compartilham uma 'cultura oral'. A alfabetização teve consequências revolucionárias para a visão de mundo de uma pessoa no passado, ou sustentou outros fatores de diferenciação?[69]

---

65 Reunião noturna, em celeiros e estábulos, principalmente durante o inverno, onde realizavam-se tarefas conjuntas e onde os jovens faziam a corte, enquanto os mais velhos conversavam e liam.

66 DARNTON, História da leitura, ... p. 215.

67 HALL, David D. *Worlds of wonder, days of judgment*; popular religious belief in early New England. New York: Knopf, 1989.

68 Idem p. 6.

69 Idem, p. 7.

É em torno dessa questão que Hall teceu suas considerações sobre religião popular – e *Worlds of wonder* surge agora como um trabalho profundamente calcado na história da leitura. Para Hall, o universo da religião na Nova Inglaterra passava pelo fato de que a maioria das pessoas aprendia a ler na infância (em alguns casos antes dos 3 ou 4 anos de idade). Passava também pelo fato de que todos tinham acesso a uma farta produção editorial de obras laicas de baixo custo e da possibilidade que tinham de ler a Bíblia em sua própria língua. Apesar das exceções de praxe, Hall pode afirmar que "a maioria das pessoas que imigraram para a Nova Inglaterra havia entrado no mundo da palavra impressa".[70] A religião em seus aspectos de "ambivalência" ou de diversidade, como ocorreu entre os colonos da Nova Inglaterra foi estudada principalmente a partir das questões colocadas pela história da leitura, ou seja, a partir dos testemunhos que esses colonos deixaram quanto à sua maneira de ler a Bíblia, os livros edificantes, as narrativas de acontecimentos extraordinários – as "providências" - a produção editorial e o comércio de livros.

No primeiro capítulo, intitulado *The uses of literacy*, Hall afirmou seu pressuposto básico de que, independentemente do percentual efetivo de pessoas capazes de ler, "como as pessoas liam e como usavam sua capacidade de ler teve consequências profundas para a religião popular." [71] A leitura da Bíblia encontrava-se no centro dessa atividade e ela estava baseada no privilégio que toda a doutrina protestante estabelecera como básico, o de que todos deveriam ter acesso à Palavra em sua própria língua. A Palavra substituiu, nesse aspecto, a estrutura burocrática da Igreja e o direito canônico católico como um todo. A livre leitura e interpretação da Bíblia constituíram-se no motor que impulsionou essa população a ser maciçamente alfabetizada desde a infância e a possuir a Bíblia como um objeto patrimonial.

70 Ibidem.

71 Idem, p. 21.

Porém, para os leitores do século XVII, a Bíblia surgia como sendo dotada de características únicas, escapando à materialidade de outros livros:

> Ter ou ouvir a Bíblia era entrar em contato direto com o espírito santo. As escrituras não tinham história, suas páginas não conheciam a mácula do tempo. Sua mensagem era tão nova, seu poder tão imediato, como quando Cristo pregara na Galiléia.[72]

Surgindo aos olhos de seus leitores como a Palavra viva de Deus, a leitura da Bíblia afetou as representações que essa população fez dos outros livros e como estes últimos foram lidos. Da mesma forma, quando os escritores da colônia – leigos ou membros do clero – evocaram para seus próprios livros edificantes a aura da Palavra, eles "pediam a seus leitores para responder a seus livros como se eles fossem tão sagrados quanto a Bíblia.

O universo da leitura, no qual se era iniciado a partir da infância, e era incentivado ao ouvir-se leituras públicas – principalmente da Bíblia –, proporcionou aos habitantes da Nova Inglaterra um sistema de educação ímpar, feito principalmente na igreja, e em casa (a partir da iniciativa da mãe) prolongando-se por toda a vida do indivíduo. Hall buscou as evidências desse universo principalmente nos escritos feitos por leigos puritanos que tentavam ter seus próprios textos envolvidos pela aura de verdade que a Bíblia assumia. A leitura é, portanto, o ponto chave para a compreensão do universo religioso. Hall buscou, além das formas em que se aprendia a ler – e de como se lia – pistas sobre o comércio de livros que abastecia essa população, e sobre a indústria editorial que se inicia na colônia. Imbuído do caráter sagrado que a leitura da Bíblia estabelecia, o leitor expandia essa associação para o texto impresso em geral. Depois de demostrar as evidências, Hall concluiu que, em conformidade com a tradição vernácula protestante, os leitores supunham que:

72 Idem, p. 24.

> ler era ouvir, ouvir era ver, e ver era receber a verdade (ou a luz) comunicada com o eu interior, o coração. Ao presumir essa quase-identidade entre a página impressa e a palavra (falada) esses textos [edificantes] também impunham a seus leitores o modo de seu uso. Nada separava os livros da vida ou da ação; os livros transformavam o eu interior ou o 'coração' de formas que moldavam o comportamento cotidiano".[73]

Essa parece ser a chave mestra da relação que o autor de textos de conselhos pretende estabelecer com seu leitor, mesmo em épocas posteriores, se considerarmos, por exemplo, os escritos de médicos do século XIX quanto à sexualidade.[74]

Assim, as pessoas na Nova Inglaterra do século XVII liam, intensa e repetidamente, com reverência e medo, livros que "nunca [eram] divorciados de contextos e mediadores que lhes davam sentido".[75] O que Hall identificou foi, portanto, um circuito de comunicação relativo à leitura que ia dos escritores e da imprensa aos editores e leitores, uns influenciando os outros nas representações apresentadas no texto escrito. Esse circuito deu sentido e motivo à própria leitura, na medida em que a comunidade influenciava a religião, principalmente através de interpretações leigas da Bíblia. É fácil verificarmos a importância da história da leitura na obra de Hall. Nos capítulos seguintes ela continuou a dar o tom da análise sobre religião popular – que é, de fato, o tema central do livro. A forma como Hall estudou a história da leitura foi influente, por exemplo, nos trabalhos de Robert Darnton sobre a produção de livros e o universo dos leitores e

73 Idem , p. 39.

74 Sobre escritores médicos norte-americanos no século XIX, ver DEGLER, Carl. *At odds*; women and the family in America from the Revolution to the present. Oxford: Oxford University Press, 1981. Para a França ver: CORBIN, Alain. "A pequena Bíblia dos jovens nubentes". In: *Amor e sexualidade no ocidente*. Porto Alegre: LP&M, 1992. p. 201-11. Sobre a relação entre os escritos médicos e seus leitores ver: GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*; a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. _____. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*; a paixão terna. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

75 HALL. op. cit. p. 43.

escritores na França pré-revolucionária. Partindo da discussão sobre a alfabetização e suas consequências, Hall se aprofundou no universo mental dessa, procurando as pistas sobre a circulação das ideias religiosas. Ele encontrou um rico panorama de crenças e superstições populares sendo simultaneamente combatidas e incorporadas por uma paradoxal teologia puritana. A crença em bruxas, em desígnios divinos sendo expressos através de fenômenos naturais como terremotos ou tempestades, existia mesmo entre os membros de um clero "esclarecido" que execrava a celebração do natal e da páscoa, (além do hábito de colocar-se ferraduras nos batentes das portas) como práticas "supersticiosas". Também simultaneamente, os editores da Nova e da velha Inglaterra estavam sempre prontos a divulgar essas ideias em livros baratos e de ampla circulação, levando à população em geral não só os escritos e sermões dos pastores eruditos, mas também as descrições de eventos "maravilhosos", de julgamentos e execuções de feiticeiras e piratas, numa ligação bastante íntima com a tradição medieval dos *mirabilia*.[76]

Permeando a obra de Hall, há a ideia do conflito entre uma ortodoxia da leitura, estabelecida pelo clero protestante, principalmente aquele oriundo da contemporânea universidade de Harvard e as leituras sobre eventos mágicos e maravilhosos. Mas, mesmo esta ortodoxia alimentava-se de elementos culturais "populares" em seu desenvolver-se. Aquela população se utilizava dos livros, em particular da Bíblia, para "ordenar a experiência",[77] para executar rituais de proteção e defesa da comunidade contra seus vários inimigos (índios, franceses, Quakers, bruxas e, por detrás de todos eles, o demônio).

Esse conflito (entre ortodoxia e heterodoxia da leitura) está no âmago da história da leitura. O confronto entre "leituras

76 LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval.* Lisboa: Edições 70, 1985, p.19-38.

77 HALL, op. cit., p. 237

autorizadas" e "não autorizadas", ou, mais recentemente (principalmente no meio intelectual) entre leituras "recomendadas" ou "desaconselhadas" é essencialmente o mesmo, com razões e consequências obviamente diferentes, na Nova Inglaterra estudada por Hall, na França pré-revolucionária dos trabalhos de Darnton e Chartier ou na Itália renascentista estudada por Ginzburg e Redondi.

Hall concluiu seu estudo sobre cultura e religião (ou religião como cultura), chamando a atenção do leitor de seu livro para o fato de que as distinções clássicas entre cultura erudita e cultura popular são obscurecidas pela fluidez cultural entre esses dois polos (identificados respectivamente com o povo e o clero). Ele argumentou, durante toda a obra, em favor de uma "cultura compartilhada", ao mesmo tempo em que buscou estudar as tensões que surgem entre o povo e o clero no tocante aos aspectos mais intrínsecos a essa cultura, ou seja, sua religião.

Em uma linha bastante próxima, a leitura desempenhará um papel importante na constituição do pensamento burguês na Europa do Século XIX. No tocante à sensibilidade erótica, por exemplo, Peter Gay estabeleceu os vínculos entre a prática econômica da leitura e o comportamento burguês face à leitura. Embora fizesse ressalvas a esta análise no sentido de que "os destinos sociais da classe média não geravam estilos previsíveis de leitura" ele reconheceu que:

> alguns consumidores da ficção de classe média arriscavam-se, tanto na década de 1890 quanto na de 1830, a seguir suas fantasias eróticas pelo caminho que o romance lhes abria; mas a maioria deles, com maior frequência, não permitia que sua imaginação libidinal fosse estimulada por histórias de casos ilícitos ou ligações suspeitas.[78]

78 GAY, Peter. op. cit.. p. 169.

Foi também nesse período, que vai de meados do século XIX às primeiras décadas do XX, que a crítica literária estabeleceu-se como campo específico da atividade intelectual, privilegiando a leitura do crítico como guia para uma parcela cada vez maior de leitores. O próprio leitor passou a ser visto como uma categoria sociológica – o leitor comum – entendido como uma classe de leitores que "leem muito, por prazer", nas palavras de Virginia Woolf.[79] Esse leitor seria aquele possuidor de "um senso comum [...] não corrompido por preconceitos literários", e que, devido à expansão do público leitor – proporcionada pela redução dos custos da imprensa e do papel – exigia uma ampla produção editorial que atendesse suas necessidades. O "agente literário" e os críticos surgem aqui como mediadores entre a arte dos escritores e a demanda do público.[80]

*** *** *** *** ***

Nessa etapa do percurso sobre o mundo da leitura no Paraná da virada do século, cabe uma pergunta que o leitor do presente texto já deve ter feito algumas vezes. Quem foram os leitores a quem se buscou neste trabalho, e a quem a grande produção de livros, revistas e jornais, estudada no capítulo anterior, era destinada?

Embora os irmãos Moura Brasil possam servir de exemplo, eles são incomuns, até certo ponto, tanto por serem leitores tão assíduos quanto por deixarem registros parciais de suas leituras. O mesmo pode aplicar-se a Dario Vellozo, cujo volume de leituras e comentários justifica plenamente um trabalho à parte, dedicado a sua evolução intelectual, que já foi parcialmente escrito.[81] E,

79 KERMORE, Frank. The common reader. *Daedalus 112*(1), Winter, 1983, p. 2.

80 Idem, p. 2-6.

81 CORDIOLLI, Marcos Antonio. O Olhar de um ponto diverso; as gêneses de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo. *Boletim do Departamento de História*. Série Monografias 01; Mar./1989. /Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba, 1890-1920/.

mesmo que se tente dar aqui uma resposta àquela pergunta, ela será sempre incompleta dadas as características fragmentárias das fontes em que podemos encontrar as pistas para quaisquer conclusões.

Contudo, ser incomum, nesse caso, não significa que se tenha, em algum momento, podido estabelecer qual era o "leitor comum".[82] Há somente a possibilidade de inferirmos alguns traços comuns a vários leitores. Uma conclusão – antecipada aqui – que pode ser tirada desta pesquisa é a de que nenhuma ortodoxia da leitura firmou-se como *a* única no período e espaço estudados. Havia uma leitura plural, que pode ser adjetivada à medida que o foco da análise recai sobre um ou outro indivíduo.

Especificamente quanto aos frequentadores da BPPR, pudemos, em um trabalho anterior, traçar um perfil aproximado do conjunto de leitores, em sua maioria alunos do Ginásio Paranaense. Aqui algumas das características desses leitores:

> Daqueles leitores que identificamos idade, profissão ou obras escritas no levantamento dos dados dos livros de registro de retirada da BPPR de 1911 a 1918, a maioria nasce na última década do século XIX aproximadamente, tendo por volta de 20 anos no início do período da pesquisa. Alguns deles tornaram-se literatos conhecidos, como Tasso da Silveira e Oscar Martins Gomes, outros foram advogados, médicos, militares ou comerciantes do mate. Dentre os aproximadamente 400 nomes anotados como leitores na BPPR no período 1911-18, 40 deles deixaram artigos, livros ou relatórios em suas diversas especialidades. Dentre os 18 de que sabemos o ano de nascimento, um nasceu no final da década de 1840 (Euzébio da Motta – 1847), dois nasceram em 1879 (os escritores José Gelbecke e Adolpho Werneck), cinco durante a década de 1880: Lysimaco Ferreira da Costa (1883); o poeta Tasso da Silveira (1885); Ildefonso Pereira Correia – o também poeta I. Serro Azul – (1888); Raul Gomes e Francisco Ferreira Pereira (1889). Oito nasceram durante a última década do século XIX e dois em 1901. Na questão das

82 Ver: KERMORE. op. cit.

> profissões, identificamos positivamente onze escritores (poetas, críticos, redatores), dois professores, dois médicos, quatro engenheiros, quatro advogados, um deputado federal em 1946 (e médico, Erasto Gaertner) e um militar, aposentado como General na década de 1960 (Hernani Nogueira Zaina, também deputado estadual em 1926). As mulheres só surgem como leitoras assíduas a partir do final do período [...]. Sem presumir, contudo, que seu papel não tenha sido importante e que nessa época não houvesse mulheres de destaque entre os intelectuais locais [...] [83]

Essa caracterização pode ser aplicada – com alguma elasticidade – aos autores da maioria das fontes utilizadas na elaboração deste trabalho. Os periódicos e livros nos quais foram recolhidas as informações aqui apresentadas foram editados, redigidos, compilados ou elaborados por membros letrados daquela sociedade – em muitos casos por estudantes ou jovens profissionais liberais como os descritos acima. Embora verifique-se uma ampliação dessa produção, como foi visto no capítulo anterior, as fontes não fornecem elementos sobre uma verdadeira expansão da alfabetização para toda a sociedade – ou mesmo para uma maioria significativa. Ao contrário, as constantes alusões a altos índices de analfabetismo e as recorrentes tentativas de criar-se escolas populares ou voltadas para os trabalhadores e suas famílias, indicam o contrário. Portanto, o universo da leitura era bem pouco abrangente em termos populacionais absolutos, principalmente se excluirmos dele aqueles imigrantes alfabetizados em suas próprias línguas, mas não em português. Temos então leitores e leitoras pertencentes aos extratos médio e superior da sociedade: comerciantes e seus vendedores, burocratas, profissionais liberais e seus familiares.

São estes leitores – com seus interesses diversificados – a quem toda a produção impressa verificada era direcionada. Eles foram o alvo das atenções dos escritores, editores e jornalistas. Pode-se argumentar que os autores de livros didáticos tinham um

83 DENIPOTI. *Páginas de prazer*...p. 22.

público bem mais amplo como seus leitores implícitos,[84] mas, ao fim e ao cabo, os dados sobre alfabetização não permitem afirmar que houve uma real ampliação de leitores efetivos no Paraná do período.

Mesmo assim, os leitores estão no centro do esforço que resultou em inúmeros livros e revistas. Nessas últimas havia uma incitação adicional à leitura, feita através das diversas resenhas que eram veiculadas durante todo o período pesquisado. Parte estratégia de comércio e propaganda, parte esforço intelectual voltado para a difusão de ideias, as resenhas podem fornecer um duplo perfil dos leitores no passado: 1; o leitor/resenhista, que traz a público sua própria leitura e, 2; o leitor implícito vislumbrado por aquele primeiro. Uma das formas possíveis de buscarmos uma compreensão mais ampla dos leitores no passado é a de tentarmos compreender as resenhas como espaços privilegiados dessas leituras.

O leitor/resenhista, embora fosse anônimo na maioria das resenhas, era geralmente o intelectual comprometido com a difusão da leitura ou de um *corpus* específico de ideias políticas ou estéticas. Em grande parte dos casos ele era também o fundador ou um dos fundadores do periódico em que a resenha aparecia, como nos casos de *Fanal* (fundado por Oscar Gomes, M. Lacerda Pinto e Tasso da Silveira), *Cenáculo* (Dario Vellozo, Júlio Pernetta, Silveira Neto e outros) e *O Sapo* (Leocádio Correia, Leite Jr. e Gabriel Ribeiro). Ele também era, com frequência, um intelectual de reconhecido mérito, com quem os leitores (reais) dos periódicos podiam estar familiarizados, como os historiadores Rocha Pombo e Romário Martins, os escritores Emiliano Pernetta e Euclides Bandeira, o crítico Andrade Muricy, o advogado Hugo Simas, etc.

O leitor/resenhista estava, de forma geral, submisso ao leitor implícito, pois buscava agradá-lo ao mesmo tempo que conduzi-lo

84 Compreendido como o leitor que o autor tem em mente ao escrever a obra. Ver: CHARTIER. *A história cultural...*

em suas leituras. Assim, Romário Martins esperava que a leitura de *Edade Moderna*, de João Pernetta (1903) permitisse que o leitor obtivesse lucro da leitura – tanto da obra quanto da resenha que a apresentava.[85] De forma semelhante, a *História da Guerra do Paraguai* (1897), inspirou sentimentos bastante nobres ao resenhista, que gostaria de ver tais sentimentos em outros leitores, pois "[...] [a]o ler aquellas paginas vibrantes, a mocidade sentirá brotar-lhe na alma a flor da gratidão e do respeito [...]".[86] No mesmo tom, duas décadas depois, o livro *Cidades mortas* de Monteiro Lobato, deixava o leitor/resenhista com sentimentos de júbilo, em um transporte ao tempo de sua infância seguindo os personagens em suas peripécias, um sentimento que ele ansiava por compartilhar com seus próprios leitores.[87]

Às vezes, o resenhista desejava que o seu leitor compartilhasse plenamente de suas opiniões, ou que não as achasse excessivas e exageradas, a ponto de transcrever algum trecho da obra resenhada como prova de suas afirmações.[88] Mas, frequentemente, sua opinião deveria prevalecer, para o bem ou para o mal, sobre quaisquer outras, normalmente depreciadas. Assim, resenhando *A carne* de Julio Ribeiro, em 1888, Rocha Pombo questionava a literatura naturalista em termos de seus próprios leitores:

> Que tem de commum com nosso tempo, com nossa sociedade, com nossa alma, essa litteratura de que se fez genero no mercado e que se destina a estimular o gosto depravado de certos leitores?[89]

85 MARTINS, Romario. Bibliographia. *Almanach do Paraná para 1904*. Curitiba: Livraria Econômica,1904, p. 268-70.

86 Respigas. *Cenáculo III*(4). Curitiba, 1897, p. 187-190.

87 Livros e folhetos. *Cruzada II*(14). Paranaguá, ago./1920, s./p.

88 Estilhas. *Fanal II* (7 e 8), Curitiba, ago. e set./1912, p.139; No A'dito. *União e trabalho I*(1), jul./1919, p. 1.

89 POMBO, José Francisco da Rocha. A carne (romance de Julio Ribeiro) *A Galeria Illustrada I* (3). Coritiba, 10/dez./1888, p. 19; *A Galeria Illustrada I* (4), 20/dez./1888, p. 28.

De uma maneira geral, os leitores que vinham a público manifestar suas próprias impressões de leitura – chamassem a isso crítica literária, propaganda de fé ou anotações de leitura – buscavam estabelecer cânones de leitura[90] que eles esperavam que seus leitores seguissem, da mesma forma que eles liam segundo cânones estabelecidos algures e por tradições diversas. Essas tentativas de ortodoxia da leitura perdiam-se na diversidade e pluralidade de opiniões trazidas à luz em um raro momento da história brasileira em que não existia nenhum aparato oficial de censura, exceto o da Igreja Católica[91] e aquele montado pela força policial contra a imprensa anarquista (e contra os próprios) principalmente após a greve de 1917.[92] De fato, as constituições de 1824 e 1891 garantiam a liberdade de pensamento. Embora seja notório que a lei foi frequentemente ignorada, a constituição de 1824 previa que "todos podem communicar seus pensamentos por palavras e por escrito, e publical-os pela imprensa, sem dependência de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos, que commeterem, no exercício desse direito, nos casos e

90 Para uma discussão sobre os cânones de leitura, ve LaCAPRA, Dominick. *Representing the holocaust;* history, theory, trauma. Ithaca and London: Cornell University Press, 1994, particularmente o primeiro capítulo "Canons, texts and contexts", p.19-42.

91 Aparato que frequentemente tinha que ser acionado, mesmo que à Igreja só restasse a mesma arma com que era atacada. Assim, "[t]odos os fiéis estão obrigados, sob pena de peccado mortal, não *comprar, ler,* ou *ter* comsigo livros ou periodicos prohibidos pela auctoridade ecclesiastica. Supponhamos, pois, que se publica um periodico que propositadamente diffama ou calumnia a Religião ou os bons costumes, atacando, por exemplo, systematicamente as ordens religiosas, defendendo erros condemnados pela Egreja, etc., supponhamos mais que o prelado não tenha condemnado formalmente a mencionada publicação; que havemos de julgar de tal periodico? A resposta é muito simples: tal periódico deve ser tido como gravemente prohibido, - por direito divino e ecclesiastico, - de accordo com o art. 21 da Constituição *Officiorum*, o qual diz: 'Os diários, folhas e folhetos periodicos que propositalmente combatem a Religião ou os bons costumes, devem ser tidos como prohibidos, não só por direito natural, como também por direito ecclesiastico.'" Aviso opportuno sobre livros e periódicos prohibidos. *A Estrella IV* (162), Curitiba, 12/maio/1901, p. 3.

92 FONSECA, Ricardo Marcelo & GALEB, Maurício. *A greve geral de 17 em Curitiba*; resgate da memória operária. Curitiba: Instituto Brasileiro de Relações de Trabalho, 1996.

pela forma determinados em lei". A constituição de 1891 manteve essas garantias.[93]

A ampla veiculação dessas opiniões e ideias diversas permitem que se infira uma diversidade de leitura com poucos antecedentes históricos. Não havia, naquele momento, nenhuma opinião majoritária ou unânime que pudesse efetivamente estabelecer cânones de leitura que em determinado momento não entrassem em choque uns com os outros. Havia sim, diversas opiniões contraditórias, como entre seguidores de Sílvio Romero ou de Clóvis Bevilácqua; complementares, como entre maçons e pitagóricos; antagônicas, como entre liberais e anarquistas, feministas e antifeministas, anticlericais e o clero. Elas transparecem mais claramente quando suas formas de leitura são colocadas sob foco.

As opiniões manifestavam-se nas leituras como *tentativas* canonizantes em torno de temas com apelo mais generalizado – mas, não obstante, pouco definidos. O contraste pode ser visualizado entre a tentativa de ortodoxia manifestada pela Igreja Católica e as preocupações de intelectuais anticlericais, que também estavam comprometidos com padrões estéticos, propostas políticas e crenças não necessariamente comuns a todos os indivíduos ou grupos daquela sociedade.

Vistas como tentativas canonizantes, portanto, as resenhas buscavam sobretudo *recomendar* as leituras que seus autores realizaram. Eram recomendadas aos leitores não somente as obras, mas também a forma como essas leituras foram feitas. Um dos denominadores comuns a uma tal recomendação foi o conceito de moral – conquanto esse conceito possa ter tido diferentes significados para cada um daqueles que fizeram as recomendações. Com esse intuito, ao resenhar *Abdalah, ou le Trèfle a quatre feuilles*, de Éduard Laboulaye (Paris: Charpentier, 1894), Silveira Neto nos

93 BARROS, José Ferreira de, org. *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Provincia do Paraná* para o anno de 1877; *Retrato do Brasil.* São Paulo: Política, 1984, vol 3, p. 45.

falava em uma "leitura moralissima" recomendada "aos apreciadores de bons livros, confortalescentes, ungidos de uma suave piedade forte e regeneradora".[94] Ou seja, Silveira Netto, no seu leitor implícito, forneceu pistas sobre que tipo de leitor ele mesmo foi – ou pretendeu ser. Algumas décadas depois, o Instituto Neo Pitagórico também recomendava a seus membros obras que seriam "de alto pensar, nobre sentir, moral sublime e directriz iniciática", como aliás deveriam ser aqueles membros.[95] O INP fazia eco àquilo que Dario Vellozo (que como vimos, era o principal neo-pitagórico) dissera ao recomendar a leitura de uma determinada obra iniciática de Bernardin de Saint-Pierre (*Paolo e Virginea*) que, através de uma leitura atenta, era capaz de elevar "a mente, revelando-nos thezouros moraes e nobres ensinamentos".[96] A própria obra de Vellozo, quando resenhada, foi compreendida em termos de valores tão abstratos quanto os morais. Sobre *Da Tribuna e da Imprensa*, Herculano Mariz disse que deveria ser lido por que "é de [autoria de] um devotado á Pátria e á Humanidade", e que a obra exigia "largas leituras e commentarios para que se propague como merece".

Outras recomendações baseavam-se em características intrínsecas à obra e ao autor, como aspectos estéticos, fama, relevância do tema abordado e/ou os aspectos editoriais. Há, por exemplo, a resenha dos *Contos para a infância [Histórias da baratinha]*, de Figueiredo Pimentel (1897), que nos diz da relação do próprio autor para com as obras infantis:

> Lêde-os, adoraveis creanças, - lêde-os; - e conservae amorosamente esses livros, que relereis mais tarde, sentindo que, sob o imponderavel influxo da recordação, todo o vosso passado

94 SILVEIRA NETTO. Respigas. *Cenáculo I* (1), Coritiba, 1895, p. 184-6.

95 Portico. *Luz de Krotona III* (1). Curitiba, jan./1925, p. 51.

96 VELLOZO, Dario (Apolonio de Tyana). Da irradiação pithagorica em Paulo e Virginea de B. de Saint-Pierre. *Myrtho e Acacia I* (2), Curitiba, mar.-maio/1916, p. 112-145.

> avulta, candido e immaculado, rarejando na vossa alma atribulada balsamo refrigerante e doce...
> Lêde-os e os conservae![97]

A fama do autor poderia servir como base suficiente para que a leitura fosse estimulada. Esse era certamente o caso com aqueles autores já largamente conhecidos (e amplamente referenciados), em um espectro que se estendia desde as obras de Edgar Alan Poe e Paul Verlaine na década de 1880, até aquelas de Monteiro Lobato nos anos 1920. Foi nesse espírito que o Cônego Braga recomendou *Frazes feitas,* de João Ribeiro, resenhada em 1908, pois "aos que têm a ventura de conhecer, por seus muitos e utilissimos escriptos, o laureado nome de João Ribeiro, não fora necessaria nova recommendação para sem perda de tempo adquirirem um exemplar desse interessante livro; [...]". [98] O mesmo Cônego Braga dispensava, dois anos antes, a recomendação de outro livro de João Ribeiro, pois o próprio conteúdo da obra (didática) tornava-a "um livro util e necessario aos estudiosos e até aos homens de letras".[99]

Ainda no tocante às recomendações didáticas, aquela da *Gramática Prática,* de Francisco Augusto Pereira Jr, editada em Curitiba (Placido e Silva & Comp., 1926), se dava principalmente em termos da abrangência de seu conteúdo, sendo "a única obra do gênero que comprehende o curso completo de gramática descritiva".[100] Um outro exemplo, não de recomendação, mas de justificativa de escolha, é o do professor Lourenço de Souza, ao explicar sua não adoção (e portanto sua não apreciação e não recomendação) da *História do Brasil* de Joaquim Lacerda, que pecava, segundo ele, por parcialidade de opiniões, já que "em um

97 Respigas – livros recebidos. *Cenáculo III* (5), Coritiba, 1897, p. 92-96.

98 Conego BRAGA. Bibliographia. *A Escola III* (3 a 5), Curitiba, jul a set./1908 p. 87.

99 Conego BRAGA. Selecta Classica. *A Escola I* (4), Curitiba, maio/1906, p. 71.

100 *A Cidade II* (53), Curityba, 25/ jun./1926.

de seus pontos faz elogiosa propaganda dos Jesuítas".[101] Ele preferia a *História do Brasil* do mesmo João Ribeiro admirado pelo Cônego Braga. Uma escolha interessante – em um parêntese para uma leitura mais recente – já que a obra surgira como um compêndio destinado ao curso superior (que, segundo Brito Broca, àquele tempo, significava curso ginasial), e não para um curso primário, como a "terceira cadeira publica para o sexo masculino" que Souza dirigia. Ainda segundo Broca o livro de João Ribeiro, rico em análises históricas que não são encontradas em outras obras semelhantes, era um livro para "estudiosos" e não para estudantes.[102]

Outros aspectos que podiam tornar o livro recomendável aos olhos do leitor/resenhista – e, por extensão àqueles de seu leitor – eram tipicamente editoriais, concernentes menos ao conteúdo que à forma ou à mera origem dos livros. Assim, ao falar sobre uma obra de Teófilo Braga, o resenhista sugeria que o simples reconhecimento adquirido pela casa editorial era suficiente, pois, "ter as obras edictadas pela livraria dos Srs. Lello & Irmão é recomendal-as. Grandes escriptores lusos fazem lá imprimir seus trabalhos".[103] No mesmo tom, em 1897 recomendava-se a leitura da *Gazeta Litteraria, Muzical Illustrada* tanto pela abrangência, que interessava "a quantos cultivam as Bellas Artes e as Bellas Lettras", quanto por seu aspecto editorial, pois era "cuidadosamente impressa".[104]

De forma semelhante, no debate estabelecido entre o jornal católico *A Estrella* e o humorístico *O Sapo*, em torno do lançamento do anti-clerical *Os Chacaes* de Julio Pernetta, em 1898, a tentativa católica de expurgar a obra foi feita no sentido de

101 SOUZA, Lourenço de. Relatório apresentado ao Exmo Dr, A Pedreira de Cerqueira, director da Instrucção Publica do Paraná [...]. *A Escola I*(4). Curitiba, maio/1906, p. 78-83.

102 BROCA, Brito. *Horas de Leitura*; primeira e segunda séries. Campinas: Editora da Unicamp, 1992, p. 201-210.

103 Argus. *Esphynge VI* (1,2), 1904. p. 28-9.

104 Respigas. Livros recebidos. *Cenáculo III* (5), Coritiba, 1897, p. 29-32.

desaboná-la em seus atributos físicos, caracterizando não como livro, mas como folheto (de 37 páginas); não como um ataque poderoso ao clero jesuíta, mas como um tiro que saiu pela culatra, atingindo o próprio autor, dada a exiguidade do texto. A réplica buscou sua defesa nos argumentos de ataque, mostrando o quanto a propaganda católica se utilizava de obras consagradas com tantas ou menos páginas que o livro em questão; buscou também na tradição literária (Vitor Hugo em particular, com seu *César que mata e Pedro que mente*, de 58 páginas) obras de semelhante porte que, seguindo o argumento do ataque católico, de nada valiam por não caracterizarem um livro mais volumoso.[105]

Os cânones de leitura (e livros) que se buscava estabelecer pelo viés do aconselhamento, cuja apresentação era legitimada por um notório saber ou por um estilo eloquente do resenhista, eram frequentemente vistos como dogmas por outros resenhistas e autores, que tinham em mente outros quadros canônicos. Assim, o leitor/escritor ou o leitor/resenhista concentrado em modelos *modernos* de leitura e literatura, como o simbolismo, via o cânone neoclássico como dogmático e, em consequência, repressor das possibilidades literárias que buscava em suas leituras e escritos. Foi nesse sentido que se construiu grande parte da crítica literária contida nas resenhas e artigos da imprensa paranaense da virada do século. Os aspectos que essa crítica assumiu eram muito próximos das tentativas de estabelecimento de cânones de leitura (cuja eficácia ou fracasso só poderá ser verificada através de uma outra pesquisa que descubra como uma ampla parcela dos leitores das resenhas percebeu tais leituras).

Ainda que o interesse imediato do presente texto não seja o de avaliar a constituição da crítica literária como campo de conhecimento no espaço e tempo estudados, aquilo que alguns intelectuais paranaenses do período em questão entendiam como crítica literária pode, novamente, fornecer mais algumas pistas

105 LOGUSTA. Utopias. *O Sapo I* (31), Curitiba, 21/out./1898, p. 2.

sobre suas leituras. Assim, escrevendo em 1914, Mario Rezende criticava a poesia de Francisco Leite em seu livro de estreia (*Poentes de Outono*) em termos da falta de originalidade, ou seja, de prender-se ou imitar sem muito sucesso, autores e obras já consagrados:

> Na confeicção, porem, dessa nova obra, parece-nos deixou elle arrastar-se levianamente pela preocupação elastica e fofa de editorar um livro volumoso [...]Em nenhuma das suas páginas, por muito que se catem, não se nos deparam notas originaes e agudas, antes se apprehende que elle as anda a buscar aqui e ali, em Emiliano Pernetta, Mario Pederneiras, Cesario Verde e Eugenio de Castro e muito principalmente numa nova geração, que ahi vem tentando, embora distanciadamente, imitar essa arte finíssima, porem, lamurienta e doentia, de Antonio Nobre.

A crítica continuava, afirmando que, na tentativa de dominar "aquele mundo rumorento de símbolos" sem compreendê-los, o autor "fez todo o seu esforço resvalar e cair, sem o querer, no terreno do lirismo romântico".[106] No outro lado do espectro, a resenha publicada sob pseudônimo um mês depois, na mesma *Atheneia* que continha a crítica acima, ao falar dos *Episódios*, de Santa Ritta Junior, julgava agradável o texto pois "o estylo muito suave em que foram vasados os contos enfeixados no volume, fugindo sempre a esse falso classissismo de que tanto alardeiam alguns dos nossos escriptores, decorre limpido e claro, simples e fluente".[107] O primeiro autor "resvala e cai" no terreno de cânones superados da poesia (e, embora seja redundante dizê-lo, da leitura), o segundo, foi capaz de escrever segundo novos pressupostos "acompanhando, de muito próximo, o rumo que vae se seguindo, entre fulgidios clarões, o pensamento moderno", tornando a leitura de seu texto mais assimilável pelo leitor/resenhista/crítico.

106 REZENDE, Mario. Livros que apparecem: Poentes de Outono de Francisco Leite. *Atheneia I*(2); Coritiba, ago./1914, p. 25-26.

107 Mark-Allan. Livros que apparecem: "episodios" de Santa Ritta Junior. *Atheneia I* (3) Coritiba, set./1914, p. 21-22.

Uma última nota sobre o caráter das resenhas, que pode ajudar a elucidar as pistas sobre a leitura e os leitores levantadas até aqui, diz respeito ao envolvimento do leitor/resenhista com seus colegas de profissão. Embora houvesse uma profusão de afirmações no tocante à neutralidade pretendida na avaliação das obras que leram, os autores das resenhas, frequentemente autores de obras resenhadas por outros autores, mantinham-se do lado seguro da crítica literária. As críticas depreciativas, como aquela feita do livro *Poentes de Outono*, eram relativamente raras, isto é, menos comuns do que as críticas feitas em louvor da obra de um autor paranaense, novo ou consagrado, com fins de propaganda ou por puro ufanismo bairrista.

Por vezes, os resenhistas refugiavam-se na modéstia (ou em um pressuposto de inferioridade profissional) para abrir o elogio da obra. Assim, A. F. Alves de Farias diz, sobre *Os versos áureos* de Alberto Seabra:

> Não nos propomos aqui a fazer a critica do trabalho do illustre medico, mas apenas dar uma idea do seo fulgurante esforço, desenvolvido com muita clareza e grande assombro.[108]

No mais das vezes, a crítica negativa era reservada a livros publicados fora do Paraná, os quais os resenhistas liam com menor grau de comprometimento pessoal, como a crítica de *Vagas*, de Sabino Baptista, publicada no Ceará em 1896:

> O auctor que, n'um verso, diz ser a sua lyra jovem, ainda mostra-se com talento em algumas poesias em que soube despegar-se mais de moldes extranhos, fazendo prevalecer a sinceridade; em outras, submette-se á inteira influencia de outros poetas, sacrificando descuidosamente a autonomia e o merito de seo trabalho; finalmente, versos fracos, e entre elles alguns errados, desharmonizam consideravel parte do livro. [...] [o poema] A

108 FARIAS, A. F. Alves de. Os versos aureos. *Brazil civico I* (3 e 4), out./1918, p.209-225.

> Ballada Errante é imitação mediocre da *Canção Perdida* de Guerra Junqueiro.[109]

Apesar desses raros momentos de crítica ácida, predominava a crítica benévola, o elogio, a elegia do local, do líder intelectual ou do novo talento. Sobre o *Templo Maçonico*, de Dario Vellozo, "Lavoisier" escreveu, em 1909, ser "impossivel, na estreiteza d'estas linhas e ainda mais na incompetência de quem as escreve, dar uma pallida idéia das bellezas contidas n'esse riquíssimo escrínio". [110] Lycio de Carvalho recebeu uma homenagem semelhante quando da publicação de seu livro póstumo, *Peregrinas* (1896), pelo grupo do *Cenáculo*, o qual ele frequentara em vida. Com a publicação daquele "volume de amarguradas poesias simples" seus colegas buscavam render "o tributo de apreço ao bello talento do bardo paranaense, que representava uma das mais delicadas organizações artisticas do nosso meio litterario".[111] Um último exemplo fala sobre o tipo de sensação que a leitura podia provocar no resenhista, e que ele tentava passar a seus próprios leitores:

> Á FOZ DO IGUASSÚ, por Muricy. Edição da *Impressora Paranaense*, Coritiba, 1896. [...] O delicado e intelligente payzagista auctor do opúsculo, sabe tão magistralmente colorir as telas que nos apresenta, que nos sentimos vibratizados de extranhas emoções sadias ao percorrer com elle longos trechos de matagaes extensos, aonde se sente o estuar do grande mysterio da natureza victoriosa.[112]

As críticas de Rubens do Amaral (citadas na introdução deste trabalho) parecem ter fundamento quanto ao "elogio mútuo, por escrito", embora seja virtualmente impossível sabermos se, entre

109 R.M. Respigas. *Cenáculo II*(2). Coritiba, 1896 p. 188-9.

110 LAVOISIER. Livros e opúsculos. *Ramo de Acácia II*(9, 10 e 11). Curitiba, jul. a set., 1909. p. 167.

111 SILVEIRA NETTO. Respigas. *Cenaculo I*(1), Coritiba, 1895, p. 25-26.

112 Respigas. *Cenáculo II*(3). Coritiba, 1896, p. 157-160.

eles, os escritores se alcunhavam de “bestas na maledicência dos cafés”.[113]

Apesar desse esforço contínuo de fazer com que o público leitor dos seus periódicos soubesse quais livros estavam à sua disposição, e esforçar-se para que as leituras fossem feitas de acordo com aquelas apresentadas pelo leitor/resenhista, o campo específico a que se chamava “crítica literária” sofria, também ele, de males que José Guahiba chamou de “criticalhos”, por ser pouco inovador, isto é, atrelado a cânones hipoteticamente superados ou não originais:

> A mór parte dos plumitivos forra-se á canceira de leituras muito longas, afeiçoada que é ás glórias evanecentes do jornalismo. Em matéria doutrinaria, confina-se á repetição, ou incompleta assimilação do que se lhes depara em revistas publicadas em linguas nêo-latinas. Por outro lado, ignoram esses *intelectuaes* a própria corografia de sua pátria, pouco sabem dos costumes, lendas, tradições e feitos importantes de seu povo.[114]

Escritores como os que produziram as resenhas analisadas aqui, foram leitores que buscaram manter sobre si uma aura de conhecimento e objetividade com relação àquelas leituras das quais apresentaram suas opiniões. Embora nenhuma das evidências apresentadas indique que a leitura fosse geralmente aceita das formas como esses intelectuais a preconizavam, eles certamente leram daquelas formas e não mediram esforços para que *suas* leituras fossem aceitas por seus próprios leitores. Embora falte o elo final nessa “corrente” de uma leitura da leitura, damo-nos por satisfeitos em ter começado a desembaraçar os nós que o tempo sobrepôs a ela.

113 AMARAL, Rubens do. Letras paranaenses. *Atheneia I*(3), Coritiba, set./1914, p. 11.

114 GUAHIBA, José. Criticalhos. *Fanal III* (21,22,23). Curitiba, out. nov. dez./1913, p.405-7.

O bom amigo livro

Uma sociedade como aquela em que este estudo se funda, ou seja, uma sociedade para a qual as páginas anteriores indicaram abundância e diversidade de material impresso,[115] deveria dar, ao menos teoricamente, uma importância ímpar à palavra impressa. O verbo condicional serve como uma das incontáveis ressalvas necessárias a um tal estudo, que não busca generalizações fáceis, mas que pode achar-se reduzido em sua importância por tais restrições.

Dentre as inúmeras possibilidades que se descortinam para o historiador da leitura, a de acesso mais difícil é aquela que busca verificar a importância da leitura para além do ato de ler, nas construções e representações culturalmente construídas em torno do ato da leitura propriamente dito, irrecuperável em sua totalidade, como o próprio fato histórico.

Este trabalho não quer aprofundar a já ampla discussão sobre a ideia de representação e seu papel na escrita da história. O conceito febvreano de que as mentalidades constroem-se em torno de um "instrumental mental", aliado à necessidade cultural de filtrar a realidade através de um universo imagético que familiariza o real, devem ser suficientes para compreendermos a necessidade que os protagonistas desta história da leitura tinham em constantemente fornecer imagens sobre elementos do universo da leitura, como a imprensa, o livro, a própria leitura e seus locais. Caso não o sejam, podemos pensar que é no plano cultural que o comum dos mortais pode expressar, de forma ingênua ou em refinada arte, sua própria compreensão do mundo.

---

115 Ainda que - é importante repetir – a alfabetização estivesse longe de ser universal. Também é importante lembrar que a oralidade da leitura, ou, nas palavras de Chartier, "a audição de uma palavra leitora", embora tivesse tido um certo papel nessa sociedade, era largamente suplantada pela leitura individual, solitária e silenciosa. Além disso, as poucas evidências nesse sentido, como as sessões do Instituto Neo Pitagórico e alguns relatos de "saraus literários", dizem mais respeito a um público composto, em sua maior parte, por pessoas letradas.

Contudo, o que se fez foi buscar pistas sobre como as preocupações com a leitura, com o livro e outros aspectos desse universo, orientavam aspectos cotidianos e, por isso, essenciais, do funcionamento da sociedade em questão.

O ponto central de argumentação é o fato autoevidente de que a palavra impressa constituía um dos fundamentos da troca de experiências dos diversos indivíduos que surgem nesse trabalho. O outro fundamento – a tradição oral – não foi contemplado na recolha das fontes utilizadas. A forma como os meios de circulação, ou os locais de guarda da palavra impressa estavam organizados reflete conceitos ou ideias sobre a forma de organização da sociedade. As preocupações votadas à leitura refletem a passagem feita desde a leitura efetiva do material impresso a uma outra, da própria sociedade.

Assim, por exemplo, a aceitação ou negação da teoria (de Buffon) de que o estilo do autor conservava sempre "traços reconhecíveis da physionomia espiritual de seu proprietário",[116] refletia a preocupação da identificação da palavra escrita com pessoas de carne e osso, desinvestidas da aura mágica da autoria do texto[117] e, portanto, passíveis de serem encontradas na existência cotidiana, mesmo quando a impressão deixada pela leitura não era confirmada pela realidade. É este o caso que um cronista anônimo apresenta, em 1907:

> A gente lê por exemplo, uma pagina esfusiante de verve e, ainda chorando de rir, com as mãos ás ilhargas, diz: este sujeito com certeza é um pandego! E fica supondo que o tal sujeito é quasi um palhaço. Um bello dia conhece-o pessoalmente e nota com espanto que o homem é gravebundo como um cantochão e sem o menor chiste ao conversar.[118]

116 BANDEIRA, Euclides. Dedicatorias. *Anthos I*(2), Coritiba, abr./1917, p. 17.

117 Conferida à leitura em geral pela tradição judáido-cristã de leitura dos livros sagrados. Ver o primeiro capítulo.

118 "Manoel da Hora". Contrastes. *O Olho da Rua* (3), Curitiba, 02/maio/1907, s./p.

A própria imprensa, já existindo (ou podendo existir) de forma autônoma com relação a outras instituições, era vista como forma de atingir objetivos que estavam subentendidos em uma leitura da sociedade. Ela servia tanto para "guiar a humanidade á perfectibilidade [...] sendo o verdadeiro motriz do progresso"[119] quanto para tornar os povos "aptos para a gloriosa conquista do seu bem estar e da sua gloria".[120] Ela também era compreendida como fator de transmissão de uma herança cultural atemporal, conforme uma citação de Lamartine, reproduzida pelo *O Sapo*, em 1899:

> A imprensa aproxima o pensamento do homem isolado, e põe-o em communicação immediata, continua, perpetua com todos os pensamentos do mundo invisivel, no passado, no presente e no futuro. Disse-se que os caminhos de ferro e o vapor, supprimiam as distancias, pois pode-se dizer que a imprensa suprimiu o tempo.
> Graças a ella somos todos contemporaneos. Eu converso com Homero e com Cicero; os Homeros e os Ciceros dos seculos futuros conversarão comnosco [...][121]

Simultaneamente, a leitura da sociedade podia ser feita no jornal, visto como reflexo e influência de comportamentos sociais, pois:

> O jornal é um livro immenso que todos lêm e que todos escrevem, que decompõe como o iris todos os matizes da luz e leva em seu seio, como a nuvem, os relampagos da tempestade; que é como o A'gro em Athenas, como o Forum em Roma, o lugar onde cantam todos os amores pelas idéias e onde bramam todos os ódios, instrumentos que não possuio nenhuma revolução antiga, missionario de que não dispoz nenhum dos reformadores que, com a sua palavra, destruiram um mundo e renovaram outro: o jornal é hoje, n'este immenso cahos onde tantos novos elementos

119 OLIVEIRA, Andradina. Imprensa. *O Sapo II* (36), Curitiba, 3/set./1899, p. 3.

120 BOCAIUVA, Quintino. A imprensa. *O Sapo II* (20), Curitiba, 14/maio/1899, p. 1.

121 LAMARTINE. A imprensa. *O Sapo II* (21), Curitiba, 21/maio/1899, p. 1.

> sociaes se agitam a obra mais penosa e que mais suores custa, que mais vidas consome, que mais satisfações proporciona, mas ao mesmo tempo a que tem mais trancedental influencia sobre a vida e sobre os costumes e portanto, é sem duvida, mas sempre o alfião contra os furores dos governos arbitrarios.[122]

Essas construções, calcadas no trinômio tradição/ educação/ meios de comunicação, apontados por Moscovici como fontes básicas do conhecimento, embora busquem uma identidade com um certo conhecimento científico (aquele comprometido com a ideia de progresso), podem ser mais identificados com a ideia – também teorizada por Moscovici – de representação social, ou um conhecimento não sistematizado do real, forjado na sociedade com o objetivo de ordenar o meio.[123]

Essas representações, reconhecidas nesse meio por sua carga de verossimilhança e pelos elementos culturais comuns aos membros daquela sociedade (as "teorias implícitas" de Moscovici) podem ser levantadas na busca da compreensão do papel que a leitura exerceu no passado em questão.

Nesse sentido, livro, leitura e bibliotecas constituem-se em uma fonte central de preocupação para as pessoas envolvidas na escrita e na leitura de livros, jornais e revistas no Paraná da virada do século.

No que se refere às associações estabelecidas com o objeto físico constituído pelo *códice* ocidental, podemos partir de uma primeira fonte, bastante rica, e um tanto longa, que peço a licença do leitor para transcrever:

> Confesso ingenuamente – sempre que me entra em casa um livro novo, experimento duas impressões que mutuamente se contradizem.

122 CASTELLAR, E. O Jornal. *O Sapo II* (28), Curitiba, 9/jul./1899, p.1.

123 MOSCOVICI, Serge. *Psycologie sociale*. Paris: PUF, 1990.

> Alegro-me de o ver apparecer; entristeço-me, sabendo de antemão que esse livro, sobretudo quando vibre da sonoridade de um nome victorioso, virá tantalizar-me.
> Repetidas vezes fujo-lhes, colloco-os a respeitável distância da minha ardente expectativa, sequestro-os ao meu olhar curioso para o antro de uma gaveta, hermeticamente fechada como um calaboiço!
> Não dispondo do tempo indispensável para aprecial-os, diligenceio por todas as maneiras de esquecel-os.
> Mas os scelerados attrahem-me, cantam em surdina no fundo das gavetas promessas sugestivas, provocações fascinadoras...
> E é raro que eu triumphe da seduccção em que elles me envolvem; em questão de dias! Por fim, resgato os [ilegível] e acabo sacrificando-lhes em holocausto algumas horas cerceadas ao meu trabalho sem tréguas e cincoenta por cento, pelo menos, do meu sono.
> [...]
> Era forçoso attendel-os; exigia-o a cortezia que devemos as visitas amáveis e solicitava-o a voz imperiosa que nos impelle, para as curiosidades irresistíveis. E afinal, elles merecem todas as dedicações, desde o artigo de jornal que se não escreve até a noite branca em que se não dorme.
> Indiquem-me, se o conhecem, o nome do amigo ideal que possua, como o livro, o segredo de nos confortar, sem nada exigir, a lucida dupla vista de nos entender, sem nos interrogar, o maravilhoso poder de nos abrir para o infinito a janella da visão, a suavidade ineffável que acaricia a alma e o sorriso leve e alado, como uma borboleta de primavera, que aligeira o espírito.[124]

Depreende-se, deste texto de Guiomar Torrezão, feminista portuguesa correspondente do jornal paranaense *A Galeria Illustrada*, uma série de relações existentes entre o leitor (no caso, a leitora) e o livro, muitas das quais antecedendo a própria leitura. A mais presente é a atribuição de qualidades humanas aos objetos, que, em suas ações imaginárias, tornam-se "scelerados" ou

124 TORREZÃO, Guiomar. Letras e artes - Livros novos. *A Galeria Illustrada I* (10) 10/abr./1889, p. 82.

"amigos", com vontade própria, mais forte que a determinação do leitor. É comum encontrarmos referências, no material estudado, à amizade ou ao companheirismo que o livro pode proporcionar ao leitor. Dario Vellozo, por exemplo, citava Bernardin de Saint-Pierre ao afirmar que "um bom livro é um bom amigo".[125] Da mesma forma, para seus amigos no *Cenáculo*, o livro infantil era "um bello companheiro".[126] Entendido como tal, o livro podia despertar um grande número de diferentes emoções entre seus leitores, normalmente aquelas surgidas em relações de amizade. O livro de Saint-Pierre enobrecia e confortava Dario Vellozo através de "thezouros moraes e nobres ensinamentos",[127] da mesma forma que *As Peregrinas*, de Lycio de Carvalho, fizeram Leoncio Correia "sentir n'alma essa doce e commovedora sympathia que inspiram os corações alanhados pelas desventuras [...]" e o *Luar de Inverno*, de Silveira Neto, era "um livro vibrante, no qual se alteiam estrophes que nos commovem até as lagrimas".[128] Deusdedit Moura Brasil, nosso velho conhecido, ao final do seu atribulado processo de aprendizado, encontrava no livro "a jóia ou o brinco que deleitará e confortará o Espírito em seguida".[129] O resenhista do *Cenáculo* também destilava emoções "sadias" que faziam-no sentir "vibratizado", a partir da leitura do relato da viagem de Andrade Muricy *Á Foz do Iguassú*, citado acima.[130]

Esta prática de leitura, que identifica diferentes emoções com o livro, pode ser associada àquilo que Peter Gay chama de prática econômica da leitura, como foi apresentado no primeiro capítulo. Se o ato de ler "prova o id ao simular a satisfação dos

125 VELLOZO, Dario (Appolonio de Tyana). Da irradiação pithagorica em Paulo e Virginea de B. de Saint-Pierre. *Myrtho e Acacia I* (2), Curitiba, mar.-maio/1916, p. 112-145.

126 Respigas. *Cenáculo III* (4). Curitiba, 1897, p. 187-190.

127 VELLOZO. Da irradiação ... p. 112-145.

128 CORREIA, Leoncio. Galeria Paranaense. *Cenáculo I* (1), Coritiba, 1895, p.85; 253.

129 MOURA BRASIL. *Ontogenia*... p. 7.

130 Respigas. *Cenáculo II*(3). Coritiba, 1896, p. 157-160.

instintos, lisonjeia o ego com belezas formais, aplaca o superego ao incluir o leitor numa comunidade moral invisível em que é feita justiça aos maus e aos inocentes", ele prova ser uma atividade econômica ao evitar que o leitor se exponha aos perigos envolvidos em buscar aquelas emoções por conta própria, sem o intermédio do escritor.[131] Por outro lado, a apreciação dos livros como "amigos" pode ter uma raiz no século XVIII, à medida que possamos inferir maior ou menor grau de identificação da leitura do período com a leitura do Iluminismo, que se pensava libertadora e dotada de valores universais. Seja qual for a origem de tais associações, elas demonstram intimidade com o objeto físico que contém aquilo que se deseja ler, ao mesmo tempo que aponta para uma visão favorável da leitura e do livro – qualquer leitura e qualquer livro – até que eles mesmos – livro e leitura – provem não serem bons de alguma forma.[132]

Uma outra série de sentimentos era associada ao livro. O desejo ou a posse efetiva de um determinado livro geravam diversas outras emoções nos leitores. A primeira – e mais facilmente evidente – era a felicidade da posse de um objeto desejado. Alberto Manguel nos fala do mais famoso ladrão de livros da história – com o significativo nome de batismo de Guglielmo Libri – e sua extensa ação sobre as obras confiscadas pela Revolução Francesa. Segundo Manguel "o prazer de segurar um volume raro nas mãos, de virar as páginas que ninguém virará sem nossa permissão, com certeza movia Libri até certo ponto".[133]

131 GAY. op. cit., p. 145.

132 O argumento central é de que, como já falamos, a censura não era uma condição prévia da leitura, como queriam alguns líderes católicos e como seria o caso no pós-1930.

133 MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 273; Ver também DENIPOTI, C. A Gentil Loucura: As Representações da Bibliomania nos Séculos XVIII e XIX. In: GRUNER, Clovis; DENIPOTI, Cláudio. (Org.). *Nas tramas da ficção*; história literatura e leitura. São Paulo: Ateliê, 2009, p. 177-198.

É em um sentido próximo que, ao explicar a gravura intitulada "um homem feliz", o escritor d'*A Galeria Illustrada* afirmava, em 1889:

> Eis o homem feliz: descobriu em um montão de papéis velhos um exemplar poeirento duma edicção ha muito tempo esgotada. [...] Jamais amante algum ficou mais absorto pelo pensamento no seu bem amado, que o nosso velho lettrado, pelo magnifico volume, com o qual vai enriquecer a sua collecção.[134]

Esse desejo de posse levava à formação de bibliotecas particulares, ou à simples guarda de livros e/ou escritos em geral. Vimos, em outra parte deste texto, como Hypólito Pereira desejara um livro ansiosamente, embora depois aprendesse que não era um livro tão valioso quanto esperara. Mas o mero desejo pelo livro

134 Nossas gravuras - um homem feliz (cópia do Sr. Bellini). *A Galeria IllustradaI* (17), Curitiba, 20/jul./1889p. 19-20.

levou-o a arquitetar um plano que enganasse o verdadeiro dono do livro, bastante cioso de seus pertences:

> [...] comecei a assedial-o para que me cedesse o livro.
> Foi tudo em vão, até que tomei a resolução heroica de,- pela violencia ou pela persuação, - conseguir o livro. [...] Depois de procurar interessal-o sobre umas histórias de velhos sellos, que ia, muito de industria, architectando, procurei tirar, furtivamente, o livro ambicionado, quando o velho Pampôlha, fitandome [sic.] com ironico sorrizo de quem descobrira o engôdo, disse, passando a mão sobre o hombro: -
> -Deixe voce ahi o livro, porque a sua história de sellos já está muito comprida!
> Escuzado será dizer que capitulei, vencido ante aquella delicada censura, com que o maniaco dos livros defendia o seu precioso thesouro.135

Assim como Hypólito Pereira, outros leitores (tão privilegiados quanto aquele, por serem também escritores), referiram-se, em diferentes momentos, à felicidade da posse, ou o desejo por ter em mãos e poder ler um livro desejado. Leoncio Correia comentou, em 1895, a felicidade que sentia em possuir os originais de uma obra inédita de Fernando Amaro, para cuja publicação (pelo *Cenáculo*) estava preparando o prefácio.[136] À mesma época (1898), como já vimos, o desejo de ler *La Liberté*, de Stuart-Mill serviu de pretexto para um convite a associar-se ao *Club Coritibano*.[137] Em um ângulo um pouco diferente, Dario Vellozo, analisando a existência de magia negra no Estado, verificava que *O Livro de São Cipriano* era uma fonte requisitada sobre tal assunto, que era "encontrado por baixo preço nas

135 PEREIRA, Hypolito. Os typos inconfundiveis - O Pampolha. *O Itiberê II* (9), Paranaguá, jan./1920, p. 9.

136 CORREIA. Galeria Paranaense... p.85.

137 Ser e não parecer. *O Sapo I* (14) Curitiba, 05/jun./1898, p. 1.

livrarias" e constituía "o *preciozo thezouro* de quanto ignorante e mentecapto se arroga a pretenção de ser *Adepto*".[138]

Tais sentimentos despertados pelos livros podem ser melhor compreendidos à luz de uma sociedade na qual a informação – e principalmente a nova informação – era transmitida pela escrita. Era também uma sociedade na qual o novo e o inédito tinham um papel fundamental, carregado de signos de uma modernidade desejada ou existente.[139] Esse sentimento de desejo pelo novo inspirava e impulsionava a imprensa periódica e, de uma forma geral justificava a própria existência de jornais, além de servir de estímulo ao surgimento de novos livros, esperados impacientemente por quem sabia que o livro sairia:

> Está no prelo e brevemente será posto á venda a magnifica novella anti-clerical "Abutres!", do nosso jovem e distincto patricio Roberto Faria, um dos mais fortes talentos da nova geração literaria paranaense.
> Com ancia esse livro é esperado no circulo intelectual da nossa terra[140]

As relações entre leitores e livros ficam um pouco mais explícitas nesses raros momentos em que à leitura, associam-se sentimentos de gama tão variada. Detectam-se relações de amor e ódio para com os livros, como aquela estabelecida por Guiomar Torrezão, na qual os livros exerciam uma irresistível e envolvente sedução sobre o leitor, a leitura tornando-se um doce sacrifício.

É um tipo de leitura próximo daquele de Deusdedit, que se sentia em pleno martírio (ferrões de abelhas, alfinetes e torquazes

---

138 VELLOZO, Dario. Ocultismo no Paraná. *Esphynge II*(1), nov./1900, p. 65-73. / Grifos do autor/.

139 Ver: BERBERI, Elizabete. *Impressões*; a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998; Sobre o aspecto feérico do novo e do inédito ver: Fashionable images; the world of fashion through photographic images of the turn-of-the-century - a case study. *Iberoamericana - Nordic Journal of Latin American Studies XXIV* (2) Stockholm, 1994, p.2-18. Também: BRANDÃO, Angela. *A fábrica de ilusão;* o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba. 1905-1913. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994

140 *O Olho da Rua* (3). Curitiba, 02/maio/1907 s./p.

rasgando sua carne) após a leitura, e somente após a purificação de fazer a leitura da forma mais ampla possível, pode afirmar ter alcançado algum conhecimento. Deusdedit referia-se a uma leitura estudantil, e a maior parte dos escritores, comentaristas e cronistas de então começaram suas atividades durante o período em que ainda se dedicavam aos estudos. Para estes, a leitura estudantil, particularmente aquela feita à época dos exames, era uma forte fonte de preocupação. A *cavação*, como era definida, por eles mesmos, tal leitura, era um dos raros momentos em que uma certa carga de negatividade era lançada sobre os livros. Assim, no "microcosmo dos livros"[141] em que viviam, os estudantes lançavam anátemas às obras utilizadas para o ensino. Em uma ode à sua estante, um desses estudantes colocou a questão da leitura obrigatória no ginásio de forma clara:

> [...]
> Sabbatinas crueis, noutes em claro,
> Roubados ao prazer de namorar,
> Eis tudo quanto rende o *x* tão caro,
> Que tu com tanto pó sabes guardar.
> Vê bem! Laffite é duro e Comte avaro,
> Quem é que o Poncelet pode tragar?!...
> [...] [142]

A leitura, nesses termos, era vista como uma cruel obrigação que interrompia os prazeres da juventude, e o livro didático, um empecilho à livre escolha dos estudantes. Não é de surpreender que eles abandonassem essas leituras assim que pudessem, deixando "com saudade, a capital, o collegio, os amigos, os livros, para ir triumphalmente levar às suas familias com a compostura régia dos guerreiros de priscas éras, o resultado de suas lutas e dos seus esforços".[143]

---

141 "Dr. Koltz". Ao correr da Penna. *O Paraná*, Curitiba, 30/nov./1910, p. 3.

142 F.F. Á minha estante. *O Olho da Rua* (6). Curitiba, 22/jun./1907, s./p.

143 "Nautilus". Impressões. *O Paraná*. Curitiba, 19/dez./1910, s./p.

Outras relações entre leitores e livros podem, contudo, ser estabelecidas. Havia, por exemplo, uma forte identificação do romantismo lírico contido nos livros, em especial os de poesia, com um grupo particular de leitores: as mulheres jovens. Nesse sentido, o resenhista d'*A Flammula* dizia, em 1922, que Rodrigo Jr. era "o poeta da moda, o artífice de pequenas joias, e rara [era] a senhorita elegante que não o [folheava] nas suas horas de leitura".[144] Da mesma forma, a poesia de Francisco Leite em *A hora da mulher* (1920) era uma obra que se abria "á leitura e meditação, em brancas e delicadas mãos de jovens leitoras patrícias, na colheita de luminosas projecções desprendidas da alma do poeta [...]"[145] Além da poesia, as mulheres eram vistas, por esses resenhistas, como público ideal de uma literatura leve, abundante nas livrarias paranaenses. Assim, em 1898, o conselho do escritor às leitoras que pudessem ficar chocadas com um conto de amor em que ninguém sobrevive, era categórico:

> Leitoras, si ficou gravado em vossa imaginação alguma sombra pavorosa de toda essa mortandade distrahi-vos lendo o *Campo das Papoulas* de Paulo de Koch.
> É uma obra muito pandega, e estou certo de que si a pedires ao papá elle imediatamente vos arranjará[146]

Naturalmente, não só as mulheres eram leitoras suscetíveis a opiniões consagradoras em detrimento de experimentações artísticas. Havia um senso comum com relação ao que constituía uma leitura fácil, descomplicada, que se opunha àquelas novas leituras que os resenhistas e colunistas buscavam. Esse senso pode ser apreendido parcialmente pelas listagens de ofertas das livrarias, citadas no capítulo anterior. Pode também ser verificado nas listagens de retiradas da BPPR, que apontam para uma ampla

144 O que vem de apparecer. *A Flammula I* (2), Curitiba, jun./1922, p. 21.

145 Bibliographia. *O Itiberê II*(12). Paranaguá, abr./1920, p. 78-79.

146 "Ralé-Rey". Defendendo-me. *O Sapo I* (21), Curitiba, 24/jul./1898, p. 1.

preferência por obras consagradas do romantismo brasileiro, como as de Joaquim Manoel de Macedo e José de Alencar, em detrimento de uma literatura mais complexa e elaborada de Machado de Assis, por exemplo.[147] Uma verificação adicional é fornecida por uma crônica de 1898, na qual existe a crítica aberta àqueles que apregoam como única leitura viável, a de uma literatura "de facil intelligencia e portanto (Illação perfeitamente logica) aproveitam muito, ao passo que os outros livros não valem a capa":

> Ora estava eu um dia a saborear a prosa scintilante e fina das *Farpas*, de Ortigão, o grande escriptor portuguez.
> Surprehendeu-me n'essa agradavel leitura um d'esses sujeitinhos de que falei acima.
> O meu amigo bate-me ao hombro e me pergunta: "Então, que estas lendo? ... *As Farpas*? ... não te gabo o gosto; essa *história* nem tem sentido ... Queres ler coisa soberba? Pois pega na *Princesa Magalona*, ou no *Carlos Magno*, mas *isso*... oh! é perder tempo..."
> Eu lancei-lhe um olhar, myxto de penna e ironia, e lhe disse, qual si confirmasse o que elle dissera: "Tens razão, amigo, é perder tempo lêr um livro como esse... Leitura excellente tem a gente na *História da Avósinha*..."
> E d'ahi a pouco, quando o vi pelas costas, pude respirar e fui admirar as proezas do engenhoso Bertholdo empavezado.[148]

Esse tipo de leitor, comumente menosprezado na imprensa, mais facilmente – mas não exclusivamente – associado à leitura feminina, existiu e conviveu com leitores mais exigentes, como a maioria dos jornalistas e escritores paranaenses que forneceram as fontes para este estudo. Estes últimos, dos quais os exemplos citados até o momento podem dar uma ideia, ainda que incompleta, eram responsáveis por tentativas de superar a leitura "fácil" estabelecendo, ou tentando estabelecer, novos cânones de leitura para uma parcela maior da sociedade. Essas tentativas acabavam

147 DENIPOTI. *Páginas de prazer*... p. 44.

148 Juizes... sem juizo. *O Sapo I* (19) Curitiba, 10/jul./1898, p. 2.

por ir ao encontro de frequentes identificações da leitura com conceitos de verdade.

Deusdedit, por exemplo, procurava nos livros a discernir "o claro, a joeirar a semente da casca, separar o summo do bagaço, do alluvião retirar fragmento escorchado e puro", tentando encontrar no volume dos livros estudados, a verdade sobre ciência, religião, etc.[149] Em 1921, a resenha de uma sátira política apresenta-a como "um desnudamento da pessoalidade intima de figurões e políticos [...] com o realismo de anedoctas e factos verdadeiros".[150] É uma concepção simplista da verdade, mas ilustra, como no caso de Deusdedit, a busca por uma verdade não muito definida. No caso dos livros didáticos, essas definições são apresentadas de melhor maneira. Na discussão, feita em 1909-10, sobre os livros didáticos adotados no Estado, a comissão relatora do Congresso dos Professores (composta por Lysimaco da Costa, Fernando Moreira e Lourenço de Souza) criticava alguns dos livros adotados em termos de seu conteúdo:

> [...] São compêndios de methodo comndenado, alguns, outros, como os livros de história, menos verídicos e imparciaes na exposição dos fastos nacionaes[151]

Como no exemplo da escolha, pelo prof. Lourenço de Souza, do *História do Brasil* de João Ribeiro, citado acima, há a preocupação com a verdade (no caso, histórica), ou ao menos com a imparcialidade dos conteúdos a serem ministrados aos alunos. Souza condenava a obra de mesmo título de Joaquim Lacerda, por defender a ação dos jesuítas na colonização, ou seja, por apresentar uma defesa e não um relato daquela ação.[152] O livro (e, por

149 MOURA BRASIL. *Ontogenia*...p, 7.

150 Bibliographia. *O Itiberê III* (26), Paranaguá, ju./1921, p. 113.

151 COSTA, Lysimaco; MOREIRA, Fernando & SOUZA, Lourenço. As Theses. *A Escola V* (1 a 3), Curitiba, jan.-mar./1910, p. 126-130.

152 SOUZA. Relatório ... p. 78-83.

extensão, a imprensa) como encarnação da verdade e, portanto, de todo o bem que há no mundo, era uma imagem recorrente entre os paranaenses do final do século XIX e início do século XX. Essa imagem foi explicitada, em 1899, pelo Pe. Guilherme Dias:

> O livro é uma arma poderosissima em tão alto grau, que nem o poder, a força e o tempo podem destruir o seu influxo decisivo. Por isto, quando pelo estudo da história chegamos a epochas onde não encontramos vestigios dessa manifestação viva da intelligencia, parece como que se quebra a cadeia de oiro da civilisação; é tudo então mutismo, nevoas e confusões. [...]
> A palavra fallada evapora-se, perde-se com qualquer outro som, por maior que seja a impressão que produza no animo, senão for conservada, photographada nas debeis porem eternas folhas do livro. [...]
> [...] Os auctores e os livros: - eis aqui dois elementos importantissimos para tornar os povos livres e d'esta arte felizes.[153]

Seria natural concluir que uma sociedade (ou, ao menos sua elite intelectual) que devotava tanta atenção ao livro, visse nele a encarnação da verdade – uma transferência da leitura bíblica, *a* verdade e *a Palavra*, por excelência. Porém, a leitura laica da Bíblia teve muito mais importância em sociedades protestantes, como a Nova Inglaterra estudada por David Hall, do que em sociedades católicas. Aparentemente, ideias de nacionalismo e de ciência estabelecidas durante os séculos XVIII e XIX, forneciam a maior parte dos elementos para a compreensão onipotente do livro que pudemos verificar. Alguns elementos adicionais podem ser fornecidos por imagens girando em torno da leitura.

As imagens referem-se aos locais em que a leitura se realizava, ou em que os livros eram mantidos. As bibliotecas, por exemplo, podiam ser compreendidas como as "fontes de luz onde o povo vae haurir a lympha pura do saber", na idealização de 1911,

153 DIAS, Pe. Guilherme. O livro. *O Sapo II* (13), Curitiba, 21/mar./1899, p. 4.

que deveria aplicar-se à BPPR.[154] Já as livrarias, em 1913, inspiravam "a mocidade deslumbrada com o brilho das grandes celebrações" e encorajavam-na "a avançar em demanda dessas regiões encantadoras de sonhos e phantasia".[155] Referem-se também aos locais e à leitura realizada no espaço privado. Rodrigo Junior apresentou o quarto de leitura de um de seus personagens, como um espaço "cheio de paz, todo iluminado pela chamma branca do foco electrico que pendia sobre a meza, aonde papeis diversos, livros e jornaes dormiam no abandono, espalhados confusamente e cobertos por uma leve camada de pó muito fino". Nesse local, o personagem dedicava-se à leitura:

> Apertando os olhos que piscavam sob a claridade intensa da luz, bocejando cavamente, num espreguiçamento felino, todo enervado por um cansaço molle, Julio fechou a brochura que estava lendo – *Une page d'amour*, de Zola [...][156]

Emiliano Pernetta, por sua vez, fala-nos de um gabinete silencioso que pertencia a um de seus personagens, "sem expressão, silencio aborrecido de corvo, vindo da sombra, onde uma bibliotheca destacava-se alli a um canto, de livros que hoje para ele significavam o mesmo que estes de ternuras em capa azul."[157] Esses ambientes de leitura, embora reflitam espaços diferenciados – publico, no caso da BPPR e das livrarias, privado, nos quartos e gabinetes – revelam aspectos multifacetários da leitura. Nos diferentes espaços, a leitura é apresentada como um complexo processo, não somente psicológico, de auxílio na formação do caráter, mas também de socialização, no seio da família ou em sociedade. No tocante ao primeiro caso, Edith, personagem de B. Nicolau Santos, adormece embalada pela leitura:

---

154 Bibliotheca Pública. .... p.1.

155 O Paraná industrial e commercial. *A Tribuna I* (49), Curitiba, 04/dez./1913, p. 4

156 "Rodrigo Jr". Aza de corvo. *O Olho da Rua I* (15). Curitiba, 15/nov./1907.

157 PERNETTA, Emiliano. Um trecho antigo. *O Olho da Rua III* (45), Curitiba, 23/jan./1909, s./p.

> Cabellos levemente esparsos sobre a cutis de alvura rosea, d'uma frescura matinal, a loira Edith brandamente recostada em doce abandono n'uma espreguiçadeira, lê.
> Os seus olhos perspassam machinalmente as linhas e, ora bocejando, ora virando as páginas extensas, ella procura alguma coisa que satisfaça-lhe um prazer, o seu orgulho de mulher bonita.
> [...]
> Depois, domina-a uma morna languidez de goso, paira-lhe nos lábios um pallido sorriso de ironia e seo corpo estremece n'um arrepio delicioso de volupia.
> Suas palpebras já pesadas cerram-se brandamente, deixando entrever no esquecimento do mundo exterior, um fundo negro onde resalta (sic.) a figura esquelética d'um mancebo que lhe repete em surdina ás últimas palavras daquelle conto íntimo.[158]

Se a leitura descrita acima fornece o sonho ou o ideal, outro personagem, agora de Lacerda Pinto, fala-nos da leitura como experiência conjugal, onde a esposa juntava-se ao marido "na calma silenciosa da tarde, na meia luz do gabinete, a ler uma página de literatura ou evocar uma página de vida".[159] Além dessa sociabilidade conjugal, a leitura em comum, como em saraus, ou nas reuniões do INP, poderia dar azo a uma infinidade de outras práticas sociais, desde a mera conversação sobre a obra lida e as associações possíveis, até a própria inserção no grupo dos iniciados na leitura. Assim, ler podia ser a "espiritual tarefa de ler-te prosa à maneira lapidária de Flaubert [...] recostando-me numa poltrona [...] para ouvir-te interpretar Chopin [...]".[160] Podia ser também a atitude do "Luiz Candido", o porteiro do Club Curitybano em fins dos anos 1890:

> [...] Senta-se commodamente em uma cadeira, e abrindo um livro ou um jornal, põe-se a lêr ou a fingir que lê, porque aos socios que entram, vae elle dirigindo a palavra [...]O Luiz

158 SANTOS, B. Nicolau. Edith. *O sapo I* (38). Curitiba, 27 de novembro de 1898, p. 02.

159 PINTO, Lacerda. Evocação. *Fanal III*(21,22,23). Curitiba, out.;nov.;dez./1913. p. 408-11.

160 COELHO JR. Irreverencias. *Revista do Povo II* (16), Curitiba, mar./1917, s./p.

> Candido cerca-o, segura-o pela gola do paletot e cuspindo-lhe na cara, discursa simultaneamente sobre: a habitalidade dos astros, a crise financeira que abala o nosso paiz e o seu bolso, litteratura, filosofia... que sei eu!... [...] "Sabe em que pé está aquella questão do Zola? Parece que o capitão vae ser solto, segundo li n'um dos ultimos jornaes da côrte. Eu aprecio muito o Zola! Aquelle seu romance 'Nana' é sublime!"[161]

Referentes a leitores reais ou fictícios, as imagens acima nos dão alguns elementos adicionais quanto à leitura no período e local em questão, sem pretender, com isso, afirmar que todos os leitores se pautavam pelos mesmos critérios. Ao contrário, os critérios e objetivos da leitura eram bastante variados quanto a suas origens ou seus pressupostos. Há, porém, ênfase em alguns aspectos. Já falamos da necessidade da leitura para o progresso, da nação ou da humanidade, que fica patente nas pregações a favor do ensino e da alfabetização. Foi esse sentimento que levou, por exemplo, Silveira Netto a afirmar, em 1896, que "com o livro, e a imprensa livre e honesta, ilumina-se metade do futuro",[162] e duas décadas mais tarde, fez um jornalista da *Gazeta do Povo* afirmar que "a grandeza da pátria [...] é consequência imediata e correlata do cultivo literário e intelectual de seus filhos [...]".[163] Mas essa gama de motivações à leitura concorria com a leitura dionisíaca, como aquela da Edith sonhadora, uma leitura feita principalmente pelo prazer, que transformava as sisudas leituras de Dario Vellozo em alimento, ao transmutá-lo em "assíduo comensal dos bons livros de lettras e sciencias";[164] que proporcionava diferentes emoções a Nestor Victor, e que ele estendia a todos os leitores de Zola, dizendo que nenhum "d'entre os seus contemporaneos que se tivesse enbrenhado por um desses livros de principio a fim"

161 *O Sapo I* (29), Curitiba, 18/set./1898, p. 1

162 SILVEIRA NETTO, Respigas. *Cenaculo II*(2). Coritiba, 1896, p. 158-60.

163 A nossa bibliotheca. ..., p. 1.

164 MACEDO, F.R.A. Epistolas pedagogicas II. *A Escola I* (8 e 9). Curitiba, set., out./1906, p. 135-7.

completava a leitura sem sentir um misto de angústia e de ânsia, grandeza e de estranhamento "[...] Mas nem por isso as sensações que estes livros despertavam eram menos inesquecíveis, deixavam de ser excepcionaes."[165] Este aspecto foi explicitado, em 1913:

> O gosto por leituras constitue um dos maiores prazeres intelectuaes: confirmam-no todas as pessoas de senso. É verdade, essa, reconhecida pelos mais simples entendimentos e pelos mais cultos. [...] A maioria acha até prazer (e como é agradavel assignalal-o) em ver num escripto qualquer, ora uma idéa que esteja conforme a sua maneira de comprehender as coisas, ora a graça tenue de um sentimento, que coexista com a delicadeza do seu sentir.[166]

Quaisquer que fossem os motivos para que as pessoas do passado lessem, suas leituras eram permeadas por incontáveis e irrecuperáveis idiossincrasias, baseadas em uma cultura compartilhada. Cabe, ao fim e ao cabo, tentarmos verificar como alguns desses leitores, com todas suas peculiaridades (de classe, crença, etc.) leram os livros a sua disposição.

As formas como os diversos leitores leram, embora sejam recuperadas fragmentariamente, quanto a uns poucos livros para cada leitor, (às vezes, um único livro por leitor, ou um único leitor por livro) são um caminho de acesso à compreensão da leitura no passado que está em foco aqui. Em mais uma longa lista de exemplos, o primeiro é a leitura que Emiliano Pernetta fez de Aristófanes, que remeteu o leitor à história relatada, fazendo-o ouvir "ainda a chalaça brutal das plateias de Athenas, o rugido sangrento da plebe iconoclasta e irreverente, que assassinou de improperios, de chufas e de infamias, Socrates, o filosofo".[167] Outro leitor a descrever suas impressões foi Rocha Pombo, em sua leitura

165 VICTOR, Nestor. Zola. *Victrix 2*, Curitiba, 1902, p. XXV-XXXII

166 "BOLIVAR". Portico. *A Bomba I*(10). Coritiba, 12 de junho de 1913, s./p.

167 PERNETTA, Emiliano. A proposito do Centro de Letras do Paraná. *Fanal III* (15, 16,17), Curitiba, Abr, maio, jun./1913, p. 319-323.

do romance *A Carne*, mencionada acima. Pombo descreveu seu percurso de leitura com bastante precisão, demonstrando as emoções mistas que a obra lhe despertou:

> Quando li as primeiras páginas do livro de Julio Ribeiro, senti-me arrebatado de enthusiasmo pelo grande talento do autor. De período a período eu intercalava umas interjeições que bem significavam a minha alegria por ter uma prova tão brilhante de que meu paiz já não tinha que invejar ao velho Portugal, com toda a sua opulenta geração de grandes homens. A algum amigo cheguei mesmo a dizer que já estava orgulhoso de poder oppor um igual a Eça de Queiroz. Continuei a leitura, com um interesse que eu mesmo estranhava. Do capítulo XIII em diante comecei a suspeitar que o talento do autor tivesse de cahir adiante, pois ele subira muito. O capítulo immediato feriu-me. Mas de pé, ainda, alevantado, o romancista se me apresentava cada vez mais admirável através daquellas páginas scintillantes, de immaculada correção e de elegancia infinita.
>
> Julio Ribeiro porém, deu-me bem cara essa admiração, esse prazer, esse orgulho que me fez sentir. Fez-me pagar tudo com uma decepção tremenda. Vingou-se com uma crueldade incrível, com uma espécie de brutalidade genial que arrepi ou-me até a raiva ... [168]

Falamos, há pouco, sobre a leitura que o crítico Nestor Victor fez das obras de Émile Zola, e como ele esperava ver essas emoções em outros leitores. Zola foi, de resto, um autor bastante lido no período, conforme o grande número de alusões feitas a ele durante todo este texto – alusões estas que são frequentes no material pesquisado. Um outro de seus leitores, o crítico literário Andrade Muricy, nos falou de sua leitura da obra de Zola. Muricy considerava *O Germinal* um livro tenebroso e grandioso, "a anunciação do evento collosal". A pregação revolucionária de Zola foi feita "num livro popular [*O trabalho*], n'um romance comovente, evidenciando, mostrando as consequencias fataes das

168 POMBO, José Francisco da Rocha. A carne ... p. 28

idéas novas na pratica". Segundo Muricy, "quando o leitor enternecido termina a sua leitura [do *Idílio*] fica tambem a sonhar, pensando, evolado para um páramo incognoscível de felicidades e de ternuras, de desfallecimentos sem terrores [...]".[169]

As leituras são registradas em termos de emoções que despertam no leitor, e que ele, buscando expandir seus sentimentos, por sua vez, aos seus próprios leitores, coloca em letra impressa nos periódicos. Lendo a poesia do paulista Carvalho Aranha, em 1898, o resenhista utilizou-se dessa tentativa de transferência de sensações:

> Ao lêr esse bello ramilhete, sente-se a espontaneidade da sua concepção e affigura-se-nos vêl-os a brotar esponte da penna do jovem poeta, como um veio de agua chrystalina, eclodindo da terra...[170]

Outros leitores deixaram registradas suas leituras de autores locais, como Mario Resende, falando do "poeta da moda" em 1913, Rodrigo Jr. A leitura de *Cantigos e balladas*, deu a Resende "a esquisita sensação de um primeiro bando de andorinhas voltando 'cheias de misticismo do seu sonho e dos rebentos virgens da emoção'". [171] Similarmente, "Mark-Allan" achou a leitura de *Episódios*, de Santa Ritta Jr., "agradabilissima", com um "estylo muito suave [...] limpido e claro, simples e fluente".[172] Mesmo uma obra jurídica, como a *Appelação civil* de Alencar Piedade (1920), pode despertar uma leitura como as anteriores, na qual "lido cuidadosamente o brilhante trabalho jurídico, não sabemos o que mais nos agradou – se o estylo terso e elegante [...] se a clareza

169 ANDRADE MURICY. Zola. *Fanal III* (21,22,23). Curitiba, out.;nov.;dez./1913, p. 423-28.

170 Primicias. *O Sapo I* (19) Curitiba, 10/jul./1898, p. 1.

171 REZENDE, Mario. Portigo. *A Bomba I* (12), Coritiba, 30/set./1913, s./p.

172 "MARK-ALLAN". Livros que apparecem. *Atheneia I* (3), Coritiba, st./1914, p. 21-22.

admirável da exposição ou se o aspecto do direito que nelle refulge, demonstrando, provando e convencendo".[173]

As exposições dos leitores, quase sempre elogiosas, (com raras exceções, como a de Rocha Pombo, citada acima) parecem confirmar parte da afirmação de Rubens do Amaral, segundo a qual qualquer escritor, novo ou experiente, poeta ou romancista, era elogiado por escrito e transformado em gênio através dos jornais.[174] De qualquer forma, as expressões de leitura que recolhemos e elencamos demonstram uma admiração incontida pela palavra impressa, seja poema ou prosa, literatura ou ciência. Que as manifestações dessa admiração se deem em elogios do estilo, ou em alegorias construídas em torno do ato de ler, serve como reforço para a visão que buscamos mostrar de uma sociedade orientada por e para a leitura e a palavra impressa.

Para finalizarmos, apresentaremos duas leitoras que, em um espaço de nove anos, apresentam suas leituras de *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano. Ambas as leituras foram publicadas em periódicos do INP, o que sugere uma leitura "iniciática", ou feita com o intuito de aprender ou iniciar-se nos mistérios do neopitagorismo, parte do "fio de Ariadne no labyrintho dos livros" que Dario Vellozo acreditava levarem à "Crótona" e ao conhecimento.[175]

"Djenane", a primeira leitora, embebeu-se na leitura a ponto de perder a noção do tempo, as horas correndo velozes "quando meo espirito se embevece na meditação dos seos trechos". Concordando com o autor do romance, a leitora recuperou da obra as passagens que mais lhe agradaram, ou com as quais concordava. Assim ela pensava "com Herculano que a palavra sacerdote [queria] dizer 'so e triste'", e concordava com ele em várias passagens que descreviam o estado emocional do personagem, a quem não era

173 Livros & folhetos. *A Cruzada II* (13). Paranaguá, jul./1920, s./p.

174 AMARAL, Letras paranaenses. ..., p. 11.

175 VELLOZO, Dario (Appolonio de Tyana). *Luz de Krotona.* Curitiba, s./ed., Janeiro de 1913. s./p.

dado o lenitivo da lágrima "pois as tempestades do passado estancaram-nas ao brotarem". Continuando, a leitora expressava sua admiração:

> É sublime quando Herculano descreve as noites em que o seo personagem, vagando so, pelos altos rochedos escarpados, pensando e em palestra, sem vontade propria, com a sua Hermengarda, perdida para sempre, recorda os tempos em que era feliz, porque tinha esperança, e, voltando ao romper da aurora ao presbyterio, inspirado o seu genio de poeta, entregava-se á construcção de estrophes repassadas de amor e saudade, e que eram dirigidas á noiva morta. E o clero adoptava-as, repetia-as; porem ignorava a causa da inspiração do poeta e interpretava-as a seo bel prazer.

Envolta nesses sentimentos, ela descreveu em maiores detalhes sua forma de ler, na qual sentia "verdadeira satisfação cada vez que, a sos, posso dedicar-lhe alguns momentos estudando-lhe o estylo sadio e o modo de encarar o sacerdócio".[176]

"Lisette", a segunda leitora, demonstrou sensações bastante semelhantes, pois exclamou, logo de início; "Que de momentos ditosos me proporcionou o solitario de Val-de-Lobos [Herculano]!" A leitora declarava-se envolta em serenidade e empolgada pelo bem supremo da obra. Sua leitura foi afoita, pois "avido, meo olhar se embrenhou nas páginas buriladas: oh Mestre! na preocupação superna de descortinar-se o bello, o verdadeiro". Sua opinião sobre o autor era extremamente lisongeira:

> Herculano não escreve com palavras, mas com a alma das palavras. O Eurico é como o pharol que allumia a senda, ao fragil esquife do garimpeiro do saber, no mar bonançoso ou encapellado, que é a vida.

176 "DJENANE". Impressões (em torno do Eurico). *Myrto e Acacia III* (11 e 12), Curitiba, primavera e estio, 1918, p. 112-14.

Para ela, o livro assumia características místicas, pois havia "nas páginas do Eurico o fresco alvor das rosas de maio, o alvinitente do marmore que o resguarda, no grandioso mausoleo dos Jeronymos". [177]

Ambas as leituras demonstram uma reação empolgada à obra do escritor lusitano, que parece não ser unicamente justificada por suas características literárias, mas por uma verdadeira adoração à obra e ao autor. Pensarmos que suas leituras foram descomprometidas é ignorarmos o fato de que as autoras pertenciam e frequentavam um instituto dedicado à leitura e ao debate, como vimos em outras partes deste trabalho. O fato de suas impressões de leitura terem sido publicadas é também significativo, considerando a forte influência de Dario Vellozo nas atividades do INP, particularmente nas publicações. Tratam-se, portanto, de leituras autorizadas e sacralizadas dentro da instituição, com o provável aval de seu mentor, cuja influência sobre os membros do instituto fica patente nos vários periódicos, empreendimentos e ações do INP.

O quadro geral das leituras no Paraná do meio século entre 1880 e 1930 tem características gerais que podem ser, de uma certa forma, resumidas nas duas leituras emocionadas descritas acima. Por um lado, há uma forte predisposição dos leitores para se envolverem emocionalmente com os textos, conforme as diversas imagens arroladas neste capítulo procuram demonstrar. Por outro, há uma tentativa, partindo de diversas fontes, de que as leituras sejam disseminadas pela sociedade, através da publicação de resenhas ou impressões, nos diversos periódicos que circularam no período. Há também, em escala menor, tentativas de direcionar ou conduzir tais leituras conforme planos definidos, frequentemente dogmáticos (ainda que quase nunca estabelecendo uma ortodoxia que dominasse todo o quadro de leitores). Esses planos podiam estar comprometidos com conjuntos de ideias

177 Impressões da leitura de Eurico. *Luz de Krotona V* (1). Curitiba, mar./1927, p.20-21.

(católicas, liberais, iluministas, neopitagóricas), ou com ideais estéticos (simbolismo, modernismo). O fato de que nenhum padrão extremamente rígido controlasse a forma como esses indivíduos eventualmente leram, aponta para uma leitura plural, voltada para a busca da novidade ou do inédito com a mesma dedicação que estava voltada para clássicos da tradição ocidental. Uma leitura livre, feita preferencialmente a sós,[178] mas que não excluía a leitura pública, em grupos razoavelmente homogêneos, como os membros do INP, ou visitas em uma noite qualquer de verão.

Assim, com a abundância de material de leitura que permitia uma constante atualização, os paranaenses podiam exercer uma leitura extensiva, no conceito elaborado simultaneamente por Engelsing e Hall,[179] alimentando suas próprias ambições literárias, intelectuais e científicas através de um mercado editorial dinâmico, que aumentava a quantidade (não falamos aqui da qualidade dos trabalhos) de palavra impressa à disposição, em um moto-contínuo que caracteriza a transmissão de ideias e de cultura, no sentido antropológico do termo, da sociedade ocidental.

178 A verdadeira revolução da leitura localiza-se, segundo Roger Chartier, a partir do século IX, nos mosteiros, e a partir do século XIII, nas universidades europeias e a partir daí para a sociedade leiga. Em essência, a leitura silenciosa é a grande mudança no modo de ler que Chartier identifica como revolucionária: "A leitura silenciosa de fato estabelece um relacionamento mais livre, mais secreto e totalmente privado com a palavra escrita. Permite uma leitura mais rápida, que não é impelida pelas complexidades da organização do livro e as relações estabelecidas entre o discurso e as glosas, as citações e os comentários, o texto e o índice. Também permite usos diferenciados do mesmo livro: dado o contexto ritual ou social, ele pode ser lido alto para ou com outras pessoas, ou pode ser lido silenciosamente para si mesmo no abrigo do estúdio, da biblioteca ou do oratório". CHARTIER, Roger. *Frenchness in the History of the book*; from the history of publishing to the history of reading. Worchester: American Antiquarian Society, 1988. p. 18-19.

179 DARNTON, Robert. História da Leitura..., p.199-236; HALL. op. cit.

4

A Magna Causa da Educação[1]

Um dos aspectos fundamentais da comunicação escrita é a capacidade de treinamento envolvida no processo de leitura. Não sendo inata, a leitura tem que ser apreendida através de processos diversos conforme são localizados no tempo e no espaço. Diversos estudiosos da leitura já apontaram para o fato de que a compreensão da leitura no passado envolve compreender como o processo de aprendizado se realizava.

Darnton, como vimos, propõe estudar as formas em que a leitura era ensinada no passado para tentarmos chegar à forma com que os leitores efetivamente liam.[2] Os modos de ensino da leitura podem dar indícios sobre a própria forma de ler. David Hall, utiliza essa vertente ao estudar a Nova Inglaterra do século XVII e verificar que a leitura era praticada desde muito cedo. Também já vimos que Darnton elenca exemplos das diferentes formas do ensino no passado, além dos quais, Alberto Manguel faz um ensaio sobre as diferentes formas de aprendizado da leitura no tempo e no espaço, como ritos de passagem que cada sociedade estabelece e regula.[3]

---

1 Publicado originalmente em *História* (São Paulo), v. 17, p. 71-96, 1998.

2 DARNTON, Robert. História da Leitura, In: BURKE, Peter, org. *A escrita da história*; novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1989, p.199-236, p. 218.

3 MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 85-103

Este capítulo, sem a intenção da abrangência de Manguel, buscará complementar este estudo analisando as formas do ensino da leitura nos recortes estabelecidos para esta pesquisa.

Como visto acima, o Paraná – em particular, mas não exclusivamente, Curitiba – viu, a partir do final do século XIX, surgir uma série de movimentos intelectuais e culturais patrocinados pela riqueza gerada pelo comércio e industrialização da erva-mate.[4] No universo intelectual que se formou e consolidou no Paraná deste período, as ideias e atitudes pautavam-se por uma preocupação intensa com a educação formal, com o treinamento de uma parcela cada vez maior da população na arte da leitura para, através dela, atingir o progresso (espiritual ou mental era somente uma questão de convicções pessoais). A leitura surge nesse contexto como preocupação primordial, que estabelecia os limites dos que pertenciam à sociedade em termos reais, ou seja, que podiam exercer suas prerrogativas de cidadãos. Embora existisse a preocupação com a ampliação desse universo, a capacidade da leitura restringia-se a uma pequena parcela de pessoas, para as quais era fundamental que a leitura fosse expandida para toda a sociedade – ou para uma parte maior dela. É a capacidade de ler que delimita as práticas culturais desses homens e mulheres do fim do século passado e início do século atual, sejam elas voltadas à religião ou à religiosidade, sejam centradas na necessidade do progresso da nação. Assim como a leitura permitia a socialização das ideias, muitas dessas ideias visavam ampliar a base de leitores, buscando adeptos, seguidores ou mesmo contendores. Nesse sentido, as formas como a leitura era ensinada, as técnicas de alfabetização, as instituições e discursos relativos à educação são de profundo interesse para a história da leitura. Contudo, não se pretende fazer aqui uma história da educação, ou mesmo um

4 TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias*; mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996; PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando iras rumo ao progresso*; ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889). Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

levantamento exaustivo de todas as práticas relacionadas ao ensino no passado. Trata-se, isso sim, de um resgate de *alguns* dos modos de ensino da leitura no passado.

A inserção no mundo da leitura é atingida somente após um longo período de treinamento. Se essa afirmação é verdadeira, as sociedades organizadas pela escrita devem dar bastante ênfase a este ensino. Ao menos é o que faz supor uma certa tradição de pensamento – e organização social – voltada para a universalidade do conhecimento. A principal questão, nessa vertente, é a formação, não somente de pessoas capazes de ler, mas de cidadãos, que ao ler, afastar-se-iam do universo extremamente perigoso do vício e do crime e da sedição.

O final do século XIX assistiu à promoção, por parte dos Estados Nacionais do Ocidente, de uma ampliação do ensino primário laico, que se universaliza mais e mais. Concomitantemente, ampliaram-se as instituições de educação formal como modo de afirmação de um status social, próprio à burguesia.[5] O domínio da leitura apresenta-se como um caminho de acesso àquilo que a sociedade quer oferecer de melhor a seus membros: lazer, conforto e morigeração.

A virada do século é também um momento de revisão dos princípios pedagógicos, ao mesmo tempo em que se apresentavam diversos embates entre o ensino religioso e o ensino laico; os professores públicos e o Estado que os paga (mal, desde então); o ideal de ensino e de escola e a realidade cotidiana das populações pobres ... enfim, antes (como hoje) o ensino de forma geral suscitava incontáveis debates e arregimentava os mais expressivos esforços intelectuais. Há, além disso, no magistério, um caráter místico, algo entre o missionário e o messias, no qual o ensino da leitura parece estar envolto. A autoimagem gerada por aqueles que estavam encarregados de ensinar – não só a leitura, mas também e principalmente a leitura – é paradoxal com os relatos da situação

5 HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios*; 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 1988, p. 249.

das escolas que de fato existiram no Paraná (e no Brasil, de forma geral).

Difusão dos vinte e cinco utilíssimos caracteres

Em 1906, *A Escola,* que, como vimos, era a revista do Gremio dos Professores Públicos do Estado do Paraná, reproduziu um artigo do escritor português Guerra Junqueiro sobre o tema do analfabetismo. Junqueiro criara a imagem de um júri imaginário encarregado de julgar um assassino analfabeto. No texto, o que está em julgamento é, obviamente, o analfabetismo. Na sentença final, os considerandos dizem muito mais respeito à sociedade do que à ação individual do assassino. Este, ignorante, miserável, bestial, era apenas o efeito da falta de educação e trabalho que deveriam ser proporcionados pela sociedade. Assim, ambos têm suas condenações:

> [...] condemnamos o ignorante a ser mettido em uma escola; condemnamos o vadio a ser mettido n'uma officina. [...] condemnamos a sociedade a que dê instrução a todas as creanças e que dê trabalho a todos os desoccupados e vadios, obrigando-se mais a evitar assassinatos.[6]

Esta opinião com relação ao analfabetismo ecoa pela imprensa – não só paranaense, que neste caso é mera reprodutora de uma opinião gestada no contexto europeu. Para as pessoas cultas do fim do século XIX e início do XX, *criminoso* e *analfabeto* eram tomados como sinônimos. Da mesma forma, além do analfabetismo, miséria e vadiagem caminhavam lado a lado com o crime. O que se entendia é que o fato de não poder dominar a leitura privava o ser humano da capacidade de raciocínio, levando-o a não conhecer sequer a distinção entre bem e mal. Segundo esse tipo de pensamento, o homem que não sabia ler,

6 JUNQUEIRO, Guerra. A ignorancia. *A Escola I*(2), Curitiba, mar./1906, p. 40.

> não [via] palpitar o espirito do genio [...] atravez dos caracteres da escripta [...] [ele] jamais gosou dos prazeres da intelligencia e para elle as horas são lentas pesadas e monotonas, para elle os monumentos do recreio licito e de consolação benefica não existem; aqui temos nós a origem do vicio.[7]

De fato, essa opinião estava tão disseminada que até as vozes dissonantes referem-se a ela, como Deusdedit Moura Brasil o faz em 1917, ao perguntar-se:

> Quem hoje, conhecendo dois dedos de grammatica, não tem escripto sobre o analphabetismo? Quem não tem levantado a *taça* brindando á acirrada pugna contra o "cancro humilhante que corrompe a alma nacional"? Quem não sauda, soletrando embora o alvorecer de uma nova phase que sucederá á derrocada do "grande mal"?[8]

Para Deusdedit, que, como vimos, negava a ligação entre crime e falta de educação formal (com base em estudos estatísticos em países onde o ensino já era obrigatório há algumas décadas), a repetição de truísmos fortemente enraizados não contribuía para a alfabetização. O cerne da questão encontrava-se em outro lugar, para ele e para diversos outros seus contemporâneos. A grande preocupação era com as repetidas assertivas sobre o total da população de analfabetos no Brasil, cerca de 90 por cento. Era nesse percentual que o jovem estudante via uma contradição, pois já que se insistia enfaticamente em dizer que o analfabetismo era a principal fonte do crime e do vício, ele e seus contemporâneos viviam num "antro de chacais visto que noventa por cento dos nossos irmãos não conhecem um *o*!" Ao contrário, à medida que a população fosse sendo alfabetizada, a sociedade caminharia para o paraíso "num decano ou num século".

---

7 DIAS, Pe. Guilherme. O livro. *O Sapo II* (13), Curitiba, 21/mar./1899, p. 4.

8 MOURA BRASIL, Deusdedit. A criminalidade e o analphabetismo. *Revista Acadêmica I*(8), Novembro de 1917, s./p.

Apesar da crítica comprobatória de Deusdedit, esse percentual era assustador para a maioria dos membros dos dez por cento restantes da população. Para eles, tratava-se da "apavorante cifra de 90% de analphabetos que a aspereza rude da esthatistica persevera em constatar neste paiz de zoilos[9] e políticos".[10] Uma tal situação era vista com medo e assombro, pois era o grande entrave ao desenvolvimento da nação em gestação. Quando havia algum desenvolvimento, ele não podia ser atribuído às qualidades de "povo culto e superior", já que o Brasil era "uma nação de analphabetos governada por individuos ignorantes, incapazes de comprehender as necessidades mais palpitantes do povo", dado não terem desenvolvido, através da educação na família, "as luzes, as qualidades moraes, as virtudes civicas que todos os homens têm innatas".[11]

Este "saber tácito"[12] sobre o analfabetismo pressupõe que, já que a maioria da população brasileira era analfabeta, ela estaria alijada "automaticamente [...] de participar da experiência da leitura e do prazer do texto". No entanto, ainda não havia estudos suficientes para comprovar isso de forma cabal. Muito da preocupação com o analfabetismo transformava-se em crítica aberta aos governantes locais e nacionais, que não dedicavam atenção que se considerasse suficiente à educação. Em uma visão corrente:

> Todos os povos que se prezam de possuir uma civilização compativel com o gráo de cultura da epoca actual, dispensam especiaes cuidados á magna causa da educação e preparo dos

9 Crítico injusto e/ou invejoso.

10 Commentarios. *A Tribuna I* (4), Curitiba, 13./out./1913, p. 1

11 LUZ, Flávio. A educação moderna e o futuro de nossos filhos. *Fanal II* (7 e 8), Curitiba, agosto e setembro, 1912, p.129-132.

12 Definido por Schapochnik como parte "do arsenal de certezas que se mostra tão seguro a ponto de parecer ser evidente por si mesmo". SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do Século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANI, Stella. Imagens da cidade; séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH/SP; Marco Zero; Fapesp, 1994, p. 147.

> seus filhos, tornando effectiva a lei da obrigatoriedade do ensino [...].[13]

É à sociedade – ou ao governo – que Guerra Junqueiro condenava junto ao assassino analfabeto; aquela primeira era a causa, este último, o efeito. Cabia à sociedade fornecer "um ABC ao ignorante e um officio ao desoccupado" para evitar o crime.[14] É por isso que, segundo o Pe. Guilherme Dias, "os governos de todos os paizes cultos trabalham com affinco na educação popular, e criam escolas e bibliothecas" pois estas "roubam almas ao crime e victimas ao codigo penal".[15]

A República brasileira trouxera consigo uma série de novos desafios que não seriam abandonados por várias décadas, e a questão do ensino parece ter estado no centro deles. Na concepção liberal, a república era entendida como um grande avanço na organização política do país, que contrastava com sua "imperfeitíssima" organização intelectual.[16] Daí a premência do ensino em todos os níveis, justificando-se, por exemplo, a iniciativa de fundar-se uma universidade em Curitiba já em 1912, pois era uma demanda da República "a ingerência de todos os patrícios no governo da nação", o que implicava na necessidade que todos tinham em "aprender a mesma lingua, os mesmos sentimentos e os mesmos ideaes".[17]

As mitificações em torno da escola se avolumavam entre os curitibanos da virada do século. Elas vão desde a concepção da escola primária como "officina do espírito infantil" [18] à da

13 LUZ, op. cit.

14 JUNQUEIRO, op. cit. p. 40.

15 DIAS, op. cit. p. 4.

16 DALTRO FILHO, Manoel de Cerqueira. Discurso Official da sessão solene inaugural de 19 de dezembro de 1912. *Relatório Geral da Universidade do Paraná*. Curityba, Typ. Alfredo Hoffman, 1913, p. 75-82.

17 Idem, p. 75.

18 SOUZA, Lourenço de. A missão da Escola. *A Escola* I (1), Curitiba, fev./1906, p.2-5. p. 2.

universidade como amparo a "esses talentos juvenis que ahi se murcham, na inervação das actividades empíricas".[19] Na escola primária, a criança era entendida como massa inerte sobre a qual o professor deveria agir, através dos livros, para encaminhá-la para o mundo do trabalho, do progresso e dos ideais de civilização que norteavam esses princípios. Se a missão da escola era, portanto, o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos espíritos, cabia a ela e ao professor, "a norteação feliz do caracter pelo rumo seguro da moral, a sciencia da conducta humana". [20] Mesmo quando caracterizada de forma eloquente e exagerada como "plintho[21] inabalavel e eviterno[22] sôbre que se alteia, majestoso e bello, o monumento altaneiro e deslumbrantissimo da civilização" [23] a escola era compreendida como o motor da marcha inexorável para o progresso, visto não somente como progresso técnico, mas também social. Ela era "a base senão primordial, pelo menos a fonte secundaria onde o povo vae haurir a longos sorvos as luzes que aclamam o espírito de seus filhos".[24]

Nesse processo, o professor surgia como um herói, possuindo a "mais firme e impreterida dedicação, o mais apurado e fervoroso altruísmo, a mais heróica e accendrada[25] abnegação"[26] ao mesmo tempo que deveria esforçar-se por habituar os alunos a agirem por si sós e buscar a realidade com olhar inquiridor, que permitia a liberdade de ação e consciência.[27] Deveria também estimular a leitura, tendo em mente todos esses objetivos.

---

19 DALTRO FILHO, op. cit. p. 80.

20 SOUZA, op. cit.p. 5.

21 Peça quadrangular que serve de base a um pedestal ou uma coluna.

22 Que não há de ter fim; eterno.

23 SOUZA, op. cit. p. 5.

24 PARANÁ, Elvira Maria. A Escola. *A Escola* I (1), Curitiba, fev./1906, p. 9.

25 Apurada.

26 SOUZA, op. cit.p. 5.

27 PARANÁ, op. cit. p. 9.

O ensino – qualquer ensino – no período, deveria ser primordialmente *cívico*, compreendendo a tríade "família, sociedade e pátria".[28] Assim, ensinava-se em nome dos "destinos da nossa pátria", que seriam definidos pela educação recebida, na qual residia "a semente da nossa grandeza ou decadência futura".[29] Calcados em princípios pedagógicos que buscavam atingir esses fins maiores através da "promoção pessoal e do desenvolvimento individualizado",[30] eles deveriam ser atingidos dia a dia, nas aulas, buscando "alçar o espírito patriótico de seus pequenos alumnos", nas palavras de Elvira Paraná. Para esse fim, o "preceptor intelligente":

> sempre que houver ensejo, fará lembrar os dias gloriosos da Pátria, não como um amontoado de datas e batalhas, mas narrando com enthusiasmo e singeleza os feitos de seus illustres e bravos filhos, as suas conquistas em prol da liberdade, etc., tudo em linguagem simples e adequada á intelligencia de seus alumnos.[31]

Este era um trabalho patriótico, que consistia não só da atuação do professor para com seus alunos, mas também da atuação de todos que já haviam entrado no mundo da leitura, particularmente os jovens estudantes, que podem utilizar suas "aptidões plumitivas" para sedimentar os sentimentos nacionais, o que funcionaria "como corolário de haver esta sociedade entre os seus maiores problemas, encimado o problema do ensino".[32] Para isso, fundavam-se escolas voltadas às classes menos privilegiadas e sobretudo, valorizava-se o papel do livro didático, como veremos adiante. A própria elaboração de livros voltados ao ensino era vista

28 TRINDADE, op. cit. p. 20.

29 A educação. *União e trabalho* III (23) Curityba, maio de 1921, p. 177-8.

30 TRINDADE, op. cit. p. 22.

31 PARANÁ, op. cit. p. 9.

32 No A'dito. *União e trabalho* I(1), julho de 1919, p. 1.

como um grande feito de patriotismo, pois resultavam "de um labor profícuo em prol do engrandecimento da patria, fructos supernos de um intellecto guapo e superior",[33] e deveriam cumprir um importante papel, segundo as recomendações do prof. Lourenço de Souza:

> Os auctores de livros didacticos devem imprimir-lhes o cunho do verdadeiro patriotismo, de guisa a instillarem nos corações infantis dos que os leem, sentimentos de amor profundo e afervorado para com as liberrimas instituições governamentais que vão conquistando para o formosissimo Brazil, sem embargo dos multiplices embargos, um porvir brilhante e ditoso e um logar eminente ao lado dos paizes civilizados da Terra.[34]

O ensino, voltado para o engrandecimento da nação, dava o tom da propaganda feita em seu favor. Outros objetivos eram apontados esporadicamente, mas o principal, de acordo com a maior parte das teorias pedagógicas da época, era o de "formar o homem e o cidadão",[35] ou desenvolver "as múltiplas faculdades da creança [...] [e] moldar o homem" [36] tudo em favor do engrandecimento da pátria, sem, no entanto, ser um fim em si mesmo pois ele "não é para fazer letrados, é para formar cidadãos".[37] A leitura escolar tinha, portanto, objetivos que iam além do próprio ato de ler.

Outro consenso era o de que a escola deveria reproduzir o ambiente doméstico em algum grau, sendo "a continuação da casa paterna" e do lar.[38] E nessa extensão consensual, uma importante

---

33 Bibliographia. *A Escola* I(4), Curitiba, maio/1906, p. 70.

34 SOUZA, Lourenço de. Relatório apresentado ao Exmo Dr, A. Pedreira de Cerqueira, director da Instrucção Publica do Paraná [...]. *A Escola* I(4). Curitiba, maio/1906 p. 78-83.

35 SIMAS, Hugo. Educação na escola primária. *Patria e Lar* I (4). Curitiba, out./1912- 1913 p. 35-8.

36 DALTRO FILHO, op. cit. p. 80.

37 As nossas campanhas. *A Tribuna* I (43), 27/nov./1913, p. 1.

38 PARANÁ, 1906, p. 9; ROCHA, Josephina Carmen. Relatório. *A Escola* I(2), Curitiba, mar./1906, p.43-46.

diferenciação da ação da família e da ação do professor se colocava. Em casa, a criança deveria receber sua *educação*, e na escola, sua *instrução*. A diferença é sutil, mas expressa em termos claros:

> Entende-se por *Instrucção* a ação de instruir alguem nos rudimentos necessarios á vida, e por educação uma instrucção mais primaria, mais necessaria muitas vezes do que a propria instrucção, porque ella se adquire no lar, onde impera o amor, onde impera a obediencia, onde impera a religião – a base do mutuo respeito.[39]

O fundamento para o trabalho da *instrução* estava na *educação* que a criança recebia em sua casa. Nessa dicotomia, tudo que se podia fazer na escola era aprimorar a base educacional fornecida pela família. A educação preparava o terreno sobre o qual a instrução lançava as sementes. Esta última era a "base do progresso", aquela primeira, "a essência". A instrução tinha uma "luz cambiante e redemptora"[40] que auxiliava no desabrochar e desenvolvimento das mentes infantis. A educação era misericordiosa e dava "ao homem a noção exata de seu valor e de seus deveres".[41]

As unanimidades terminam aqui. Em uma sociedade tão marcada pela divergência de opiniões, seria impossível não haver nenhuma discórdia quanto à questão fundamental da educação, existindo elas em quase todos os outros aspectos da existência. Congregando partidários ferrenhos de diferentes ideias em vários campos (republicanos, católicos, maçons, feministas, anticlericais, simbolistas, etc.), essa sociedade da Primeira República fazia do ensino um dos seus principais carros de batalha.[42]

---

39 VANNIER, Lauro. Instrucção e educação. *A Escola* I(5), Curitiba, jun./1906, p. 95.

40 SOUZA. A missão da Escola. .. p. 4.

41 BANDEIRA, Euclides, (Helio). Na esquina. *O Olho da Rua*(3), Curitiba, 11/maio/1907, p. 43.

42 TRINDADE, op. cit. p. 25.

O mais acirrado embate dava-se principalmente em torno das discussões anticlericais, de longe a principal celeuma intelectual de então. Um exemplo desse confronto é a crítica que o professor Raul Gomes fez aos métodos utilizados por professores "conservadores" que não cumpriam o *Regulamento Geral da Instrucção Pública do Paraná*,[43] dando folga aos alunos em feriados religiosos. A questão, segundo ele era de que já que o "pacto fundamental republicano [é] que o Estado não tem religião, óbvio que funcionários seguirem-n'a é procederem inconstitucionalmente, é incorrerem em falta, passível de censura".[44] Na década anterior, Dario Vellozo – cujas ideias eram defendidas por Gomes, que se dizia seu seguidor e fora seu aluno – fazia um ataque aberto ao ensino religioso. Segundo ele, esse tipo de ensino, embora fosse uma poderosa propaganda para o catolicismo, era funesto "á Sociedade, á Nação, á Humanidade". Para Vellozo, o maior problema residia na recusa da Igreja em aceitar as descobertas da ciência, falseando a filosofia, condenando a seleção natural e o poligenismo. Mais ainda, o círculo de ferro do dogma impedia que o ensino religioso atendesse às exigências do ensino verdadeiramente cívico:

> Para que o *ensino civico*, - em collegios dirigidos embora por conspicuos sacerdotes – podesse merecer o apoio daquelles para quem a instrucção é o mais sagrados dos deveres civicos e o mais alevantado principio de humanização, seria indispensavel que a Egreja adaptasse a Religião á Sciencia, desvirtuasse o Dogma, visse na Biblia tão somente a mais extraordinaria das epopeas theogonicas.[45]

Dedicando um de seus livros à causa do combate à ação dos clérigos, Vellozo busca atingir o ensino religioso propriamente dito, principalmente o tipo desenvolvido pela Companhia de Jesus.

43 GOMES, Raul. Assumptos pedagógicos. *A Escola* IV (1), Jun./ 1909, p. 23.

44 GOMES, Raul. Dario Vellozo. *Palladium* I(Num. Esp.) 25/jun./1909. s./p.

45 VELLOZO, Dario. A imprensa e o clero. *Cenaculo* II(2). Coritiba, 1896, p. 34.

Segundo ele, a Companhia tinha o poder de, em duas décadas, modificar um país, cobrindo-o de "ignorantinos" após educar cinco gerações escolares. Para Vellozo, este tipo de educação provocava a perda do civismo, da lealdade, do amor à verdade e à justiça.[46]

Essa era, porém, uma luta que se travava em um terreno extremamente minado. Diversas ordens católicas educacionais, principalmente – mas não somente – voltadas ao ensino feminino, estabeleceram-se em Curitiba a partir da década de 1890, tentando suprir o que o bispo local D. José de Camargo Barros, identificava como uma ausência de católicos. O modelo educacional católico, baseado na punição e na vigilância estrita do espaço e do corpo através da fórmula doutrinária lentamente plantada na mente dos jovens católicos de que *Deus me vê*, foi implantado com sucesso no Paraná, suscitando inúmeras críticas por parte dos intelectuais anticlericais.[47]

Como era de se esperar, a Igreja defendia-se, com as armas à sua disposição, das acusações de obscurantismo. Representantes locais da Igreja teciam uma crítica ao ideal de progresso e de ciência que embasava, por sua vez, a crítica ao ensino religioso. Para o articulista do hebdomadário católico *A Estrella*, em 1901, o ponto chave era opor-se à educação universal irrestrita. Seguindo a tradição católica, questionava a liberdade de expressão e escolha, derivadas da idéia de *instrução popular*, em nome da condução das almas:

> [...] o povo é para elles [os defensores do ensino popular] tanto melhor quanto mais souber ler, escrever e contar, eis o progresso. Que sejam lidos livros bons ou maus; que se escrevam coisas uteis ou prejudiciaes; [...] que as forças vivas da alma postas em jogo pela sciencia corram para o abysmo, pouco importa; a sciencia é o progresso, é um axioma.[48]

46 VELLOZO, Dario. *Derrocada Ultramontana*, Curityba, Impressora Paranaense, 1905, p. 23.

47 TRINDADE, op. cit. p. 23.

48 A Igreja e a instrucção. *A Estrella* IV (202), Curitiba, 09/mar./1901, p. 1.

Assim, o autor se posicionava contra os conhecimentos que "levam o homem a sahir do seu repouso [...] sem torná-lo melhor", sem "dirigi-lo". Supõe-se, por exclusão, que o ensino religioso proporcionaria um aprendizado guiado, com uma seleção prévia e uma qualificação (bom, útil, etc.) do que devia ser lido, ensinado e compreendido pelos alunos. Mesmo assim o autor insistia que: "é uma das mais injustas e ineptas accusações feitas á Igreja Catholica que ella é a inimiga das luzes, a alliada das trevas". Outra questão, para os católicos, era o fato de terem que subsidiar, através de seus impostos, o ensino laico, que segundo suas concepções, não lhes servia, por não atender seus preceitos quanto ao ensino religioso.[49]

A preocupação dos católicos com o ensino popular em nome do progresso era justificada por diversas iniciativas voltadas para este fim. Organizações de cunho associativo davam importância ao ensino como base de sua ação social. Este foi o caso, por exemplo, do *Club Litterario de Paranaguá*, o primeiro do gênero no Estado, fundado em 1872, que teve como um dos seus primeiros objetivos fundar uma escola noturna, com aulas na própria sede do clube.[50] Décadas depois, o exemplo se firmava no INP, associação criada em Curitiba por Dario Vellozo e voltada para a contemplação artística. Em 1916, o próprio fundador colocava, entre os principais objetivos do Instituto, o "estabelecimento de escolas, fonte de orientação, trabalho e receita".[51] Em 1918, construído o *Templo das Musas*, outro dos objetivos estipulados por Vellozo, pensava-se fazer funcionar a casa escolar, "abertas para logo as aulas nocturnas, franqueadas aos operarios e suas familias, ao povo".[52] No mesmo ano, fundava-se em Curitiba a *Liga De Ensino e Civismo* cujos "elevados fins" vimos no capítulo anterior e a *Associação*

49 O Ensino "neutro". *Veritas* II (19), Curitiba, 01/jun./1917, s./p.

50 O Club Litterario e o seu 490. anniversario de fundação. *O Itiberê* III (28-29.

51 VELLOZO, Dario. (Appolonio de Tyanna). No tramite da Harmonia. *Myrto e Acacia* I (1). Curitiba, jan./fev./1916. p. 15.

52 Myrto e Acacia III (9 e 10), Curitiba, out./nov./1918, p. 59.

Coritibana dos Empregados no Commercio mantinha, a partir de 1919, cursos primário e secundário, voltados à "mocidade patrícia". Some-se a estas iniciativas a insistência na obrigatoriedade do ensino primário desde a década de 1880, para "os meninos maiores de 6 annos e menores de 8".[53] Em 1908, procurava-se ampliar a instrução obrigatória para todas as crianças, providenciando "professores itinerantes ou ambulantes a fim de leccionarem nos bairros ou povoados, cujas populações escolares não attinjam o número exigido por lei para a creação de escolas effectivas."[54]

O ensino tornou-se o veículo dos ideais de universalidade do conhecimento. Não é por acaso que a maioria das instituições citadas no parágrafo anterior congregava elementos oriundos da maçonaria, intelectuais inspirados por ideias do iluminismo e do neoiluminismo comteano, ou anticlericais, que viam na educação a única forma de retirar o domínio da religião católica (obscurantista) sobre as populações pobres. Embora este trabalho não tenha lidado com fontes relativas aos só cialistas e anarquistas, alguns desses ideais eram compartilhados também por eles, por razões diversas.

Mal lendo no primeiro livro

Como era o ensino no Paraná deste período? Será que as idealizações em favor do patriotismo, da cidadania e do progresso eram plenamente aplicadas no Estado? Quais as críticas que os professores, alunos e a sociedade em geral faziam?

São perguntas de difícil resposta. Os trabalhos de Elvira Mari Kubo e Etelvina Trindade,[55] entre outros, já apontaram algumas possibilidades, mas suas preocupações específicas eram

53 Instrucção Publica. *Almanach do Paraná* para 1899, Curityba, 1899, s./p.

54 A Escola III(1), Curitiba, mar./1908, p. 16-18.

55 TRINDADE, op. cit., KUBO, Elvira Mari. *A legislação e a instrução pública de primeiras letras na 5ª Comarca da Província de São Paulo*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986.

diferenciadas. No final do século XIX e início do XX, as escolas do Paraná cresceram em número e variedade, além das constantes propostas de renovação e mudança. Segundo Trindade, o interesse e preocupação pela educação são uma constante que se concretiza "na distribuição dos prédios escolares, dentro dos limites da cidade [...],como contas de um colar".[56]

A julgarmos por dados levantados por Raul Gomes em 1918, o estado do Paraná tivera uma sensível ampliação da sua rede de ensino entre 1890 e 1917, passando de 127 para 426 escolas públicas efetivamente implantadas. Nessas escolas, os números de professores aumentaram de 127 para 426 entre aqueles anos, com o importante detalhe que o número de professores não diplomados diminuiu em proporção (de 84 em 1890 para 51 em 1910 e 76 em 1917) enquanto os diplomados e normalistas ascendiam sensivelmente (de 3 normalistas em 1890 para 210 em 1917; de 40 professores diplomados para 140 nesses mesmos anos). O número de alunos matriculados nas escolas crescia no mesmo ritmo, passando de pouco mais de 3.000 em 1890 para 15.000 em 1917. Gomes faz as relações desses números com a população paranaense:

> Em 1890, a porcentagem de creanças que receberam instrucção sobre a população geral foi de 1,5%; em 1900 de 2,5%; em 1910 de 2,7%; e em 1917 de 3,4%.
> A porcentagem de creanças que receberam instrucção sobre a população em idade escolar que era de 7,8% em 1890, subio a 12,8% em 1900, a 13,9% em 1910 e a 17% em 1917.[57]

Em dados divulgados em 1909, o Paraná aparece como tendo 309 escolas públicas e particulares, em comparação com as 485 do Rio de Janeiro, as 1.007 da Bahia, as 1.516 do Rio Grande do Sul, as 1.714 de São Paulo e as 2.178 da campeã Minas.[58] Esses dados

56 TRINDADE, op. cit. p. 20.

57 GOMES, Raul. Do ensino no Paraná. *Brazil Civico* I(1), março de 1918, p. 71-73.

58 A Escola IV (4 e 5). Curitiba, set., out./1909, p. 117.

proporcionavam, no Paraná desta época (1910), cerca de 1,2 escolas por mil quilômetros quadrados, 5 escolas por mil habitantes, 0,2 escolas para cada 100 crianças em idade escolar. Em 1917, estes números elevam-se para 1,7; 6 e 0,3 respectivamente.[59] Os dados constroem a imagem de uma expansão significativa, incluída na "crença de que a multiplicação das instituições escolares conduziria a uma popularização do ensino, determinante do desenvolvimento das nações".[60]

Essa ampliação, contudo, não significou necessariamente melhoria ou aprimoramento do ensino. Em alguns casos, o isolamento do professor dificultava sua atuação, principalmente devido aos índices de analfabetismo da população adulta e à necessidade de trabalho por parte das crianças da população pobre. O próprio ambiente das escolas deixava muito a desejar. Segundo o inspetor escolar Pereira da Silva, escrevendo em 1907,[61] se alguém visitasse uma dessas escolas anotadas por Gomes, em vez de um ambiente propício para o aprendizado, encontraria "uma sala mingoada e ainda com enormes e grosseiros bancos, asymétricos". Em 1906, Lourenço de Souza descreveu os problemas com a escola que dirigia (a terceira cadeira pública para o sexo masculino):

> A mobilia que me foi entregue consta de doze cadeiras já bastante usadas, servindo cada uma para assento de dous a três meninos [...] As carteiras nem sempre comportam folgadamente os meninos, sendo necessario sentarem-se até quatro em cada uma nos dias em que o número de alumnos presentes é relativamente grande.[62]

É ainda no relatório de Souza que se afirma que um dos maiores empecilhos para o bom andamento das atividades

59 GOMES, p. 73.

60 TRINDADE, op. cit. p. 22.

61 SILVA, Pereira da. Internatos rurais. *O Paraná* I (3), Curitiba, out./1907, s./p.

62 SOUZA, Lourenço de. Relatório apresentado ao Exmo Dr, A. Pedreira de Cerqueira, director da Instrucção Publica do Paraná [...]. *A Escola I*(4). Curitiba, maio/1906 p. 78-83.

didáticas é a inconstância dos alunos. Inconstância em frequentar as aulas todos os dias, o que atrapalhava enormemente o trabalho do dedicado professor, pois as várias ausências obstavam "á sequencia constante das licções ministradas [...]". Inconstância em frequentar uma única escola, mudando-se para outras "sem motivo justo ou razoável". Considerando-se que Souza abre seu texto afirmando que "a situação da minha escola é boa e a freqüência tem sido regular, constando a matricula de 47 alumnos", outras escolas deveriam estar em pior situação e com maiores problemas de frequência.

Outras críticas eram tecidas às escolas de então. Para muitos, o sistema de ensino no Paraná, bem como no Brasil, era falho não em princípios, mas em apoio oficial para bem desenvolver-se. Com limitados recursos, os resultados também o seriam. "A consequencia lógica [...] é sahir uma criança – depois de três ou quatro anos de freqüência escolar, mal lendo no primeiro ou segundo livro de leitura".[63] Ou ainda, o ensino voltava-se a "banalidades" que só serviam para "fazer figura" no exame final, enquanto deixava-se de lado "cousas necessarias" que poderiam servir na vida prática. Em uma longa campanha durante o final de 1913, o jornal *A Tribuna* pedia a instituição de uma escola-modelo para o Estado, de um conselho de ensino e a aplicação da lei básica para a elaboração do regulamento do ensino. Desde a primeira frase, afirmava-se que o ensino publico precisava ser reformulado:

> Com os nossos programmas de ensino dá-se uma interessante anomalia: o alumno sáe da escola classificando uma sentença, determinando a espécie do sujeito e do predicado de uma preposição, mas não conhece o uso da virgula e do ponto; não sabe ler correctamente, não sabe traçar tres linhas com acerto, não sabe a classificação das palavras que lê.[64]

63 SILVA, op. cit.

64 As nossas campanhas. *A Tribuna* I (43), 27/nov./1913, p. 1.

Contra isso, o jornal postulava que o ensino deveria ser "empirico e adaptado ás necessidades do meio". Eram premências desse tipo que inspiravam os educadores, como os do *Colégio Santos Dumont* a tentar atrair alunos propagandeando utilizar "os mais adiantados methodos pedagógicos" e fornecer aos alunos uma "educação intellectual, physica, moral e esthetica" através de "preceitos de moral e hygiene, exercícios de Gymnastica infantil, licções de coisas, prendas domésticas, etc."[65] Ou ainda, que levaram Dario Vellozo a fundar a *Escola Brasil Cívico*, com um tipo de ensino voltado para a formação teórica e prática do cidadão, sendo essencialmente profissionalizante – agricultura, comércio, artes e indústrias.[66] Para Vellozo, seu próprio percurso intelectual, intimamente ligado ao universo da palavra impressa e da leitura, levaram-no às conclusões de que este tipo de escola seria ideal no Brasil. Segundo ele, "A *Escola Brasil Civico* é imagem da familia e da sociedade – pela Patria" e destinada ao "preparo de almas novas para a grandeza futura da patria".[67]

Essa babel fantástica

Todo o processo de ensino e aprendizado desse período estava voltado para a leitura conjugada à escrita. Baseando-se nisso, os educadores da virada do século davam uma atenção especial às questões do método de ensino, do livro didático e da leitura. Sendo a base do ensino, é ela que está na ordem do dia sempre que o assunto é abordado.

Uma das teses levantadas pelos professores públicos do Paraná, para discussão em seu primeiro congresso em 1909, apresentou uma questão retórica em seu enunciado, e como tal

65 Colegio Santos Dumont. *Paraná Moderno* II (9), Curitiba, 22/jan./1911, p. 6.

66 VELLOZO, Dario. Escola Brasil Civico. *Fanal* III (18,19,20), Curitiba, julho, agosto e setembro, 1913, p. 388-340.

67 SILVEIRA, Tasso. *Dario Vellozo*; perfil espiritual. Rio de Janeiro, s./ed., 1921, P. 43.

considerada, como "interrogativa evidentemente ociosa" pelos congressistas, perguntando-se se "a educação cívica, como a intellectual e a moral, deverá decorrer dos livros de leitura?"[68] O fato de tal tese ter sido discutida nesses termos permite afirmar o papel da leitura nesse processo.

De fato, a própria organização das salas de aula se dava com relação aos "livros de leitura", lidos frequentemente em conjunto, "na mais inconsciente balburdia".[69] As turmas, agrupadas em torno da maior ou menor desenvoltura na leitura (adiantados e atrasados) podiam ser arrumadas, dentro do mesmo espaço físico, em mais de uma *classe*, como as alunas da professora Júlia Wanderley, "a primeira composta das mais atrazadas, está subdividida em duas secções. A segunda classe, constituidas [sic.] pelas mais adiantadas, acha-se igualmente subdividida em duas secções, sendo a primeira das atrazadas e a segunda das mais adiantadas."[70] A essas seções, que poderiam sofrer outras subdivisões, conforme as necessidades, eram lecionadas as diversas matérias do programa escolar, que incluíam, em 1899, "leitura e calligraphia [...] recitação e leitura em voz alta [...]", entre outras, para o primeiro grau. Combinando métodos extensivamente explicados, defendidos e propagandeados, a leitura era ensinada de forma indutiva ou analítica, dedutiva ou sintética, por articulação ou emissão de voz, associada sempre à escrita (caligrafia e ortografia), com exemplos e exercícios relacionados com os livros, tanto para facilitar o trabalho do professor quanto para auxiliar "a fixação da idéia no cérebro incipiente das crianças."[71]

Seguindo o tom característico do período, o ensino da leitura é considerado responsável pelo desenvolvimento da inteligência, da

68 Congresso dos professores públicos. *A Escola* IV (4 e 5), Curitiba, set., out./1909, p.81-2.

69 COSTA, Lysimaco; MOREIRA, Fernando; SOUZA, Lourenço de (relator). As theses. *A Escola* V (1 a 3), Curitiba, jan., mar./1910, p. 126-130.

70 PETRICH, Julia Wanderley. Relatórios. *A Escola* I (1), Curitiba, fev./1906, 17-25; p. 17.

71 RAMON, D. Bibliographia. *A Cidade* III(122). Curityba, 19 de novembro de 1927, s./p.

moral e da sensibilidade, desde que seja feito com método e com critério. Levando em conta esses detalhes, classifica-se a leitura escolar em três diferentes níveis: a leitura *elementar*, ou a alfabetização inicial; a leitura *corrente*, como um estágio intermediário em que "o alumno, sabendo já reunir syllabas, pronuncia palavra por palavra", e a *expressiva*, em que a leitura é feita com entonação, e voltada à compreensão do texto e não só das palavras.[72]

Para ensinar-se a leitura elementar, segundo uma *lição* de 1906, três processos eram utilizados: "antiga soletração ou alphabetico, moderna soletração ou phonico, articulado ou emissão de sons". O primeiro desses métodos consistia em ensinar-se ao aluno, de uma só vez, todo o alfabeto, para que ele decorasse os sons em ordem. Pelo método fônico, as sílabas eram cantadas pelo professor e repetidas pelos alunos. Ambos tinham, na opinião da autora da *lição*, problemas insolúveis, provocando um "ensino inconsciente".[73] É no terceiro método que residia, ainda segundo a autora, "o modo mais racional, mais agradavel", de ensino da leitura elementar. O método por "emissão de sons" ou articulações consistia em que o professor, antes de apresentar o símbolo relativo a cada sílaba ou letra, emitisse o som que ia escrever. A vantagem residia na emissão "de uma só vez" das sílabas. Devia seguir-se uma "marcha" evolutiva, onde eram ensinadas, primeiramente as vogais, depois as consoantes em combinação com as vogais, formando sílabas e palavras novas a cada dia, procedendo de forma minuciosa:

> O professor pronuncia o som de uma lettra, fal-o repetir pelos alumnos e representa no quadro o seo symbolo. Depois de terem as creanças pronunciado o som da lettra, reproduzem nas lousas o symbolo que está representado no quadro.

72 FALCE, Joanna. Licção 2a. - Leitura e Escripta (resumo da sabbatina). *A Escola* I(7), Curitiba, ago./ 1906, p. 126-9.

73 Ibidem.

> Apagam da lousa o symbolo, e o professor escreve no quadro outra vez o mesmo symbolo, e manda todas as creanças emittirem o som; depois, apagado ainda uma vez o symbolo, o professor emitte o som, cuja representação já conhecem, e as creanças o gravam de novo nas lousas.[74]

Para o ensino da leitura corrente, quando os alunos já estavam alfabetizados o suficiente para leituras simples, os procedimentos eram no sentido de esclarecer os significados das palavras contidas nos textos que os alunos não conheciam. Para tanto era necessário mostrar às crianças os objetos a que tais palavras se referiam. A leitura era feita em sala pelo professor e repetida por um dos alunos. A seguir o professor interrogava os alunos quanto às palavras que ele explicara. O último grau de leitura, a leitura expressiva, era ensinado com uma forte ênfase na compreensão do texto lido. O aluno, deveria ser capaz de "descobrir, interpretar e traduzir o pensamento do escriptor, as paixões que procurou descrever ou despertar, etc.", entrando definitivamente no mundo da leitura. Para ensinar os alunos, o professor deveria realizar uma primeira leitura expressiva, utilizando-se dos tons que diferenciam as leituras (narrativo, descritivo e oratório), para que pudesse exigir dos alunos essa expressividade. É nesse ponto que se fazia a ligação entre leitura e sentimento.

Essa tipologia do ensino na leitura (elementar, corrente, etc.) era aceita de forma geral pelos professores. Ela constituiu a base da *Cartilha Progressista*, escrita pelo professor curitibano Lindolpho Pombo na virada do século,[75] que se destinava a ensinar a ler e a escrever "em pouco tempo", de forma progressiva, como sugere o título do livro, "desde a leitura simples e corrente até os princípios

74 Ibidem.

75 POMBO, Lindolpho. *Cartilha progressiva*; methodo novo para se aprender a ler e a escrever simultaneamente. Rio de Janeiro: J. Fonseca Saraiva & Cª. 1907, 3ª ed. A primeira edição da *Cartilha Progressiva; methodo novo para ensinar a ler e a escrever simultaneamente* é de 1900, com reedições em 1902 e 1907.

elementares da leitura explicada e expressiva". O livro – a julgarmos pela propaganda do autor – era utilizado nas escolas do Paraná, públicas e particulares e constituía-se de lições de leitura de letras minúsculas, maiúsculas e manuscritas, em graus crescentes de dificuldades. O autor baseou-se no processo do aprendizado da fala para construir seu methodo:

> A criança, sabemol-o, logo que começa a *querer falar,* principia syllabando: ba-ba, da-da, na-na, [...] e etc.
> Depois, - instinctivamente, combinando essas sylabas com outras, vai a criança proferindo as palavras mais simples da lingua até exprimir pensamentos. É isso o que temos sempre observado.
> Eis ahi a razão porque começamos as nossas primeiras lições com as vogaes mais elementares combinadas progressivamente com as consoantes b, c, d, t, f, r, p, v, s, etc., afim de seguirmos á risca o methodo que a propria natureza nos está ensinando.[76]

Porém, como no caso do "processo alfabético" de ensino da leitura elementar, que é condenado por forçar o aluno a decorar uma determinada sequência de signos, o ensino da leitura (ou o ensino pela leitura) baseado na memorização pura e simples era veementemente condenado. Ao contrário da imagem criada em torno dos livros de leitura escolar, "livrinhos que decoramos em creança e cujas paginas, tão fundamente se nos estampam na consciência, que dellas nunca mais nos esquecemos",[77] o ensino feito exclusivamente pela memória, evitaria o pleno desenvolvimento "das outras faculdades da intelligencia", que por falta de uso, ficariam atrofiadas.[78] Ou ainda, mesmo que a memória fosse exercitada, devia-se evitar que o aluno decorasse "automaticamente, como papagaio", esforçando-se por fazer com

76 Idem, p. 9-10.

77 DALTRO FILHO, op. cit. p. 80.

78 PETRICH, op. cit. p. 25.

que ele apreendesse a ideia, "sem se escravisar ás palavras do livro".[79]

Restam ainda mais algumas questões quanto ao universo da leitura que envolvia alunos e professores. Quais eram esses livros que deveriam preencher todos os requisitos apontados acima? Qual sua disponibilidade para esses alunos e professores do final do século passado e início deste século? Algumas respostas foram indicadas nos capítulos anteriores, ao falarmos de livrarias e bibliotecas. Além disso, havia uma boa quantidade de livros didáticos publicados por paranaenses, no Paraná ou fora do Estado. Os livros de Sebastião Paraná e Dario Vellozo são um exemplo disso. *O Brasil e o Paraná* e *Os Estados da República*, de Sebastião Paraná foram utilizados por diversos professores no Estado, por anos a fio, como os melhores manuais de corografia[80] disponíveis. Aquele segundo livro, com cerca de 500 páginas, foi descrito, à época de sua primeira edição, como "a primeira e a mais completa e importante obra do seu gênero".[81] Com três edições (em 1910, 1913, 1925),[82] o livro teve o apoio do Governo Estadual, que incluiu no orçamento de 1907 uma disposição provisória que previa "auxiliar como julgar mais conveniente a publicação do livro didactico Chorographia do Brazil [título que foi posteriormente alterado], do dr. Sebastião Paraná".[83] Teve também uma forte defesa por parte do Grêmio dos professores públicos, que encaminhou um pedido formal ao Governo Estadual (em junho de 1908) solicitando que este cumprisse a lei 729 de abril de 1907 que previa o apoio oficial.[84] Além das obras de Sebastião Paraná, Dario

79 LUZ, op. cit. p. 132.

80 Estudo ou descrição geográfica de um país, região, província ou município.

81 SOUZA, Lourenço de. Noticiario. *A Escola* V (7-12), Curitiba, jul., dez./1910, p. 346.

82 Primeira Edição: 1911. Curitiba, Buzzeti-Mori & Filhos (Typographia Internacional); Segunda Edição: 1913. Curitiba, Livraria Economica; Terceira Edição: 1925. Curitiba, Livraria Mundial.

83 PARANÁ. *Leis, decretos e regulamentos do Estado do Paraná* – 1907. Curitiba Typographia d'A Republica, 1908.

84 Noticiario. *A Escola* III(2). Curitiba, maio; jun./1908, p. 77-78.

Vellozo, um profícuo escritor, elaborou e publicou um "Compendio de Pedagogia"[85] que marcaria época na Escola Normal de Curitiba. Elaborado como uma sequência de esquemas mnemônicos, vinha preencher uma lacuna:

> [...] outros compendios, se os ha, não satisfazem ou por conterem doutrinas incompativeis com as conquistas da sciencia moderna ou por não se acharem em forma adaptada ao nosso meio e ás prescrições regulamentares do curso triennal da nossa Escola Normal.[86]

Outros livros didáticos foram escritos por professores paranaenses visando a alfabetização e a educação dos alunos. Alguns tiveram razoável sucesso editorial, como Lindolpho Pombo e Rocha Pombo. Daquele primeiro, além do já citado *Cartilha progressiva*, de 1900, há *O Brazil nas escolas; leituras progressivas*, de 1902, voltado para a leitura "expressiva", e que contém trechos variados sobre os mais diversos assuntos, desde "Anathomia", passando por efemérides, descrições de Estados, a "Theoria da Evolução", e um ensaio sobre "O ensino de leitura e da escripta", em que o autor discute a necessidade do ensino simultâneo de ambas as práticas, com ligações no mundo concreto das crianças.[87] Com cinco edições até 1926, também este livro de Lindolpho Pombo trazia sua própria propaganda impressa na contracapa (a partir da 4ª edição), nos seguintes termos:

> Obra premiada com medalha de prata pelo jury da Grande exposição nacional, realizada na Capital Federal, em 1908 e mandada adoptar pelo Governo do Paraná em todos os estabelecimentos de instrucção Publica do Estado.

85 VELLOZO, Dario. *Compendio de pedagogia*. Curityba: Livraria Mundial, 1907.

86 MACEDO, F.R.A.. Epistolas pedagogicas II. *A Escola* I (8 e 9). Curitiba, set., out./1906, p. 135-7.

87 POMBO, Lindolpho. *O Brazil nas escolas*; leituras progressistas. Curitiba: Typ. "Der Beobachter", 1907b, 2ª ed., p. 144-7.

Além desses dois livros, Podemos ainda citar outros do mesmo autor, voltados para a educação infantil, que não tiveram tanto sucesso quanto os anteriores, como por exemplo, o *Noções geraes de geographia illustrada*, de 1910, e o *Ensaio de pequenos discursos para exercício de leitura expressiva*.

Outro sucesso editorial em termos didáticos foi o *Nossa Pátria*, de Rocha Pombo. Editado pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1917, teve outras 82 edições até 1949, firmando-se como um dos principais livros de história para o ensino primário na primeira metade do século.[88] Podemos ainda citar *Exultação; para leitura nas escolas de instrucção primaria*, de Sebastião Paraná (1913), livro que poderia ser chamado "exaltação" já que é uma descrição ufanista do Brasil, com ênfase nas descrições geográficas que são a especialidade do autor da *Chorografia do Brazil*, citada acima. Em linguagem simples, isto é, sem floreios, mas com citações em latim e em francês, S. Paraná apresenta quinze páginas de texto, na sua maior parte extratos retirados de outras obras e autores.

Há ainda os livros de leitura de Claudino dos Santos, editados pela *Livraria Econômica* entre 1903 e 1906, voltados para o público das escolas primárias, e a compilação de poesias, *Instrucção e civismo*, sobre os dois temas do título, obra que foi adotada para a leitura primária nas escolas públicas do Paraná, por ordem do secretário da Instrução Pública, Eneas Marques dos Santos, a quem, aliás, o livro é dedicado.[89] Citemos também livros de leitura como o *Livro de leitura da segunda classe das escolas polonesas no Brasil,* de K. Jeziorowski, editado em polonês pela Associação das Sociedades Polonesas "Cultura" e da União profissional dos Professores, em 1924, ou o *Livro de leitura alemão* (*Deutsches Lesebuch*), de Otto Hoening, impresso em Curitiba em

88 POMBO, José Francisco da Rocha, José Francisco da Rocha. *Nossa Patria*. São Paulo: Melhoramentos, s./d. 34ª ed.

89 SIGWALT, Trajano & CORDEIRO, Manoel Mendes. *Instrucção e civismo.* Coritiba, Livraria Economica, 1919.

1922, como exemplos de obras didáticas criadas no contexto deste estudo, apontando para a diversidade e pluralidade que caracterizavam essa sociedade.[90]

Os estudantes manifestavam suas impressões quanto aos livros didáticos de várias formas. Embora não tenhamos nenhum registro de como as crianças reagiam aos livros adotados, alguns estudantes do Ginásio Paranaense, já se transformando em escritores, reclamavam dos livros, utilizando a sátira como recurso estilístico. Para estes estudantes, os livros didáticos eram, muitas vezes, um fardo a carregar nessa fase da vida. Eles que, em época de exames, tinham que "cavar", e sumiam do convívio urbano abandonando "as ruas de nossa urbs para viverem no microcosmo de seus livros [...]".[91] Seu maior terror parece ter sido a *Geometria*, de Timotheo Pereira, livro frequentemente consultado na BPPR, anexa ao Ginásio, e que proporcionava charges e paródias de atos de contrição envolvendo a necessidade de decorar um livro com erros, segundo alguns, ou entregue a professores incapazes, segundo outros.[92] Em uma ode á sua estante, um desses estudantes coloca a questão da leitura obrigatória no ginásio de forma clara:

> [...]
> Sabbatinas crueis, noutes em claro,
> Roubados ao prazer de namorar,
> Eis tudo quanto rende o *x* tão caro,
> Que tu com tanto pó sabes guardar.
> Vê bem! Laffite é duro e Comte avaro,
> Quem é que o Poncelet pode tragar?!...
> [...][93]

90 MOREIRA, Julio. *Dicionário Bibliografico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1957.

91 DR. KOLTZ. Ao Correr da Penna. *O Paraná*. 30 de novembro de 1910, p.3.

92 O Olho da Rua (9), Curitiba, 10/ago./1907.

93 F.F. Á minha estante. *O Olho da Rua* (6). Curitiba, 22/jun./1907, s./p.

A leitura, nesses termos, era vista como uma cruel obrigação que interrompe os prazeres da juventude, e o livro didático, um empecilho à livre escolha dos estudantes. Mas além deles, outros criticavam os livros didáticos adotados nos vários níveis de ensino no Estado.

Nas frequentes resenhas de livros didáticos, paranaenses ou de outros centros, buscava-se elogiar as capacidades dos livros em questão em serem utilizados ou substituir os que eram adotados nas escolas locais. Considerando bons os livros adotados, eles falavam de livros ainda melhores, raramente exercendo a crítica aberta possibilitada pela sátira, peculiar aos estudantes. Assim, os livros resenhados podiam ser considerados patrióticos, ou simplesmente úteis e necessários (Braga, 1906, p. 71).[94] Os revisores procuravam aplicar sempre o mote apregoado pelo Pe. David Wiedmer em sua *Cartilha Paralela*, editada na cidade da Lapa em 1927, "Facilite-se o estudo ás crianças e ellas não perderão a vontade de estudar".[95] É o caso, quinze anos antes, da resenha que Hugo Simas fez dos livros adotados na escola primária e na escola normal. Depois de devidamente falar do *Cours de Pedagogie*, de Compayré, livro adotado na Escola Normal e utilizado por Dario Vellozo na composição de seu *Compendio de Pedagogia* (além de ser bastante requisitado na BPPR), Simas passou a defender os livros "do Sr. Felisberto de Carvalho", que "teem a vantagem sobre todos os outros que por ahi andam em voga, de trazer no fim de cada licção uma série de perguntas para exercício de raciocínio e de elocução, o que muito facilita o trabalho do professor".[96]

Os professores primários também se expressaram sobre os livros didáticos que adotavam ou que gostariam de adotar. Segundo o Regimento da Instrução Pública do Paraná, os livros adotados para o ensino primário eram escolhidos por uma

94 BRAGA, Conego. Selecta Classica. *A Escola* I (4), Curitiba, maio/1906, p. 71.

95 RAMON, op. cit.s./p.

96 SIMAS, op. cit. p. 35-8.

Congregação de professores do Ginásio Paranaense e Escola Normal, submetidos à aprovação do Governador, que por sua vez nomeava uma comissão de três professores "para dar juízo critico sobre os livros a adotar-se" e cujo parecer voltaria para a Congregação para debate. Em 1906, esses livros eram, entre outros, *Iracema*, de José de Alencar, *Grammatica Portuguesa* (2º ano), de João Ribeiro, *Arithmetica Progressiva*, de Antonio Trajano e *O Brasil e o Paraná*, de Sebastião Paraná, *Geometria Prática*, de Olavo Freire, *História do Paraná*, de Romário Martins, *A Cultura dos Campos*, de Assis Brasil.

Embora a aprovação da Congregação fosse razão suficiente para que os livros fossem adotados, restava ao professor a autonomia de preencher lacunas, substituir livros que considerasse inadequados ou buscar outros que considerasse melhores para submeter à Congregação. É o caso dos livros de história do Brasil, por exemplo. A congregação não tinha, em 1906, aprovado nenhum título específico para esta disciplina. Os professores então adotam-nos conforme seus próprios critérios. Júlia Wanderley utilizava a *História do Brasil* de Joaquim M. Lacerda, "por não haver outra officialmente aprovada até a presente data".[97] Já Lourenço de Souza, como vimos no capítulo anterior, achava este livro inadequado porque não estava suficientemente isento com relação à religião. Como Raul Gomes e Dario Vellozo, ele acreditava que as opções religiosas ou políticas não deviam ser mostradas pelo professor ou pelos livros. O livro de Lacerda, segundo Souza,

> [...] em um de seus pontos faz elogiosa propaganda dos Jesuitas, enaltecendo os serviços dos que vieram em companhia dos primeiros governadores do Brazil colonial catechizar os filhos das nossas florestas. Alêm disso, o resumo histórico a que me refiro não põe em evidencia alguns dos acontecimentos importantes e deixa entregues ao olvido outros que cumprem sejam conhecidos das creanças brazileiras.[98]

97 PETRICH, op. cit. p. 18.

98 SOUZA,. A missão da escola.

Finalmente, a professora Josephina Carmen Rocha, com a autorização do inspetor escolar, utilizava-se, para a história do Brasil, do livro *Revoluções Brasileiras*, de Gonzaga Duque Estrada, livro que, segundo ela, "alem de bem escripto dá a conhecer ás creanças a nossa história patria, mostrando os edificantes exemplos de abnegação e patriotismo de diversos patricios nossos".[99] O fato curioso é que ela, ao contrário de Julia Wanderley, adotava este livro em substituição ao *Iracema* de Alencar, que considerava inadequado e não vantajoso para uma escola primária. As razões dadas pela professora Josephina Rocha eram de que as crianças, muito novas, não aproveitariam o estilo de Alencar, e a edição disponível continha "vários erros typográphicos".

A pudicícia da professora mascarava o real motivo pelo qual ela não adotou o livro de Alencar, motivo este que levou Lourenço de Souza a igualmente não adotá-lo. Souza, salvaguardando as qualidades literárias de Alencar, afirmava que "indubitavel é porêm que a Iracema contém trechos lascivos, e deve ser ipso-facto desterrada para logo, siquer das escolas primárias, e sua leitura vedada às creanças, a bem da pureza infantil". Segundo ele, o fato do livro de Alencar possuir uma grande riqueza estilística não era suficiente para justificar sua adoção como livro de leitura nas escolas primárias do Paraná.

Os livros didáticos e de leitura utilizados pelos professores são portanto uma das chaves para compreendermos como se aprendia e se ensinava a ler. A leitura republicana, como a queriam Souza, Gomes e Vellozo, era voltada para o patriotismo, para o laicicismo e para a crítica. Por isso que os livros didáticos também deviam sê-lo. As teses levantadas pelo Congresso dos Professores Públicos colocam o livro no centro das preocupações. Pensando na questão da uniformidade dos livros em todo o Estado, os articuladores do congresso perguntam-se sobre se "os livros

99 ROCHA, op. cit. p. 46.

actuaes de ensino satisfazem os interesses do Estado e da Pátria". As respostas a esta tese foram apresentadas de forma negativa. Segundo os professores, os livros usados então pecavam por estarem afastados dos "modernos dictames pedagógicos e do momento social que atravessamos", ou seja, estavam ultrapassados, eram tendenciosos, ou de "methodo comndenado". Não obstante, continuavam a ser usados na falta de melhores livros. E aqui os congressistas argumentam em favor da padronização dos livros didáticos em todos os colégios públicos do Estado, o que acabaria com "essa babel phantastica de livros escolares, adoptados conforme as idéias, o capricho, o humor de cada mestre".[100] Dispostos a suprir essa carência, os professores, supondo o apoio tácito do Estado, afirmaram que novos livros didáticos deveriam ser organizados, dentro dos parâmetros estabelecidos pela lei e pelo Congresso dos Professores. O Estado então faria a edição dos livros e estes seriam utilizados em todas as escolas públicas.

O papel fundamental do universo da leitura nessa sociedade fica, portanto, explícito nas concepções e fundamentos das práticas de ensino, e não só nos níveis iniciais de alfabetização. É difícil sabermos como os 7,8% de alunos que em 1890, e 17% em 1917, receberam instrução escolar, leram os seus livros da escola e quaisquer outros livros durante suas vidas, mas podemos ter pistas para isso na forma como se pensava que eles deviam aprender, como se gostaria que lessem, e como era a relação ideal com o livro. O livro, didático ou não, tinha, na sua concepção as sementes de um futuro que ninguém sabia muito bem qual era àquela altura do século XX, mas que todos esperavam ser o ápice de uma longa série de avanços da civilização.

De uma forma geral, podemos pensar o período como sendo de constante mudança ou – paradoxalmente – de permanente busca pela mudança. Desde as primeiras tentativas, no início do século, de disseminar a alfabetização e o ensino formal através da

100 COSTA et. al., op. cit. p. 126.

aplicação do ensino "lancasteriano", da ampliação do número de professores e de escolas,[101] até os embates em torno da escola laica, humanista, idealizada por professores, autores de livros didáticos ou pensadores, pensava-se sempre em novidade, modernidade, reelaboração, clamava-se por reformas do sistema de ensino, ao mesmo tempo que buscava-se aplicar sempre o mais moderno método. Aprender a ler nesse período, além de ser o passaporte para o projeto de sociedade embutido na própria ideia de educação universal, pode também ter tido a conotação de aprender a conviver com o novo, o inédito, o moderno e, indubitavelmente, com o progresso que os propiciava.

101 KUBO, op. cit.

Conclusão

Na década de 1970, Michel de Certeau, em A *operação historiográfica*, afirmou que pensar a relação do trabalho dos historiadores no tempo é pensar acerca de uma *operação* que combina um *lugar* social, uma *prática* científica e uma *escrita*. O lugar deve ser concebido nos termos da *instituição histórica*, pensada como instituição de saber, na qual podemos observar "um mesmo movimento que organiza a sociedade e as 'idéias' que nela circulam", sendo "impossível analisar o discurso histórico independentemente da instituição em função da qual ele se organiza silenciosamente".[1] O lugar da historiografia é, portanto, o de uma *instituição de saber histórico* que se digladia, ao longo da modernidade, com seu estatuto de cientificidade. Lugar (instituição) que é do historiador e da história – incluindo aí seu funcionamento – na sociedade. As *práticas* dizem respeito às manipulações, regidas por regras, que os historiadores operam com relação ao tempo, às fontes (*produzidas* pelo historiador, mesmo que seja pela mera transcrição), à aplicação de quadros teóricos – modelares ou não –, à "*construção* de objetos de pesquisa e, portanto, das unidades de compreensão",[2] e à elaboração de uma síntese e de uma crítica, em relação às fontes e em relação a sua própria percepção, envolvendo operações como distanciamento, estranhamento, etc.

A *escrita*, finalmente, é pensada por De Certeau como um *mise en scène* literário – construção de uma escrita (*writing*) como prática de apropriação, que cita como "meio de articular o texto

1 CERTEAU, Michel de. *A escrita da história.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 70-71.

2 Ibidem, p. 85.

com a sua exterioridade semântica, de permitir-lhe fazer de conta que assume uma parte da cultura e de lhe assegurar, assim, uma credibilidade referencial".[3] Na conjugação desses fatores, podemos pensar na produção historiográfica como *construção* teórica e textual, elaborada *em* e *para* uma sociedade ou projeto social, por historiadores comprometidos com visões específicas do passado. Aqui se completa a *operação* da construção historiográfica, fazendo a ligação entre pesquisa (que é interminável) e texto (que deve ter um final), tornando possível reconhecer a historiografia como *produto* humano no tempo.

Para tanto, também fez-se necessária uma concepção da história como conhecimento desinteressado e lacunar – apresentada na mesma década por Paul Veyne, em *Como se escreve a história*. Para Veyne, o conhecimento histórico é fragmentário e diz respeito à arte da narração, pela escolha de enredos e intrigas. [4] Essa noção oferece uma história potencialmente dedicada a todo e qualquer acontecimento, inclusive às próprias concepções e formas de escrita da história no passado.

É nesse sentido que a historiografia – como campo específico do conhecimento histórico – pode ser construída, para investigar e compreender de que forma o espaço de atuação do sujeito do conhecimento – e da relação cognitiva propriamente dita – se estabelece. É também assim que deve acontecer a reflexão acerca da produção historiográfica sobre aquilo que recentemente se convencionou chamar de "a palavra impressa", ou seja, o livro, a leitura e mesmo os leitores.[5]

---

3 Ibidem, p. 102.

4 VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70, 1983. p. 310.

5 Ver, por exemplo: FINKELSTEIN, David; McCLEERY, Alistair. *An introduction to book history*. New York: Routledge, 2005; HALL, David. *Cultures of the print*; essays in the history of the book. Amberst: University of Massachussets Press, 1996; CHARTIER, Roger. Languages, books and reading, from the printed word to the digital text. *Critical Inquiry I,* Autum 2004, vol. 31, issue 01, p. 133-152.

Pensar historicamente a própria historiografia envolve, portanto, a compreensão das mudanças nos pressupostos epistemológicos da história: o modo como cada escola de pensamento concebe o processo cognitivo, o conceito de tempo e a relação com o real (*práticas*), além das vinculações sociais dos historiadores (*lugar*) e a forma que as suas ideias assumem nos textos (*escrita*). No caso da historiografia da palavra impressa, essas vinculações acompanham desdobramentos epistemológicos mais amplos, que têm afetado a profissão histórica ao longo das últimas décadas e, de acordo com Adam Schaff, dizem respeito a variações temporais da historiografia que podem ser observadas no

> exemplo das diferentes visões que têm os historiadores de um mesmo acontecimento, conforme pertencem a diversas épocas e gerações, ou – se são contemporâneos – segundo os diversos sistemas de valores nos quais se baseiam e que são a expressão de interesses de classes opostos, de concepções de mundo divergentes, etc.[6]

A compreensão histórica da historiografia é um fenômeno recente, que acompanha as revisões do papel do sujeito na construção do conhecimento histórico e as alterações epistemológicas da história como campo de conhecimento. Essas revisões resultam do confronto entre as visões de história da modernidade ocidental, em suas diversas fases "racionalistas" (particularmente durante os séculos XVIII e XIX), e o que se conhece como *pós-modernidade*.[7]

Para continuarmos pensando sobre as alterações epistemológicas que propiciaram a criação do campo da história da leitura (ou da palavra impressa), é importante lembrarmos que na pós-modernidade – em que os historiadores se dão conta da falácia da universalidade da razão, a história fragmenta-se e a ênfase

6 SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p. 65.

7 REIS, José Carlos. *História e teoria*: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

muda do universo para o indivíduo – a historiografia é pensada, intrinsecamente, como estilo literário,[8] como sugerem as ideias de *mise en scène* e de *intriga*, apresentadas por de Certeau e Veyne. Segundo José Carlos Reis, o espírito da historiografia pós-moderna pode ser definido por um conjunto de características que demonstram as modificações epistemológicas da primeira metade do século XX: a "valorização da alteridade e da diferença regional; microrrecortes no todo social; apego à micronarrativa, à descrição densa e ao tempo longo, abertura a todos os fenômenos no tempo".[9] Podemos acrescentar aqui novas considerações sobre a consciência de tempo, além de reflexões sobre a natureza linguística do pensamento no passado.

Nessa concepção, a movimentação da história em direção à cultura assume novo significado. Tal movimentação é verificável na historiografia ligada aos *Annales* e no pensamento de matriz marxista da nova esquerda inglesa,[10] na historiografia influenciada pela arqueologia foucaultiana bem como nas vertentes autoproclamadas pós-modernas, que propõem o abandono de toda relação com o real em favor do verossímil e do textual.[11] Seu lugar é o de uma reflexão sobre o propósito da história (uma história total, que entende que *tudo* é história e não pretende englobar toda a história em uma única síntese).[12]

A partir desses debates sobre a produção do conhecimento histórico, ao longo das últimas décadas, o debate sobre história do livro e da leitura evoluiu para uma discussão em torno da ideia de

8 GAY, Peter. *O estilo na história.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990. BANN, Stephen. *As invenções da história*: ensaios sobre a representação no passado. São Paulo: Ed. da Unesp, 1994.

9 REIS, op. cit., p. 61.

10 DESAN, Susanne. Massas, comunidades e ritual na Obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

11 WHITE, Hayden. The question of narrative in contemporary historical theory. *History and Theory, Studies in the Philosophy of History.* Middletown, Connecticut, v. XXIII, n. 1, p. 1-33, 1984.

12 ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Fernand Braudel e as ciências humanas.* Londrina: Eduel, 2003. p. 57-70.

uma "cultura escrita", ou "cultura do escrito", que é mais ampla e complexa que somente o livro e seu circuito direto de redação, edição e leitura. [13] Ainda que não explorasse todas estas possibilidades, o que se buscou neste estudo, foi estudar aspectos específicos dessa cultura, entendidos a partir de uma noção de cultura expressa como "a que articula as produções simbólicas e as experiências estéticas subtraídas às urgências do cotidiano, com as linguagens, os rituais e as condutas, graças aos quais uma comunidade vive e reflete sua relação ao mundo"[14], fazendo valer a duplicidade semântica do título entre "escrita" e "do escrito" e aprofundando a noção de que não há homogeneidade na compreensão da cultura escrita em sociedades complexas.[15]

O conceito de "cultura escrita" portanto, implicita potencialidades analíticas consideráveis. Ele pode evidenciar uma condição da cultura, qual seja a de estar escrita, ou uma qualidade da cultura caracterizada pela escrita, compreensão que é a mais comum. Corriqueiramente, a "cultura escrita" é entendida como um tipo de cultura em contraste e/ou complemento com outras formas de difusão do conhecimento, como a oral. O meio de difusão dessa cultura é utilizado, portanto, para qualificá-la, especificá-la, e, dessa maneira, a função qualificadora do termo "escrita" intenta, em alguma medida, limitar a dimensão polissêmica do próprio conceito de cultura.

O que se pretendeu, com esta pesquisa, foi buscar acessos à cultura escrita no passado, a partir de seus aspectos vinculados diretamente ao livro e à leitura, circunscritos ao espaço geográfico e ao período em foco, devido à, já mencionada, profusão criativa e editorial.

---

13 GALVÃO, Ana Maria de Oliveira, et. al., orgs. *História da cultura escrita*; séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

14 CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". *Estudos Avançados,* 2010 vol: 24 (69), 7-30.

15 GALVÃO, Ana Maria. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes e CARVALHO, Gilcinei Teodoro (orgs). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 219.

Isto posto, cumpre pensar essa cultura escrita em seu momento de crise, quando as lógicas textuais que regeram as sociedades modernas são colocadas em xeque por linguagens imagéticas multifacetadas, e o universo editoral se altera profundamente com mudanças tecnológicas recentes e constantes.[16] Assim, o papel e a função social exercidos por editoras, bibliotecas, livros, autores e leitores é, hoje, profundamente distinto daquele estudado aqui, sem haver indicação de que o ritmo das mudanças diminua em um futuro próximo.

Com este contraste, a efervescência da virada do século fica ainda mais atraente. Um mercado editorial ativo e produtivo, que podia contar com leitores em número suficiente para mantê-lo, desapareceu para não ser mais retomado. Os leitores de hoje, embora numericamente superiores, têm outras formas de lazer ou informação, ampliados enormemente pela oferta em massa de material disponível à leitura por meios eletrônicos ou digitais, ainda com uma forte influência de leituras como audição da palavra lida em voz alta, por um locutor ou apresentador, por exemplo.

Neste estudo pudemos verificar como algumas pessoas leram no passado. A pesquisa revelou um número significativo de leitores, como as inúmeras evidências esparsas revelam. Em um universo cultural fortemente marcado pela palavra impressa, a leitura assumiu características extremamente diversificadas e permitiu que tivéssemos um acesso, ainda que parcial, àquele universo.

Das leituras que recuperamos, há um ponto de encontro possível. Dario Vellozo, ao buscar uma conciliação entre razão e esoterismo, Ocidente e Oriente, circulou por conceitos e noções de ciência que são, aos nossos olhos, bastante peculiares. Deusdedit Moura Brasil preferia conceitos mais rigorosamente distintivos

16 DARNTON, Robert. *A questão dos livros*: passado, presente e futuro. Editora Companhia das Letras, 2010.

entre ciência e religião, buscando apoio no racionalismo evolucionista. Os cânones literários que inspiravam os críticos e resenhistas, eram igualmente calcados em definições particulares de arte e ciência, que evocavam, por exemplo, os sentimentos anticlericais, à medida que condenavam o obscurantismo da Igreja Católica. Os membros do INP, na esteira de seu líder, empenhavam-se na aquisição de conhecimento, que, por sua vez, buscavam difundir em termos científicos (da mesma forma que outras associações semelhantes). A ciência é o campo do imaginário em que as leituras estudadas neste trabalho, mais frequentemente, se encontram, principalmente devido a uma associação entre verdade e ciência, uma representação que pode fornecer um acesso às formas da leitura e, portanto, àquela cultura. As alusões à ideia da ciência como um elemento de coesão dessa sociedade, embora dispersas neste texto, permitem que esse acesso seja tomado.

Do que pudemos apreender sobre livros, leitores e leitura no passado, apresentamos aqui os elementos mais contundentemente visíveis nas fontes. Outros aspectos e outras análises podem ser destacados a partir, exatamente, de outras leituras e de outras escritas da história.

Fontes

Periódicos

Título	*Cidade*	*Anos de publicação*
Alba	Curitiba	1938
Album	Curitiba	1901
Album Do Paraná	Curitiba	1919-1921 1927 (2a, Ed.)
Almanach Do Parana	Curitiba	1896; 1899-1904; 1906-09; 1912-13
Almanach dos Municipios	Curitiba	1918
Almanach Paranaense	Curitiba	1896-1900
Anthos	Curitiba	Março a setembro, 1917
Anuario propagandistico “sul do Brasil”.	Curitiba	1930-34
Argos Paranaense	Curitiba	Março, 1925
Atheneia	Curitiba	Julho a setembro de 1914
Azul (pela arte)	Curitiba	27 de maio de 1900
Boletim da Associação Comercial do Paraná	Curitiba	1909-21
Boletim do Archivo Municipal de Curytiba.	Curitiba	1906;1907;1908;1924; 1925;1926;1927;1928; 1929;1930;1931
Boletim do IHGEP	Curitiba	1917, 1918, 1919/1925

Título	*Cidade*	*Anos de publicação*
Bomba (A)	Curitiba	1913

Título	***Cidade***	***Anos de publicação***
Brazil Cívico	Curitiba	Março,1918 a maio, 1919
Breviario	Curitiba	1900
Calendário do Paraná	Curitiba	1915-16
Cartão Postal	Curitiba	Março a outubro /1905
Cenaculo	Curitiba	1895-97
Cidade [A]	Curitiba	1925-27
Cinema	Curitiba	1908-09
Club Coritibano	Curitiba	1903
Cruzada	Paranaguá	1919-20
Cruzada [A]	Curitiba	1926-30
Cruzeiro [O]	Curitiba	Fev. 1920
Doutrina [A]	Curitiba	1900-06
Escola [A]	Curitiba	1906-10
Esphynge	Curitiba	1899-1906
Estrella [A]	Curitiba	1901-1902
Falua [A]	Curitiba	1916
Fanal	Curitiba	1911-13
Flammulla [A]	Curitiba	1922
Flirt [O]	Curitiba	1919
Folha de Coritiba	Curitiba	1895
Folha Rosea	Ponta Grossa	1911
Galeria Illustrada [A]	Curitiba	1888-89
Itiberê [O]	Paranaguá	1919-26
Luz de Krotona	Curitiba	1921-27
Máscara [A]	Curitiba	1925
Miko [O]	Curitiba	1914

Título	***Cidade***	***Anos de publicação***
Myrto e Acacia	Curitiba	1916-20
Olho da Rua [O]	Curitiba	1907-09 1909 (2a.fase);1911
Palladio [O]	Curitiba	1920
Pallium	Curitiba	1898-1900
Paraná	Curitiba	1907
Paraná Médico	Curitiba	1916-18
Paraná Mercantil	Curitiba	1934-40
Paraná Progresso	Curitiba	1930
Patria e Lar	Curitiba	1912;1913
Prata da Casa	Curitiba	1927-30 1932; 1934;1935
Raios-X	Curitiba	1911
Ramo de Acacia	Curitiba	1908-12
Relampago [O]	Curitiba	1907
Relatório Geral da Un. Do PR	Curitiba	1913-16
Revista Acadêmica	Curitiba	1917-19
Revista Acadêmica	Curitiba	1934
Revista Do Círculo De Estudos Bandeirantes	Curitiba	1934-38
Revista do Espiritualismo	Curitiba	
Revista do Paraná	Curitiba	1887
Revista do Povo	Curitiba	1916-20
Revista do Sul	Curitiba	1925
Revista Moderna	Curitiba	1916
Rolha [A]	Curitiba	1908
Rua [A]	Curitiba	1930
Sapo [O]	Curitiba	1898-1900

Título	***Cidade***	***Anos de publicação***
Terra de Sol	Rio de Janeiro	1924
Terra dos Pinheiraes	Curitiba	1921
Tribuna [A]	Curitiba	1913-14
União e Trabalho	Curitiba	1919-20
Veritas	Curitiba	1916-24
Victrix	Curitiba	1902
25 de Março	Curitiba	1876

Livros

BARROS, José Ferreira de *Almanak Administrativo mercantil e industrial da Provincia do Paraná* para o anno de 1877. Curitiba: s./ed. 1877.

CLUB LITTERARIO DE PARANAGUÁ - 1872-1931. Relatório lido na sessão magna em a noite de 9 de agosto de 1931 [...]. Paranaguá, Typ. da Papelaria Econômica, 1931.

MACEDO, Joaquim Manoel. *A moreninha.* São Paulo: Melhoramentos, s./d.

_____. *O Moço loiro*. São Paulo: Melhoramentos, s./d.

MARTINS, Romario. *Catálogo dos jornaes publicados no Paraná de 1854-1907.*Curytiba, Impressora Paranaense, 1908

MOREIRA, Julio. *Dicionário Bibliografico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1957.

MOURA BRASIL, Aldamira & MOURA BRASIL, Deusdedit. Maria Salomé; sonetos. Coritiba: Moderna, 1925.

MOURA BRASIL, Deusdedit. *Loiras ao sol*; acerca da seca no Ceará. Curitiba: Livraria Mundial, 1919.

_____. *Na fronteira do Brasil com a Argentina e o Paraguai*. Curityba, Typographia Moderna, 1922.

_____. *Ontogenia do direito commercial*; dissertação e theses de concurso para prehenchimento do cargo de lente substituto [...] da faculdade de direito do Paraná. Coritiba: Empreza Graphica Paranaense, 1920.

PARANÁ, *Leis, decretos e regulamentos do Estado do Paraná - 1907*. Curitiba Typographia d'A Republica, 1908.

PARANÁ, Sebastião. *Exultação*; para leitura nas escolas de instrucção primaria. Coritiba: Livraria Econômica, 1913.

PLAISANT, Alcebíades Cesar. *Scenario Paranaense*. Coritiba: s./ed., 1908.

POMBO, Lindolpho. *Cartilha progressiva*; methodo novo para se aprender a ler e a escrever simultaneamente. Rio de Janeiro: J. Fonseca Saraiva & Cª. 1907, 3ª ed.

POMBO, Lindolpho. *O Brazil nas escolas*; leituras progressistas. Curitiba: Typ. "Der Beobachter", 1907, 2ª ed.

POMBO, Lindolpho. *Noções geraes de geographia illustrada, descritiva, pittoresca e intuitiva do Estado do Paraná*. Curitiba, Typ. "Der Beobachter", 1910.

ROCHA POMBO. *Nossa Patria*. São Paulo: Melhoramentos, s./d. 34ª ed.

SILVEIRA, Tasso. *Dario Vellozo*; perfil espiritual. Rio de Janeiro, s./ed., 1921.

SIGWALT, Trajano & CORDEIRO, Manoel Mendes. *Instrucção e civismo*. Coritiba, Livraria Economica, 1919.

UNIVERSIDADE DO PARANÁ. *Relatório Geral da Universidade do Paraná*. Curityba, Typ. Alfredo Hoffman, 1913.

UNIVERSIDADE DO PARANÁ. *Relatório Geral da Universidade do Paraná para 1915*. Curityba: Typographia Max Roesner, 1915.

UNIVERSIDADE DO PARANÁ. *Relatório Geral da Universidade do Paraná para 1916*. Curityba: Typographia d'A República, 1917.

Obras de Dario Vellozo

Título	Local	Editora	Ano
Primeiros Ensaios (contos)			1889
Ephemeras (versos)			1890
Esquifes	Curitiba	Impressora Paranaense	1896
Alma Penitente (poema)			1897
Althair (conto)			1898
Esothericas (versos)	Curitiba		1900
12 de outubro; ensino Civico	Curitiba	Impressora Paranaense	1901
Teatro de Wagner - San Peladan	Curitiba	Impressora Paranaense	1901
Licções de História			1902
Licções de História - 2ª ed.	Curitiba	Impressora Paranaense	1904
Derrocada Ultramontana	Curitiba	Impressora Paranaense	1905
No Solio do Amanhan (romance)			1905
Voltaire (polêmica e crítica)			1905
Compendio de Pedagogia	Curitiba	Livraria Mundial	1907
Helicon (versos)			1908
Moral dos Jesuítas			1908
Templo Maçonico	Curitiba		1909
Pelo Aborígene, em collaboração com Julio Pernetta.			1911
Ramo de Ouro			1911
Rudel (poema)			1912
A Cabana Fellah (conto)			1915
Da Therapeutica Occulta			1915
Da tribuna e da imprensa	Curitiba	Ed. do Myrto e Acacia	1915
Do Retiro Saudoso			1915
Pour l'Humanité			1916
Mansão dos amigos (conto)			1918
Licções de História - 3ª ed.	Curitiba		1919
O habitat e a integridade nacional (these ao 6. Congresso de Geographia em Bello			1919

Horizonte).			
Compendio de Pedagogia (2. ed.)			1920
Livro de Alyr.			1920
Licções de História - 4ª ed.	Curitiba	Empreza Graphica Paranaense	1943
Licções de História - 5ª ed.	Curitiba	Empreza Graphica Paranaense	1944
Licções de História - 6ª ed.	Curitiba	Editora Guaíra	1948
Licções de História - 7ª ed.	Curitiba	Editora Guaíra	1949

Referências

ABREU, Alzira Alves de. Os intelectuais e a Revolução Francesa (resenha de Gens de lettres; gens du livre, de Robert Darnton). Estudos Históricos 5 (10). Rio de Janeiro, 1992, p. 261-265.

ABREU, Márcia & Britto, Luis P. L. Prefácio. In: ABREU, Marcia, org. *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

ALEXANDRE-BIDON, Danièle. La lettre volée; aprendre a lire a l'enfant au moyen age. *Annales E.S.C.*, *44*(4). Jul./Aut., 1989.

ARIÈS, Philippe e DUBY, George, Org., *História da vida privada*; da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado*; o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAHN, Stephen. *As invenções da história*; ensaios sobre a representação do passado. São Paulo: Edunesp, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*; o contexto de François Rabelais. São Paulo/ Brasília: Edunb/Hucitec, 1993.

BENJAMIN, Walter. "O narrador, considerações sobre a obra de Nicolai Leskov" In: *Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 197-221.

BERBERI, Elizabete. *Impressões*; a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

BORGES, Jorge Luis. A biblioteca de Babel. In *Ficções*. São Paulo: Abril Cultural, 1971, p.84-94.

BOSCHILIA, Roseli. R. XV e o comércio no início do século. *Bol. Inf. da Casa Romário Martins 23*(113). Curitiba, nov./1996.

BRANDÃO, Angela. *A fábrica de ilusão;* o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba. 1905-1913. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

BROCA, Brito. *Papéis de Alceste* Campinas: Editora da Unicamp, 1991.

____.. *Horas de Leitura*; primeira e segunda séries. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales*; a revolução francesa da historiografia. São Paulo: Edunesp, 1992.

CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero.* São Paulo: Edusp, 1988.

CANFORA, Luciano. Lire a Athènes et a Rome. *Annales E.S.C., 44*(4). jul./aut., 1989.

_____. *A biblioteca desaparecida*; histórias da biblioteca de Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Minorias silenciadas*: história da censura no Brasil. EdUSP, 2001.

CARNEIRO, Newton. *As artes gráficas em Curitiba*. Curitiba: Edições Paiol, 1975.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *Frenchness in the History of the book*; from the history of publishing to the history of reading. Worchester: American Antiquarian Society, 1988.

_____. *A história cultural*; entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural.* São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 211-238.

_____.Textos, símbolos e o espírito francês. *História Questões e Debates 24* (13). Curitiba, jul./dez. 1996, p. 5-27.

_____. Languages, books and reading, from the printed word to the digital text. *Critical Inquiry* I, Autum 2004, vol. 31, issue 01, p. 133-152.

____. "Escutar os mortos com os olhos". *Estudos Avançados*, 2010 vol: 24 (69), 7-30.

CORBIN, Alain, *O território do vazio*; a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. "A pequena bíblia dos jovens nubentes". In: *Amor e sexualidade no ocidente*. Porto Alegre: LP&M, 1992. p. 201-11.

CORDIOLLI, Marcos Antonio. O Olhar de um ponto diverso; as gêneses de um idílio: a trajetória de Dario Vellozo. *Boletim do Departamento de História*. Série Monografias 01; Mar./1989. / Projeto: "O viver em uma sociedade urbana - Curitiba, 1890-1920/.

_____. Nos descaminhos de um idílio. Curitiba: s./ed., s./d. (mimeo).

DARNTON, Robert. What is the history of books? *Daedalus III* (3), summer, 1982.

_____*O grande massacre de gatos*; e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. XIV.

_____. *Boêmia literária e revolução*; o submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. História da Leitura, In: BURKE, Peter, org. *A escrita da história*; novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1989, p.199-236.

_____. *The kiss of Lamourette;* reflections in cultural history. New York: Norton, 1990, p.329-353.

_____. *Edição e sedição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. Canções, mexericos e panfletos ou a mídia do século XVIII. *O Correio da Unesco*, agosto, 1997.

_____. "What is the History of Books?" Revisited. *Modern Intellectual History* vol: 4 (3), pp: 495-508, 2007.

_____. *A questão dos livros*: passado, presente e futuro. Editora Companhia das Letras, 2010.

DEGLER, Carl. *At odds*; women and the family in America from the Revolution to the present. Oxford: Oxford University Press, 1981.

DENIPOTI, Cláudio. *A cidade e as roupas;* moda e vestuário em imagens fotográficas. In: FUNARI, Pedro Paulo A. *Cultura material e arqueologia histórica*. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998, p. 69-95.

_____. Leitores, escritores e o casamento. *Boletim do departamento de História da UFPr 31*, Curitiba, 1994. p. 33-48.

_____. Fashionable images; the world of fashion through photographic images of the turn-of-the-century – a case study. *Iberoamericana – Nordic Journal of Latin American Studies XXIV* (2) Stockholm, 1994, p.2-18.

_____. A gloriosa asneira de casar-se; amor e casamento no início do século. *Revista de História Regional I* (I), Ponta Grossa, inverno, 1996, p. 57-86.

_____. *Páginas de prazer*; a sexualidade através da leitura no início do século. Campinas, Ed. da Unicamp, 1999.

_____. A Gentil Loucura: As Representações da Bibliomania nos Séculos XVIII e XIX. In: GRUNER, Clovis; DENIPOTI, Cláudio. (Org.). *Nas tramas da ficção*; história literatura e leitura. São Paulo: Ateliê, 2009, v. , p. 177-198.

_____ & JOANILHO, André. *O Jogo das possibilidades;* ensaios em história cultural. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

DESAN, Susanne. Massas, comunidades e ritual na Obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn (org.). *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DICIONÁRIO *Histórico Biográfico do Estado do Paraná*. Curitiba: Livraria Editora do Chain, 1991.

FEBVRE, Lucién & MARTIN, Henry-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/Hucitec, 1992.

FILKESTEIN, David & McCLEERY, Alistair. *The book history reader*. London: Routledge, 2001.

FONSECA, Ricardo Marcelo & GALEB, Maurício. *A greve geral de 17 em Curitiba*; resgate da memória operária. Curitiba: Instituto Brasileiro de Relações de Trabalho, 1996.

FURTADO, Joaci Pereira. Uma república de leitores; as "Cartas Chilenas" e a história da leitura. *História 10*, São Paulo: Unesp, 1991, p.101-112.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira, et. al., orgs. *História da cultura escrita*; séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes e CARVALHO, Gilcinei Teodoro (orgs). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

GAY, Peter. *A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*; a educação dos sentidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*; a paixão terna. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*; o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Ticiano, Ovídio e os códigos da figuração erótica do século XVI In: _____. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALL, David D. *Worlds of wonder, days of judgment*; popular religious belief in early New England. New York: Knopf, 1989.

HALLEWEL, Laurence. *O livro no Brasil*. Sua História. São Paulo: EdUSP, 2005.

HARDWICK, Elisabeth. Reading. *Daedalus 112* (1), winter, 1983. p.13-18.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos impérios*; 1875-1914. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

KERMORE, Frank. The common reader. *Daedalus 112*(1), Winter, 1983. p. 1-11.

KUBO, Elvira Mari. *A legislação e a instrução pública de primeiras letras na 5ª Comarca da Província de São Paulo*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986.

LaCAPRA, Dominick. *Representing the holocaust;* history, theory, trauma. Ithaca and London: Cornell University Press, 1994.

_____. Chartier, Darnton e o grande massacre do símbolo. *Pós-História 3*, Assis, 1995, p. 231-254.

_____. History, language, and reading; waiting for Crillon. *American History Review 100* (3); jun./1995, p. 799-828.

LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no ocidente medieval.* Lisboa: Edições 70, 1985.

LUZ, Regina Maria. *A modernização da sociedade no discurso do empresariado paranaense;* Curitiba, 1890-1925. Curitiba, 1992, Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MANOEL, Marise. *A poesia-mídia*; abordagem discursiva da sátira em Emílio de Menezes. Campinas, 1991. Dissertação, Mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. *Corvos nos galhos das acácias;* anticlericalismo e clericalização em Curitiba - (1896-1912). Curitiba, 1996. Dissertação. Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

MAUPASSANT, Guy. *Œvres Completes Ilustrées*; La petite Roque. Paris: Societé d'Editeurs Litteraires et Artistiqués/ Librarie Paul Ollendorff, s./d.

MAYER, Arno. *A força da tradição*; a persistência do antigo regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.258.

MEIRA, Sílvio. *Clóvis Beviláqua;* sua vida, sua obra. Fortaleza: EUFC, 1990.

MOSCOVICI, Serge. *Psycologie sociale*. Paris: PUF, 1990.

NORA, Pierre, org. *Ensaios de Ego-História.* Lisboa: Edições 70, 1989.

OSAKABE, Akira. O mundo da escrita, In: ABREU, Marcia, org. *Leituras no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

PAZ, Francisco Moraes. *Na poética da história*; a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba, Editora da UFPR, 1996.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando iras rumo ao progresso*; ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense (1829-1889). Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

PEREIRA, Luiz Fernado Lopes. *Paranismo – o Paraná inventado*; cultura e imaginário no Paraná da I República. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1997.

PILOTTO, Erasmo. *Dario Vellozo*; cronologia. Curitiba: Imprimax, 1969.

RAMINELLI, Ronald. Compor e descompor; ensaio sobre a história em Ginzburg. *Revista de ciências humanas*, Curitiba n.2, 1993. p.31-45.

REDONDI, Pietro. *Galileu herético.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, José Carlos. *História e teoria*: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

REVEL, Jacques. *A invenção da sociedade.* Lisboa: Difel, 1989.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Fernand Braudel e as ciências humanas*. Londrina: Eduel, 2003.

RONCAGLIO, Cynthia. *Pedidos e recusas;* mulheres, espaço público e cidadania.. Curitiba: Pinha, 1996.

ROSARIO NETO, Pedro. O jogo das representações em torno do drama da fazenda Fortaleza. *História: Questões e Debates,* Curitiba, 11(20-21): 103-212, jun.,dez. 1990.

SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do Século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. In: BRESCIANI, Stella. *Imagens da cidade*; séculos XIX e XX. São Paulo: ANPUH/SP; Marco Zero; Fapesp, 1994, p. 147-162.

SOUZA, Laura de Mello. *Inferno Atlântico*; demonologia e colonização – século XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SPENCE, Jonathan. *O palácio da memória de Matteo Ricci*; a história de uma viagem: da Europa da contra-reforma à China da dinastia Ming. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SUTIL, Marcelo. *O espelho e a miragem*; ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do século. Curitiba, 1996, Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

SZVARÇA, Décio Roberto. *O forjador*; ruínas de um mito. Romário Martins (1893-1944). Curitiba, 1993, Dissertação, Mestrado, Universidade Federal do Paraná.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias;* mulheres de Curitiba na Primeira República . *História: Questões e Debates, Curitiba*, 11(20-21): 17-35, Jun., Dez. 1990.

_____. *Clotildes ou Marias;* mulheres de Curitiba na Primeira República. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1996.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical*; história cultura e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história.* Lisboa, Edições 70, 1983.

WHITE, Hayden. The question of narrative in contemporary historical theory. *History and Theory, Studies in the Philosophy of History*. Middletown, Connecticut, v. XXIII, n. 1, p. 1-33, 1984.